

AS ORDENS DE CAVALARIA

A Luz da Fé e o Fogo da Espada



FLÁVIO DELLAZZANA

Dedico esse Livro:

A todos os Irmãos Cavaleiros que, com fé e coragem, mantêm viva a chama acesa desde os primeiros tempos da Cavalaria.

Aqueles que iluminam o caminho dos Irmãos e protegem a Verdade e a Justiça.

Que vivem com honra, e fazem de seus atos um espelho para os que buscam servir à Luz.

Pois em cada espada erguida com pureza, o céu reconhece o seu próprio reflexo.

"Os tempos mudam, mas a chama do dever não conhece inverno."

FLÁVIO DELLAZZANA

**AS ORDENS DE
CAVALARIA**

**A Luz da Fé e
o Fogo da Espada**



PREFÁCIO

Se hoje o iniciado na Ordem tem à sua disposição farta bibliografia e materiais de pesquisa, podemos afirmar que nem sempre foi assim.

Num passado não muito distante, contávamos com um número restrito de abnegados autores que editavam livros destinados à formação maçônica.

A maioria desses escritores maçônicos dedicava-se mais a escrever sobre o Rito Escocês Antigo e Aceito, praticado pela grande maioria das Lojas das potências regulares de nosso País.

Muito pouca literatura existia sobre os demais ritos.

Lembro-me de que o pouco que li sobre o Rito de York foi por meio de Albert Gallatin Mackey em sua Enciclopédia Maçônica e também em um livro de José Castellani acerca das particularidades e distinções dos principais ritos praticados no Brasil.

Foi somente a partir do século XXI, anos 2000, que ouvimos com maior frequência falar sobre o Rito de York e, mais particularmente, sobre o Rito de York Americano (Blue Lodges).

Ainda assim, de maneira tímida, pois pouquíssimas lojas praticavam o Rito.

Até então, o pouco que se havia estava voltado para o Ritual de Emulação.

A chegada do Rito de York e sua divulgação foi marcada por um trabalho construído com muito sacrifício (que o diga João Guilherme da Cruz Ribeiro).

Porém, não tardou muito para que o maravilhoso Rito de York começasse a despertar paixões em iniciados e também em maçons oriundos de outros ritos.

Dentre esses apaixonados, despertou um novo abnegado ritualista; sim, despertou, pois já era um Maçom forjado com excelente têmpera em nossa Sublime Ordem.

Emergiu *Flávio Dellazzana* com muita sagacidade para estudar, pesquisar e difundir o maravilhoso Rito de York em seu simbolismo e também em seus graus filosóficos.

Flávio conheceu a verdadeira luz no primeiro rito praticado no Brasil, o Rito Adonhiramita, porém, como eu, curvou-se ao fascínio do Rito de York.

O trabalho desenvolvido por ele como Secretário de Ritualística e Liturgia do Rito de York junto ao Grande Oriente de Santa Catarina — GOSC, foi fundamental para colocar aquela potência no patamar de excelência para com o Rito perante as demais potências de nossa Federação.

Tive o prazer e a honra de conviver com ele por ocasião do “International Grand Lectures Convention” 2020 e 2023 na sede da Grande Loja de Nova York.

Desde então, ele tem se dedicado diuturnamente a estudar a essência do Rito.

A coletânea de livros até então lançados fecha com chave de ouro o presente livro que tenho a honra de prefaciá-lo.

Neste livro, o leitor terá a oportunidade de vivenciar a história, trajetória e, conseqüentemente, sua evolução desde a primeira cruzada, o nascimento da Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão (Cavaleiros Templários), dos Hospitalários até a Cavalaria desenvolvida pelos maçons na atualidade.

A riqueza de detalhes faz com que o leitor se deleite e seja transportado para o interior da narrativa.

Flávio se debruçou sobre o assunto com muita dedicação, estudo, pesquisa e trabalho em campo por locais onde a história é narrada, fazendo com que o leitor tenha uma leitura rica e leve sobre os Templários, sentindo-se inserido no contexto da narrativa.

Ao iniciar a leitura do presente livro, o leitor iniciará uma viagem maravilhosa pela história dos Templários.

Antonio Hernandez Gonzales Junior.



ÍNDICE

PREFÁCIO	05
APRESENTAÇÃO	13
FÉ E FOGO	17
A DÁCIA	19
PRIMEIROS PASSOS	25
A ORDEM DO TEMPLO	29
JACQUES DEMOLAY	47
A HERANÇA DO TEMPLO	51
UMA CONVERSA	61
A REGRA DA CAVALARIA	65
O UNIFORME	71
A ESPADA	75
O BALDRIC	79
O ESTANDARTE — BEAUCÉANT	83
AS ORDENS	87
HISTÓRIA	93
O BRASIL	99
ANDRÉ GONDIM	117
ANTONIO CARLOS MOREIRA	121
ANNO ORDINI	123
A CARIDADE	127
A CAVEIRA	131
AS VELAS	135
O JAQUETÃO	139
O ILUSTRE CONSELHO	143
ORDEM DA CRUZ VERMELHA	147

OS SÍMBOLOS	157
LINHA HISTÓRICA	163
RECEPÇÃO	169
SAUDAÇÃO	177
ORAÇÃO	181
DESCOBRIR	183
O GRANDE CONSELHO	189
JOZADAQUE	193
JOSUÉ	197
ZOROBABEL	201
ZACARIAS	207
CADMIEL	211
A SEGUNDA PEDRA	217
A TRIBO DE BENJAMIN	221
ESAR-HADOM	225
CAMBISES	229
ATAXERXES	233
O TRONO DA PÉRSIA	237
INVESTIDURA	241
O PASSE	245
GRILHÕES E VESTES	249
O PRIMEIRO ENTRE OS SEUS	255
O PASSE PERSA	263
O LEÃO SEM COROA	269
REPATRIADOS	275
NOVA ORDEM	279
O ESTANDARTE	283
O LEÃO	287

PERSA	291
PAISAGEM	295
ARMAS X RETÓRICA	303
OS GUARDIÕES DA VERDADE	307
ÚLTIMOS PASSOS	313
ORAÇÃO	321
A ILHA DE MALTA	323
O MAR MEDITERRÂNEO	327
A ORDEM DE MALTA	331
A ORDEM DE MALTA MAÇÔNICA	339
A SALA E A CAPELA	343
AS VESTES	353
OS OFICIAIS	357
OS NOMES DA ORDEM	363
O MANTO E A CRUZ	367
O PASSE MEDITERRÂNEO	371
ANTIGO NOME	375
OS CAVALEIROS DE SÃO PAULO	379
O CICLO DA VIDA	383
O SOFRIMENTO DE CRISTO	387
ESTÁS DISPOSTO?	391
O CREDO	395
A CRUZ DE MALTA	399
OS ESTANDARTES	403
8 IDIOMAS	407
O SÍMBOLO E A HISTÓRIA	417
SER UM CAVALEIRO	421
OS TEMPLÁRIOS	425

O TESOURO TEMPLÁRIO	431
OS SÍMBOLOS DA ORDEM	439
SER CRISTÃO	443
JOIAS — KT	453
CANDIDATO À ORDEM	457
PÃO E ÁGUA	461
O ASILO	465
A ESPADA E O ESCUDO	469
AS ESPADAS CRUZADAS	473
O JURAMENTO	477
O GUERREIRO PEREGRINO	481
A COLINA SAGRADA	485
O NÚMERO 12	491
DUALIDADE	501
O CASTELO MENTAL	509
RESSURREIÇÃO	513
DOIS DEUSES	523
AO LONGO DO TEMPO	529
O CÁLICE	535
SÁBIOS CAVALEIROS DE CRISTO	543
FIM?	557
HOJE	559
A JORNADA DO CAVALEIRO	565
AS ORDENS DE CAVALARIA	579
GLOSSÁRIO SIMBÓLICO	591
BIBLIOGRAFIA	601
O AUTOR	609

APRESENTAÇÃO

Antes de adentrar nas páginas desta obra, permitam-me uma breve palavra pessoal.

Este livro não nasceu somente do estudo de arquivos, da leitura de antigos autores ou da contemplação dos rituais da Cavalaria.

Ele nasceu da caminhada, do silêncio dos capítulos, da convivência com Irmãos que, como eu, se dedicaram a compreender o sentido mais profundo da fé aliada à espada.

Escrevo não como historiador distante, mas como peregrino que percorreu esses caminhos, ora com dúvidas, ora com a convicção ardente de que a Maçonaria e a Cavalaria ainda guardam tesouros espirituais capazes de transformar vidas.

Cada capítulo que aqui se apresenta é fruto de noites de leitura, de diálogos com mestres, de viagens interiores, mas também de experiências vividas ao lado de Irmãos que sustentaram comigo a bandeira e a cruz.

Não pretendo oferecer respostas definitivas nem erigir verdades inabaláveis.

Minha intenção é muito mais simples e, ao mesmo tempo, mais ousada, convidar o Irmão a caminhar comigo, a sentir o peso do manto, o brilho da espada, a chama da vela, e a deixar que cada símbolo fale ao coração.

A Cavalaria, como toda senda iniciática, não se transmite somente pela razão, mas pela vivência do espírito.

Se hoje falo de Zorobabel, dos Hospitalários, dos Templários e das Ordens que florescem ainda em nossos dias, é porque creio que a memória do passado continua a iluminar o presente e não se trata de arqueologia, mas de vida.

A cruz que carregamos não é um ornamento morto, mas um sinal vivo que continua a desafiar-nos a viver com fé, coragem e caridade.

Que esta obra possa servir de guia, e como ponte aberta.

Que seja útil ao iniciado que busca compreender melhor os ritos que vivenciou, e aos que desejam mergulhar nas águas profundas da tradição.

Acima de tudo, que desperte em cada leitor a consciência de que ser cavaleiro é mais do que um título, é um chamado à verdade, ao sacrifício e à fraternidade.

Assim, entrego estas páginas como quem oferece uma espada não para a guerra, mas para o serviço.

Uma espada de palavras, forjada no ferro da história e no fogo da fé.

Flávio Dellazzana

FÉ E FOGO



FÉ E FOGO

Desde os primórdios da história humana, fé e espada caminham juntas, não como inimigas, mas como forças que moldam a alma e o destino dos povos.

A **Fé** é como água, purifica e sustenta. Pode consolar, mas também arrastar como a correnteza.

A **Espada**, é como o fogo, não somente destrói, mas também ilumina e purifica.

Seu corte pode ferir, mas também separar o justo do injusto, o erro da verdade, o profano do sagrado.

Fé e a espada se encontram nesse paradoxo, pois nem sempre a fé concilia e nem sempre a espada destrói; ambas podem criar ou devastar, conforme a mão que as guia e o coração que as sustenta.

O cavaleiro é aquele que aprende a equilibrá-las em si, pois quando a fé se perde em ilusões, a espada corrige, e quando a espada se perde em brutalidade, a fé acalma.

É nessa harmonia que reside a verdadeira Cavalaria.



HUNGRIA

MONTES

DÁCIA

MOLDÁVIA

ROMÊNIA

MAR
NEGRO

A DÁCIA

Entre os Montes Cárpatos, o Danúbio e o Mar Negro floresceu a antiga Dácia, território que hoje corresponde em grande parte à Romênia, estendendo-se por regiões da Moldávia, Hungria e Bulgária.

Esse coração da Europa Oriental foi mais do que um domínio geográfico.

Era um centro espiritual onde povos antigos, sacerdotes e guerreiros mantinham ritos que ligavam o homem à terra, ao fogo e ao sagrado.

Os Dácios, herdeiros dos trácios e aparentados aos getas, acreditavam que a morte era somente passagem.

Essa visão, profundamente iniciática, fazia com que os guerreiros enfrentassem a vida e a morte com serenidade.

O culto principal era dedicado a Zalmoxis, uma divindade misteriosa que representava o homem divinizado, o iniciado que vence o ciclo da carne e ascende ao plano da imortalidade.

Essa crença na imortalidade da alma aproximava a espiritualidade dácia das antigas escolas pitagóricas e dos mistérios Gregos.

Quando Roma conquistou a Dácia no ano 106 da era cristã, sob o imperador Trajano, encontrou um povo de ritos e símbolos, com sacerdotes que uniam sabedoria e combate.

Mesmo sob o domínio romano, as tradições secretas sobreviveram nas montanhas e nas margens do Danúbio, e dali irradiaram influências que alcançariam, séculos depois, os povos bárbaros e as ordens cavaleirescas do Ocidente.

A cultura dácia guardava o ideal do guerreiro iniciado, que luta não somente por território, mas pela vitória interior.

Essa visão ecoa na figura do cavaleiro medieval, cuja espada representa o discernimento e cuja armadura simboliza a pureza de intenção.

Não é por acaso que as antigas rotas entre o Danúbio e os Bálcãs se tornaram caminhos por onde passaram as cruzadas e onde surgiram fortalezas Templárias e Hospitalárias.



Muitos autores veem na tradição dácia uma das raízes espirituais da cavalaria cristã; o ideal de pureza, coragem e serviço encontra paralelo nas antigas iniciações do norte do Danúbio.

O símbolo do cavaleiro branco, que enfrenta as trevas externas e internas, pode ter se originado desse arquétipo antigo, onde o herói morre para renascer, purificado pela prova.

A Maçonaria simbólica herdou, de maneira velada, muitos desses elementos.

O rito de purificação pelos quatro elementos, as provas simbólicas de fogo, água, ar e terra, e o ideal de reconstrução do Templo Interior são ecos dessas antigas tradições iniciáticas da Dácia e do Oriente europeu.

Na confluência das montanhas e dos rios sagrados, a Dácia tornou-se um arquétipo da fortaleza interior.

Assim como os cavaleiros Templários guardavam Jerusalém, os iniciados Dácios guardavam o templo invisível que se erguia dentro de si.

O mesmo ideal atravessou as idades, do guerreiro Dácio ao monge Templário e do construtor medieval ao maçom moderno.

Ao traçarmos a linha que parte da antiga Dácia e atravessa o tempo até chegar à Maçonaria moderna, percebemos uma única corrente espiritual, silenciosa, mas inquebrantável.

O mesmo chamado à Verdade, o mesmo ideal de aperfeiçoamento, a mesma chama que move o homem a erguer templos com as mãos e com o coração.

A **Dácia** não foi somente um reino antigo, foi um **espelho do homem diante do Eterno**, um território simbólico onde a terra e o céu se tocaram e onde o **espírito aprendeu a arte de renascer**.



PRIMEIROS PASSOS

Antes de adentrarmos nos graus da Cavalaria, convém deter-nos por alguns instantes na Ordem do Templo.

Não se trata de apresentar aqui um tratado exaustivo sobre os Templários, pois tal empreitada demandaria uma obra inteira, recheada de documentos, análises e minúcias históricas.

O que interessa é algo diferente, oferecer ao leitor uma visão clara, simbólica e histórica do porquê essa Ordem, surgida no coração da Idade Média, foi tomada como referência para a Maçonaria e em especial para os graus superiores do Rito de York.

Assim como o maçom especulativo procura compreender as origens operativas, estudando os pedreiros que ergueram catedrais e templos, também é útil ao Maçom que alcança a Cavalaria olhar para as ordens medievais e para os Templários em especial.

Eles foram mais que monges e guerreiros, eram administradores, guardiões de rotas, banqueiros, diplomatas e símbolos vivos de uma fé que se expressava tanto pela oração quanto pela espada.

O que torna a Ordem do Templo fascinante não é somente sua glória militar nas Cruzadas ou a sua riqueza acumulada ao longo dos séculos, mas a aura de mistério que sempre a envolveu.

Há algo de enigmático em um grupo de homens que, jurando pobreza, obediência e castidade, construíram uma rede de fortalezas, atravessaram mares, dialogaram com reis e papas, e se tornaram uma das mais poderosas instituições de sua época.

Essa complexidade, onde fé, poder e simbolismo se entrelaçam, ajuda a entender por que a Maçonaria, sobretudo o Rito de York, se inspirou nos Templários ao moldar seus graus de Cavalaria.

Eles se tornaram um modelo de disciplina, coragem e sacrifício, ainda que o destino tenha levado alguns a um fim trágico.

Portanto, este capítulo cumpre uma função de base, ele não é um desvio do caminho principal do livro, mas uma ponte e o leitor encontrará aqui elementos históricos e simbólicos que iluminarão melhor a compreensão dos graus.





A ORDEM DO TEMPLO

A Terra Santa, no início do século XI, era um campo de fé e conflito.

Desde a conquista muçulmana, Jerusalém permanecia como uma joia disputada.

Peregrinos vindos da Europa eram extorquidos, atacados ou mortos nos caminhos poeirentos que conduziam ao Santo Sepulcro.

A situação agravou-se com os turcos seljúcidas, que impuseram restrições severas ao acesso dos cristãos.

Era como se um véu de medo tivesse se fechado sobre a Cidade da Paz.

Em 1095, o papa Urbano II proclamou a Primeira Cruzada no Concílio de Clermont.

Suas palavras inflamadas prometeram perdão e glória aos que libertassem Jerusalém.

Após anos de batalhas e privações, os cruzados conquistaram a cidade em 1099.



O triunfo, porém, veio tingido de sangue: muçulmanos e judeus foram massacrados, e o cronista Guilherme de Tiro lembraria que *“o sangue chegava aos tornozelos dos cavaleiros”*.

A vitória não trouxe segurança; as estradas continuavam cheias de assaltantes, e peregrinos morriam antes mesmo de ver o Santo Sepulcro.

Era necessário proteger não somente a cidade, mas também os caminhos que levavam até ela.

Antes dos Templários, uma fraternidade já florescia em Jerusalém, o hospital fundado por mercadores amalfitanos por volta de 1080.

Sob a direção do Beato Gerard, aquele refúgio para peregrinos doentes e cansados tornou-se a semente da **Ordem dos Hospitalários de São João**.

Em 1113, o papa Pascoal II reconheceu oficialmente a instituição, dando-lhe autonomia.

Nascia uma fraternidade de compaixão e serviço, que logo se tornaria também militar.



Pouco depois, entre 1118 e 1119, um grupo de nove cavaleiros franceses liderados por Hugues de Payens apresentou-se ao rei Balduíno II.

Fizeram voto de pobreza, castidade e obediência, dedicando-se à proteção dos peregrinos.

O rei lhes concedeu morada nas ruínas do antigo Templo de Salomão.

Dali veio o nome que ecoaria pelos séculos: **Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão.**

A novidade causou espanto, monges que lutavam pareciam contrariar a própria lógica cristã.

Coube a Bernardo de Claraval, em 1128, no Concílio de Troyes, legitimar espiritualmente essa nova milícia.

Inspirado pela Regra de São Bento, redigiu a Regra do Templo e, em seu tratado *De Laude Novae Militiae*, afirmou que o “*cavaleiro de Cristo mata com segurança e perece com ainda mais segurança; se mata, é para Cristo; se morre, é para si*”.

Assim nasceu a figura do monge-guerreiro, o homem que rezava e combatia pela fé.



Os Templários adotaram vida austera.

Votos rígidos, silêncio nas refeições, vestes simples e o manto branco com a cruz vermelha, símbolo de pureza e sacrifício.

Criaram também uma hierarquia disciplinada, com Irmãos cavaleiros, Irmãos serventes e clérigos.

Enquanto isso, os Hospitalários, sob a liderança de Raymond du Puy, evoluíram de cuidadores para defensores.

Dividiram-se em Irmãos de armas, de serviço e de oração, e o hábito preto com a cruz branca tornava-se emblema da compaixão que luta.

Ambas as Ordens cresceram rapidamente. Reis e nobres viam nelas instrumentos de fé e segurança.

Doações de terras e castelos fluíram, e o papa Inocência II, em 1139, concedeu aos Templários privilégios excepcionais pela bula *Omne Datum Optimum*.

Tornaram-se independentes de bispos e reis, respondendo somente ao papa.

KRAK DES CHEVALIERS





CONVENTO DE TOMAR

Em Portugal, o Convento de Tomar, iniciado por Gualdim Pais em 1160, uniu mística e arquitetura, lembrando o Santo Sepulcro de Jerusalém.

Cada castelo era uma fortaleza e um templo.

Além da guerra, os Templários inovaram na economia, criando um sistema de depósitos e letras de câmbio que permitia a um peregrino retirar seu dinheiro em Jerusalém após deixá-lo em Paris.

O templo de Paris tornou-se o primeiro banco internacional, guardando as riquezas de reis.

Com o passar das décadas, o entusiasmo das Cruzadas foi dando lugar à fadiga e à política.

Em 1187, na Batalha de Hattin, os exércitos cruzados foram derrotados por Saladino.

Os Templários lutaram ao lado de Ricardo Coração de Leão na Terceira Cruzada, defendendo Acre, Tiro e outros portos

Mas o sonho cristão do Oriente ruía, e em 1291, a queda de Acre marcou o fim do Reino Latino de Jerusalém.



O Grão-Mestre Guillaume de Beaujeu tombou em batalha, e a Terra Santa se perdeu para sempre.

Os Hospitalários refugiaram-se em Chipre, depois em Rodes, e mais tarde em Malta.

Os Templários voltaram à Europa, ricos, mas sem missão.

Na França, o rei Filipe IV, endividado com a Ordem, viu neles uma ameaça.

Na sexta-feira, 13 de outubro de 1307, ordenou a prisão dos Templários, acusados de heresia e idolatria, foram torturados e julgados.

O papa Clemente V, pressionado, extinguiu oficialmente a Ordem em 1312.

Em Portugal, Dom Dinis salvou a herança Templária, fundando em 1319 a **Ordem de Cristo**, reconhecida pelo papa João XXII.

Essa herdou terras, símbolos e a cruz vermelha, que mais tarde ornaria as velas das caravelas portuguesas.



Antes de morrer, proclamou sua inocência e anunciou o juízo divino sobre seus algozes, e poucos meses depois, o papa e o rei estavam mortos.

Assim nasceu o mito.

Sob o comando do Infante Dom Henrique, os cavaleiros da Ordem levaram a antiga missão Templária aos mares.

Cabral, Gama e Dias navegaram sob o mesmo emblema que outrora tremulava em Jerusalém.

Na Escócia, lendas afirmam que os cavaleiros Templários exilados lutaram ao lado de *Robert the Bruce* em Bannockburn, batalha em que a Escócia conquistou sua independência.

A tradição Templária fundiu-se à identidade escocesa e inspirou séculos de simbolismo maçônico.

Igrejas góticas guardam marcas Templárias; manuscritos e lendas falam de segredos ocultos sob o Templo de Salomão.

O mito do Santo Graal, a busca pela sabedoria divina, e as tradições maçônicas encontraram eco nessa memória.



Assim, em vez de desaparecer, o espírito do Templo transformou-se, continuando sob outros nomes e formas.

O que se perdeu em pedra, sobreviveu em símbolo.

Como disse Alain Demurger, *“a Ordem do Templo pereceu como instituição, mas nasceu como mito”*.

É sob esse mito que atravessou os séculos, inspirando fé, coragem e mistério.

Enquanto os Templários viravam lenda, os Hospitalários sobreviveram como instituição viva.

De Rodes a Malta, tornaram-se senhores do mar e defensores do Mediterrâneo.

Em 1565, resistiram heroicamente ao cerco otomano, e sua vitória foi tida como um milagre.

A cruz de oito pontas, símbolo das bem-aventuranças, tornou-se emblema universal de hospitalidade e bravura.

Mesmo após perder Malta para Napoleão, a Ordem sobreviveu.

Hoje, a **Ordem de Malta** continua ativa em mais de cem países, cuidando dos doentes e pobres, uma continuidade que une os séculos.

Assim, enquanto os Templários ascenderam ao mito, os Hospitalários permaneceram na história.

Um renasceu como lenda. O outro, como exemplo.

Ambos, contudo, continuam a ecoar sob o mesmo ideal que nasceu em Jerusalém: **Fé e Serviço em prol da Humanidade!**



JACQUES DEMOLAY

No ano do Senhor de mil trezentos e quatorze, estando eu, Jacobus DeMolay, Grão-Mestre dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, cativo e próximo ao suplício, escrevo estas derradeiras lembranças para os vindouros saberem o intento e não confundam as sombras com a verdade.

Muitos hão de dizer que a Ordem caiu por desventura e por má conduta de seus próprios filhos, mas juro diante de Deus e de Sua Santa Cruz que não houve traição em nosso seio, salvo a perfídia dos príncipes que, tomados de avareza, nos lançaram ao opróbrio.

E quanto a Esquin, jamais foi traidor, antes serviu em silêncio e paciência, se fez culpado para preservar a verdade da ordem.

Do que planejei para a Ordem, assim declaro: não sendo possível resistir à fúria do rei de França e às pressões do Papa, decidi não pegar em armas contra eles, talvez se o tivesse feito o reino Templário teria surgido e toda a dor se esgotaria, mas não fazia parte de meu juramento e dessa forma não segui esse caminho; determinei que o tesouro do Templo, não só o ouro e a prata, mas também escrituras, sinais e segredos, fosse repartido, das fortalezas Templárias a diversas partes do mundo, tudo foi levado e guardado em segredo; a parte que estava em Pais e sob os olhos interesseiros do rei de França, essa foi levada a três destinos.

A primeira parte confiamos a Portugal, onde o rei Dom Dinis, prudente e justo, nos concedeu guarida; ali a Ordem haveria de renascer sob novo nome e hábito, mas com o mesmo espírito, e assim se fez na Ordem de Cristo, que guardará por séculos a luz do Templo.

A segunda parte enviamos às terras da Escócia, que, separada da obediência de Roma, mostrou-se refúgio aos Irmãos; lá, unidos aos guerreiros de Robert the Bruce, nossos cavaleiros ergueram a espada em Bannockburn, e seu sangue se misturou ao sangue escocês, para que a linhagem Templária não se extinguísse.

A terceira parte foi confiada ao mar e conduzida à ilha de Malta, onde os Hospitalários firmavam nova fortaleza da cristandade; ali ficaram depositados não somente bens temporais, mas alianças que preservariam o elo entre os soldados da Cruz.

Ainda que meu corpo seja consumido nas chamas... minha alma estará junto do único e verdadeiro Deus.

Pois, se o templo de pedra foi destruído em Jerusalém, o verdadeiro Templo permanece na alma dos fiéis, e se a Ordem perece em nome, ressurgirá em outros mantos e em outros povos.

Não vos deixeis enganar pelas mentiras dos reis nem pelo juízo dos prelados.

O Templo não pereceu, antes foi semeado.

E como o grão, que precisa ser lançado à terra e apodrecer para dar fruto, assim também a Ordem dará novos frutos em terras que hoje ignoramos, até além dos mares conhecidos.

Digo-vos, pois, que se hoje me condenam, é para que amanhã outros ergam o estandarte.

Guardai estas palavras como promessa e não como lamento, a Cavalaria de Cristo viverá até o fim dos séculos, sob a Cruz vermelha que jamais se apaga.

*Jacobus DeMolay, Magister Ordinis Templi, Ano Domini
MCCXIV*



A HERANÇA DO TEMPLO

Quando a fumaça da fogueira de Jacques de Molay se apagou em 1314, muitos acreditaram que a Ordem do Templo havia desaparecido.

No entanto, o que pereceu nas chamas não foi o ideal, mas a forma.

O nome dos cavaleiros de manto branco e cruz vermelha renasceu em canções, lendas e memórias.

Nos séculos seguintes, trovadores e cronistas contaram histórias sobre seus feitos, e o povo acreditou que os Templários haviam escondido tesouros, manuscritos sagrados e relíquias de poder.

Assim, a Ordem começou a habitar o **imaginário coletivo**, e de sua ruína nasceu o **mito**.

Enquanto os Hospitalários continuavam sua missão em Rodes e Malta, os Templários se transformaram em arquétipo.

Tornaram-se símbolo de coragem, martírio e mistério.



No século XVIII, esse mito encontrou novo templo: a Maçonaria.

Em 1737, o escocês **Andrew Michael Ramsay**, em discurso proferido em Paris, afirmou que os maçons eram herdeiros espirituais dos cavaleiros das Cruzadas, especialmente dos Templários.

Não falava de uma linhagem histórica, mas de uma **genealogia simbólica**.

Ramsay elevou a jovem Maçonaria à altura dos ideais Templários, fé, coragem, fraternidade e serviço.

A partir desse momento, o vínculo entre **Templo e Loja** se tornou parte viva do simbolismo maçônico.

Diversos símbolos Templários encontram ressonância na Maçonaria:

O Templo Interior — Para os Templários, Jerusalém era imagem do templo espiritual que cada homem deveria construir em si.

Para os maçons, a construção do Templo de Salomão representa a própria jornada iniciática.

A Estrela de Davi ou Selo de Salomão — É a união entre o humano e o divino, símbolo da harmonia dos contrários.

A Cruz Vermelha e o Manto Branco — Nos Templários, pureza e sacrifício; na Maçonaria, fé e regeneração.

Nos rituais do **Rito de York**, o maçom é chamado a vestir a cruz não como ornamento, mas como compromisso interior.

Após 1314, os cavaleiros Templários buscaram refúgio na Escócia que **se tornou o berço da Maçonaria moderna**.

Ali floresceram os graus de cavalaria que ecoam o espírito Templário como a ordem de **Heredom** que convida o iniciado a combater a ignorância e a injustiça.

O cavaleiro moderno não empunha espada de aço, mas a lâmina da verdade.

O desaparecimento da Ordem gerou silêncio, e o silêncio gerou lenda.

Dizia-se que os Templários haviam encontrado, sob o Monte do Templo, **a Arca da Aliança** ou o **Santo Graal**, símbolos de sabedoria e iluminação espiritual.



A mítica **ilha de Oak Island**, no Canadá, ainda é associada a esses mistérios.

Mais importante que a arqueologia é o **significado simbólico**, o Graal representa a luz interior, e a Arca, a presença divina no coração do iniciado.

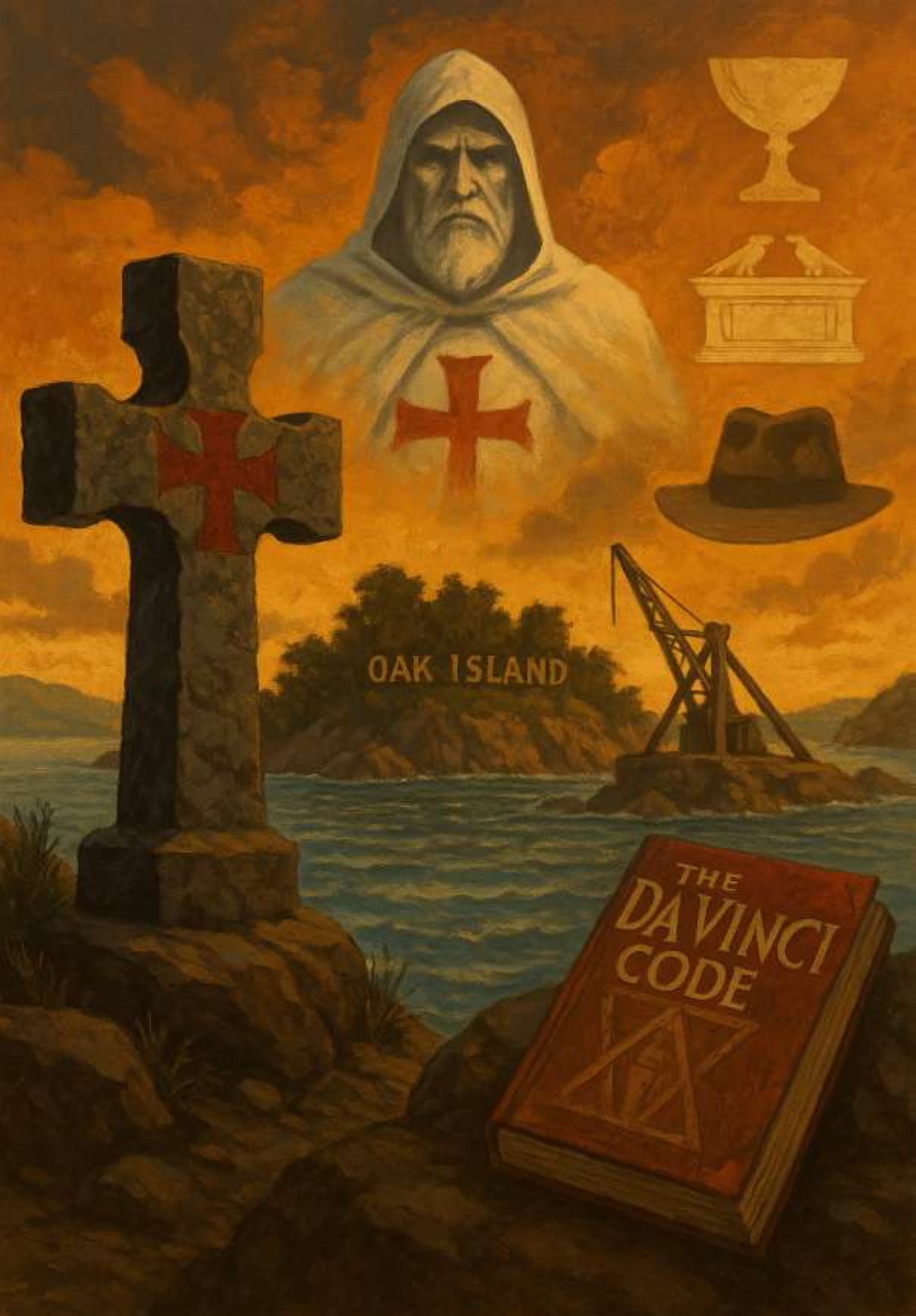
O verdadeiro tesouro não está enterrado na terra, mas no espírito desperto.

A figura Templária atravessou a literatura, e nos romances de cavalaria, surgem como guardiões do Graal; no romantismo, como mártires da fé; no século XIX, como heróis trágicos.

Autores como **Walter Scott**, em *Ivanhoé*, e poetas europeus reviveram seu fascínio.

Nos séculos XX e XXI, tornaram-se ícones da cultura de massa.

O historiador John Robinson, em *Born in Blood*, escreveu: “A Maçonaria não é filha direta dos Templários, mas herdeira de seu espírito.”



OAK ISLAND

THE
DA VINCI
CODE

Sua cruz vermelha sobre o manto branco é reconhecida no mundo inteiro, mesmo por quem ignora sua história.

Ambas as tradições, Templária e Maçônica, ensinam que o verdadeiro templo não é de pedra, mas de alma, e que a maior cruzada é contra a ignorância e a tirania interiores.

O historiador Régine Pernoud disse que os Templários nos fascina porque encarnam a contradição humana, monges e guerreiros, humildes e poderosos, santos e pecadores.

Por isso, ainda nos reconhecemos neles; os Hospitalários sobreviveram como instituição, reinventando-se em Malta e Roma; os Templários sobreviveram como ideia, como mito luminoso.

Ambos compreenderam a lição mais profunda, nenhum templo de pedra é eterno, mas o **templo interior** jamais se destrói.

A cruz e a espada, quando unidas, recordam o equilíbrio entre fé e ação.

Separadas, tornam-se perigo; juntas, tornam-se luz.

Cada maçom que ergue uma espada simbólica, cada iniciado que edifica o templo de sua consciência, continua a obra iniciada há séculos.

Quando Jacques de Molay ergueu a voz nas chamas, plantou uma semente de memória.

Essa semente floresceu em lenda, em Maçonaria e em ideal.

Hoje, o espírito Templário não habita castelos nem fortalezas, mas **os corações que buscam a verdade com coragem e humildade.**

A cruz continua sendo luz; a espada, rocha.

**E o templo invisível é a grande obra,
de toda alma desperta.**



UMA CONVERSA

Em uma mesa redonda, tochas tremeluzindo, seis vozes vindas de mundos distintos, unidas por um nome que atravessa séculos.

O ancião muçulmano recorda os homens de palavra que protegiam caravanas e honravam acordos.

O judeu de Toledo evoca os cavaleiros que, em segredo, buscaram curas e pouparam vidas quando a turba clamava por sangue.

O conde francês exalta a coragem diante dos muros de Jerusalém, lembrando que, sem eles, a cruz teria se apagado.

Mas o jovem guerreiro de Alepo ergue sua acusação, o sangue inocente que manchou suas aldeias jamais será esquecido.

O rabino de Provença reforça a ferida, lembrando que o Templo profanado não era deles, mas herança de seus pais.

E o barão inglês, com ironia, ri de tudo isso, chamando-os de banqueiros disfarçados, que cedo ou tarde provariam o gosto da queda.

O silêncio que se segue é pesado como a pedra de um túmulo.

E, das brasas que restam, surge uma compreensão inesperada.

Nenhuma das vozes mente.

Todas dizem parte de uma verdade maior, uma verdade que nenhum homem sozinho pode abarcar.

Os Templários foram tudo isso, monges, guerreiros, guardiões, algozes, banqueiros, mártires.

Foram humanos, e por isso contraditórios.

E aqui se abre o horizonte, pois, se cada um deles guarda em si a memória de dor ou de gratidão, ficando para nós, maçons e buscadores modernos, não o peso da acusação, nem o perfume da glória, mas a certeza de que há sempre algo a aprender.

Se os Templários construíram muros e abriram feridas, também legaram símbolos que nos ensinam até hoje a erguer templos no coração.





A REGRA DA CAVALARIA

Na aurora do século XII, em meio à expansão dos mosteiros cistercienses e às convulsões políticas e espirituais da cristandade, surgiu a figura singular de Bernardo de Claraval.

A palavra **cistercienses** designa os monges pertencentes à **Ordem de Cister**, uma ordem monástica católica que surgiu no final do século XI.

Eles receberam esse nome porque a ordem foi fundada em **Cîteaux** (em latim *Cistercium*), na Borgonha, França, no ano de **1098**, por um grupo de monges liderados por **Roberto de Molesme**, que desejavam retornar à pureza da Regra de São Bento, vivendo com mais simplicidade e austeridade do que os monges beneditinos da época.

Bernardo de Claraval Nasceu em 1090, na Borgonha, desde cedo foi marcado por um temperamento ardente e por uma sensibilidade espiritual incomum.

Abandonando as comodidades de sua nobre linhagem, ingressou na vida monástica em Cîteaux, o berço da reforma cisterciense, e mais tarde fundou a abadia de Clairvaux (Claraval), de onde irradiaria sua voz para toda a Europa.

Bernardo não foi somente um monge enclausurado; tornou-se conselheiro de papas, inspirador de reis, pregador de cruzadas e, sobretudo, o grande arquiteto espiritual de uma nova forma de cavalaria.

Sua pena vigorosa uniu o vigor da vida monástica com o espírito militar, criando um modelo de santidade que transcendia o claustro, o cavaleiro de Cristo.

Quando os Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão surgiram em Jerusalém, sob a liderança de Hugues de Payens, eram somente um pequeno grupo de homens piedosos com o propósito de proteger peregrinos, faltava-lhes, no entanto, o reconhecimento e a legitimação.

Foi em 1128, no Concílio de Troyes, que Bernardo foi chamado a redigir a Regra Primitiva da Ordem do Templo.

Inspirada na Regra de São Bento, mas adaptada à realidade de guerreiros que dividiam a vida entre oração e combate.

A Regra não foi somente um código disciplinar, era uma síntese teológica, um guia de vida que transformava a espada em sacramento e a batalha em liturgia.

Entre seus pontos mais marcantes, destacam-se a pobreza absoluta, nada pertencia ao cavaleiro, tudo era da Ordem, desde o cavalo até a túnica branca com a cruz vermelha, tudo era sinal de renúncia e serviço.

A castidade e a pureza, pois o cavaleiro devia manter-se afastado dos prazeres mundanos, vivendo como monge no campo de batalha.

A obediência incondicional, com a submissão ao Mestre e à Regra, era absoluta, pois via-se nela a própria voz de Cristo.

Simplicidade na vida material, isso se refletia em nada de adornos, de roupas luxuosas ou de banquetes, a túnica branca era sinal de humildade, e a vida comunitária eliminava a vaidade pessoal.

Orações e ofícios divinos, mesmo em marcha ou em acampamento, o Templário devia elevar a alma ao céu, santificando cada hora com salmos e orações.

Disciplina militar, pois a espada não era arma de conquista pessoal, mas instrumento de justiça. Usá-la significava proteger os fracos, defender a Terra Santa e resistir ao mal.

Humildade e silêncio, proferia poucas palavras, levava uma vida austera com submissão constante.

A aplicação da Regra fez dos Templários um corpo único, não eram monges enclausurados nem soldados comuns, mas um exército espiritual.

O brilho de sua espada estava tanto no aço como na alma que a empunhava.

Viviam em comunidade, com disciplina comparável à dos mosteiros, mas no campo de batalha atuavam com estratégia e coragem de soldados profissionais.

Esse modelo híbrido, monge e guerreiro, tornou-se uma das principais inovações espirituais da Idade Média.

Outras ordens militares, como a dos Hospitalários de São João e a dos Teutônicos, herdaram e adaptaram esses princípios, mantendo a mesma tensão entre oração e combate, simplicidade e poder, clausura e expansão.

Até mesmo as ordens honoríficas e cavaleirescas que floresceriam nos séculos seguintes, já em ambiente laico, conservaram a ideia de que a cavalaria verdadeira não é somente serviço das armas, mas também escola de virtude.

O ideal Templário sobreviveu em ordens religiosas, em confrarias militares e até na Maçonaria, onde os símbolos da espada, da pureza, da disciplina e do serviço ao próximo continuam vivos como sinais de uma luta que já não se trava contra exércitos inimigos, mas contra a ignorância, a injustiça e o vício.

Assim, **São Bernardo de Claraval** não foi somente um legislador monástico, mas o verdadeiro **mestre espiritual da cavalaria cristã**.

Sua Regra ensinou que a vida do cavaleiro é inseparável da cruz, e que **a vitória mais gloriosa é aquela que se alcança sobre si**.



O UNIFORME

O uniforme de um Cavaleiro Templário não é somente uma vestimenta de cerimônia, ele é um catecismo silencioso, um livro aberto que fala sem palavras e ensina a cada detalhe a missão daquele que o veste.

Ao olhar para cada peça, compreendemos que a tradição não se limita à forma exterior, mas conduz a mente e o coração a mistérios mais elevados.

Primeiro contemplamos a **capa branca**, ampla, simples e imaculada, ela cobre todo o corpo e lembra o hábito dos monges que uniram a vida contemplativa ao espírito guerreiro, a brancura da capa é a imagem da pureza, da retidão e da busca pela luz, afastando a sombra da corrupção e da vaidade. Ela representa o manto da verdade que deve envolver todas as ações do Cavaleiro.

No peito da capa, bordada com firmeza, encontra-se a **cruz vermelha**.

É a marca do sacrifício, o selo de sangue que nos lembra o preço da redenção, não é um ornamento, mas uma chaga visível que recorda a cada passo que o caminho do Cavaleiro é o da entrega e da renúncia.

É o compromisso de doar-se pelo próximo, é a intersecção entre o céu e a terra, entre o espírito e a matéria, é o centro do universo onde todas as linhas convergem, apontando para o coração do Infinito.

Sob a capa, o Cavaleiro veste a **túnica negra**, discreta e sem adornos, ela recorda que, por trás da pureza buscada, há sempre a lembrança da fragilidade humana e do peso das trevas que cercam o mundo.

Ensina a humildade e a consciência dos próprios limites e recorda que a luz só brilha em contraste com a escuridão, e é a noite da alma, a provação necessária antes da aurora.

Na cintura, o **cinturão** sustenta a espada, o cinturão é símbolo de disciplina, de firmeza e de preparação constante.

Representa a vigilância sobre os sentidos, recorda que a liberdade só é verdadeira quando temperada pela ordem, é o laço invisível que prende o iniciado ao seu voto, como um selo indissolúvel.

A **espada**, é talvez o mais eloquente dos símbolos, ela corta o erro e defende a verdade. É a coragem de enfrentar a injustiça, é a lâmina do discernimento que separa o real da ilusão, é a palavra divina que, como fogo, julga e purifica.

O Cavaleiro porta ainda **luvas brancas**, que protegem as mãos e ao mesmo tempo indicam a pureza das ações.

Lembram que todo trabalho deve ser limpo e justo, significam que o agir deve concordar com a razão e a virtude, são o sinal de que o homem toca o mundo com a bênção de Deus e não com a mancha do egoísmo.

Na cabeça, o Cavaleiro usa um **chapéu escuro**, que recorda a seriedade da missão e, moralmente, ensina a moderação.

Por fim, os **sapatos pretos** fecham o conjunto, simples, sem ornamentos, lembram ao Cavaleiro que ele caminha sobre a terra e que sua jornada é feita de passos concretos.

Significam a perseverança no caminho, mostram que toda elevação espiritual deve ter raízes sólidas.

Assim, cada peça do uniforme não é mero adorno, mas um sacramento visível de uma verdade invisível.

**O verdadeiro Cavaleiro não se distingue pela veste,
mas pela vida que honra a cruz que carrega no peito.**



A ESPADA

A A espada, em sua dupla lâmina, sempre foi mais do que simples ferro forjado.

Para o Cavaleiro Templário da Idade Média, ela não representava apenas uma arma de guerra, mas o reflexo de um compromisso profundo com a fé e com o sagrado.

Empunhá-la significava defender a Terra Santa e, ao mesmo tempo, proteger a própria integridade espiritual.

A Regra primitiva da Ordem, escrita por São Bernardo de Claraval, lembrava que o cavaleiro cristão devia portar a espada não apenas contra inimigos de carne e osso, mas também contra os vícios, tentações e corrupções que ameaçavam a alma.

Desde o início, portanto, a espada do Templário foi compreendida como símbolo de luta exterior e interior, instrumento de justiça e de purificação.

A Sagrada Escritura reforçava essa ideia ao afirmar que a Palavra de Deus é mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, capaz de penetrar nos recônditos do espírito humano.

Nesse sentido, a espada templária tornava-se metáfora viva do combate espiritual, destinada a cortar a ignorância, dividir o erro da verdade e separar o profano do sagrado.

O Templário medieval sabia que a lâmina em sua mão devia defender peregrinos e proteger os santos lugares.

Mas sabia também que, no silêncio de sua própria consciência, precisava lutar contra a soberba, a avareza e a dúvida, e essa tensão entre o guerreiro e o místico moldou uma das imagens mais poderosas da Ordem, o soldado de Cristo que combate no mundo visível e no invisível.

Hoje, quando já não empunhamos espadas em campos de batalha, o ensinamento permanece.

O cavaleiro moderno é chamado a usar sua espada de dois gumes nas arenas da palavra, da fé e da convicção.

Ele não corta inimigos de carne, mas desfaz mentiras, combate a intolerância e resgata a dignidade humana.

Assim, a espada templária continua viva, não pelo brilho do aço, mas pela luz que simboliza quem a levanta, tem o compromisso de ser guardião da verdade e servidor da justiça.





O BALDRIC

Entre os símbolos Templários, poucos possuem a imponência e a nobreza do *Baldric*, a larga faixa que cruza o peito do cavaleiro e sustenta sua espada.

Mais do que uma simples peça de uniforme, o Baldric carrega um significado profundo, ele não é somente um acessório militar, mas um elo visível entre a tradição maçônica e o ideal da cavalaria cristã.

Historicamente, o Baldric era usado por guerreiros medievais como suporte para a espada, sendo ao mesmo tempo funcional e emblemático.

No contexto Templário, tornou-se distintivo de honra, fé e serviço.

O cavaleiro que o envergava trazia sobre si o peso de uma missão espiritual, assim como a espada repousava em sua lâmina, também a alma do cavaleiro repousava no compromisso de defender a verdade, a justiça e a fé em Cristo.

A faixa que cruza o corpo sugere a própria cruz que cada cristão deve carregar em sua jornada, lembrando o sacrifício de Cristo e a responsabilidade que assumimos como seus seguidores.

O preto e o branco, cores presentes no estandarte Templário e muitas vezes associados ao Baldric, evocam o contraste entre o mundo profano e a pureza espiritual e lembram a passagem das trevas para a luz, do erro para a verdade, da morte para a vida.

O cavaleiro, ao vestir o Baldric, veste também esse compromisso de transformação interior.

Assim, mais do que um ornamento, o Baldric é uma insígnia viva, ele fala de disciplina, de renúncia e de serviço; marca no corpo do cavaleiro a linha da cruz, unindo espada e coração, força e fé, dever e esperança.

E, ao mesmo tempo, lembra que cada Templário deve sustentar a espada não somente com a mão, mas com a alma, guiando-a sempre sob a luz do Grande Arquiteto do Universo.





O ESTANDARTE — *BEAUCÉANT*

O termo **Beaucéant**, de origem francesa antiga, resulta da união de *beau*: belo, nobre e *céant*, termo arcaico que exprime a ideia de dignidade e decoro, aquilo que é “conveniente” ou “adequado”.

Era, portanto, tanto o nome do estandarte quanto o brado de guerra dos Templários, que ao levantar a bandeira gritavam “Beau Séant!”, como quem dizia: *Sede nobres! Sede gloriosos!*

O estandarte era dividido horizontalmente em duas partes, a parte superior, preta, representava a dureza da batalha, o rigor da disciplina e a morte a ser enfrentada sem temor; a parte inferior, branca, simbolizava a pureza da intenção, a santidade da causa e a promessa da vitória espiritual.

Assim, o Beaucéant unia em uma só bandeira os dois polos da vida do cavaleiro, a disposição de combater e, se necessário, perecer, e ao mesmo tempo a esperança serena da vida eterna.

O preto e o branco juntos formavam um contraste moral, as trevas do mundo se dissipam quando o cavaleiro combate em nome da luz de Cristo.

Na prática, o Beaucéant não era somente um símbolo, mas um verdadeiro ponto de reunião.

No campo de batalha, os cavaleiros não lutavam dispersos, eles avançavam sempre em torno do estandarte.

Se um cavaleiro caía, os sobreviventes se reagrupavam sob o estandarte, pois enquanto ele estivesse erguido, significava que a Ordem permanecia de pé.

Era, portanto, mais do que um sinal visual, era o coração da unidade Templária.

A tradição dizia que o Beaucéant nunca poderia recuar, se fosse necessário, o último cavaleiro deveria morrer defendendo-o.

Isso porque a bandeira não era somente tecido, mas o próprio ideal da Ordem encarnado, fé, obediência, coragem e pureza.

Na Maçonaria do Rito de York, o Beaucéant sobrevive como um emblema de luta interior.

Ele nos recorda que dentro de cada homem há um campo de batalha onde luz e trevas se enfrentam.

O preto está sempre presente como sombra de nossas paixões e fraquezas; o branco é o chamado da Verdade e da Virtude.

O estandarte nos lembra que o dever do maçom e do cavaleiro não é eliminar a sombra, mas purificá-la com a luz, integrando as forças opostas na busca da harmonia.

Assim, o Beaucéant continua a tremular não somente nas reuniões Templárias, mas também na consciência de cada iniciado que compreende que ser cavaleiro é portar dentro de si a bandeira da nobreza, da glória e da dignidade.



AS ORDENS

As Ordens de Cavalaria, no Rito de York, não são conferidas como simples graus, representam etapas mais elevadas de iniciação, e essa distinção é mais que formal, é essencial.

Os graus, próprios da Maçonaria Simbólica e Capitular, estão ligados à edificação do Templo interior e à busca da Palavra Perdida.

As Ordens, porém, representam um novo patamar onde o iniciado deixa de ser somente construtor e se transforma em cavaleiro, assumindo compromisso de disciplina, fidelidade e serviço espiritual.

É por isso que, no Rito de York, elas ocupam a posição culminante, apresentando os ideais da cavalaria cristã.

Aquele que alcança este ponto já trilhou as sendas do Aprendiz, do Companheiro e do Mestre; já gravou sua Marca, penetrou os mistérios do Real Arco e, quem sabe, desceu às profundezas dos graus Crípticos.

Agora, é convidado a erguer-se como cavaleiro da fé e da verdade.



As três Ordens principais se sucedem como etapas de um mesmo itinerário da alma, a primeira, a Ordem da Cruz Vermelha, conduz o iniciado à antiga Jerusalém e à narrativa de Zorobabel, o príncipe judeu que ousou solicitar ao rei Dario a reconstrução do Templo e a restituição dos vasos sagrados levados como despojo por Nabucodonosor.

Essa Ordem é composta por duas partes, na primeira, o candidato é admitido no conselho de Jerusalém, recebe uma espada, uma faixa e uma palavra de passe, e parte em missão até a Babilônia, onde é aprisionado; na segunda, já na corte persa, participa de um concurso diante de Dario, respondendo à célebre questão sobre o que é mais poderoso e sua vitória marca o nascimento da Ordem da Cruz Vermelha, cujo fundamento é a fidelidade que governa o mundo, antecipando o princípio cristão do *“Eu sou o caminho, a verdade e a vida”*.

Superada essa etapa, o iniciado ingressa na Ordem de Malta, precedida pela chamada Ordem de São Paulo ou Passagem Mediterrânea, que recorda o naufrágio do apóstolo na ilha de Malta e simboliza o sustento espiritual para os que atravessam mares de provações.

A Ordem de Malta é a primeira inteiramente cristã na tradição capitular.

Ela evoca a herança dos Hospitalários de São João, que uniam a espada à caridade no cuidado com os peregrinos.

O iniciado é colocado na condição de um cruzado e instruído nos ensinamentos do Novo Testamento, especialmente nas oito bem-aventuranças, representadas pela Cruz de Malta.

O corpo se denomina Priorado, e a recepção imprime no candidato o espírito de serviço e devoção que o prepara para a mais alta etapa.

A culminância se dá na Ordem do Templo, onde o maçom é conduzido à condição de Cavaleiro Templário.

Nesse caminho, ele assume votos de fé, humildade e sacrifício, participando de provas que simbolizam peregrinação, militância e penitência.

É então armado cavaleiro e selado para sempre na Valorosa e Magnânima Ordem do Templo.

Recebe instruções sobre sinais, palavras e emblemas, sendo apresentado aos símbolos maiores da cavalaria Templária, o estandarte, o Beauceant, a faixa e a espada.

O corpo se denomina Comanderia, e nela o iniciado compreende que não empunha a espada somente com a mão, mas com a alma.

O Cavaleiro Templário maçônico torna-se, assim, guardião não somente do templo simbólico, mas também do ideal de viver a Maçonaria em sua forma mais elevada.

Essa Cavalaria não é mero ornamento tardio, mas a expressão plena da vocação espiritual do Rito de York.

Lembra a cada iniciado que fé, esperança e caridade não são virtudes abstratas, mas armas de luz a serem usadas diariamente.

Ser Templário é viver no duplo mundo, como cidadão exemplar e como guardião do templo interior, combatendo não inimigos de carne e osso, mas a ignorância, a injustiça e o egoísmo.

É unir a construção do templo da alma ao serviço ao próximo, sob a bandeira da Cruz.

O percurso das Ordens de Cavalaria não pode ser compreendido sem recordar sua inspiração histórica.



HISTÓRIA

No início do século XVIII, a herança Templária reapareceu no contexto da Maçonaria, sob formas renovadas; embora não existam provas de uma continuidade direta entre a Ordem medieval e a moderna tradição Templária, preservou-se o legado simbólico, que atravessou o tempo e encontrou novo sentido na Maçonaria.

Nos Estados Unidos, a Ordem Templária está presente há quase dois séculos e meio, sendo o primeiro registro conhecido datado de 1769, quando William Davis foi armado cavaleiro em Boston.

Poucos meses depois, o patriota Paul Revere também recebeu a investidura, seguido pelo general Joseph Warren em 1770.

Esses nomes ligaram desde cedo a história Templária ao nascimento da nação americana.

No final do século XVIII, já havia acampamentos Templários ativos na Filadélfia, Harrisburg, Carlisle, Stillwater e Nova York.

Em 1800, cavaleiros de New London participaram das homenagens fúnebres a George Washington, demonstrando a presença Templária nos grandes momentos da jovem república.

A consolidação definitiva ocorreu em 1816, com a criação do Grande Acampamento Geral dos Cavaleiros Templários dos Estados Unidos, reunido inicialmente na Filadélfia e depois em Nova York.

DeWitt Clinton, prefeito e mais tarde governador, foi eleito primeiro Grão-Mestre Geral, dando à Ordem prestígio e soberania.

A partir de então, a expansão foi contínua, acompanhando a marcha para o Oeste até alcançar a Califórnia em meados do século XIX.

No Estado de Nova York, a Maçonaria já estava estabelecida desde os tempos coloniais, e em 1814 fundou-se a Grande Comanderia local, com acampamentos como o Old Encampment, St. Peter's e o Rising Sun nº 1.

Nesses corpos eram conferidos os graus de Cruz Vermelha, Malta e Cavaleiro Templário.



GRAND ENCAMPMENT
OF
KNIGHTS
TEMPLAR

DEWITT CLINTON

Durante a Guerra Civil (1861–1865), Irmãos Templários lutaram em lados opostos, mas a fraternidade sobreviveu.

Ao longo do século XIX e início do XX, a Ordem floresceu, chegando a quase meio milhão de membros em 1927.

O século XX trouxe crises e renovações, mas a tradição permaneceu viva.

Em 1966, o sesquicentenário foi celebrado em Nova York com cavaleiros de várias partes do mundo, testemunhando a vitalidade da Ordem.

Hoje, cada estado americano possui sua Grande Comanderia, unida sob a autoridade nacional da Grande Comanderia dos Estados Unidos.

São sessenta jurisdições, algumas até fora do território norte-americano, que testemunham a força e a continuidade de uma herança nascida nas Cruzadas, amadurecida na Maçonaria e enraizada no Novo Mundo.

Assim, a história dos Cavaleiros Templários na América mostra como um ideal medieval atravessou oceanos e séculos, transformando-se em uma das mais notáveis expressões da tradição maçônica cristã.





O BRASIL

A história da Cavalaria em terras brasileiras não se faz de maneira isolada, mas em diálogo com a tradição do Rito de York e com as ondas maçônicas que cruzaram o Atlântico.

Desde os primeiros ecos das Ordens de Cavalaria ligadas à Maçonaria, a inspiração Templária, hospitalária e cavaleiresca encontrou terreno fértil em nosso país.

Contudo, foi somente no século XX que essa presença começou a se estruturar de modo mais visível, vinculando-se tanto à Ordem DeMolay quanto às potências que abrigavam os corpos filosóficos do Rito de York.

O movimento iniciou-se a partir do contato com os corpos maçônicos norte-americanos, herdeiros diretos do General Grand Chapter e do Grand Encampment, que desde o século XIX já haviam moldado uma identidade própria para os graus cavaleirescos.

Através dessas conexões, o Brasil recebeu influências, cartas constitutivas e orientações que permitiram a instalação de Capítulos e Comandarias.

O esforço de Irmãos dedicados, alguns viajando aos Estados Unidos, outros mantendo correspondência constante com as autoridades Templárias, foi decisivo para que essa chama se acendesse em solo nacional.

Não se tratava, porém, somente de importar estruturas estrangeiras, era necessário traduzi-las, reinterpretá-las e adaptá-las ao contexto cultural brasileiro.

Assim, a Cavalaria floresceu entrelaçada às particularidades locais, mantendo o espírito Templário universal e, ao mesmo tempo, dialogando com a maçonaria simbólica e com a juventude maçônica, especialmente a Ordem DeMolay.

Os graus de Cavaleiro, que na Idade Média evocavam fortalezas de pedra e combates no Oriente, encontraram nas cidades brasileiras símbolos renovados de honra, fidelidade e devoção.

O marco fundamental dessa trajetória ocorreu em 2008, na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, quando as Ordens do Grande Acampamento de Cavaleiros Templários foram oficialmente introduzidas no Brasil, com a devida permissão da Grande Loja daquele Estado.



Dezessete Cavaleiros Templários norte-americanos, liderados por Sir Knight David D. Goodwin, então Grão-Mestre Adjunto, vieram ao país para conferir as Ordens da Cruz Vermelha e de Malta por comunicação e, em forma completa, a Ordem dos Cavaleiros Templários.

Tudo foi realizado em inglês, o que evidenciava a urgência de traduzir e adaptar os rituais para a língua portuguesa.

Naquele primeiro momento, centenas de Companheiros receberam os graus de Cavalaria, mas ainda em caráter simbólico, pois os rituais não estavam disponíveis em nosso idioma.

Era necessário paciência e perseverança para que os trabalhos se consolidassem, e assim se fez. Em 2009, foi publicada a tradução da Ordem da Cruz Vermelha, em 2010, a da Ordem de Malta, e em 2011, finalmente, a da Ordem dos Cavaleiros Templários.

Essas traduções não surgiram de modo automático, houve a liderança firme do Irmão João Guilherme da Cruz Ribeiro, que assumiu a árdua tarefa de verter e adaptar para o português os rituais da Cavalaria e também os da Societas Rosicruciana, sem os quais a obra Templária não teria ganhado vida em nossa língua e em nosso contexto.

Além disso, é justo lembrar o grande esforço de Antonio Carlos Moreira, que percorreu o Brasil promovendo reuniões e mantendo a chama Templária acesa, e de Rosselberto Himenes, terceiro Grande Superintendente e primeiro Grande Comandante, cuja firmeza sustentou os momentos mais difíceis.

Seu prestígio como ex-Grão-Mestre do GOB-Amazonas e sua carreira de juiz foram decisivos para dar à Ordem respeitabilidade e apoio institucional.

Outro marco importante foi a participação de Rui Ferreira da Silva e de Ted Harrison, que conseguiram convencer o então Grão-Mestre William Koon II a conceder as primeiras cartas constitutivas.

O acordo veio com a condição de que também fossem instalados no Brasil os Colégios da Societas Rosicruciana, exigindo grande empenho na preparação de rituais e materiais, ao encargo mais uma vez do Irmão João Guilherme da Cruz Ribeiro.

Esse conjunto de esforços garantiu que a Cavalaria chegasse a solo brasileiro de maneira estruturada, mesmo em meio a tensões e provas.

O caminho, entretanto, não foi fácil.



Grand Encampment
Knights Templar
OF THE UNITED STATES OF AMERICA

Grand Encampmaster of Norssond

Faltava ao Brasil um Grande Instrutor que orientasse de forma sistemática os Cavaleiros recém-iniciados.

Foi então que a ajuda do Sir Knight Jeffrey N. Williamson, Past Grão-Mestre da Grande Loja de Nova York, tornou-se decisiva, ao auxiliar na elaboração de materiais e gráficos que facilitaram a instrução dos brasileiros, até que a situação encontrou maior estabilidade com a nomeação de Sir Knight Richard Butterfield como Supervisor.

Com isso, a Cavalaria ganhou direção e equilíbrio, o que permitiu avançar.

Ainda assim, o Brasil, sendo um país de dimensões continentais, enfrentava enormes desafios, as poucas Comanderias existentes não eram suficientes para manter a chama acesa em todas as regiões, e muitos Cavaleiros acabaram por adormecer.

Essa tendência somente começou a ser revertida em 2015, quando, após a obtenção da Carta Constitutiva U.D., novas Comanderias puderam ser fundadas, e o trabalho retomou vigor.

O ponto culminante dessa caminhada deu-se em 11 de agosto de 2015, na cidade de Buffalo, Estado de Nova York.

Grand Encampment of Knights Templar



To All Whom it May Concern, Greeting:

Whereas, Pursuant to a Warrant issued by

Sir Knight David Dixon Goodwin, M.:E.: Grand Master of the Grand Encampment of Knights Templar, dated August 11th, A.D. 2015, the Representatives of **LUIS ALVES DE LIMA E SILVA** Commandery No. 1, **MANUEL LUIS OSORIO** Commandery No. 2, **CANDIDO MARIANO DA SILVA** Commandery No. 3, **BENTO GONÇALVES** Commandery No. 4, **BANDEIRANTE FERNÃO DIAS PAES LEME** Commandery No. 5, **GRÃO PARÁ** Commandery No. 6, **CORONEL MORAES** Commandery No. 7, **ALFERES TIRADENTES** Commandery No. 8, **MARCO ZERO DO EQUADOR** Commandery No. 9, **PADRE DOM BOSCO** Commandery No. 10, and **PEREGRINO DE CARVALHO** Commandery No. 11, all of the Jurisdiction of **BRASIL**, assembled in Convention in the City of **BUFFALO, NEW YORK**, on the Eleventh day of August, A.D. 2015, and then and there formed the Grand Commandery of Knights Templar of **BRASIL**.

Now, Therefore, Know Ye, That we, the Grand Encampment of Knights Templar, reposing special confidence and trust in the fidelity, zeal, Masonic and Knightly ability of the officers and members of said Grand Commandery, and wishing to diffuse the benefits of the Order and promote the happiness of man, do by this Warrant hereby recognize the said Grand Commandery as regularly constituted and established under the jurisdiction of this Grand Encampment, to be designated on our Register as

The Grand Commandery of Knights Templar of Brasil

with full power and authority to exercise and enjoy all the rights, powers and privileges given to such a body by the Constitution and Statutes of the Grand Encampment of Knights Templar, subject to such changes, emendations, alterations or additions as may be hereafter, from time to time, made to such Constitution and Statutes, and to such rules and regulations as may be, from time to time, put in force by said Grand Encampment.

And, Furthermore, We do also recognize the present officers and members of said Grand Commandery, with continuance of the powers and privileges heretofore granted them, to them and their lawful successors forever, provided that the said officers and members, and their successors, shall pay respect and obedience to this Grand Encampment, its Constitution, Edicts, Rules and Regulations, and to the Ancient Landmarks and Regulations of the Order; otherwise, this Warrant, and all things herein contained, to be null and void, and of no effect.

Given By Order Of The Grand Encampment of Knights Templar, at the City of Buffalo and State of New York, this Eleventh day of August, in the year of our Lord Two Thousand and Fifteen and of our Order Eight Hundred and Ninety-seven.

In Testimony Whereof, We have caused these presents to be signed by our Grand Master, and the Seal of the Grand Encampment of Knights Templar to be affixed, with the attestation of our Grand Recorder.



Grand Master

Attest:



Grand Recorder



Ali, o Grão-Mestre do Grand Encampment, Sir Knight David Dixon Goodwin, assinou e selou o documento que reconhecia oficialmente a Grande Comanderia de Cavaleiros Templários do Brasil.

Nesse ato solene, onze Comanderias foram listadas como fundadoras, trazendo nomes que evocavam tanto heróis militares da pátria como símbolos Templários universais.

Luís Alves de Lima e Silva, Manuel Luís Osório, Cândido Mariano da Silva e Bento Gonçalves figuravam entre eles, recordando que a Cavalaria moderna no Brasil não é feita somente de símbolos medievais, mas também da memória viva de homens que lutaram pela liberdade e pela honra.

Esse documento de Buffalo não foi um mero decreto burocrático, representou a confirmação de que a Cavalaria brasileira havia alcançado maturidade e legitimidade, tornando-se apta a seguir seu próprio caminho.

Pela primeira vez, os Cavaleiros do Brasil receberam autonomia, mas também a responsabilidade de guardar fielmente a chama Templária, conscientes de que todo privilégio carrega consigo um dever sagrado.

Entre as Comandarias fundadoras, destacou-se de modo especial a Grão-Pará n.º 6, ela não somente se manteve ativa, mas tornou-se exemplo nacional.

Enquanto outras se reuniam de forma esporádica, a Grão-Pará manteve encontros regulares e constantes, garantindo vitalidade aos trabalhos e irradiando sua influência para além das fronteiras regionais.

De Belém, expandiu sua força para Manaus, Natal, Rio Grande do Sul e outros estados, tornando-se matriz da expansão Templária no Brasil.

Momentos históricos marcaram sua caminhada, e em 2012, no segundo Conclave anual, reuniu comitivas de diversas regiões do país, transformando a sessão em um verdadeiro marco nacional da Cavalaria.

Sob sua inspiração, nasceram novas Comandarias, como o Encontro das Águas no Amazonas, a Marco Zero do Equador no Amapá e a Coronel Carlos Alberto Moraes no Mato Grosso do Sul e em 2016, em sessão memorável conduzida pelo Eminentíssimo Comandante Sir André Gondim, foram conferidas as honras da Ilustre Ordem da Cruz Vermelha, reafirmando a vitalidade da Comandaria e sua fidelidade ao espírito Templário.

Reconhecida internacionalmente pelo Grande Acampamento dos Estados Unidos, durante a 65ª Trienal em Alexandria, Virgínia, a Comandaria Grão-Pará consolidou sua legitimidade.

No Brasil, contou com o apoio da Grande Loja Maçônica do Estado do Pará, sob a liderança do Sereníssimo Grão-Mestre José Nazareno Nogueira Lima, que foi fundamental para que a escada filosófica do Rito de York fosse plenamente erguida em solo amazônico.

Assim, quando a Carta Constitutiva da Grande Comandaria foi assinada em Buffalo, a presença da Grão-Pará n.º 6 não foi somente protocolar, mas a prova viva de uma caminhada feita de perseverança, fidelidade e expansão.

Seu exemplo comprovou que a Cavalaria havia encontrado no Brasil não somente eco, mas raízes profundas.

Hoje, a Grande Comandaria de Cavaleiros Templários do Brasil é uma realidade consolidada, com dezenas de Comandarias espalhadas de norte a sul, cada uma fortalecendo a grande missão Templária em nosso país.



Alexandre Madrid - Rosselberto Himenes – Flávio Dellazzana



Entre elas, destaco as Comandarias Hugo de Payens n.º 35 de Blumenau a qual fui filiado e a Santo Graal n.º 37, fundada em Itajaí, Santa Catarina, no ano de 2024, da qual tive a honra de ser fundador e o primeiro Comandante.

Ela nasceu como continuidade desse legado, mas também como sinal de renovação, prova de que a Cavalaria não está presa ao passado, mas se projeta ao futuro.

Porém, a Cavalaria, ao florescer em solo brasileiro, não esteve imune às provações que sempre acompanham o crescimento de qualquer instituição.

Seu rápido avanço trouxe entusiasmo, mas também desafios de organização, adaptação e entendimento entre diferentes tradições.

Em certos momentos, as interpretações divergentes sobre autoridade, jurisdição e formas de governo criaram incertezas e divisões, gerando um clima de instabilidade que se fez sentir em vários campos.

Mas toda história de fé e de luta carrega também suas sombras, e a Cavalaria no Brasil, como outrora a Ordem do Templo, não esteve imune a dissensões, equívocos e até traições.

Contudo, assim como Judas e Esquim desempenharam seus papéis no drama da redenção e no martírio dos Templários, também aqueles que se colocaram como obstáculos, por caminhos tortuosos, acabaram cumprindo uma função, pois, se não fossem eles, talvez ainda estivéssemos perdidos, tateando às cegas, as dores e os sofrimentos, como os que marcaram Jacques DeMolay na fogueira ou Cristo no Calvário, também tiveram sua parte na construção do caminho.

E, paradoxalmente, até os que feriram a Ordem auxiliaram a despertá-la, conduzindo-a à maturidade.

Assim, compreendemos que não somente os heróis, mas até os opositores involuntários, têm sua importância na história sagrada da Comanderia.

Essas dificuldades, porém, não devem ser vistas como fracassos, mas como etapas naturais de amadurecimento.

Assim como a pedra bruta precisa do macho e do cinzel para revelar sua forma, a Cavalaria precisou enfrentar tensões para aprender a valorizar a clareza, a disciplina e a fraternidade que sustentam a vida Templária.



O essencial é compreender que, mesmo quando nuvens se formam, a luz do ideal permanece, pois, a verdadeira missão da Cavalaria não se encontra nas disputas administrativas, mas na fidelidade ao voto de servir com honra, fé e justiça.

Se houve tropeços, eles somente reforçam a certeza de que a espada Templária não deve ser erguida contra Irmãos, mas em defesa da verdade.

Assim, a história desse período deve ser guardada não como mágoa, mas como memória, pois o que realmente importa não são os desvios passageiros, e sim a permanência do ideal Templário, que une os Cavaleiros acima de fronteiras, diferenças e circunstâncias.

A Ordem é maior do que qualquer crise, porque sua força está no espírito, e a Cavalaria Templária no Brasil, portanto, é fruto de pioneirismo e coragem, de dificuldades e superações, de tradição e renovação.

É herança Templária transplantada para nossas terras, que se mantém viva como chamado à fé, à pátria, à humanidade e à Maçonaria; sua história é a prova de que, mesmo diante de obstáculos, o ideal da cruz e da espada continua a convocar homens de bem para a obra da justiça e da verdade.





ANDRÉ GONDIM

A importância espiritual e de fraternidade entre os membros das Comandarias Templárias está alinhada com os princípios fundamentais da Ordem dos Templários, que incluem a prática das virtudes, o compromisso com a honra, o serviço a Deus e ao próximo, e a prontidão para o combate espiritual e moral entre o bem e o mal.

Os membros se dedicam ao aperfeiçoamento moral e espiritual, aos valores cristãos da compaixão, amor e perdão, buscando ser exemplos de virtude e honra, sempre prontos para servir onde forem chamados.

Essa fraternidade é um laço profundo que une os Irmãos Templários como uma verdadeira irmandade, promovendo o crescimento espiritual e o fortalecimento do caráter de cada membro.

No Brasil, a Ordem Templária representa muito mais que um grupo histórico; ela é uma instituição que promove a elevação espiritual e moral, baseada nos ideais de cavalaria e na espiritualidade cristã.

A Ordem, especialmente no contexto maçônico do Rito de York, é um canal para o desenvolvimento de valores como a fraternidade, a moralidade e o compromisso social, ao mesmo tempo em que preserva os ensinamentos e rituais tradicionais.

Preservar a tradição Templária maçônica no país tem importância não só para manter viva a história e a cultura, mas também para fomentar a espiritualidade prática e a solidariedade entre seus membros.

O Rito de York, amplamente praticado no Brasil, tem forte ligação com a Ordem Templária historicamente, sendo uma vertente maçônica que valoriza a tradição, a moralidade e a vivência dos valores espirituais em comunidade.

Ele contribui para que seus membros encontrem significado no aprimoramento pessoal e na prática do altruísmo, estabelecendo uma irmandade sólida e ativa, que se apoia no estudo, na reflexão e no serviço ao próximo.

Isso reforça o papel da Maçonaria e da Ordem Templária como espaços de evolução espiritual e de fraternidade real entre Irmãos, atuando na transformação do indivíduo e da sociedade.

Em resumo, a Comanderia Templário Grão Pará, como exemplo, a Ordem Templária e o Rito de York todo são pilares que sustentam a fraternidade e a busca espiritual no Brasil, traduzindo-se em compromissos elevados com a moral, a espiritualidade e o serviço fraterno.

A Comanderia Grão Pará, número 6 dos Cavaleiros Templários do Brasil, representa a presença e um marco da Ordem de Cavalaria Templária no Estado do Pará e na região norte.

Essa organização resgata os valores históricos dos antigos Cavaleiros Templários, como a honra, a coragem e a proteção dos mais necessitados, adaptando-os ao contexto atual.

No Pará, a Comanderia Grão Pará de forma contínua atua promovendo ações culturais, sociais e filantrópicas, além de cultivar a tradição e o espírito de fraternidade entre seus membros, fortalecendo assim o legado Templário na região amazônica.

André de Aragão e Gondim



ANTONIO CARLOS MOREIRA

Sempre que recordo o nome de Edmund Ted Harrison, a emoção me toma.

Sei, com plena convicção, que sem ele jamais teria chegado até aqui.

Tudo o que eu possa escrever será sempre insuficiente diante do que ele representa, pois sem sua presença não haveria o Grande Capítulo em nosso país.

Nosso legado repousa na figura de Ted, um dos principais homens que conheci em toda a minha vida maçônica.

Entre nós, duas palavras resumem a essência da relação construída: lealdade e gratidão.

Enquanto eu viver, seu nome seguirá ao meu lado, e terei a honra de contar às novas gerações que lutei ombro a ombro com a lenda Edmund Ted Harrison.

Antonio Carlos Moreira (Toninho)
Grande Sumo Sacerdote do Brasil.



2025

A.O. 907

ANNO ORDINI

O tempo da Cavalaria não se mede somente pelos calendários civis. Desde 1118, quando Hugues de Payns e seus companheiros fizeram o voto de proteger os peregrinos em Jerusalém, a história Templária passou a ter a sua própria forma de contar os anos.

Surge assim o **Anno Ordini**, ou Ano da Ordem, que nada mais é do que a contagem a partir daquele instante fundador.

Para saber o Ano Ordini em que vivemos, basta diminuir 1118 do calendário comum.

Assim, enquanto o mundo registra 2025, para nós, este é o **Anno Ordini 907**, lembrando que quase nove séculos já se passaram desde a noite silenciosa em que nove cavaleiros se uniram sob o sinal da cruz.

Dessa maneira, o Concílio de Troyes, realizado em 1129, que oficializou a Ordem perante a Igreja e lhe deu uma Regra redigida por São Bernardo de Claraval, é situado no **Anno Ordini 11**, tempo em que a chama ainda era pequena, mas já começava a iluminar toda a cristandade.

Quando a fortaleza de Acre foi derrotada no ano de 291 e a Terra Santa foi perdida, a Cavalaria atravessava o **Anno Ordini 173**, um marco de dor que obrigou os Templários a deixarem as muralhas de Jerusalém para buscar novos horizontes.

Mais tarde, em 1312, quando o Papa Clemente V decretou a supressão da Ordem, vivia-se o **Anno Ordini 194**, prova de que nem mesmo as principais perseguições puderam apagar o fogo que arde no coração Templário.

Séculos se passaram, e a memória do Templo não se perdeu, ao contrário, foi preservada nos rituais e tradições da Maçonaria, especialmente no Rito de York, que restaurou as Ordens de Cavalaria e lhes deu nova forma.

Hoje, no **Anno Ordini 907**, sabemos que fazemos parte de uma história contínua, quase milenar, em que cada espada desembainhada e cada juramento renovado se ligam diretamente àquela primeira vigília de 1118.

O Anno Ordini nos ensina que o tempo da Cavalaria não é somente cronológico, mas simbólico. Ele une passado, presente e futuro em uma mesma linha de devoção, de serviço e de fé, lembrando-nos de que somos guardiões de uma herança que atravessa as eras.

2025
907



1776
658



1492
674



1347
229





A CARIDADE

Entre as muitas virtudes que os Cavaleiros da Ordem cultivaram ao longo dos séculos, nenhuma brilhou com mais intensidade do que a Caridade.

O aço das espadas protegeu os fracos e defendeu os caminhos da Terra Santa, mas foi a chama da Caridade que deu sentido a cada combate e a cada sacrifício.

Pois de nada valeria vencer exércitos, conquistar fortalezas ou erguer templos magníficos se o coração permanecesse vazio e insensível diante da dor dos homens.

A caridade é mais do que uma esmola, mais do que a doação de riquezas ou de favores, ela é o exercício da alma que reconhece no próximo um reflexo da própria centelha divina.

Quando o Cavaleiro partia em marcha pelas estradas, não era somente o estandarte com a cruz vermelha que tremulava ao vento, mas o juramento silencioso de servir a Deus através dos homens, de oferecer o que tinha de melhor para aliviar o peso das misérias terrenas.

O Templo de Jerusalém foi o símbolo maior da união entre o céu e a terra, e nele os Cavaleiros aprenderam que a verdadeira fortaleza não se ergue com muralhas de pedra, mas com atos de bondade que sustentam os Irmãos em sua caminhada.

A espada defendia o corpo, mas era a Caridade que libertava a alma, e se muitas vezes os peregrinos temiam as emboscadas nas estradas, foi graças à proteção caridosa dos Cavaleiros que puderam alcançar os lugares santos em segurança.

Na Regra Primitiva escrita por São Bernardo de Claraval, vemos refletida a essência dessa virtude que cobre a multidão dos pecados, pois a Caridade apaga as manchas das fraquezas humanas e reergue o espírito que tropeçou.

Assim, um Cavaleiro poderia errar em seus julgamentos, falhar em seus planos ou vacilar em suas forças, mas se mantivesse acesa a chama da Caridade, sua jornada não se perderia.

Em nossos tempos, quando já não empunhamos as armas em defesa das muralhas de Jerusalém, a Caridade permanece sendo o escudo mais poderoso que a Cavalaria pode ostentar.

Não se trata somente de socorrer os pobres e desamparados, mas de viver com compaixão, de olhar para cada ser humano como companheiro de caminho e de levar luz onde a sombra insiste em permanecer.

Ser Cavaleiro é compreender que a Caridade não se esgota em gestos passageiros, mas se renova a cada dia, como fonte perene que nunca seca.

É reconhecer que a vitória maior não está em subjugar inimigos visíveis, mas em vencer a indiferença e o egoísmo que rondam o coração humano.

Somente aquele que ama de verdade, que serve sem esperar recompensa, que socorre sem distinção, pode dizer-se digno de portar a cruz Templária em seu peito.

Assim, a Cavalaria perpetua sua missão, e o mundo pode mudar suas formas, impérios podem nascer e desaparecer, mas a Caridade permanece como o selo da eternidade.

É ela que fará com que a Ordem continue viva no coração dos homens, unindo o céu e a terra como outrora uniu a espada e o altar.



A CAVEIRA

Entre os símbolos mais antigos que atravessam a história humana, poucos carregam tanto peso e mistério quanto a caveira.

Ele nos fala, em silêncio profundo, sobre a brevidade da vida, a fragilidade da carne e a memória inevitável da morte.

Está presente em tradições diversas, do Cristianismo ao Budismo, da alquimia à filosofia, como um lembrete de que o destino do homem é retornar ao pó e toda glória terrena é passageira.

Na tradição cristã, a caveira encontra-se ligada ao Gólgota, o *“lugar da caveira”*, onde Cristo foi crucificado.

Muitos padres da Igreja lembraram que, segundo antigas lendas, ali repousava também a caveira de Adão, unindo a queda do primeiro homem à redenção realizada pelo Salvador.

Assim, a caveira não é somente sinal de morte, mas também de esperança, ao apontar para a ressurreição e a vitória sobre a corrupção da matéria.

Místicos usaram a caveira como instrumento de meditação e São João de Ávila aconselhava a contemplação de uma caveira para recordar a brevidade da vida.

Blaise Pascal, em suas reflexões, via na caveira um sinal claro da condição mortal do ser humano.

No Oriente, mestres budistas utilizavam a caveira para lembrar a impermanência de todas as coisas, convidando seus discípulos ao desapego.

Em todas essas tradições, a caveira não é somente um resto humano, mas um espelho no qual a alma reconhece sua verdadeira natureza.

A alquimia a compreendeu como um vaso sagrado, lugar de dissolução e renascimento, onde a matéria bruta deveria morrer para que dela surgisse o ouro espiritual.

Na mesma direção, a Cavalaria a assumiu como símbolo de vigilância e disciplina, recordando ao cavaleiro que sua espada deve estar sempre a serviço de ideais eternos e não das vaidades transitórias.

Nos rituais, a caveira sobre a mesa ou entre as velas não é ornamento macabro, e sim cumpre o papel de centelha silenciosa que desperta a consciência.

Cada olhar lançado sobre ele é uma advertência, a vida é breve, a luta é árdua, e a vitória pertence somente àqueles que permanecem fiéis até o fim.

O vinho que se ergue ao lado da caveira, em cerimônias Templárias, não celebra a morte, mas brinda a vida que se consagra ao serviço da fé e da justiça.

A caveira é seu mestre silencioso, lembrando-o de que nenhuma coroa terrena é duradoura, mas que há uma herança incorruptível reservada àqueles que combatem o bom combate.

É um convite constante a caminhar com humildade, coragem e esperança, mantendo-se vigilante como guardião da luz em meio às trevas do mundo.

Na Cavalaria, portanto, a caveira não é somente um símbolo da morte, mas um emblema de vida verdadeira, que floresce justamente quando o homem aprende a encarar o mistério do fim.



REUBEN



SIMEON



LEVI



JUDAH



ZEBULUN



ISSACHAR



ISSACHAR



DAN



DAN



NAPHTALI



ASHER



JOSEPH



GOD



REUBEN



SIMEON



JUDAH



LEVI



JUDAH



REUBEN



DAN



JOSEPH



ASHER



GAD



BENJAMIN



JOSEPH

AS VELAS

Na Ordem da Cavalaria, nada se apresenta ao acaso, cada gesto, cada palavra e cada chama acesa sobre o altar possui um sentido oculto, destinado a iluminar a alma do cavaleiro que busca a Verdade.

Entre esses símbolos, as treze velas ocupam um lugar singular, pois não se limitam a ser simples clarões na escuridão, mas representam a própria presença da Luz divina que conduz os homens ao caminho da salvação.

O número treze, muitas vezes temido ou mal interpretado, guarda em si uma riqueza profunda.

Os antigos pitagóricos viam nele a soma do doze, número de ordem e plenitude, com a unidade que transcende, indicando assim um ciclo que se fecha e um novo que se inicia.

Doze eram as tribos de Israel, os apóstolos que acompanharam o Mestre, os portões da Jerusalém Celeste.

A décima terceira presença é sempre a do Cristo, o centro invisível que dá sentido a todas as coisas.

Assim, quando as velas ardem no ritual Templário, cada chama remete a essa união entre o humano e o divino.

Doze brilham como testemunhas da história, e a décima terceira, em seu mistério, aponta para a plenitude da revelação, a luz que não se apaga e que conduz ao Reino eterno.

O cavaleiro, ao contemplá-las, não vê somente fogo tremeluzente, mas recorda que sua própria vida é como uma vela acesa pelo sopro do Criador, destinada a iluminar até que se consuma por completo no sacrifício do dever.

O simbolismo se expande ainda mais quando se observa que a chama não conhece limites de espaço ou tempo.

A luz que nasce da vela atravessa o instante presente, une-se à eternidade e vincula o cavaleiro a todos os que antes caminharam sob a mesma espada e a mesma cruz.

Ela representa a aliança secreta entre o microcosmo e o macrocosmo, entre a alma humana que arde e o universo que pulsa.

Não por acaso, pensadores como René Guénon viam no onze e no doze números de ordem, mas no treze o sinal de passagem, de transfiguração e de retorno ao princípio.

Para o cavaleiro, esse número não significa azar ou perdição, mas renascimento, morrer para o mundo e reviver em Cristo, luz maior que jamais se extingue.

Diante das treze velas, o Templário é convidado a refletir sobre sua própria missão.

Não é a glória passageira que deve buscar, mas a chama perene que arde em silêncio.

Sua vida deve ser ofertada como luz em meio às trevas, iluminando caminhos, aquecendo corações, revelando a presença da fé.



Comandaria Santo Graal 37 de Cavaleiros Templários - Itajaí

O JAQUETÃO

Séculos mais tarde, no contexto da Maçonaria dos Estados Unidos do século XIX, surge a necessidade de conferir às Comandarias de Cavaleiros Templários um uniforme cerimonial solene e reconhecível.

Nasce então o jaquetão preto, inspirado não no passado medieval, mas nos trajes militares de gala da época, adaptados ao espírito Templário.

O jaquetão traz elementos próprios:

A cor preta, símbolo de sobriedade e luto pelo sacrifício de Cristo;

Botões e detalhes metálicos, lembram a luz que brilha mesmo na escuridão;

Faixas, insígnias e joias, marcam a hierarquia dos cargos e a ordem ritualística

A espada cerimonial, símbolo do combate espiritual.

Embora não exista continuidade histórica entre o hábito Templário medieval e o jaquetão, há uma continuidade simbólica, que se expressa em três dimensões:

Moral: Assim como os monges-cavaleiros, o maçom Templário moderno se reveste de uma veste que apaga sua individualidade civil para exprimir seu compromisso com a Ordem; vestir o jaquetão é declarar disciplina, dignidade e prontidão para o serviço.

Filosófica: O preto do jaquetão contrasta com o branco medieval, mas ambos têm significados complementares; o branco expressa a pureza do ideal, o preto recorda a gravidade da missão e a luta contra as trevas; assim, entre a túnica branca de ontem e o jaquetão preto de hoje, permanece o diálogo entre luz e sombra, essência de todo caminho iniciático.

Mística: São Paulo exortava os cristãos a revestirem-se da “armadura de Deus” (Efésios 6); essa armadura é espiritual, mas se manifesta no visível; para o Templário medieval, era a capa com cruz vermelha; para o Cavaleiro maçônico moderno, é o jaquetão que, com espada, cinturão e insígnias, torna-se um reflexo ritual da mesma armadura interior.

O jaquetão também cumpre uma função prática de dar unidade visual às Comanderias.

Assim como os Templários medievais eram reconhecidos nos campos de batalha pelo manto branco com cruz, hoje o Cavaleiro maçônico é identificado pelo traje preto solene.

Essa uniformidade reforça o espírito de corpo, disciplina e fraternidade, valores centrais tanto na Idade Média quanto no século XIX e no presente.

O jaquetão das Comanderias é, portanto, uma criação moderna, mas que carrega dentro de si a memória da antiga Ordem.

Ele não pretende imitar literalmente a vestimenta medieval, mas traduzir em linguagem ritualística contemporânea os mesmos princípios: pureza de intenção, disciplina no dever e combate em defesa da fé.

Se o branco medieval proclamava a santidade da missão, o preto moderno proclama a seriedade do compromisso.

Se a cruz vermelha bordada no peito falava de sacrifício e renúncia, a cruz Templária nas insígnias atuais continua a proclamar o mesmo voto.



O ILUSTRE CONSELHO

No itinerário da Cavalaria do Rito de York, há um detalhe organizacional que, embora discreto, revela uma profundidade singular.

Nos Estados Unidos, a Ordem da Cruz Vermelha não é conferida diretamente na Comanderia, mas em um corpo distinto, chamado Council of the Illustrious Order of the Red Cross.

Essa diferenciação é mais do que uma formalidade, é uma chave para compreender o lugar dessa Ordem no sistema do Rito de York.

Enquanto a Comanderia é o espaço da cavalaria Templária, onde a espada, o manto e o voto cristão assumem o protagonismo, o Council representa outro momento da jornada.

Ele é, em certo sentido, um território liminar.

Não é ainda a arena cavaleiresca do Templo, mas já não pertence ao ambiente capitular do Real Arco.

É uma ponte que atravessa o rio simbólico, entre o exílio e a restauração, entre a Palavra perdida e a Palavra reencontrada.

É, como bem escreveu o historiador Albert Mackey em sua *Encyclopedia of Freemasonry*, “um corpo separado, cuja existência reforça que a Verdade é uma iniciação em si, não somente uma preparação para Ordens mais elevadas”

Nos manuais americanos, observa-se que o Council é descrito como um tribunal ou corte real, lembrando o palácio de Dario.

Não se trata de uma mera reunião administrativa, mas de uma recriação dramática, um cenário que conduz o candidato para o interior da narrativa.

Ali, o maçom não é somente espectador, mas parte viva da história: deve atravessar muralhas, responder a guardas, defender sua palavra diante do rei e proclamar que a Verdade é mais forte que o vinho, mais poderosa que os reis, mais duradoura que a beleza.

A encenação, como nota Robert Macoy em sua obra *General History, Cyclopedia and Dictionary of Freemasonry* (1870), é “a dramatização de uma filosofia, pela qual a fidelidade à palavra empenhada se ergue acima de qualquer cetro ou coroa”.

A Ordem da Cruz Vermelha não é um grau menor, um simples degrau antes da Cavalaria Templária.

É um corpo autônomo que guarda sinais, palavras e instruções próprias, inacessíveis em qualquer outra parte do Rito.

O Council preserva, portanto, um espaço iniciático exclusivo, uma pequena academia espiritual dedicada à guarda da Verdade, enquanto a Comanderia evoca o fervor medieval e a cruz Templária, o Council retorna às origens bíblicas e orientais.

O verde do estandarte anuncia a esperança de um tempo novo, a estrela flamejante recorda o brilho do céu persa, e o leão de Judá assegura que a promessa permanece viva.

Essa fusão de símbolos bíblicos e persas reforça a ideia de que a Verdade atravessa povos e séculos, não se limita a uma cultura ou a uma época.

Como observa o estudioso americano Henry Coil, em sua *Masonic Encyclopedia* (1961), “a lição da Cruz Vermelha é universal, ao proclamar que a verdade, sendo eterna, pertence a todos os homens de todas as terras”.



ORDEM DA CRUZ VERMELHA

Entre as ordens que compõem a Cavalaria do Rito de York Americano, há uma que ocupa um espaço singular, quase como um portal de passagem entre o mundo das tradições bíblicas e a herança cavaleiresca medieval.

Trata-se da Ordem da Cruz Vermelha, uma cerimônia que, embora menos conhecida, guarda uma riqueza de significados que ultrapassa o simples ritual.

Sua função é iniciar o maçom em um caminho de fidelidade à verdade, antes que ele vista o manto da Ordem de Malta ou empunhe a espada Templária.

Ao contrário dos graus Templários, que evocam batalhas, cruzadas e votos de cavalaria medieval, a Cruz Vermelha remonta a tempos muito mais antigos, ligados ao retorno dos judeus do cativeiro babilônico e à reconstrução do Segundo Templo de Jerusalém.

É uma narrativa profundamente bíblica, situada entre os livros de Esdras e Neemias, onde aparece a figura de Zorobabel, herdeiro da linhagem real de Davi e líder dos exilados que regressaram à terra de seus pais.

O drama central da Ordem é o episódio em que Zorobabel viaja até a corte do rei Dario da Pérsia, buscando obter dele a permissão para reconstruir o Templo de Jerusalém.

No coração desse episódio está o célebre concurso em que três homens apresentam diante do rei argumentos sobre o que seria a força mais poderosa do mundo.

O primeiro defende o vinho, o segundo defende o poder dos reis e o terceiro, Zorobabel, proclama que a verdade é mais forte que tudo, ao ser eterna e não pode ser vencida.

Essa cena, dramatizada no ritual, não é somente uma disputa retórica, mas um ensinamento simbólico.

O vinho pode embriagar e subjugar; o poder dos reis pode subjugar pela espada; as mulheres podem subjugar pela beleza; mas somente a verdade permanece invencível.

Ela não se curva, não se corrompe, não desaparece.

Assim, o iniciado na Ordem da Cruz Vermelha aprende que, antes de ser cavaleiro de qualquer Ordem, ele deve ser cavaleiro da verdade.

Os símbolos da Ordem, representados nas ilustrações ritualísticas, falam por si.

O espelho radiante, colocado como figura central, recorda ao iniciado que a verdade se reflete e ilumina, mas também pode expor nossas imperfeições.

A coroa real lembra que os reis podem ostentar poder e glória, mas esse poder é transitório, e quando não é guiado pela verdade, torna-se tirania.

A ânfora, evocando o vinho, traz à memória o fascínio da bebida que alegra, mas que também pode escravizar a vontade humana.

O símbolo planetário, associado a Vênus, indica a força da beleza e do amor, poderosos, mas ainda assim incapazes de se igualar à verdade.

Todos esses símbolos se reúnem como um painel de escolhas diante do iniciado, ele deve discernir o que é passageiro e o que é eterno, o que pode fascinar por um instante e o que deve guiar por toda a vida.

Na encenação ritualística, os estandartes reforçam esse drama.

O estandarte judeu, com o Leão de Judá, representa a esperança do povo em sua restauração.

O estandarte persa, com a estrela flamejante e as três luas crescentes, simboliza o império estrangeiro que detinha o poder sobre Jerusalém.

Já o estandarte da Ordem, com a cruz vermelha ao centro, aponta para a vitória da verdade sobre os reinos e as paixões.

No contexto da Comanderia, a Ordem da Cruz Vermelha é a primeira a ser concedida ao maçom que trilha o caminho da Cavalaria.

Antes de receber os títulos de Cavaleiro de Malta e de Cavaleiro Templário, ele é convidado a compreender que nenhum manto branco ou espada reluzente pode conceder legitimidade ao cavaleiro se ele não estiver disposto a defender a verdade em todas as circunstâncias.

Historicamente, recorda os dias de Zorobabel e a luta pela reconstrução do Templo e, espiritualmente, ensina que o verdadeiro Templo não é feito de pedras, mas se ergue no coração do iniciado, sustentado pelos pilares da fé, da retidão e da verdade.

Aqui, a memória dos dois Templos de Jerusalém se converte em metáfora.

O Primeiro Templo, destruído, simboliza as quedas humanas, as derrotas, os pecados e as decepções que todos enfrentamos, e o Segundo Templo, reconstruído, simboliza a capacidade de reerguer-se, de renovar a fé, de restaurar o que parecia perdido.

O iniciado, ao viver essa narrativa, é chamado a reconstruir o seu próprio templo interior, firme e luminoso, ainda que as forças do mundo tentem derrubá-lo.

O iniciado deve compreender que a sua maior arma não é o ferro, mas a palavra justa; não é a violência, mas a integridade; não é o domínio sobre os outros, mas a fidelidade ao que é eterno.

Assim, a Ordem da Cruz Vermelha, longe de ser um eco distante das guerras santas ou dos combates das cruzadas, é antes uma convocação à virtude.

É o grau que prepara o maçom para a verdadeira cavalaria espiritual, mostrando que o título de cavaleiro não se conquista por herança ou ritual externo, mas pela vida testemunhada diante do tribunal da consciência e da história.



PRINCE CHANCELER

MASTER OF PRINCEIFF

EXCELLENT HIGH PRIEST

MASTER OF DISPATCHES

MASTER OF FINANCE

PERSIAN GUARD

CANDIDATE

OS OFICIAIS

Ao penetrarmos nos arcanos da Ordem da Cruz Vermelha, deparamos com uma estrutura hierárquica cuidadosamente elaborada.

Cada oficial não é somente um cargo administrativo, mas uma coluna simbólica que sustenta o edifício moral da Ordem.

É como se Jerusalém fosse reconstruída não somente por pedras, mas por homens que se tornam pedras vivas, ajustadas com perfeição às suas funções.

O Soberano Mestre preside os trabalhos, conduz as cerimônias e guarda a harmonia da Ordem.

No plano histórico, reflete a autoridade dos antigos Grão-Mestres Templários, e no plano bíblico, remete ao rei Dario, diante de quem Zorobabel defendeu a Verdade, é a figura da autoridade suprema aliada à justiça.

O Príncipe Chanceler cuida dos decretos e documentos, guardando a memória escrita da Ordem.

Assim como os chanceleres da Antiguidade e os notários Templários, simboliza o guardião dos éditos de Ciro e Dario, e sua pena é uma espada silenciosa que preserva a Verdade para a posteridade.

O Mestre Príncipe do Palácio auxilia o Soberano Mestre, mantendo a ordem cerimonial, ele evoca os mordomos das cortes orientais e representa a lealdade discreta, prudente e fiel no serviço.

O Mestre da Cavalaria encarna o espírito Templário, sempre pronto a defender a Verdade; ele é a força da fé em movimento, recordando os companheiros que acompanharam Zorobabel, sustentando-o com coragem.

O Mestre da Infantaria guarda a disciplina e o trabalho conjunto, ele é o eco do povo que reconstruiu o Templo sob Zorobabel, carregando pedras em silêncio e perseverança, sustentando a obra sagrada.

O Excelente Sumo Sacerdote traz a dimensão espiritual, lembrando que a espada deve andar ao lado da fé; ele é a imagem de Josué, sumo sacerdote, que acompanhou Zorobabel, pois nenhuma obra prospera sem a bênção do Altíssimo.

O Mestre das Finanças cuida dos tesouros e dos bens da Ordem, ele evoca tanto o sistema financeiro Templário quanto as ofertas do povo bíblico para a reconstrução do Templo e sua missão é administrar recursos com fidelidade e reverência.

O Mestre dos Despachos registra os atos e assegura a comunicação entre os oficiais, ele recorda os escribas de Esdras e os cronistas Templários, garantindo que a memória da Verdade jamais se perca.

O Vigia e a Sentinela velam pela segurança da assembleia e, como os guardas Templários ou os vigias de Jerusalém, mantêm-se atentos sobre os muros, guardando o espaço exterior e interior.

Os guardas asseguram disciplina e ordem, eles são a lembrança das tropas que protegiam reis.

Por fim, o Candidato, representando Zorobabel, é o coração da Ordem, ao encarnar a busca da Verdade que se mostrou mais forte que o vinho, que os reis e as mulheres.

Cada Irmão, ao ser recebido, se torna também Zorobabel, peregrino e defensor da Verdade.



OS SÍMBOLOS

Ao entrar no recinto da Ordem da Cruz Vermelha, o olhar é tomado pela riqueza de símbolos que compõem o cenário, nada ali é mero adereço, cada manto, cada bandeira, cada painel tem sua razão de ser, como se fossem ecos de um drama que começou nos portões de Jerusalém, atravessou as cortes persas e se projetou nos castelos Templários da Idade Média.

O cerimonial ganha vida porque veste não somente os homens, mas as próprias ideias que sustentam a Tradição.

Os oficiais do palácio de Dario aparecem com mantos vistosos e coberturas luxuosas, refletindo a pompa de um império que dominava povos e nações.

Essa imagem de grandeza, entretanto, é transitória, pois ela lembra que o poder humano se reveste de glória exterior, mas carece de permanência se não estiver submetido à Verdade.

Em contraste, os sacerdotes e membros do Conselho de Jerusalém surgem com mantos humildes, tão simples quanto o povo que regressava do exílio.

A diferença entre as duas vestes é uma lição viva, a vaidade pertence às cortes, mas a esperança e a pureza pertencem ao povo de Deus.

O luxo pode cegar, enquanto a humildade prepara o coração para ser templo.

No centro do recinto, ergue-se o altar, sustentando a Bíblia aberta, o Esquadro e o Compasso.

Sobre uma almofada repousa o espaço dos juramentos.

É o coração da cerimônia, lembrando o altar do Templo de Jerusalém e os oratórios erguidos pelos Templários em suas fortalezas.

Ali a palavra do homem toca o eterno, e a geometria da razão encontra a revelação divina, é um lugar de passagem entre o visível e o invisível, onde a promessa feita não pode ser quebrada.

Em outro ponto do cenário, brilham os grilhões e o traje de cativo, símbolos da escravidão e do exílio, recordam os hebreus levados a Babilônia, mas também a prisão dos próprios Templários em tempos de perseguição, dessa forma as correntes são mais do que adereço, são um espelho das amarras interiores.

O cerimonial ensina que só a Verdade consegue romper essas algemas.

O candidato, representando Zorobabel, veste manto, faixa e coroa.

Ainda que exilado, traz em si a dignidade da linhagem de Davi, essa coroa não é somente de prata ou ouro, mas de missão, o príncipe é lembrado de que sua função não é dominar, mas servir, e que sua maior vitória será a de conquistar a si.

Em mãos, é erguido o decreto de Dario, a carta que legitima o retorno dos exilados e a reconstrução do Templo.

Ele simboliza a força da lei escrita, que atravessa impérios e gerações, e entre os Templários era guardada como regra de vida.

Esse decreto lembra não haver poder que subsista sem justiça, é o reflexo da lei superior que sustenta toda obra espiritual.

No alto, tremulam os estandartes.

O estandarte judeu, branco e puro, traz o leão rampante de Judá, imagem de coragem e vitória, ele anuncia a esperança de uma restauração.

O estandarte persa, também branco, mostra a estrela flamejante sobre três luas douradas, é a heráldica dos impérios, símbolo do poder transitório do mundo, que se curva diante da luz da Verdade.

Bandeiras sempre acompanharam guerreiros: no campo de batalha eram sinais de orientação, mas aqui são lembrança de princípios eternos.

Um painel ou tablado em forma de ponte completa a cena; a ponte é travessia, passagem entre um ponto e outro e para os cavaleiros medievais, guardá-la era missão de honra, pois toda ponte é um limiar.

No cerimonial, ela simboliza a passagem de Zorobabel até a presença do rei Dario; representa a coragem de enfrentar obstáculos, é a travessia entre ignorância e sabedoria; misticamente, é a ponte entre o homem e o divino.

E, ao fundo, um painel com a cidade da Babilônia ergue-se como sombra, símbolo de poder e corrupção.

A Babilônia aparece como cenário distante, mas sempre presente, é a recordação das tentações do mundo, da opressão que mantém os homens cativos.

No entanto, ao mesmo tempo, é o ponto de partida para a esperança, sem exílio não haveria retorno, e sem Babilônia não haveria Jerusalém restaurada.

O Irmão que assiste à cerimônia percebe que está diante de mais do que um ritual, é uma encenação da própria vida.

O luxo e a humildade, a corrente e a coroa, a ponte e a cidade distante são espelhos das escolhas humanas.

A Ordem da Cruz Vermelha ensina que, para atravessar esse cenário, é preciso ser como Zorobabel.

Firme na fé, pronto a defender a Verdade, consciente de que toda Babilônia é somente passagem para a Jerusalém eterna.



LINHA HISTÓRICA

Toda a narrativa do Rito de York pode ser lida como um fio contínuo, que começa com a perda da Palavra no drama do Mestre Maçom e se desenvolve até a Cavalaria, onde cada grau não é um fim em si, mas um elo numa corrente que atravessa milênios.

É uma caminhada que passa pelo Templo de Salomão, pela dor do exílio, pela esperança da restauração, pelo encontro da Palavra Perdida e, finalmente, desemboca nas Ordens da Cavalaria, onde a fé é unida à espada e a cruz se torna sinal de combate e serviço.

O Mestre de Marca ensina que o trabalho humano tem valor e identidade, cada pedra marcada é um reflexo do homem que a talhou.

O Mestre Maçom, por sua vez, traz o grande drama, a morte de Hiram e a perda da Palavra, esse é o instante em que a humanidade experimenta a ausência do divino e precisa buscar aquilo que foi perdido, é paralelo ao destino de Israel, que perderia seu Templo e seria levado cativo à Babilônia.

Com os decretos de Ciro e Dario, em 559 a.C., os exilados puderam retornar e reconstruir.

O grau da Ordem da Cruz Vermelha (OCV) revive esse momento, encenando a viagem de Zorobabel à corte de Dario.

Ali, diante de guardas persas e do próprio rei, ele proclama que a Verdade é mais forte do que qualquer poder.

Esse ensinamento é o coração da Ordem, a fidelidade à Verdade é a maior forma de cavalaria.

Esse grau é uma ponte entre os capítulos capitulares e a cavalaria Templária, ele conecta o drama bíblico com a ideia cavaleiresca, o homem deve erguer-se como defensor da Verdade, ainda que diante de reis.

Em 515 a.C., o Segundo Templo é concluído, e esse marco histórico e simbólico corresponde, no sistema do Rito de York, ao Maçom do Real Arco, quando a Palavra Perdida é finalmente reencontrada entre ruínas.

Assim, a Cruz Vermelha prepara o terreno, ela mostra que a Verdade não pode ser vencida, e o Real Arco mostra que ela pode ser reencontrada.

O nascimento de Cristo inaugura era, o que antes era promessa, agora é Palavra viva e a maçonaria entende esse momento como o eixo da história, e é por isso que a cronologia se divide entre o tempo do Templo e o tempo da Cavalaria.

Quando chegamos às Cruzadas (século XI), vemos Jerusalém novamente no centro do mundo.

Em 1099, surge a Ordem dos Hospitalários, que depois será chamada de Cavaleiros de Malta.

Diferente dos Templários, os Hospitalários tinham origem assistencial, eram monges dedicados ao cuidado dos doentes no Hospital de São João.

Mas a necessidade os levou a pegar em armas, e sua missão tornou-se dupla, curar e defender, e essa união de caridade e cavalaria é uma chave preciosa para compreender a Cruz de Malta, ela é o símbolo do serviço ao próximo e da defesa da fé.

Em 1118, nasce a Ordem dos Templários, fundada por Hugues de Payens.

Enquanto os Hospitalários cuidavam, os Templários protegiam os caminhos dos peregrinos.

No Rito de York, essas duas ordens medievais não são somente lembradas, mas se tornam etapas reais da jornada do maçom.

Após percorrer os graus capitulares e crípticos, o maçom ingressa na Cavalaria.

O candidato revive o drama de Zorobabel, não se trata ainda de uma ordem “militarizada”, mas de um grau de caráter filosófico e moral, e ensina que a maior arma do cavaleiro é a Verdade, e que a fidelidade a ela deve ser mantida mesmo diante de reis.

A Cruz Vermelha, portanto, é um elo entre o Antigo Testamento e a Cavalaria cristã, lembrando que a essência da missão cavaleiresca é a lealdade à Verdade eterna.

O cavaleiro jura proteger a fé e seus Irmãos, esse grau é herdeiro direto da mística Templária medieval, mas transformado em uma via espiritual.

A Cruz Vermelha não é somente um relicário de episódios históricos.

Ela se ergue como escola de virtudes, preparando o maçom para o dia em que vestirá a armadura Templária.

A Cruz Vermelha mostra que a verdade permanece intocada, mesmo diante das forças que procuram obscurecê-la, e que a fé não se esconde em palavras, mas floresce em obras de misericórdia.

Sob sua luz, o caminho se abre para uma cavalaria mais alta, não feita de aço ou de conquistas, mas de espírito e de entrega.

No entanto, é preciso primeiro que o coração seja moldado sobre este alicerce, para que as lições não sejam somente compreendidas, mas absorvidas e vividas.

É então, somente então, que o iniciado, ao ser armado Cavaleiro Templário, poderá receber em sua mente e em seu coração os tesouros antigos da consciência, do saber e da verdade.

E esses tesouros não se oxidam com o tempo, mas brilham como pedras guardadas no cofre da eternidade.



RECEPÇÃO

Desde tempos imemoriais, o ser humano criou formas de honrar seus líderes e de marcar passagens solenes com gestos simbólicos.

Entre eles, erguer armas ou bastões em arco para formar um corredor cerimonial é uma tradição que antecede a Idade Média e se perde no mundo antigo.

Os romanos, por exemplo, tinham o costume de erguer lanças e escudos sobre a cabeça dos generais vitoriosos em seus triunfos, criando uma passagem sagrada que simbolizava proteção e consagração.

Na Grécia, guardas cruzavam hastes ou alabardas para indicar a passagem de magistrados ou estrategos.

Entre os povos orientais, os guardas palacianos usavam lanças longas ou alabardas que, erguidas, criavam uma espécie de teto simbólico por onde passavam reis, príncipes ou altos sacerdotes.

Era uma linguagem universal, elevar o ferro ou a madeira, o cetro ou a lança.

Na Idade Média, esse gesto adquiriu sua forma mais conhecida, a **abóbada de aço**.

Cavaleiros, armados com suas espadas, dispuseram-se em fileiras para honrar príncipes, bispos, noivos ou comandantes militares.

Quando erguiam suas lâminas, o aço resplandecia à luz do sol ou das tochas, criando um corredor luminoso e sagrado.

Não era somente uma guarda de honra, mas um ato que dizia: *“Estamos dispostos a cruzar nossas vidas e nossas espadas em defesa daquele que passa sob este arco.”*

O gesto tinha a dupla função de enaltecer e de proteger.

O cavaleiro que oferecia sua espada para formar a abóbada não a empunhava contra o homenageado, mas ao lado dele, mostrando que sua lâmina estava a serviço da mesma causa.

Ao longo da história europeia, a abóbada de aço aparece em momentos civis e religiosos, onde reis eram recebidos sob espadas erguidas, generais vitoriosos passavam sob corredores de lâminas, e até em casamentos nobres essa tradição se manteve.

Em muitas tradições militares modernas, esse costume ainda sobrevive, oficiais recém-casados passam sob a “espada de honra” formada por seus pares, sinalizando que a vida do casal será protegida pela fraternidade da ordem militar.

Com a chegada da Maçonaria especulativa e a incorporação dos graus de cavalaria, essa tradição foi adaptada.

A espada já não era somente arma, mas símbolo.

Em ritos como o Escocês Antigo e Aceito e o Adonhiramita, a abóbada de aço se manteve como uma saudação solene a grandes autoridades, especialmente ao Grão-Mestre.

Nesse caso, as espadas são erguidas em arco, paralelas, sem se tocarem, criando uma passagem luminosa.

É um teto de honra, lembrando que a Maçonaria, ao mesmo tempo que guarda a paz, também reconhece o poder da espada como emblema da justiça.

Mas é na **Ordem da Cruz Vermelha do Rito de York** que a tradição ganha uma forma única e de especial profundidade.



Diferente da abóbada em arco, aqui os Irmãos não somente erguem suas espadas, mas as cruzam, tocando lâmina com lâmina, formando efetivamente uma **cruz de aço suspensa no ar**.

Esse gesto é carregado de simbolismo, pois quando duas espadas se encontram no espaço, não há distância, o aço vibra no contato, o som do metal ressoa e a luz reflete-se no ponto de cruzamento, esse momento cria um centro visível, um ponto onde forças opostas se encontram e se equilibram.

Não é um simples arco de honra, mas uma verdadeira interseção simbólica, fé e coragem, razão e coração, temporal e eterno.

Os Irmãos, ao cruzarem suas espadas, declaram silenciosamente que estão unidos pela mesma Verdade, e que sua força não está na lâmina isolada, mas na comunhão fraterna.

Filosoficamente, esse gesto pode ser lido como a síntese dos contrários, pois cada espada representa uma polaridade, luz e sombra, oriente e ocidente, homem e Deus, e quando se cruzam, criam uma unidade que transcende as partes.

Ensina que nenhum cavaleiro é suficiente em si, é na união com seu Irmão que sua força encontra sentido, a cruz de aço no ar é reflexo da Cruz eterna, onde o eixo vertical liga o céu e a terra, e o eixo horizontal liga todos os homens entre si.

Ao receber o Soberano Mestre sob essa cruz, a Ordem da Cruz Vermelha ensina que a liderança não é uma função administrativa, mas uma missão espiritual.

Aquele que passa sob a cruz deve carregar em si a consciência de que sua autoridade só é legítima se estiver sob a Verdade.

Essa recepção é, ao mesmo tempo, uma honra e uma consagração.

Assim, a abóbada de aço, que nasceu nas cortes antigas sendo aprimorada na cavalaria medieval, encontra na Cruz Vermelha uma forma superior, não somente um arco de espadas erguidas, mas uma verdadeira cruz formada pelo encontro de duas lâminas que se tocam.

É um gesto que une passado e presente, história e simbolismo, rito e mística.

O silêncio domina a sala, o Mestre Príncipe do Palácio dá a ordem: *“Oficiais, formem a cruz com vossas espadas para recepção do Soberano Mestre.”*

As lâminas são desembainhadas com o som metálico que corta o ar.

Os Irmãos se entreolham, fazem a saudação, e lentamente as espadas se aproximam até que o aço encontra o aço.

Um leve estalo ressoa quando as lâminas se tocam.

No meio da assembleia, forma-se uma cruz suspensa, cintilante sob a luz das velas.

Não é um arco distante, mas uma cruz palpável, onde cada espada se apoia na do Irmão ao lado.

O Soberano Mestre avança sob essa cruz, e cada passo é acompanhado por um silêncio reverente.

Ali, todos entendem que não se trata somente de uma cerimônia: é a lembrança viva de que a Verdade é mais forte.

O caminho do cavaleiro não é o da glória mundana, mas o da cruz que se ergue no ar.



SAUDAÇÃO

Na Idade Média, a espada não era somente uma arma de guerra, mas também um símbolo de honra, justiça e fé.

O cavaleiro, ao erguer sua espada diante de um superior, de um rei ou mesmo em frente a um altar, não estava somente cumprindo uma formalidade, tratava-se de uma declaração silenciosa de lealdade e submissão da força bélica à ordem moral.

Em cerimônias de sagração, o gesto de levantar a espada ao rosto ou ao peito tinha o sentido de purificação e promessa, como se o cavaleiro dissesse que sua lâmina seria usada somente em nome da verdade e da justiça.

Levar a espada à frente do rosto e desfazer o movimento pode ser compreendido como um arco ritual.

Aproxima-se o fio da espada ao centro da visão, a *“janela da alma”*, reconhecendo que toda ação deve ser guiada pela clareza da verdade, e ao desfazer o gesto, o cavaleiro simbolicamente *“entrega”* esse compromisso ao espaço sagrado da assembleia ou da corte, declarando que não agirá em nome próprio, mas em nome da causa que representa.

No Rito de York, especialmente nas Comanderias Templárias, a saudação preserva essa herança medieval, mas a reveste de sentido iniciático.

O cavaleiro, ao saudar com a espada quando recebe instruções ou quando toma a palavra, reafirma não somente sua disciplina militar, mas sua obediência espiritual e moral.

Ele recorda que a espada que porta não é mero instrumento de combate, mas um prolongamento da sua própria conduta.

Enquanto nos graus simbólicos o malhete ou a régua são usados para marcar a submissão à ordem e à harmonia, na Cavalaria a espada cumpre esse papel.

Ela aponta para a responsabilidade de defender a fé, a verdade e a justiça, não pela violência, mas pelo testemunho de vida.

Por isso, o ato de saudar com a espada é também uma forma de reconhecer a hierarquia da Comanderia e a supremacia da causa Templária, que se coloca acima dos interesses pessoais.





ORAÇÃO

Nós, que nos reunimos sob a Cruz Vermelha, erguemos nossas vozes não somente como cavaleiros, mas como peregrinos que aprenderam a reconhecer a luz em cada povo e em cada cultura que moldou a história; benditos sejam os árabes que nos legaram ciência e poesia, benditos os persas que guardaram o fogo da sabedoria, benditos os judeus que mantiveram a chama da Lei no exílio, benditos os homens de todas as nações que, mesmo em batalhas, nos ensinaram coragem e honra; recordamos a jornada de Zorobabel e o conselho dos anciãos de Israel, que sustentaram o povo na esperança da restauração; ali, entre pedras caídas e muralhas erguidas pela fé, brilhou a lição imortal de que a verdade é mais forte que o vinho, mais forte que os reis, mais forte que as paixões humanas; honramos também os passes, o judeu e o persa, que simbolizam a ponte entre povos e tradições; não são somente gestos, mas sinais de que há um caminho que une oriente e ocidente, corpo e espírito, coragem e compaixão; que essa ponte sagrada nos conduza sempre ao poder da verdade, única espada que não se quebra, único estandarte que não se dobra, único trono que não se corrompe; que possamos, como cavaleiros, atravessar as águas, vencer as sombras e sustentar, em cada ato de nossas vidas, a chama da lealdade, da fé e da fraternidade universal.



DESCOBRIR

Entre os cavaleiros, há um gesto silencioso e eloquente, o de descobrir a cabeça e levar o barrete ao peito.

Não se trata de mera etiqueta, mas de um ato carregado de séculos de memória, fé e reverência.

O barrete, herdeiro de antigas coberturas usadas tanto por guerreiros cristãos quanto por muçulmanos e judeus, não é somente um ornamento.

Ele representa a mente, o intelecto, a razão que se curva diante do mistério divino.

Na tradição cristã ocidental, descobrir-se diante do sagrado tornou-se sinal de humildade.

Retirar o barrete é reconhecer que nenhuma coroa, nenhuma autoridade humana e nenhuma glória terrena pode se sobrepôr à Verdade que vem do alto.

O cavaleiro, ao levar o barrete ao peito, transforma esse gesto em um voto silencioso: a inteligência que se descobre é a mesma que se entrega, em fidelidade, ao coração.



Entre os árabes e muçulmanos, ao contrário, a cobertura da cabeça foi e ainda é vista como sinal de respeito e devoção.

Manter o turbante diante de Deus é gesto de dignidade, lembrando que o homem permanece coberto pela misericórdia do Altíssimo.

Entre os judeus, o kipá mantém essa mesma lógica, a cobertura é símbolo da presença constante de Deus sobre a mente.

Cristãos descobriram-se, judeus e muçulmanos cobriram-se.

Não há contradição, mas duas formas distintas de expressar o mesmo mistério.

Para uns, retirar o barrete é mostrar-se pequeno diante do Infinito, para outros, cobrir a cabeça é reconhecer a grandeza divina sempre acima do homem.

Assim, oriente e ocidente, em seus gestos divergentes, encontram-se no mesmo ponto, o reconhecimento da soberania do Eterno.



Na Ordem da Cruz Vermelha, o barrete herdou essa dupla tradição, ele é peça do uniforme, mas sobretudo é símbolo de consciência.

Descobrir-se e trazê-lo ao peito é unir razão e coração, mente e fé, sabedoria e amor.

É um gesto que dialoga com Zorobabel diante de Dario, com o conselho dos judeus no retorno do exílio, com a ponte simbólica entre o passe persa e o passe judeu.

Nesse instante, o cavaleiro retira o manto da vaidade e se reveste da Verdade.

O barrete elevado ao coração recorda que toda sabedoria deve ser temperada pela compaixão, é um selo invisível, como se a mente fosse marcada com o fogo da devoção e o coração com a luz da verdade.

Quando todos os cavaleiros, em uníssono, levam o barrete ao peito, cria-se uma ponte invisível entre culturas, tempos e credos, criando a ponte da Verdade!



O GRANDE CONSELHO

Após a morte de Ciro, rei da Pérsia, aquele que havia concedido liberdade aos exilados e permitido o início da obra do Templo, a esperança de Israel parecia vacilar.

O povo encontrava-se entre ruínas e incertezas, pois a oposição dos inimigos e a mudança no trono enfraqueceram os ânimos.

Foi nesse clima que, no segundo ano do reinado de Dario, em Jerusalém, formou-se um grande conselho, reunindo os anciãos, os chefes das famílias, os levitas e sacerdotes.

À frente desse conselho estava Josué, filho de Jozadaque, o Sumo Sacerdote; ele era a figura espiritual que carregava sobre os ombros não somente as vestes sagradas, mas também a responsabilidade de manter acesa a chama da fé em meio às adversidades.

Josué havia retornado do exílio babilônico e agora se encontrava diante da tarefa de purificar o povo, restaurar a adoração e preparar os corações para que a reedificação do Templo fosse obra não somente de pedras, mas de santidade.

A cidade, ainda em escombros, guardava a memória do antigo esplendor de Salomão, mas também a dor da destruição.

As ruas estavam marcadas por pó e silêncio, e as muralhas jaziam quebradas como cicatrizes de guerras passadas.

Mas naquele conselho reunido, havia uma força invisível, a convicção de que o Senhor não havia abandonado a Sua promessa.

Cada voz levantada naquele encontro era como uma pedra assentada na reconstrução, e deliberavam não somente sobre técnicas de edificação, mas sobre a purificação dos costumes, o retorno à Lei e a dignidade da Casa do Altíssimo.

O propósito não era erguer somente um edifício, mas restaurar uma aliança; esse grande conselho, reunido em Jerusalém, foi o embrião de um novo tempo.

Josué, como sumo sacerdote, era a ponte entre o povo e o sagrado, o intérprete da vontade divina que guiava os passos da comunidade.

דן

Dan



אפרים

Efraim



אורבן

Ruben



יהודה

Judá





JOZADAQUE

Jozadaque, também chamado de Jeozadaque, foi sumo sacerdote no tempo do exílio babilônico, era filho de Seraías, o último sumo sacerdote a officiar no Templo de Salomão antes de sua destruição, ele trazia em sua própria história a marca da tragédia e da esperança.

Seraías foi morto por ordem de Nabucodonosor em Ribla, quando Jerusalém caiu no ano de 586 a.C., e assim, a linhagem sacerdotal parecia ter sido interrompida cruelmente.

Mas Jozadaque, levado ao cativeiro, tornou-se o elo de continuidade, e embora não tenha oficiado no Templo destruído, foi reconhecido como legítimo sumo sacerdote entre os exilados.

A sua figura assegurava que a descendência de Aarão não havia se perdido, e ele foi, por assim dizer, o guardião da promessa durante os anos de dispersão.

Se pensarmos simbolicamente, Jozadaque é o homem que mantém acesa a chama em meio às trevas do exílio.

Ele representa a tradição que resiste mesmo sem altar, sem incenso, sem sacrifícios.

É a memória viva da aliança, transmitida no silêncio da espera.

Sua vida nos ensina que a continuidade espiritual não depende de pedras ou muralhas, mas de fidelidade.

Na tradição profética, seu nome aparece ligado a visões de Ageu e Zacarias.

Esses profetas destacam Josué, o filho de Jozadaque, como figura central da restauração.

Mas sempre por detrás da cena paira a sombra silenciosa do pai, Jozadaque, lembrando que a história de Jerusalém não se interrompeu mesmo na destruição.

Ele é como uma raiz oculta que, mesmo em terra estrangeira, sustentou a árvore do sacerdócio para que dela brotasse o rebento no tempo certo.





JOSUÉ

Josué aparece nas Escrituras como o Sumo Sacerdote do retorno, ele é o elo entre a memória do exílio e a esperança da reedificação.

Filho de Jozadaque e neto de Seraías, carrega em sua linhagem tanto a dor da queda de Jerusalém quanto a honra de restabelecer o culto no segundo Templo.

Quando Ciro autorizou a volta dos exilados, Zorobabel assumiu a liderança civil e real, enquanto Josué tomou para si a missão espiritual.

Dois descendentes ilustres, um da casa de Davi e outro da casa de Aarão, unidos para restaurar o que fora perdido.

Josué personificava o sacerdócio puro, incumbido de guiar o povo em oração, sacrifícios e na reconciliação com o Altíssimo.

Zacarias nos oferece uma das passagens mais simbólicas sobre ele, pois Josué aparece diante do Senhor com vestes sujas, e à sua direita está Satanás para acusá-lo.

O Anjo ordena que se tirem aquelas vestes manchadas e que ele seja vestido com roupas limpas, recebendo ainda um turbante puro sobre a cabeça.

Essa cena não é somente uma alegoria, é a dramatização do perdão divino e da restauração da dignidade sacerdotal.

Josué simboliza, assim, não só um homem, mas todo o povo que, saído da escravidão, precisava ser purificado para recomeçar.

Com Zorobabel, Josué foi responsável por lançar os alicerces do segundo Templo.

Embora a obra tenha enfrentado oposição de povos vizinhos e longos períodos de interrupção, foi sob sua liderança religiosa que se manteve viva a esperança.

O profeta Ageu exortava o povo: *“Sejam fortes, Zorobabel, Josué, e todo o povo da terra, trabalhem, porque Eu sou convosco”* (Ag 2,4).

Josué representa a pureza necessária para toda reconstrução, e suas vestes trocadas no livro de Zacarias são como o sinal de que nenhum trabalho humano pode prosperar sem a bênção espiritual que limpa e fortalece.

Ele nos recorda que as pedras do Templo não seriam suficientes sem corações renovados.

Se Salomão é lembrado como o rei que edificou o primeiro Templo e Esdras como o escriba da Lei, Josué é o sacerdote que se levantou entre as ruínas para que a adoração nunca se apagasse.

Josué é, portanto, o **Sumo Sacerdote da Restauração**.



ZEROBABEL

O nome Zorobabel significa “semeado na Babilônia” (*zera* = semente; *Bavel* = Babilônia).

Ele nasce durante o exílio babilônico, carregando no próprio nome a marca da dispersão, mas também a esperança da continuidade.

Era filho de Salatiel (Ez 3,2) ou, segundo outras genealogias, de Pedaías (1Cr 3,19), ambos descendentes da casa real de Davi.

Isso faz de Zorobabel um herdeiro legítimo da linhagem davídica, ainda que privado do trono.

Assim, sua figura se levanta como príncipe do exílio: não um rei coroado, mas o depositário da promessa messiânica de que a linhagem de Davi não se extinguiria.

Esdras 3,2-3: *“Então se levantaram Jesua, filho de Jozadaque, e seus Irmãos sacerdotes, e Zorobabel, filho de Salatiel, e seus Irmãos, e edificaram o altar do Deus de Israel”.*

Ageu 2,23: *“Naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, tomar-te-ei, ó Zorobabel, filho de Salatiel, servo meu, e te farei como um selo, porque te escolhi”.*

Zacarias 4,6-7: *“Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos. Quem és tu, ó grande monte? Diante de Zorobabel, serás uma campina; ele colocará a pedra principal aos gritos de Graça, Graça a ela”.*

Zorobabel retorna do cativeiro babilônico no decreto de Ciro, em 538 a.C., liderando a primeira caravana de exilados (Esd 2,2).

Sua missão é dupla: reerguer o Templo, o ato central da identidade do povo, e restaurar a comunidade, devolvendo a dignidade espiritual e social a Israel.

A obra, contudo, não foi fácil, ao sofrer oposição dos povos vizinhos (Esd 4,1-5), desânimo do próprio povo e longos períodos de paralisação, e foi necessária a intervenção profética de Ageu e Zacarias, que incentivaram Zorobabel a perseverar.

A imagem de Zorobabel colocando a primeira pedra e também a última pedra do Templo se tornou símbolo da perseverança espiritual.

No Terceiro Livro de Esdras, encontramos o episódio que inspira diretamente o Grau da Cruz Vermelha. Zorobabel, ainda jovem, apresenta-se na corte de Dario em meio a um concurso de sabedoria.

A passagem culmina com sua célebre frase: *“A Verdade permanece e é forte para sempre; vive e reina para sempre com Deus; não há injustiça nela, mas é o que é, sem aceção de pessoas. A todos faz bem, a todos honra sem parcialidade. Grande é a Verdade e mais forte que tudo”* (3 Esdras 4,38-40).

Esse trecho é a espinha dorsal do simbolismo do Grau. Zorobabel se torna o campeão da Verdade, não pela espada, mas pela sabedoria inspirada.

Para os judeus, ele é o símbolo do retorno e da esperança messiânica.

Embora nunca tenha reinado, sua presença confirmava que a linhagem de Davi continuava viva.



Para os cristãos, Zorobabel aparece na genealogia de Jesus em Mateus (1,12) e Lucas (3,27), como elo indispensável que conecta o exílio à promessa do Messias.

Na Ordem da Cruz Vermelha, Zorobabel é a encarnação do Iniciado que enfrenta tiranos, atravessa provações e prova que a Verdade é mais forte do que qualquer poder humano.

Ele simboliza a coragem de se apresentar diante dos poderosos sem se curvar; a constância de quem defende princípios mesmo diante da morte; o modelo do maçom que, diante das trevas do mundo, proclama a luz da Verdade como sua espada.

É por isso que, no ritual, todo candidato se torna, de certo modo, Zorobabel.

Ele revive a viagem à corte de Dario e reafirma que o poder do vinho e dos reis não supera a força eterna da Verdade.

“As mãos de Zorobabel lançaram os fundamentos desta casa, e as suas mãos também a acabarão” (Zacarias 4,9).



ZACARIAS

Zacarias (*Zekharyah*, זְכַרְיָה = “O Senhor se lembrou”) era de família sacerdotal, filho de Baraquias.

Ele viveu no mesmo período que Ageu, logo após o retorno do exílio, no reinado de Dario (520 a.C. em diante) e enquanto Ageu inflamava o povo com mensagens curtas e vigorosas, Zacarias tinha uma visão mais ampla, marcada por imagens, sonhos e símbolos.

Seu ministério começa dois meses depois do de Ageu (Zc 1,1), e juntos eles foram fundamentais para encorajar Zorobabel e Josué na reedificação do Templo.

Logo no início, Zacarias transmite a palavra do Senhor: *“Voltai-vos para mim, e eu me voltarei para vós”* (Zc 1,3).

Essa é a base de toda restauração, sem conversão do coração, o Templo seria somente pedra sobre pedra.

Zacarias profetiza sobre um personagem misterioso chamado “Renovo”: *“Eis aqui o homem cujo nome é Renovo; ele edificará o templo do Senhor...”* Ele levará a glória, assentar-se-á e dominará no seu trono”.

Para os judeus, essa palavra renovava a esperança messiânica ligada a Zorobabel; para os cristãos, é vista como profecia direta de Cristo.

Zacarias mistura história, profecia e visão apocalíptica.

Seus capítulos finais (Zc 9–14) trazem imagens messiânicas poderosas: o rei humilde que entra em Jerusalém montado num jumento (Zc 9,9), o pastor ferido e as ovelhas dispersas (Zc 13,7), o Senhor reinando sobre toda a terra (Zc 14,9).

É um profeta da esperança, mas também da luta espiritual. Ele recorda que Jerusalém não é somente uma cidade de pedra, mas um palco da revelação divina.

Ele nos ensina que o poder do rei e a habilidade dos guerreiros não bastam. O verdadeiro triunfo pertence ao Espírito do Senhor e àqueles que defendem a Verdade.

Assim, a presença de Zacarias no cenário da reedificação não é secundária: ele é o **intérprete espiritual** da missão. Zorobabel constrói, Josué santifica, e Zacarias inspira e confirma.

“Não por força, nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor” (Zc 4,6).





CADMIEL

CADMIEL

O nome Cadmiel (hebraico Qadmî'el, קַדְמִיֵּאל) significa “Deus está à frente” ou “Deus precede”, sugerindo alguém que caminha guiado pela presença divina.

Ele pertencia à tribo de Levi, da família dos levitas que serviam no cântico e no serviço do Templo.

Cadmiel retornou da Babilônia com Zorobabel e Jesua (Josué, filho de Jozadaque), integrando a primeira caravana de exilados libertos pelo decreto de Ciro (Esdras 2,40), e desde o início, esteve entre os líderes levitas que assumiram a missão de restabelecer o culto no segundo Templo.

Cadmiel não era príncipe como Zorobabel, nem sumo sacerdote como Josué, nem profeta como Zacarias ou Ageu, ele representava a coluna levítica, isto é, aqueles que sustentavam o louvor, a música, a oração e o ensino.

Sua função foi coordenar os trabalhadores no lançamento dos alicerces do Templo e manter o povo em adoração durante a obra, lembrando que reconstruir Jerusalém não era somente tarefa material, mas espiritual, e liderar orações coletivas, intercedendo pelo perdão dos pecados do povo e reafirmando a aliança com Deus.

Na Maçonaria e no Rito de York, Cadmiel pode ser compreendido como o retrato do Irmão servidor, ele não aparece em posição de destaque, mas sua voz, sua presença e seu trabalho coletivo sustentam toda a edificação.

É aquele que chega mais cedo, prepara os paramentos, organiza os materiais e garante que tudo esteja pronto para que os trabalhos se realizem, não ocupa os tronos nem profere discursos inflamados, mas seu labor silencioso é o alicerce invisível sobre o qual repousa toda a obra.

Relato pessoal: “Por cerca de vinte anos, servi no Capítulo Santo Graal nº 22, depois no Críptico e na Comanderia, cuidando da montagem do Templo, da aquisição, aprimoramento e manutenção dos materiais. Preparar o espaço antes dos trabalhos e recolhê-lo ao término sempre foi para mim um exercício de disciplina e devoção. Agora, ao deixar essa função, entrego também manuais e registros que compilei ao longo do tempo. Espero que os próximos trabalhos sejam ainda mais elevados, conduzidos com zelo e beleza, pois aquele que serve de coração não busca reconhecimento, deseja somente que a obra permaneça viva e digna.”

O exemplo de Cadmiel recorda que não existem templos sem cântico, sem oração e sem a chama da devoção.

A construção não depende somente de mestres e líderes visíveis, mas também daqueles que, sem alarde, mantêm o fogo aceso e o espírito unido.

Ele é símbolo de humildade e, ao mesmo tempo, de força espiritual, pois quem serve de coração governa com uma autoridade que não vem dos homens, mas de Deus.

É o lembrete de que nenhum templo pode permanecer sem louvor, sem oração e sem a gratidão que consagra cada pedra.







A SEGUNDA PEDRA

O relato está em Esdras 3,8-13, no segundo ano após o retorno do exílio, no segundo mês, Zorobabel, Josué (filho de Jozadaque), os sacerdotes, levitas e todo o povo que havia regressado se reuniram em Jerusalém, era chegada a hora de lançar os fundamentos do novo Templo do Senhor.

Foi um momento de emoção profunda, os sacerdotes, paramentados, tomaram seus lugares; os levitas, sob a liderança de Jesua e Cadmiel, assumiram a direção dos cânticos.

E, quando os fundamentos foram lançados, houve um grande coral de trombetas e címbalos, entoando louvores segundo as prescrições de Davi, rei de Israel.

“Cantavam, louvando e celebrando ao Senhor, Ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre sobre Israel. E todo o povo jubilou com grande júbilo ao louvarem ao Senhor pela fundação da casa do Senhor” (Esd 3,11).

Mas também havia lágrimas, muitos dos mais velhos, que ainda viram a glória do Templo de Salomão, choravam alto, enquanto outros gritavam de alegria.

E assim, entre vozes misturadas de pranto e júbilo, os fundamentos foram lançados, foi o encontro da memória do passado com a esperança do futuro.

As trombetas (em hebraico *ḥašoşerāh*) eram instrumentos de metal, geralmente de prata, e utilizados no culto de Israel desde os tempos de Moisés.

Tinham som forte e penetrante, usadas para convocar assembleias e dar sinal de partida em jornadas; anunciar festas solenes; e, sobretudo, acompanhar sacrifícios e louvores no Templo.

O toque da trombeta tinha um sentido espiritual: era a voz de Deus chamando o povo, no contexto da reedificação, significava o anúncio de um novo tempo, a proclamação de que a Aliança permanecia viva.

Os címbalos (hebraico *şelşelîm*) eram instrumentos de percussão, semelhantes a pratos metálicos que se batiam entre si, produzindo um som vibrante.

Davi já os havia incluído no serviço do Templo e eram usados especialmente pelos levitas cantores.

O címbalo, diferente da trombeta, não chamava de longe, mas marcava o ritmo da adoração, seu som agudo acompanhava os cânticos de louvor, dando intensidade e solenidade ao culto.

Na tradição bíblica, o címbalo simboliza a alegria estrondosa diante de Deus, como se o som metálico representasse a vibração das próprias pedras do Templo se unindo ao cântico humano.

O lançamento dos fundamentos do Segundo Templo, acompanhado de trombetas e címbalos, nos ensina que a edificação da casa do Senhor não era somente trabalho de pedreiros e arquitetos, mas ato de adoração e consagração, onde cada pedra era colocada ao som de louvores, como se música e fé fossem a argamassa invisível.

As trombetas representavam a voz de Deus convocando seu povo para o pacto renovado e os címbalos expressavam a alegria coletiva, o ritmo da esperança e a vibração espiritual.

Assim, ao lançar os fundamentos, não se estava somente começando uma obra de construção civil, mas levantando novamente o eixo espiritual de Israel, unindo memória, fé e esperança sob o som da música sagrada.



A TRIBO DE BENJAMIN

De Benjamim descendeu uma das doze tribos de Israel, que ocupava a região entre Judá e Efraim, sua terra incluía Jerusalém, Gibeá e Mispá, lugares estratégicos tanto no plano militar quanto religioso.

Apesar de pequena, a tribo de Benjamim teve papel decisivo em vários momentos, foi dela que saiu Saul, o primeiro rei de Israel.

Os guerreiros benjamitas eram famosos por sua habilidade: *“De toda a tribo de Benjamim havia setecentos homens escolhidos, canhotos, que atiravam com a funda uma pedra a um fio de cabelo, sem errar”*.

Mais tarde, do mesmo tronco nasceriam figuras centrais do Novo Testamento, como o apóstolo Paulo, que se apresenta como *“hebreu de hebreus, da tribo de Benjamim”*.

No contexto da reedificação do Segundo Templo, as famílias da tribo de Benjamim estiveram entre as que retornaram do exílio babilônico ao lado de Judá e Levi.

Era natural que assim fosse, pois Jerusalém se situava nos limites de sua herança tribal.

O retorno de benjamitas para habitar em Jerusalém está registrado em Neemias.

Isso mostra que a reconstrução da cidade sagrada não foi somente obra de Judá, mas também dos filhos de Benjamim, guardiões de uma herança que se entrelaçava à própria geografia de Sião.

No contexto da Maçonaria e da Ordem da Cruz Vermelha, Benjamim é símbolo da **força espiritual que nasce da adversidade**.

Assim como Jerusalém renasceu das cinzas, o filho da dor se tornou filho primordial.





ESAR-HADOM

Foi rei da Assíria de 681 a 669 a.C., sucessor de Senaqueribe, seu pai; seu nome, de origem acádica (*Ashur-aḫa-iddina*), significa “Assur deu um Irmão”.

Ele governou um vasto império, estendendo-se da Mesopotâmia até o Egito, sendo conhecido tanto por campanhas militares quanto por estratégias diplomáticas de reassentamento populacional.

Nos registros históricos, Esar-Hadom se destacou por reconstruir Babilônia, que havia sido destruída por seu pai, e por impor uma política de deportações e mesclas populacionais, marca característica da dominação assíria.

A Bíblia o menciona em Esdras 4,2: *“Então chegaram a Zorobabel e aos chefes das casas paternas, e lhes disseram: Deixai-nos edificar convosco, porque, como vós, buscamos ao vosso Deus; como também a Ele sacrificamos desde os dias de Esar-Hadom, rei da Assíria, que nos fez subir até aqui”*.

Esse trecho é fundamental, ao mostrar que os povos estrangeiros que haviam sido trazidos à Samaria e regiões vizinhas diziam adorar ao mesmo Deus de Israel desde os tempos de Esar-Hadom.

Na prática, tratava-se de uma mistura de crenças, eles haviam recebido instrução sobre o culto ao Deus de Israel, mas continuavam a seguir seus próprios deuses.

Isso ajuda a entender por que Zorobabel, Josué e os chefes de Judá recusaram a ajuda desses povos na reedificação do Templo, pois não se tratava de desprezo, mas da consciência de que a pureza do culto precisava ser preservada, sem sincretismos.

Ele consolidou o império assírio após a morte violenta de Senaqueribe e reconstruiu a Babilônia, numa política de restauração que, curiosamente, ecoa no tema da reconstrução de Jerusalém, embora em outro contexto.

Implementou a deportação de povos para Samaria e Judá, o que deu origem ao povo samaritano, misto de israelitas remanescentes e estrangeiros.

Entrou em conflito com o Egito, chegando a conquistar Mênfis em 671 a.C.

Na narrativa do Grau da Cruz Vermelha, Esar-Hadom não aparece como protagonista, mas como pano de fundo histórico.

Sua política de migração forçada explica por que, no tempo de Zorobabel, havia em Jerusalém e seus arredores povos que diziam adorar ao mesmo Deus, mas que carregavam práticas estranhas.

Ele simboliza, portanto, o desafio da mistura religiosa: o risco de edificar a Casa do Senhor com mãos que não partilhavam da mesma aliança.

Isso reforça o sentido do grau, a pureza da Verdade não pode ser diluída em conveniências ou sincretismos.



CAMBISES

Cambises II foi filho de **Ciro, o Grande**, e governou o Império Persa entre **530 e 522 a.C.**

É lembrado principalmente pela sua campanha militar contra o Egito, que o transformou em senhor da maior extensão territorial que a Pérsia conhecera até então.

Seu nome, do persa antigo *Kambūjia*, significa algo como “*aquele que dá honra*”.

Após a morte de **Ciro**, herdou o trono e consolidou as conquistas do pai e, em 525 a.C., derrotou os egípcios na **batalha de Pelúcio**, conquistando o Egito e assumindo o título de faraó.

Sua campanha, porém, foi marcada por episódios de crueldade, exageros e instabilidade, e algumas fontes, como Heródoto, o descrevem como tirânico, embora esses relatos sejam vistos hoje com cautela, ao poderem refletir propaganda política de seus adversários.

Morreu em 522 a.C., em circunstâncias obscuras, e provavelmente durante a marcha de retorno da campanha egípcia.

Na Bíblia, Cambises não aparece nominalmente, mas sua figura é lembrada nos registros de **Esdra**s como o rei que sucedeu Ciro.

Em **Esdra**s 4,4-5 lemos: *“Então os povos da terra enfraqueciam as mãos do povo de Judá, e os inquietavam, perturbando-os na edificação. E alugaram conselheiros contra eles, para frustrarem o seu propósito, todos os dias de Ciro, rei da Pérsia, até ao reinado de Dario, rei da Pérsia”*.

A tradição judaica entende que foi justamente durante o reinado de Cambises que a obra do Templo foi **paralisada**.

Os opositores enviaram cartas e acusações contra os judeus, alegando que a reconstrução era perigosa, pois Jerusalém era cidade rebelde.

Cambises teria aceitado tais acusações, resultando na interrupção da obra até o reinado de Dario (Ed 4,24).

Cambises representa o **tempo da prova e da suspensão**. Após a esperança despertada por Ciro, o povo de Jerusalém se vê novamente em silêncio, incapaz de prosseguir na obra.

É o símbolo dos obstáculos que surgem no caminho da Verdade, quando forças externas tentam impedir o progresso da edificação espiritual.

Se Ciro foi o “*rei libertador*” e Dario o “*rei que confirmou o decreto*”, Cambises é o **rei da pausa, da incerteza e da adversidade**.

No enredo do Grau, sua memória é importante para mostrar que a reconstrução não foi linear nem simples, mas marcada por altos e baixos, fé e desânimo.

Flávio Josefo, Antiguidades Judaicas confirma que Cambises suspendeu a reconstrução após ouvir acusações contra os judeus.

Cambises é o personagem que nos recorda que a construção do Templo não foi somente um ato político autorizado por reis, mas uma luta espiritual constante.

Ele simboliza os momentos de pausa forçada, quando a esperança parece ser sufocada pelas pressões externas.

Mas também nos lembra que a obra de Deus não pode ser detida para sempre, ela pode ser adiada, mas sempre será retomada.



ATAXERXES

O nome “Artaxerxes” (*Artakhshathra* em persa antigo, que significa “*aquele cujo reino é justo*”) designa vários reis persas da dinastia aquemênida.

Na Bíblia, a menção geralmente se refere a **Artaxerxes I Longímanso** (465–424 a.C.), embora haja debate entre estudiosos sobre qual dos reis é exatamente citado em alguns textos de Esdras.

O título **Longímanso** (em grego *Makrocheir*) significa “*mão longa*”, aludindo a uma deformidade física.

Artaxerxes é o rei para quem os inimigos de Judá escrevem uma carta acusatória contra Jerusalém e alegam que a cidade era rebelde e perigosa.

O rei, após consultar os arquivos, confirma que Jerusalém tivera um passado de revoltas e ordena a paralisação das obras.

“Fazei cessar a obra daqueles homens, e esta cidade não se reedifique, até que por mim se dê ordem” (Esd 4,21).

Esse decreto reforça a pausa que já vinha desde Cambises.

Anos mais tarde, o mesmo rei Artaxerxes emite um **novo decreto**, agora favorável, ele autoriza Esdras, escriba sacerdote, a levar uma caravana de judeus a Jerusalém, levando consigo prata, ouro e utensílios sagrados, e lhe concede poderes para organizar a vida religiosa da comunidade (Esd 7,11-28).

É a Artaxerxes que Neemias serve como copeiro, e em uma cena memorável, Neemias, triste pela ruína de Jerusalém, solicita permissão ao rei para retornar e reconstruir as muralhas, e Artaxerxes concede a autorização, cartas de recomendação e recursos (Ne 2,1-8).

Artaxerxes aparece, portanto, em duas posturas distintas, primeiro, como aquele que **manda parar** a reconstrução e, depois, como aquele que **autoriza e patrocina** o envio de Esdras e Neemias, garantindo meios para restaurar a cidade.

Esse paradoxo mostra a realidade política da época, Jerusalém estava no centro de disputas regionais, e o favor real podia mudar conforme os conselheiros ou as circunstâncias.

Heródoto menciona Artaxerxes somente indiretamente, já que sua obra foca em Xerxes.

Flávio Josefo descreve Artaxerxes como o rei que apoiou Esdras e Neemias, reforçando o papel positivo do monarca.

Registros persas confirmam que Artaxerxes I reinou durante o período de Esdras e Neemias, ele representa a **autoridade real como instância ambígua**, que ora se volta contra a obra da Verdade, ora a favorece.

É o **rei do livre-arbítrio político**, mostrando que os projetos espirituais muitas vezes dependem da oscilação das potências do mundo.

Na Ordem, sua lembrança ensina que a Verdade pode ser retardada pelos homens, mas nunca destruída: cedo ou tarde, até reis e impérios se tornam instrumentos dela.

“Se ao rei parece bem, envia-me a Judá, à cidade dos sepulcros de meus pais, para que eu a reedifique”

Ele ensina que a reconstrução de Jerusalém não depende somente do esforço humano ou da benevolência dos reis, mas do desígnio de Deus.



O TRONO DA PÉRSIA

O trono da Pérsia resplandecia em Susã, e sobre ele estava sentado Artaxerxes, filho de Xerxes, senhor de um império que se estendia do Oriente ao Egito.

Seus olhos carregavam o peso de muitos julgamentos, habituados a percorrer cartas e decretos, enquanto conselheiros murmuravam ao seu redor.

Certo dia, chegaram diante dele mensageiros de Samaria e de outras regiões vizinhas de Judá, trazendo cartas carregadas de suspeita: “Sabei, ó rei, que os judeus que subiram de ti chegaram a Jerusalém, eles estão reedificando a cidade rebelde, de maus costumes, que já se levantou contra reis no passado e se esta cidade for reconstruída, não pagarão tributo, nem impostos, nem rendas, e isso trará prejuízo ao tesouro real.”

Artaxerxes ordenou que se buscassem os registros antigos, e ali encontrou, de fato, histórias de rebeliões, guerras e insubmissões ligadas a Jerusalém, e o temor tomou conta de seu coração e, sem hesitar, respondeu:

“Agora, faizei cessar a obra daqueles homens. Não se edifique esta cidade, até que por mim se dê ordem.”

Sob a ordem do rei, as ferramentas caíram em silêncio, as mãos dos trabalhadores se recolheram e as pedras permaneceram espalhadas pelo pó.

Os cânticos cessaram e Jerusalém ficou suspensa entre a memória do esplendor e o peso da ruína.

Mas os anos passaram, e o coração do rei já não era o mesmo, o tempo que apaga lembranças também suaviza temores, então, diante dele, surgiu um homem de semblante grave, mas humilde.

Neemias, seu copeiro fiel, numa noite de serviço, ao oferecer o vinho, não conseguiu ocultar sua tristeza, e Artaxerxes o fitou e disse:

— Por que estás triste o teu rosto, se não estás doente?

— Isto é tristeza do coração. Neemias tremeu, mas respondeu:

— Como não estaria triste o meu coração, se a cidade dos sepulcros de meus pais está deserta, e as suas portas foram consumidas pelo fogo?

O rei se inclinou e perguntou: — O que me solicitas, Neemias?

E Neemias falou de sua dor e de seu desejo de retornar a Jerusalém, de reedificar as muralhas e devolver dignidade à cidade de seus pais.

Solicitou cartas para atravessar as províncias, madeira dos bosques reais e autoridade para liderar os trabalhos.

O rei olhou para a rainha que estava sentada a seu lado e, após um instante de silêncio, assentiu:

— Vai, e reedifica a cidade de teus pais.

Mais tarde, outro decreto saiu de sua própria mão, entregando a Esdras, o escriba sacerdote, não somente a bênção do retorno, mas ouro, prata e os utensílios sagrados que ainda permaneciam na Pérsia.

Assim, com sua palavra, Jerusalém começou a se levantar novamente.



INVESTIDURA

O Conselho estava reunido, e Zorobabel se colocou no centro do recinto, diante do sumo sacerdote Josué e dos anciãos.

Então lhe foi trazida uma faixa de seda verde, que descia do ombro até a cintura.

Os levitas a colocaram sobre ele com gestos solenes, e logo todos puderam ver bordada uma cruz vermelha no peito.

O sumo sacerdote ergueu a mão e explicou aos presentes:

— Esta cor verde é sinal da vida que se renova.

Assim como a relva brota após a chuva, assim também Jerusalém voltará a florescer das ruínas.

A faixa é esperança, é promessa, é o renascer do nosso povo sob a mão do Altíssimo.

Depois, pousou o dedo sobre a cruz escarlate e acrescentou:

— Vede este sinal, Irmãos. Não o olheis somente como dois traços cruzados, mas como o encontro do Céu com a Terra, da eternidade com o tempo, dos homens com o Senhor.

O vermelho é o sangue da Aliança, que nossos pais derramaram no altar desde os dias de Moisés.

Cada cordeiro imolado, cada sacrifício oferecido, estava inscrito nesta cor, que não é de morte, mas de vida consagrada a Deus.

E continuou:

— Assim, o que hoje parece somente um adorno é, na verdade, a lembrança daquilo que sustenta nossa fé.

Esta cruz vermelha é o altar, é o sacrifício, é a união entre nós e o Altíssimo.

E se um dia outros povos lhe derem outro sentido, saibam que, para nós, agora, ela é o selo da Verdade que Zorobabel levará em sua missão.

O conselho inteiro respondeu com um canto em uníssono, e a voz de muitos ergueu-se como trombetas, selando a investidura.

Zorobabel, com a espada numa mão e a faixa verde com a cruz vermelha sobre o peito, foi enviado não somente como emissário dos homens, mas como porta-voz da esperança de Israel.





O PASSE

O PASSE

Havia em Jerusalém um gesto solene, guardado pelos Irmãos como um tesouro, era um sinal de espada, breve e silencioso, que recordava ao iniciado que a Verdade não se defende somente com lábios, mas também com ação.

O movimento, que não pode ser descrito, era conhecido entre os que haviam recebido a luz da Ordem, e servia como reconhecimento entre eles, assim como um pacto silencioso que une homens separados por terras e reinos.

Mas o passe não se limitava ao gesto, ele se sustentava na memória de duas tribos que permaneceram firmes quando tantas outras se dispersaram.

Uma à direita, outra à esquerda, guardiãs de Jerusalém, lembrando que a fidelidade do povo não se apagou no exílio, seus nomes atravessavam os séculos como colunas que sustentam um templo invisível, não somente como designações genealógicas, mas como símbolos de constância, resistência e aliança.

Com esses sinais gravados na mente e no coração, Zorobabel se aproximava dos guardas dos portões.

Cada passo dado era acompanhado pela consciência de que não levava somente sua vida, mas a esperança de um povo inteiro.

Diante dos homens armados, ele não avançava com a espada desembainhada, mas com os passes e senhas que demonstravam que vinha em paz, como embaixador reconhecido.

Seu conhecimento e sua fidelidade eram seu escudo.

Assim, pelos postos e fronteiras, os sinais o conduziam, e não era somente tolerado, mas respeitado.

O gesto silencioso da espada e a evocação das tribos faziam-no ser admitido entre aqueles que conheciam o mesmo pacto.

Até os limites do reino avançou, sustentado pela memória e pela confiança.

Mas ao cruzar as terras da Babilônia, já não era o mesmo, pois, lá, sua identidade não era conhecida, nem seus sinais compreendidos.

Não se apresentou como inimigo, mas tampouco foi recebido como amigo.

Naquela terra estrangeira, o silêncio de seus sinais não encontrou eco.

Zorobabel compreendeu, naquele instante, que há fronteiras onde a linguagem da Verdade não é reconhecida.

Mesmo assim, seguiu.

Sua missão não dependia da aceitação dos guardas, mas da certeza interior de que cada passo o aproximava da promessa.

O passe o havia protegido até ali, mas dali em diante, somente sua coragem, sua fé e a verdade que carregava no coração poderiam conduzi-lo.



GRILHÕES E VESTES

Na história de Israel, os grilhões e as vestes de escravidão não foram somente metáforas.

Eles foram ferro e pano, carne marcada e alma abatida.

Na Babilônia, os exilados choraram às margens dos rios, lembrando-se de Sião, com correntes invisíveis no pescoço.

Mais tarde, sob impérios sucessivos, gregos, romanos, inquisidores e tiranos, os judeus conheceram sempre a mesma veste áspera, sempre os mesmos grilhões, mudava o tempo, mudava o algoz, mas o peso da perseguição permanecia.

Esses grilhões, porém, não prendiam somente braços e pernas, eram também correntes lançadas sobre o pensamento.

A liberdade de agir, de cultuar, de viver conforme a própria fé, tantas vezes foi arrancada e humilhada.

A história mostra que nenhum ferro consegue calar uma alma desperta e os grilhões podem esmagar o corpo, mas não conseguem sufocar a lembrança da Aliança.



Se de um lado havia homens vestidos com ouro, púrpura e seda, que se imaginavam reis e senhores do mundo, de outro havia escravos em trapos, cheirando mal, mas que caminhavam como príncipes no coração.

A história está repleta desses contrastes: os que cobriam sua miséria interior com panos de luxo e os que, na pobreza da aparência, revelavam a majestade da alma.

Pois não é o tecido que reveste o corpo que faz o homem livre ou digno, mas aquilo que reveste sua consciência.

Há reis que se perdem no brilho das coroas e há prisioneiros que, mesmo algemados, reinam sobre si e sobre os outros.

Os grilhões, em sua forma mais cruel, são externos: correntes, cárceres, açoites.

Mas o pior deles é interno, quando o homem se acostuma a ser escravo de seus próprios medos, desejos ou vaidades.

Há quem nunca tenha sentido o peso do ferro nos punhos, mas carrega a vida inteira os grilhões invisíveis da ambição, do ódio ou da ignorância.

E há, por outro lado, os que, mesmo acorrentados, encontraram a liberdade verdadeira.

Sócrates bebeu veneno com serenidade porque era livre em sua consciência.

Os profetas falaram diante de reis, sendo perseguidos, mas não calaram porque eram livres no espírito.

O grilhão é o símbolo da queda, da prisão da alma no corpo, da condição humana subjugada ao tempo e ao sofrimento.

As vestes de escravidão são a ilusão do mundo, que cobre o homem com aparências passageiras, fazendo-o esquecer-se de sua origem divina.

Mas cada corrente pode ser também um mestre, pois aquele que aprende a suportar o peso dos grilhões com paciência e fé descobre que a verdadeira liberdade não depende de correntes quebradas, mas de consciência desperta.

Vestes são somente véus, o ouro e a seda podem ocultar a podridão, enquanto o pano grosseiro pode esconder uma luz radiante.

O iniciado aprende a discernir o que é aparência e o que é essência, e aprende que a verdadeira coroa não é de metal, mas de espírito, e que a veste digna não é a púrpura, mas a justiça, que a liberdade não é fazer tudo o que se quer, mas ser senhor de si.

Os grilhões continuam a existir, mudando de forma a cada geração, às vezes correntes de ferro, outras vezes correntes de ideias.

Mas os homens livres no coração jamais se curvaram, eles lembram que a dignidade não está no traje, mas no ser, não está na posição, mas na consciência.

A história dos judeus perseguidos, como a de tantos povos que conheceram a dor da escravidão, ensina que o homem pode ser despido, acorrentado e humilhado, mas se dentro dele brilhar a Verdade, será sempre rei, ainda que vestido em farrapos.



O PRIMEIRO ENTRE OS SEUS

Sim, meu Irmão, Zorobabel alegava ser o primeiro, e também um Mestre Maçom, e não é a coroa que faz o rei, nem a púrpura que faz o príncipe.

A história está repleta de homens que se cobriram de ouro, seda e títulos, mas que não tinham um sopro de dignidade em seus atos.

Em contrapartida, muitos caminharam em trapos, esquecidos nas ruas ou nas prisões, e ainda assim eram reis no coração, senhores de si, primeiros entre os seus.

Ser o primeiro não é mandar, mas servir.

É erguer-se quando todos estão caídos, é falar quando o medo cala, é dar o passo adiante quando a multidão hesita.

Aquele que se coloca na frente não o faz por glória pessoal, mas porque sente que o peso do caminho não pode ser suportado sozinho.

Na tradição do nosso povo, ser o primeiro é assumir a herança da responsabilidade.

Muitos reis se perderam no esplendor das cortes, mas alguns poucos souberam carregar em silêncio a missão que lhes cabia.

A história nos mostra que os verdadeiros líderes não foram os que se cobriram de joias, mas os que aceitaram vestir-se com as vestes de escravidão com seu povo, sem renegar a esperança.

O primeiro entre os seus não é aquele que governa com ferro, mas aquele que inspira com exemplo.

É o que abre a estrada em meio ao deserto, ainda que seus pés sangrem nas pedras.

É o que mantém viva a chama da liberdade, mesmo quando os grilhões tentam sufocar a alma.

E assim aprendemos que cada iniciado é chamado, em seu próprio tempo, a ser o primeiro entre os seus.

Primeiro na sua família, no trabalho, na comunidade, no templo.

Primeiro, porque carrega a chama da Verdade e se dispõe a mantê-la acesa quando outros se apagam.

Primeiro, porque não teme se levantar, mesmo sozinho, sabendo que depois dele outros se erguerão.

Ser Mestre, naquele tempo de ruínas e esperança, não era somente conhecer medidas ou manejar o cinzel.

Ser Mestre era ter a coragem de permanecer em Jerusalém quando tantos ainda temiam regressar.

Era conseguir olhar para as pedras espalhadas, cobertas de pó e cinzas, e enxergar nelas o contorno invisível de um templo que ainda não existia, mas já pulsava em sua alma.

O Mestre daquela época não tinha palácios, nem segurança, nem muralhas que o protegessem.

Tinha somente a sua fé, sua memória e sua esperança.

Muitas vezes vestia trapos, cheirava à poeira do trabalho e se alimentava do pouco que havia, mas em seu coração reinava como príncipe.

Não porque tivesse riquezas, mas porque sabia que cada pedra recolocada era um ato de fidelidade ao Altíssimo.

Ser Mestre era conduzir sem armas, ensinar sem livros, transmitir sem papéis.



Era reunir os companheiros à luz de tochas, levantar a voz nos escombros e lembrar que não se constrói um Templo somente com mãos, mas sobretudo com almas.

Era também enfrentar os que zombavam da obra, os que diziam que Jerusalém não voltaria a ser nada.

O Mestre respondia não com palavras afiadas, mas com a paciência da argamassa, com a perseverança do martelo que não se cansa, com a esperança que não morre.

Naquela época, ser Mestre era saber que cada traço de cinzel era mais que trabalho, era oração.

Cada pedra assentada era sacrifício, cada muro que se erguia era uma prece feita de cal e suor.

E, acima de tudo, ser Mestre era compreender que a obra externa era somente reflexo de uma obra maior, a reconstrução do coração humano, o restabelecimento da aliança entre o homem e seu Deus.

Por isso, o Mestre da restauração não buscava reconhecimento.

Ele sabia que muitos dos que se vestiam com ouro e púrpura não passavam de escravos de sua própria vaidade.

Ele, coberto de pó, vestido de humildade, era livre em espírito.

E essa liberdade fazia dele o verdadeiro “*primeiro entre os seus*”, não por trono ou cetro, mas porque sua alma reinava sobre si.

Assim, o Mestre Maçom daquele tempo não é somente um personagem perdido na história.

Ele é espelho e exemplo.

Ele nos recorda que ser Mestre não é título, mas missão.

Que ser Mestre não é sentar-se em cadeiras elevadas, mas estar de pé entre as ruínas, guiando o povo para que, das pedras quebradas, se ergam novamente colunas firmes.





O PASSE PERSA

Dario estava sentado em seu trono, cercado de guerreiros, escribas e ministros, quando Zorobabel foi conduzido à sua presença.

Assim que o viu, o rei abriu um sorriso, e o recebeu não como prisioneiro, mas como amigo de juventude, recordaram os dias antigos, quando juntos haviam cavalgado e sonhado com conquistas.

— Nunca me esqueci de ti, disse o rei, e nem da promessa que fiz de auxiliar na reedificação do Templo em Jerusalém.

Doravante, serás tratado como meu Irmão, e nunca mais serás importunado na Babilônia.

Para isso, ensino-te o Passe Persa e as palavras sagradas que abrirão as portas deste reino.

Os dignitários se entreolharam e Zorobabel inclinou a cabeça em gratidão.

Agora que partilhamos a amizade e o segredo da Pérsia, em retribuição quero que me mostres o Passe Judaico, para que eu também seja admitido em Jerusalém como amigo.

Assim como tudo estará bem aqui, também estará bem na tua terra.

O silêncio caiu como uma espada sobre o ar.

Zorobabel ergueu os olhos, firme e respondeu: - Senhor, por mais que eu te admire como amigo, não posso conceder-te tal coisa, o Passe de Israel não pertence a mim, mas ao Conselho de Jerusalém, e só aos filhos de Judá é dado o direito de recebê-lo, eu seria um traidor se ousasse revelá-lo.

A sala estremeceu. O semblante do rei se escureceu.

— Então recusarás ao teu rei? — disse Dario. — Sabe que o preço da desobediência é a morte.

No mesmo instante, soldados o agarraram e o levaram à força. A corda foi posta em seu pescoço, e o alçapão estava pronto.

Dario, de pé, falou pela última vez: — Dá-me o Passe Judaico ou teus pés cairão no vazio.



Se eu revelasse o Passe Judaico sob ameaça, também revelaria o Persa à primeira espada que me fosse apontada.

Quem não guarda um segredo por fidelidade, não guardará segredo algum.

O rei fez um sinal.

O alçapão abriu, e o corpo de Zorobabel caiu.

Mas a queda foi breve, não mais que trinta centímetros, em vez da morte, encontrou um travesseiro de plumas que o sustentou.

O silêncio se quebrou quando Dario se levantou, sorrindo.

— Eis a prova! — proclamou.

— Foste tentado, mas permaneceste fiel.

Foste ameaçado, mas não traíste. Assim se reconhece um verdadeiro amigo, um verdadeiro mestre.

Ordenou então que lhe fossem dados títulos, ouro e decretos favoráveis à reedificação de Jerusalém.

— A Babilônia e a Pérsia estarão contigo, Zorobabel.

— Tu tens a minha amizade eterna, pois soubeste ser fiel ao que é teu e leal ao que partilhamos.

E todos os presentes compreenderam que, naquele dia, não somente Jerusalém ganhara um defensor, mas que a amizade de dois homens se convertera em aliança entre dois povos.



O LEÃO SEM COROA

Dario ergueu-se, tirou do dedo um anel e o levantou diante dos olhos de todos.

— Este anel vale mais que qualquer joia em meu reino, pois, quem o tiver, poderá solicitar-me qualquer coisa em troca de devolvê-lo, e eu concederei o desejo.

Que ele seja, pois, o prêmio de quem responder ao enigma que vos proponho:

“Todas as forças de um homem não podem fazê-lo rei. Toda a força de um rei não pode fazê-lo feliz. Todos os amores de uma mulher não podem garantir um herdeiro. Todas as ambições de um filho não podem torná-lo rei. E todo o ouro de um comerciante não pode fazê-lo sentar no trono. Agora vos pergunto: o que repousa sobre as patas de um leão sem coroa, ao fim da estrada?”

Um silêncio pesado caiu sobre a mesa.

Então, um primeiro dignitário se adiantou.

Disse o general: — Senhor, sobre as patas de um leão sem coroa repousa a força bruta. Pois o leão, mesmo sem realeza, é temido e respeitado pela sua garra.

No fim da estrada, quando tudo falha, reis, herdeiros, ouro e ambição, é a força que sustenta o trono.

O rei assentiu, mas não retirou o anel do dedo.

Um sábio ancião tomou a palavra:

— Não, senhor. Sobre as patas de um leão sem coroa repousa o destino. Pois, ainda que lhe falte a coroa, a marca de sua natureza o acompanha.

O trono pode ser perdido, o ouro pode ser roubado, mas aquilo que nasce no sangue, como a realeza no leão, nunca o abandona. No fim da estrada, o destino sempre o alcança.

O rei sorriu, mas permaneceu em silêncio.

Então se levantou um comerciante rico:

— Digo-vos que sobre as patas do leão sem coroa repousa o orgulho.

Pois, ainda que lhe tirem a coroa, ele não deixa de andar altivo, nem de mostrar sua juba. No fim da estrada, quando nada mais resta, é o orgulho que o sustenta.

Alguns assentiram, outros murmuraram, mas o rei ainda não se deu por satisfeito.

Por fim, Zorobabel se levantou.

Seu olhar era firme e sua voz clara.

— Senhor, sobre as patas de um leão sem coroa, no fim da estrada, não repousa a força, nem o destino, nem o orgulho.

Repousa a fidelidade.

Todos se voltaram para ele, e Zorobabel prosseguiu:

— Porque a força pode se enfraquecer, o destino pode ser desviado e o orgulho pode se perder em vaidade, mas a fidelidade permanece até a morte.

O homem pode não se tornar rei, o rei pode não encontrar felicidade, a mulher pode não ter herdeiros, o filho pode não alcançar o trono, o comerciante pode não conquistar o poder.

Mas se for fiel, terá vencido, pois **a fidelidade é a coroa invisível que nenhum inimigo pode arrancar.**

Fez-se um silêncio maior que o anterior. Dario então sorriu e colocou o anel na mão de Zorobabel.

— Eis a resposta verdadeira, no fim da estrada, mesmo sem coroa, só a fidelidade permanece como fundamento do poder e da amizade.

Zorobabel tomou o anel das mãos do rei, durante alguns instantes, fitou-o em silêncio, como quem contempla o peso de uma promessa, depois, diante de toda a corte, estendeu a mão e o devolveu imediatamente a Dario.

— Senhor, a recompensa me foi dada, mas não desejo joias, nem títulos, nem terras, concede-me somente o prêmio que outrora já recebi em nossa juventude, quando não éramos príncipe nem rei, o abraço de amizade que selava nossa fraternidade.

O rei, comovido, ergueu-se do trono, desceu os degraus lentamente e, sem se importar com as coroas, as espadas e os olhares dos dignitários, abriu os braços e apertou Zorobabel contra o peito.

O ouro é somente metal, mas o abraço é eternidade.





REPATRIADOS

As ruas de Jerusalém ainda estavam cobertas de pó e silêncio quando os primeiros exilados retornaram.

Não havia muralhas, o altar estava em ruínas e o Templo, que outrora fora o orgulho de Israel, não passava de memória e cinzas.

Mesmo assim, os sacerdotes se apressaram em levantar o altar para que o sacrifício não faltasse.

Ainda que pobre, ainda que improvisado, era sinal de que a presença de Deus não havia sido esquecida, e o povo, contudo, logo percebeu que reconstruir não seria simples.

O ouro que outrora brilhava em vasos e candelabros agora estava em cofres estrangeiros, espalhados entre Babilônia e Susã.

Os utensílios sagrados que Salomão mandara forjar haviam sido profanados por Nabucodonosor.

Taças de ouro, bacias de prata, pratos para as oferendas, colheres e vasos que outrora serviram no Templo estavam agora em mãos que não conheciam o Deus de Israel.

Foi nesse tempo de incerteza que o nome de Dario ecoou, e os inimigos tentaram interromper a obra, mas quando se buscou nos arquivos reais, descobriu-se o decreto de Ciro, e o novo rei não somente confirmou a ordem, mas a ampliou.

O decreto de Dario caiu como chuva sobre a terra seca e ordenou que ninguém impedisse os judeus e todos os tesouros retirados do Templo fossem devolvidos, peça por peça, para ocupar novamente o seu lugar diante do altar.

E assim, os objetos começaram a voltar, vieram os candelabros de ouro, que novamente se acenderiam como memória da luz que nunca se apaga.

Vieram as taças e os copos de libação, agora purificados para receber o vinho da alegria diante do Senhor, bacias, onde a água correria para purificação, lembrando que toda obra santa começa pela limpeza da alma, pratos e colheres, pequenos, mas preciosos, para mostrar que até o menor gesto feito diante de Deus tem valor eterno.

Mas Dario não devolveu somente o que fora saqueado, determinou também que Jerusalém recebesse trigo, azeite, vinho e sal, tudo necessário para o serviço contínuo.

Que bois, carneiros e cordeiros fossem fornecidos sem falta, para que os holocaustos nunca cessassem.

Não era somente a pedra que se erguia, era o culto que se restaurava.

Naquele instante, o povo entendeu que a fidelidade atravessa os séculos.

As mãos que haviam levado os tesouros agora eram obrigadas a devolvê-los.

O que fora arrancado em humilhação retornava em triunfo.

E Jerusalém, ainda pobre e sem muralhas, começou a respirar de novo como cidade santa.

E assim foi selada a lição, coroas podem cair, reinos podem passar, mas aquilo que é consagrado ao Altíssimo sempre retorna ao seu lugar.

O que é destinado a um lugar, sempre irá retornar!



NOVA ORDEM

Foi no tempo em que **Tatenai**, governador da província do além do rio, e **Setar-Bozenai**, seu escriba, tentaram deter a reconstrução, que nasceu a chama da *Nova Ordem*.

Não nasceu somente de decretos e registros, mas do espírito de homens que compreenderam que não basta erguer muros e templos, é preciso também levantar colunas invisíveis na alma.

A Ordem da Cruz Vermelha se erigiu sobre o Lema:

Em hebraico: *Emet timmatse ba-cherut derekh emuná*

Em latim: *Veritas invenietur in libertate per fidelitatem.*

“A verdade será encontrada na liberdade através da fidelidade.”

A verdade que é mais forte que reis, vinhos e prazeres; a fidelidade que não trai mesmo diante da morte; e a liberdade que não pode ser acorrentada nem pelos impérios da terra, ao nascer no homem.

E, para que essas colunas não estivessem sozinhas, foram-lhes dados os nomes das tribos que sustentaram Jerusalém: Benjamim e Judá.

Benjamim, filho da mão direita, lembrando que a honra e a força podem surgir mesmo da dor; Judá, o leão da promessa, lembrando que a esperança do trono e da linhagem não se apaga.

Esses dois nomes se tornaram sentinelas da Ordem, guardiões da memória e da identidade de um povo.

Mas ainda mais alto se ergueram as três virtudes que coroam toda obra maçônica: Fé, Esperança e Caridade.

A Fé que conduz o coração à confiança no Altíssimo; a Esperança que sustenta os braços dos trabalhadores quando as pedras parecem pesadas demais; e a caridade, o gesto silencioso de servir aos Irmãos e à humanidade.

Assim nasceu a Ordem dos Cavaleiros da Cruz Vermelha.

Não guerreiros que matam, mas cavaleiros que se sacrificam pelo bem maior, que travam batalhas contra a mentira, contra a tirania e contra o desânimo.

Sua espada não é instrumento de violência, mas símbolo da Verdade que corta a ilusão.

Seu escudo não é de ferro, mas da Fidelidade que não se dobra.

Seu estandarte não é somente bandeira, mas a Liberdade que guia os povos.

E essa Ordem não caminha sozinha.

Ela é guia e farol para todos os graus que a precedem, pois, cada aprendiz, companheiro e mestre trava primeiro suas pequenas guerras: contra a ignorância, contra a vaidade, contra o medo.

Somente após vencer suas batalhas interiores, pode o homem pisar no campo sagrado e elísio que é este grau, onde os Cavaleiros da Cruz Vermelha se reúnem como sentinelas da humanidade.

Não se trata somente de um rito ou de uma cerimônia, é a fundação de uma nova Jerusalém no coração do iniciado, uma cidade espiritual erguida sobre a Verdade, sustentada pela Fidelidade e coroada pela Liberdade.



O ESTANDARTE

O verde do campo do estandarte, que primeiro salta aos olhos, evoca o retorno dos exilados babilônicos, narrado nos livros de Esdras e Neemias.

Após setenta anos de cativeiro, quando tudo parecia perdido, veio o sopro da esperança.

O verde é essa promessa de que a vida se renova, de que os muros derrubados podem ser reerguidos e de que a fé não se extingue mesmo quando as cinzas ainda cobrem as pedras do Templo, é a cor de Jerusalém renascendo, da vinha que volta a brotar nas colinas, da oliveira que lança novos ramos.

A estrela de oito pontas em dourado remete aos ciclos do tempo e à ideia da regeneração, o oito, como número que sucede o sete, indica o além do perfeito, a passagem de um ciclo fechado para a inauguração de um novo.

É como a oitava nota que retoma a melodia em outra dimensão; nos livros sagrados, esse símbolo ecoa o oitavo dia da circuncisão, sinal da aliança, e também a esperança da nova Jerusalém, que se projeta além da história.

Para a Ordem da Cruz Vermelha, essa estrela recorda que a reconstrução do Templo não foi somente um evento arquitetônico, mas a abertura de um tempo novo para Israel e, por reflexo, para toda a humanidade.

No coração desse estandarte está a cruz vermelha, simples e poderosa, ela remete à coragem moral dos que, como Zorobabel, Ageu e Josué, resistiram às ameaças e não se curvaram diante da hostilidade de Tatenai e de outros governadores que tentavam deter a obra.

O vermelho aqui não é somente o sangue derramado, mas também o fogo da convicção que arde em quem defende a verdade, é o mesmo ardor que moveu Neemias a reconstruir os muros de Jerusalém com a espada numa mão e a colher de pedreiro na outra.

Circundando a cruz, lemos em letras douradas: *Magna est Veritas, et Praevalebit*, a frase poderia estar gravada nas pedras do próprio Templo, ao resumir o ensinamento central da narrativa.

No Livro de Esdras, capítulo 6, quando Dario confirma o decreto de Ciro e permite a continuação das obras, fica claro que nem o poder dos reis, nem a intriga dos inimigos, nem os decretos humanos podem sufocar a verdade.

Mais adiante, em Neemias, quando o povo se une para reconstruir, vemos a verdade prevalecendo sobre a dispersão, a fé vencendo o medo.

Assim, cada parte do estandarte dialoga com a Escritura; o verde é Jerusalém reconstruída; a estrela dourada é o tempo novo; a cruz vermelha é a fidelidade dos que enfrentam a perseguição; a frase latina é o selo que garante que a verdade sempre vence, mesmo que por um tempo pareça obscurecida.

No plano histórico e moral, o estandarte também fala ao cavaleiro moderno, ele lembra que, como os exilados, também vivemos momentos de dispersão e reconstrução.

Recorda que a vida exige coragem para afirmar a verdade contra as forças do erro.

Ele aponta que a fidelidade e a liberdade são os caminhos pelos quais a verdade se manifesta.



יחיד

O LEÃO

Este estandarte com o leão dourado é um dos mais antigos e poderosos símbolos de identidade judaica, enraizado na própria Bíblia e carregado de significados históricos, messiânicos e heráldicos.

O leão representa a tribo de Judá, a mais importante das tribos de Israel, da qual descenderam o rei Davi e, segundo a tradição, viria o Messias.

Em Gênesis 49:9, Jacó abençoa Judá dizendo: *“Judá é um leãozinho, da presa, filho meu, subiste; encurva-se e deita-se como um leão, e como leoa, quem o despertará?”*

Essa imagem fez do leão o emblema perene de Judá, associado à realeza, à coragem e à força.

O leão rampante (*em pé, com garras levantadas e língua exposta*), como aparece neste estandarte, é uma forma heráldica medieval que reforça a ideia de poder e vigilância.

Os detalhes em vermelho, garras e língua, simbolizam a prontidão para lutar e proteger, mesmo ao custo do sacrifício.



O corpo dourado evoca realeza, dignidade e a promessa divina de que o cetro não se apartaria de Judá (Gn 49:10).

O símbolo liga a Jerusalém celestial ao ideal de um povo consagrado.

Assim, este estandarte não é somente militar, mas profundamente espiritual, ele recorda que a realeza de Judá não se reduz a domínio terreno, mas aponta para a justiça, a fidelidade à Torá e a esperança messiânica.

Na tradição judaica pós-bíblica, o Leão de Judá passou a ser também um estandarte de resistência e de identidade.

Aparece em moedas antigas, em selos e brasões, e ainda hoje é usado em contextos religiosos e nacionais.

Ele é igualmente um dos símbolos oficiais de Jerusalém moderna, figurando em seu brasão como sinal de continuidade da antiga promessa.

Portanto, este estandarte é mais que uma bandeira tribal.

É uma afirmação da esperança de Israel, um lembrete da aliança feita com Judá, e um emblema de força espiritual que atravessou séculos.



PERSA

Este estandarte persa carrega uma simbologia riquíssima, evocando tanto os antigos impérios da Pérsia quanto os elementos cósmicos que estruturavam sua visão de mundo.

No alto, vemos uma estrela dourada radiante, circundada por chamas.

Essa estrela pode ser interpretada como o sol, fonte de luz, ordem e vitalidade, que na tradição persa estava ligado a Mitra, o deus da luz e da justiça.

O brilho flamejante em torno dela representa o fogo sagrado do zoroastrismo, religião central na Pérsia, onde o fogo não era adorado como divindade, mas como símbolo da presença de Ahura Mazda, o Deus supremo.

Assim, este elemento transmite a ideia de iluminação, soberania e verdade que dissipa as trevas; abaixo da estrela, três luas crescentes em dourado completam a composição.

A lua sempre teve papel central nos símbolos persas e orientais, marcando o ritmo do tempo, das estações e da vida dos homens.

Três crescentes alinhados representam a tríade de forças cósmicas: criação, preservação e renovação, e também se pode interpretar como reflexo das três virtudes persas fundamentais do zoroastrismo: bons pensamentos, boas palavras e boas ações (*Humata, Hukhta, Hvarshta*).

Historicamente, a Pérsia usava estandartes solares, lunares e estrelados, muitos dos quais foram descritos pelos cronistas gregos nas guerras médicas e preservados em iconografias sasânidas.

O mais famoso era o Derafsh Kaviani, a bandeira imperial ornada com estrelas, pedras preciosas e símbolos cósmicos, que representava a união do império sob a proteção divina.

Portanto, este estandarte que reúne estrela radiante e luas crescentes é um resumo visual da cosmovisão persa: o sol como guia, o fogo como pureza, e a lua como o ciclo eterno da vida.

Ele proclamava que o império estava em harmonia com o cosmos, e que seus guerreiros marchavam sob a luz da ordem divina.





PAISAGEM

Aqui temos uma paisagem que evoca a antiga Babilônia, cidade que se ergueu com muralhas imponentes e jardins suspensos que desafiaram o deserto.

Ao fundo, vemos as torres e ameias que guardavam o coração do império, ladeadas por palmeiras que lembram os relatos de abundância do vale do Eufrates.

O céu dourado e alaranjado reforça a atmosfera de grandeza, mas também de opressão, pois Babilônia não era somente símbolo de poder, mas também o cenário do cativeiro de Israel.

O caminho que serpenteia em direção às muralhas é a imagem da longa jornada dos exilados.

Foi por essas estradas poeirentas que os filhos de Judá foram levados, chorando às margens dos rios, conforme o Salmo 137 recorda:

“Às margens dos rios da Babilônia nos assentamos e choramos, lembrando-nos de Sião.”

O arco de pedra com águas correndo abaixo simboliza tanto a engenhosidade babilônica, com seus canais e aquedutos, como a separação física e espiritual entre Jerusalém e o exílio.

A ponte é metáfora da travessia, um limiar entre o lamento e a esperança da libertação.

Ao situar-se diante dessa paisagem, o olhar maçônico e cavaleiresco percebe não somente uma cidade histórica, mas um teatro espiritual.

Babilônia é o poder humano que se exalta, a torre que se ergue contra o céu, o império que subjuga.

É também o lugar da prova, onde a fidelidade à verdade é testada. Foi nas cortes dessa cidade que Daniel ousou orar, que os três jovens enfrentaram a fornalha, que Ezequiel teve suas visões à beira dos canais.

Mas Babilônia não é o fim da história.

Do meio de suas muralhas viria o decreto de Ciro e, mais tarde, a confirmação de Dario, permitindo o retorno e a reconstrução do Templo.

Por isso, contemplar essa imagem é ver tanto o cativo como a promessa da restauração.

O brilho do sol no horizonte sugere que, por mais alta que seja a muralha, a luz divina sempre ultrapassa suas ameias.

Assim, esta paisagem é mais do que um fundo artístico: é um cenário iniciático.

Ela nos fala da queda e da esperança, da escravidão e da libertação, da dor do exílio e da grandeza da verdade que prevalece.

O iniciado que olha para Babilônia, com o coração voltado para Jerusalém, descobre que toda peregrinação humana se resume na travessia do deserto rumo ao reencontro com o sagrado.

A fronteira entre Judá e a Babilônia é mais do que uma linha no mapa antigo, é uma linha de destino.

Ela separa dois mundos, duas concepções de vida, dois espíritos que se enfrentam ao longo da história sagrada.

De um lado estava Judá, pequeno em território, mas imenso em significado espiritual.



Jerusalém, Sião, o Templo erguido por Salomão, o culto ao Deus único e a promessa da Aliança.

Judá representava a fé que persiste, a identidade de um povo que, mesmo diante de impérios, não se deixou dissolver.

Do outro lado estava a Babilônia, centro de um vasto império, poderosa, rica, ativa, conhecida por suas muralhas colossais, seus jardins suspensos e seus zigurates que tocavam o céu.

Mas também conhecida como a cidade da confusão e do orgulho humano que se opunha ao divino.

Na literatura profética, Babilônia tornou-se símbolo do cativeiro, da idolatria e da arrogância dos reis que acreditavam dominar não somente os povos, mas até o curso da história.

A fronteira entre Judá e Babilônia, portanto, era mais que geopolítica: era o limite entre fidelidade e submissão, entre liberdade espiritual e escravidão cultural.

Cada rio e cada ponte que separava essas terras lembrava os exilados de sua condição.

E foi também nessa fronteira que brilhou a esperança, pois Babilônia, apesar de seu poder, não era eterna.

Quando a Pérsia tomou seu lugar, a fronteira mudou, e dela partiu o decreto que libertou os cativos, permitindo o retorno a Jerusalém.

Assim, a fronteira entre Judá e Babilônia nos ensina que nenhum muro humano é absoluto e a verdade sempre encontra passagem.

No plano simbólico, essa fronteira é ainda mais profunda.

Ela está em cada coração humano que precisa escolher entre a Babilônia do orgulho, da vaidade e do erro, e a Judá da humildade, da fé e da fidelidade.

É a travessia interior que cada iniciado deve fazer, cruzando sua própria ponte, abandonando as cadeias e marchando em direção ao Templo interior a ser reconstruído.





ARMAS X RETÓRICA

Na jornada da Ordem da Cruz Vermelha, um detalhe chama a atenção de quem observa com olhos atentos, Zorobabel foi armado com a espada, recebeu a insígnia da coragem e com ela executou sinais de reconhecimento, porém, quando chegou à presença do rei, estava desarmado.

E mesmo após ter recebido a arma, não foi pela lâmina que conquistou sua vitória, sua batalha não foi travada com golpes de aço, mas com o fio mais sutil e penetrante da mente.

A espada, símbolo da força e da defesa, permaneceu silenciosa, quem brilhou foi a palavra, a lógica se fez escudo, a retórica tornou-se lança, a verdade ergueu-se como muralha inabalável.

Foi com a honra sustentada, com a fé como guia e com a fidelidade como alicerce que Zorobabel triunfou.

Ele mostrou que não é o braço que decide os destinos dos homens, mas a clareza das ideias e a firmeza do caráter.

Séculos mais tarde, o escritor inglês Edward Bulwer-Lytton resumiria essa lição em sua peça *Richelieu; or the Conspiracy* (1839), com a máxima que atravessou gerações: “*The pen is mightier than the sword*”. **“A pena é mais poderosa que a espada.”**

Porque as ideias não podem ser aprisionadas nem destruídas, essa verdade já estava encenada no coração da Ordem da Cruz Vermelha e Zorobabel, sem ferir nem derramar sangue, venceu o maior dos combates, convencer pela razão, proclamar a verdade diante de um rei, e fazer da retórica o instrumento da liberdade.

Esse grau demonstra que a cavalaria que nasce da Cruz Vermelha não é forjada no barulho das armas, mas no silêncio da reflexão.

O cavaleiro que ali se inicia aprende que a primeira vitória deve ser sobre si, dominando o orgulho e o impulso de impor-se pela força.

Aprende que a espada, antes de qualquer gesto exterior, deve cortar as próprias vaidades, para que a palavra, temperada pela verdade, seja a verdadeira arma.

Assim, a lição que ecoa do Conselho da Cruz Vermelha não é a do guerreiro que ergue muralhas com o ferro, mas a do sábio que levanta pontes com a razão.

Aquele que sabe que nenhuma fortaleza é tão resistente quanto a fidelidade, nenhuma coroa tão brilhante quanto a verdade, e nenhum exército tão poderoso quanto a consciência reta de um homem que fala e vive em acordo com sua palavra.

“Aquele que descobre que a palavra é mais forte que a espada compreende que a verdade não se impõe pelo ferro mas se inscreve como fogo invisível no coração dos homens e a fidelidade é a argamassa secreta que sustenta mundos e a consciência reta é o altar oculto onde se erguem civilizações e toda muralha um dia cai mas uma única ideia fiel ao seu princípio atravessa os séculos intocada porque não existe coroa que brilhe mais que a verdade nem exército mais invencível que a pureza de um homem que fala e vive em acordo com sua palavra e por isso a vitória não é o domínio do outro mas a conquista de si e a glória não é aclamada pelas multidões mas sussurrada pelo silêncio do espírito e a liberdade não é uma concessão dos reis mas a revelação de que o homem que domina a si já governa o universo.”



OS GUARDIÕES DA VERDADE

Zorobabel, diante do rei Dario, proclama que a Verdade é mais poderosa do que o vinho, os reis ou as mulheres.

Vence não com armas, mas com a força da palavra.
“Grande é a Verdade e mais forte que tudo”

Sócrates. Em Atenas, armado somente com perguntas e diálogos, enfrentou os sofistas e expôs a fragilidade de argumentos ilusórios. Sua retórica não buscava vencer debates, mas conduzir à verdade interior. *“A vida não examinada não vale a pena ser vivida”*.

Demóstenes. O maior orador da Grécia antiga. Com seus discursos chamados *Filípicas*, enfrentou a expansão de Filipe da Macedônia. Sua eloquência sacudiu Atenas e até hoje é modelo de oratória combativa. *“A força não está nas armas, mas no coração e na voz que inspira um povo”*

Cícero. Senador romano e advogado, usou sua retórica para denunciar Catilina e para defender a república diante das intrigas de César e Marco Antônio. Sua oratória era considerada tão poderosa que seus discursos sobreviveram ao tempo como manuais de eloquência. *“Até quando, Catilina, abusarás da nossa paciência?”*

Jesus de Nazaré. Não empunhou armas, mas suas parábolas e sermões transformaram multidões. Seu *Sermão da Montanha* é a síntese da força da palavra sobre a violência. *“Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra”*.

Paulo de Tarso. Missionário incansável, levou a mensagem cristã a Roma e ao mundo gentio. Suas cartas são verdadeiros tratados de retórica espiritual, vencendo impérios com a persuasão da fé. *“Combati o bom combate, terminei a carreira, guardei a fé”*.

Santo Agostinho. Filósofo e bispo, transformou sua formação retórica em instrumento de fé. Nas *Confissões* e na *Cidade de Deus*, a palavra foi sua espada contra o paganismo e a heresia. *“Ama e faz o que quiseres”*.

Martinho Lutero. Com suas 95 teses afixadas em Wittenberg e seus discursos na Dieta de Worms, enfrentou o poder da Igreja de Roma. Não levantou espada, mas sua retórica inaugurou a Reforma Protestante. *Aqui estou, não posso agir de outra maneira. Que Deus me ajude.*

Voltaire. Com ironia e clareza, desafiou dogmas e absolutismos. Sua pena foi a arma mais poderosa que qualquer espada, inspirando a Revolução Francesa. *“Posso não concordar com o que dizes, mas defenderei até a morte o teu direito de dizê-lo”*.

Mahatma Gandhi. Conduziu a Índia à independência sem disparar uma bala. Sua arma era a não-violência (ahimsa) e a desobediência civil. *“A força não provém da capacidade física, mas de uma vontade indomável”.*

Winston Churchill. No auge da Segunda Guerra Mundial, quando a Inglaterra estava à beira do colapso, sua retórica incendiou a coragem de um povo. Seus discursos foram armas tão fortes quanto aviões e tanques. *“Nada temos a oferecer senão sangue, suor e lágrimas”.*

Martin Luther King Jr. Armado somente com sua voz, transformou a luta pelos direitos civis nos EUA. Seu discurso *“I Have a Dream”* ecoa como um marco do poder da palavra sobre a opressão. *“A injustiça em qualquer lugar é uma ameaça à justiça em todo lugar”.*

Nelson Mandela. Após 27 anos de prisão, não retornou com espada, mas com palavras de reconciliação que evitaram a guerra civil na África do Sul. *“A coragem não é a ausência do medo — é inspirar os outros a ir além dele”.*

Papa Francisco. Na era da comunicação global, sua retórica simples e acessível rompe muros de intolerância. Seus discursos não são de condenação, mas de apelo à fraternidade. *“A verdadeira fé é abrir as portas ao próximo.”*

Lech Wałęsa. Líder sindical polonês do movimento Solidariedade, enfrentou a ditadura comunista com discursos e greves pacíficas. Sua voz, mais que armas, abriu caminho para a queda do regime. *“O futuro não é um presente, é uma conquista”.*

Barack Obama. Eleito presidente dos EUA em 2008, foi o primeiro afrodescendente a alcançar esse posto. Sua vitória foi erguida sobre discursos de esperança, igualdade e mudança, não sobre o confronto armado. *“A esperança é a coisa mais poderosa que temos”.*

Dalai Lama. Exilado de sua terra, jamais convocou para a guerra. Suas palavras de compaixão, paz e diálogo o tornaram referência moral no mundo. *“A paz não significa ausência de conflitos, mas a capacidade de resolvê-los por meios pacíficos”.*

Monteiro Lobato. Com seus livros infantis, deu às crianças não somente histórias, mas consciência. Com artigos e manifestos, enfrentou governos, denunciou injustiças e defendeu a industrialização nacional. Sua pena foi martelo e bigorna na construção de um país mais desperto. *“Um país se faz com homens e livros”.*

Em uma estrada distante, deixo um pequeno fragmento da minha mente, inspirado por esses magníficos Guardiões da Verdade:

“Se todo o conhecimento humano fosse empregado para o bem, pouco sofrimento restaria no mundo. As ilusões de felicidade se desfariam e, em seu lugar, brotaria a verdadeira felicidade.”



ÚLTIMOS PASSOS

Antes de fechar estas páginas, volto o olhar para o caminho que percorremos juntos.

Sáímos da poeira do exílio e tocamos as pedras do Templo.

Caminhamos com Zorobabel, escutamos Ageu e Zacarias.

Sentimos o peso do silêncio em Babilônia e a vibração da esperança quando a ponte se abriu entre a Pérsia e Judá.

Vimos o decreto que resgata tesouros e devolve dignidade.

Vimos homens simples tornarem-se colunas vivas.

A Verdade não teme tribunal humano e não se curva diante da espada dos tiranos.

A travessia desse tempo não se resume somente à narrativa sagrada, é também uma lição histórica.

O historiador Pierre Briant, em sua obra monumental sobre o Império Persa, lembra que Dario compreendia a necessidade de manter a estabilidade política por meio da tolerância religiosa e da restituição dos cultos locais.

Assim, não era somente uma concessão benevolente, mas parte de uma política de integração dos povos.

Estudiosos do zoroastrismo, mostram como os persas reconheciam no respeito ao sagrado alheio um caminho para consolidar seu domínio sem recorrer somente à violência.

A Ordem da Cruz Vermelha nasceu nesse território de travessias, entre muralhas e estepes, entre arquivos reais e lágrimas às margens do rio, entre a coroa que passa e a Palavra que permanece.

O verde do estandarte anunciou vida nova; a estrela recordou o tempo que recomeça; a cruz vermelha acendeu o fogo da coragem moral.

O leão de Judá manteve a guarda da promessa e a estrela flamejante dos persas lembrou que o Altíssimo pode escrever reta qualquer linha torta da história.

Como observou o historiador Amélie Kuhrt, em sua síntese sobre o antigo *Oriente Próximo*, a época persa foi marcada por esse entrelaçamento de culturas, onde símbolos e tradições se cruzavam, criando uma atmosfera de renovação espiritual.

Ficou claro que o Templo exterior aponta para o Templo interior.

O altar de pedra desperta o altar do coração; o Maço e o Cinzel se tornam oração.

A ponte que liga reinos ensina a vencer a distância entre mente e coração.

Benjamim e Judá regressam lado a lado.

A esperança se faz andaime, e a caridade amarra cada pedra no seu lugar.

Jacques Duchesne-Guillemin, ao refletir sobre a espiritualidade oriental, destacou que o verdadeiro santuário sempre se ergue no íntimo, pois a pedra esculpida só ganha sentido quando reflete a luz que habita o interior do homem.



A Ordem não pede glória, pede fidelidade, não promete poder, promete serviço, e o cavaleiro aprende que a espada primeiro corta o próprio orgulho.

Aprende que a palavra justa vale mais que armaduras, que a liberdade nasce por dentro, que a verdade caminha sem pressa e alcança a vitória sem alarde.

Paul Johnson, em sua História dos Judeus, lembra que a sobrevivência de Israel não se explica somente pela força política, mas pela fidelidade a uma verdade que se mantinha viva mesmo quando as circunstâncias externas pareciam esmagadoras.

É essa fidelidade que a Ordem da Cruz Vermelha inscreve no coração de seus membros.

Heródoto, ainda no século V antes de Cristo, já observava que os persas eram amantes da verdade, considerando a mentira um dos piores pecados.

Esta máxima, registrada por ele em suas Histórias, ecoa na nossa Ordem como confirmação de que a **verdade** não pertence a um tempo ou a um povo, mas **é a chama eterna que nunca se apaga.**

Que cada leitor saia destas páginas como quem enxuga o pó da viagem e se prepara para o trabalho, sem buscar louros, sem temer sombras, com os olhos no oriente, com a mão firme na obra, com a consciência de que a cruz vermelha sobre o peito não é um enfeite, é o mais honroso compromisso.

A verdadeira grandeza de uma civilização se mede por sua capacidade de responder criativamente às crises.

Assim também o Cavaleiro da Cruz Vermelha responde à crise do mundo com fidelidade, à escuridão com a verdade e à opressão com liberdade.

Já não empunha espadas, mas enfrenta batalhas silenciosas em meio à confusão moral do presente.

Serve sem buscar glória, sacrificando comodidades e privilégios em nome da causa que abraçou.

Sabe que fidelidade exige renúncia e que a liberdade só tem valor quando compartilhada.

Seu campo de batalha é o cotidiano, e sua armadura, a consciência desperta.





ORAÇÃO

Altíssimo, Senhor da Palavra Eterna, ouve o clamor deste servo que traz a cruz em vermelho; minha alma se curva diante de Ti com temor e esperança; confiaste-me uma espada que não é de guerra, mas de Verdade, para dividir trevas e luz, orgulho e serviço; se eu fraquejar, lembra-me, Senhor, que a obra ruirá em mim e nos meus Irmãos; que eu atravesse o silêncio e alcance a luz do Real Arco, descendo às profundezas do espírito até a alvorada da fé; recorda-me Zorobabel, que não temeu falar diante dos reis, e os levitas, que cantaram sobre alicerces frágeis; que eu também seja pedra viva, sustentando a esperança e a fidelidade; livra-me da vaidade e da indiferença; faz de mim um altar onde habite a Verdade, um escudo de fidelidade, uma chave que liberte os cativos da alma; se eu cair, levanta-me; se eu hesitar, sustenta-me; se eu vencer, guarda-me do orgulho; que minha espada brilhe somente pela Verdade e que meu gesto seja fraterno como a estrela que guia os exilados; senhor da Vida, faz de mim ponte entre homens e o Altíssimo; que o Templo renasça primeiro em meu coração e que cada pedra justa no mundo reflita a luz que colocaste em minha alma.



A ILHA DE MALTA

Antes de falarmos da Ordem de Malta, é necessário contemplar a própria ilha que lhe deu nome.

Malta é mais que um ponto no mapa. É uma rocha sagrada do Mediterrâneo, marcada por séculos de encontros, conquistas e resistências.

Muito antes de ser reduto de cavaleiros, já se erguia como um altar de pedra erguido pelo homem primitivo. Seus templos megalíticos, como Ħaġar Qim e Mnajdra, datados de mais de três mil anos antes de Cristo, são testemunhos de uma civilização que buscava, entre o peso da rocha e a vastidão do céu, um contato direto com o divino.

Essas construções, mais antigas que as pirâmides do Egito, ainda hoje despertam admiração e mistério.

Ao longo dos séculos, Malta tornou-se ponto de passagem obrigatório.

Os fenícios nela instalaram postos comerciais, os cartagineses a utilizaram como base militar, os gregos e romanos trouxeram seus deuses, suas leis e suas estradas.

Roma a transformou em parte vital de seu império e, segundo a tradição, foi em suas costas que São Paulo naufragou, plantando as sementes do cristianismo que moldariam para sempre a alma da ilha.

Mais tarde, com o declínio romano, vieram os vândalos e os bizantinos, seguidos pelo domínio árabe, que deixou marcas indeléveis na língua, na agricultura e nos costumes.

Em seguida, os normandos e depois os reis da Sicília e de Aragão integraram Malta ao mundo cristão medieval, mas sem apagar a herança oriental.

No século XVI, a ilha já havia sido disputada por séculos quando Carlos V a entregou aos Cavaleiros Hospitalários.

Foi aí que Malta encontrou seu destino mais célebre, o Grande Cerco de 1565, que marcou o início de sua fama lendária.

Uma pequena força de cavaleiros, ao lado da população local, resistiu à poderosa frota otomana, numa das batalhas mais decisivas do Mediterrâneo.

A vitória consolidou a Ordem de São João como guardiã da fé e transformou Malta em bastião inexpugnável.

A cidade de Valletta, se tornou a nova capital, ela foi erguida como fortaleza e cidade, unindo fé, poder militar e arte barroca em cada pedra.

Por séculos, a ilha prosperou sob a Ordem, mas o fim do século XVIII trouxe novos ventos.

Em 1964, Malta conquistou sua independência e em 1974, tornou-se república, mantendo laços com a Comunidade Britânica.

Desde então, a pequena ilha, com sua herança milenar, buscou seu lugar no mundo moderno.

A adesão à União Europeia em 2004 reforçou sua posição como ponte entre o Oriente e o Ocidente, entre a tradição e a modernidade.

Hoje, Malta é mais que um destino turístico de mares azuis e muralhas douradas.

É símbolo de resiliência, cruzamento de culturas, testemunha de séculos de fé, luta e sobrevivência; sua história, marcada por templos pré-históricos, naufrágios apostólicos, batalhas medievais e resistências modernas, preparou o terreno para que dali emergisse uma das mais fascinantes tradições cavaleirescas da Cristandade.



Italia

Grécia

— Ilha de Malta

MAR MEDITERRÁNEO

LÍBIA

EGITO

MAR MEDITERRÁNEO

ILHA DE MALTA

O MAR MEDITERRÂNEO

O Mediterrâneo sempre foi mais que um mar, e desde três mil anos antes de Cristo, suas águas funcionaram como veias que ligavam povos distantes, transportando não somente mercadorias, mas ideias, símbolos e crenças.

Nele navegavam os fenícios com suas embarcações de proa alta, levando a escrita e o comércio até as colunas de Hércules. Por suas rotas passavam os egípcios, que transportavam trigo e papiro, e os cretenses, que espalhavam seus mitos de deuses e labirintos.

O Mediterrâneo foi o berço de culturas que moldaram o espírito do Ocidente, ali nasceram a filosofia grega, o direito romano, a mística judaica e a fé cristã.

Foi também mar de conquistas e embates, romanos e cartagineses travaram nele as Guerras Púnicas, Alexandre da Macedônia levou suas falanges às margens orientais, e mais tarde os árabes cruzaram suas águas, trazendo ciência, poesia e novas rotas.

Cada ilha e cada porto se tornavam pontos vitais de ligação entre continentes.

O Mediterrâneo, que poderia ser somente fronteira líquida, tornou-se ponte entre Europa, África e Ásia.

Malta, no coração desse mar, sempre esteve na linha de choque, e suas costas viram navios fenícios e trirremes romanas, bizantinos, galeras árabes, caravelas espanholas e frotas otomanas.

Cada império que desejava controlar o Mediterrâneo buscava dominar também suas ilhas estratégicas.

Era como se Malta fosse uma sentinela, guardando o equilíbrio do mar interior que unia civilizações e, ao mesmo tempo, as separava.

Na Idade Média, o Mediterrâneo foi palco de cruzadas, de piratarias e de rotas comerciais controladas por repúblicas marítimas como Veneza e Gênova.

Era o espaço onde as religiões se encontravam, mas também se confrontavam.

Nesse cenário, as ordens militares cristãs surgiram não somente para lutar na Terra Santa, mas também para proteger as rotas marítimas que levavam peregrinos e mercadores.

Os cavaleiros precisavam do mar tanto quanto da espada, e as cruzadas não eram somente caravanas terrestres, mas explorações navais que atravessavam esse imenso lago interior.

Ao longo dos séculos, o Mediterrâneo se converteu em um tabuleiro onde a sobrevivência dependia de dominar fortalezas costeiras e controlar as correntes e ventos que levavam de porto a porto.

No século XVI, quando os otomanos ameaçavam transformar o Mediterrâneo em um mar islâmico, foram justamente os cavaleiros de São João, já expulsos da Terra Santa e depois de Rodas, que encontraram na ilha o último bastião; o Grande Cerco de 1565 não foi somente uma batalha local, mas o choque de dois mundos, decidido em águas maltesas.

Hoje, o Mediterrâneo guarda em suas ondas o reflexo das antigas epopeias, mas também os dramas modernos de migrantes que atravessam suas águas em busca de esperança.

Entre suas ilhas, nenhuma carrega tanto simbolismo quanto Malta, que foi palco, guardião e protagonista dessa longa história.



A ORDEM DE MALTA

Antes de ser conhecida como Ordem de Malta, esta confraria singular nasceu em Jerusalém, no coração da Terra Santa, nos anos que antecederam a Primeira Cruzada.

Por volta de 1048, mercadores amalfitanos obtiveram permissão do califa do Egito para fundar um hospital junto à Igreja de São João Batista, em Jerusalém, a fim de atender peregrinos cristãos.

Era uma pequena fraternidade de religiosos e leigos, que unia oração e serviço aos pobres e enfermos.

Sob a inspiração do monge Gérard de Martigues, este núcleo deu origem àquilo que se tornaria uma das ordens mais duradouras da história ocidental.

O Papa Pascoal II, em 1113, reconheceu oficialmente a nova ordem com a bula *Pie Postulatio Voluntatis*.

Este documento não somente a aprovava, mas a colocava sob proteção direta da Santa Sé, independente de bispos locais.

Já nesse ponto, vemos a particularidade da Ordem, pois nascia religiosa, mas com autonomia eclesiástica e vocação prática, voltada ao serviço.

O hospital não tardou a ganhar fama e peregrinos vindos do Ocidente viam em Jerusalém não somente o Santo Sepulcro, mas também a compaixão dos Irmãos de São João.

Com o tempo, ao lado da atividade hospitalar, surgiu a necessidade de defesa das estradas que levavam ao Sepulcro, que estavam repletas de perigos, e o hospital precisava de guardas armados.

Assim nasceu a dimensão militar da Ordem, e, diferente dos Templários, cuja essência era marcial desde o início, os Hospitalários se transformaram em soldados quase por obrigação das circunstâncias.

Eram monges cavaleiros, cuja regra unia o cuidado aos enfermos e a defesa dos peregrinos.

A cruz branca sobre o manto preto tornou-se o símbolo de sua identidade, e essa identidade foi moldada pelo duplo carisma: hospitalidade e cavalaria.

Nos séculos XII e XIII, a Ordem cresceu em terras e privilégios.

Recebeu doações na Europa inteira, de reis, nobres e príncipes, e possuía fortalezas na Terra Santa, entre elas o imenso Krak dos Cavaleiros, na Síria, considerado uma das mais belas fortalezas cruzadas.

Mas a queda de Acre em 1291 obrigou os Hospitalários a deixarem definitivamente a Terra Santa.

Foi então que encontraram novo lar em Rodes, no mar Egeu.

Ali transformaram a ilha em uma fortaleza inexpugnável.

Durante mais de dois séculos, resistiram a ataques muçulmanos e otomanos.

Rodes tornou-se símbolo da resiliência hospitalária, mas, em 1522, após longo cerco, foram obrigados a abandoná-la diante da força esmagadora de Solimão, o Magnífico.

A errância terminou em 1530, quando Carlos V concedeu-lhes a ilha de Malta, em troca de um tributo simbólico anual, um falcão maltês.



A partir de então, a Ordem passou a ser conhecida como Ordem de Malta.

O Grande Cerco de 1565 contra os otomanos foi um dos momentos mais dramáticos da história do Mediterrâneo.

Os cavaleiros, em pequeno número, resistiram heroicamente e salvaram não somente a ilha, mas toda a Cristandade ocidental de uma invasão, e essa vitória consolidou o mito da Ordem.

Em Malta, construíram não somente fortalezas, mas também hospitais de primeira ordem, como o Sacra Infermeria em Valletta, considerado um dos mais avançados da Europa.

Ali se praticava medicina de alto nível, gratuita, aberta a cristãos e muçulmanos, e o hospital tinha regras rígidas de higiene e alimentação, em contraste com a precariedade de outros centros europeus da época.

Ao longo dos séculos XVII e XVIII, a Ordem acumulou riquezas e poder.

Seus navios patrulhavam o Mediterrâneo, combatendo a pirataria e prestando serviços de proteção.

Hoje, a Ordem Soberana e Militar de Malta é um corpo internacional de ajuda humanitária, com presença em mais de 130 países.

Mantém hospitais, clínicas, projetos sociais, missões de emergência em zonas de guerra e catástrofes.

Tem relações diplomáticas com cerca de 110 países e condição de observador permanente na ONU.

Sua sede em Roma, na Via Condotti, mantém o caráter de “território soberano”, com extraterritorialidade reconhecida pelo Estado italiano.

O atual Grão-Mestre, Fra’ John T. Dunlap, lidera a Ordem como soberano e religioso, mantendo viva a dupla vocação de fé e serviço.

O vínculo com a Igreja nunca se quebrou, e Papas sucessivos confirmaram sua missão.

A Ordem de Malta é hoje a mais antiga ordem de cavalaria em atividade contínua, e também a única que conseguiu transformar sua essência medieval em obra moderna de caridade global.





A ORDEM DE MALTA MAÇÔNICA

No Rito de York, a Ordem de Malta não é a continuidade direta da Ordem Soberana e Militar de Malta que vimos até aqui, mas sim sua herdeira simbólica.

É uma das três Ordens que compõem a Cavalaria dentro das Comandarias Templárias (ao lado da Ordem da Cruz Vermelha e da Ordem do Templo).

Para compreender seu lugar, basta lembrar que no sistema do Rito, as Comandarias não conferem “graus”, mas “ordens”.

Cada ordem é um portal espiritual e cavaleiresco, conduzindo o maçom a uma nova etapa de compromisso com a fé e com a luta interior.

A Ordem de Malta, nesse contexto, representa a vitória do espírito cristão sobre as forças da ignorância e da tirania, mas com um caráter peculiar, aqui não há tanto o peso da espada, mas a imagem do manto, da fé e da misericórdia.

É a preparação final antes de adentrar a Ordem do Templo.

Enquanto a Cruz Vermelha remete à coragem da Verdade e a Ordem do Templo à entrega absoluta, a Ordem de Malta recorda a caridade, a humildade e o serviço.

Seu ritual é baseado nas tradições dos Cavaleiros Hospitalários.

Os símbolos evocam a cruz de oito pontas, representando as bem-aventuranças do Evangelho e os ideais da cavalaria cristã.

Não se trata de mera referência estética, cada ponta da cruz lembra virtudes a serem praticadas, desde a pureza de coração até a perseverança diante da perseguição.

O candidato é convidado a vestir o manto de Cavaleiro de Malta, assumindo uma vida de fidelidade à fé e de serviço à humanidade.

Ela reforça a dimensão religiosa e espiritual do Rito de York, aproximando o maçom da tradição cristã que marcou a cavalaria medieval.

Ao contrário da Ordem Soberana de Malta, que atua no plano diplomático e humanitário, a Ordem de Malta Maçônica é iniciática e simbólica.





A SALA E A CAPELA

A Sala da Guarda é o primeiro limiar da Ordem de Malta, e à primeira vista pode parecer somente um espaço preparatório, um local onde se aguardam instruções e se reúnem os que vão entrar na cerimônia.

Contudo, quando olhada com olhos simbólicos, ela se revela como o vestíbulo da alma.

É o lugar onde o candidato abandona o mundo e começa a sentir o peso daquilo que está para receber.

O altar coberto de preto, a espada, a cruz preta e a Bíblia não são simples ornamentos, mas sinais de que o homem deve enfrentar a si antes de cruzar a soleira.

O preto lembra o luto pelo que deve morrer dentro dele; a espada indica a luta que não é contra inimigos de carne, mas contra as próprias paixões; a cruz preta anuncia não haver glória sem renúncia; e a Bíblia, aberta, proclama que toda jornada será iluminada pela Palavra.

Na Sala da Guarda realiza-se o Passe Mediterrâneo, recordação ritual de antigas travessias.

Assim como os cavaleiros enfrentavam mares incertos, piratas e tempestades para chegar a Malta, o iniciado deve atravessar simbolicamente o mar de suas próprias dúvidas e temores.

Essa sala é um espelho do deserto bíblico, um espaço de provação que antecipa a Terra Prometida.

Cada elemento ali disposto lembra que não se alcança o sagrado sem antes passar pela guarda, sendo a própria vigilância da consciência.

A espada repousa como sinal de alerta: não se pode avançar de qualquer maneira; há guardiões invisíveis que exigem pureza de intenção.

A Capela, ao contrário, já não é lugar de preparação, mas de plenitude.

É o coração pulsante do Priorado, onde o altar coberto de preto torna-se o centro de convergência das forças espirituais.

O preto, que na Sala da Guarda era luto e provação, aqui é também silêncio e mistério.

Sobre o altar repousa o Novo Testamento, aberto em João 19, onde a narrativa da Paixão anuncia que todo cavaleiro é chamado a partilhar da cruz antes de receber a coroa.

A cruz preta, a espada e o crucifixo que se unem sobre o altar falam do encontro entre sacrifício, combate e redenção.

A almofada para ajoelhar diante do altar não é mero conforto físico, mas símbolo de submissão voluntária, de reconhecimento de que a verdadeira força só nasce quando se dobra o joelho diante do Eterno.

Na Capela, cada mesa pintada com a cruz de Malta recorda as oito bem-aventuranças, como se o espaço fosse iluminado pelas palavras do Sermão da Montanha.

Ali, o iniciado já não se encontra na soleira, mas no santuário.

O Oriente da Capela, que se abre diante dele, recorda o nascer da luz, a revelação do Cristo que é o Sol espiritual.

O ambiente inteiro se torna um microcosmo do Templo de Jerusalém, onde o átrio é abandonado e o Santo dos Santos se abre em silêncio.

Entrar na Capela é penetrar no coração da Ordem, mas também no coração da própria alma.

No centro da Capela erguem-se as mesas que sustentam os emblemas da Ordem.

Para quem olha somente com os olhos da carne, são símbolos pintados, objetos de madeira ou metal arrumados em ordem cerimonial.

Para quem olha do espírito, ali se encontra condensada a própria jornada da alma.

A cruz central, rodeada por espadas, é lembrança de que toda vida justa é luta, mas luta orientada pela fé.

A espada, em sua frieza, pode ser arma de morte, mas ao lado da cruz torna-se sinal de proteção, defesa da inocência e da verdade.

Não é instrumento de conquista, mas de fidelidade.

Entre os símbolos dispostos, o barco aparece como um dos mais eloquentes.

É a imagem da travessia da alma, navegante em mares sempre incertos.



O iniciado compreende que sua vida é como uma embarcação conduzida por ventos e tempestades, e cabe a ele aprender a orientar-se pelas estrelas da fé.

O barco recorda as peregrinações dos cavaleiros e dos apóstolos, mas, acima de tudo, lembra que nenhum homem está fixo: todos estamos em viagem, sempre em busca de um porto de luz.

A serpente repousa ao lado, ambígua em seu significado.

Desde o Éden, ela é símbolo da tentação e do veneno do erro, mas também da prudência e da cura.

Não é por acaso que o mesmo animal aparece enroscado no bastão de Esculápio, deus da medicina.

Aqui, a serpente ensina que o cavaleiro deve discernir. Em cada escolha, há sempre a possibilidade do engano, mas também a oportunidade de sabedoria.

Não é símbolo de maldição, mas de vigilância.

O crânio, silencioso, fala mais alto que todos.

É a memória da mortalidade, a lembrança de que a vida do homem é breve, de que todo orgulho termina em pó.

Não está ali para provocar medo, mas para despertar consciência.

O cavaleiro que contempla o crânio sabe que sua glória não pode estar em conquistas efêmeras, mas naquilo que permanece além da morte.

Ele aprende que a caveira é chave: quem não contempla a própria finitude nunca compreenderá o sentido da eternidade.

A escada, simples em sua forma, aponta para o alto.

É o sinal de que a vida não é somente travessia horizontal, mas também ascensão.

Cada degrau é uma virtude conquistada, cada passo é um esforço em direção à luz.

A escada lembra Jacó e seus anjos, que subiam e desciam entre céu e terra, e ela ensina que o homem é chamado a unir o terreno ao divino, a fazer da sua vida uma ponte entre o que é passageiro e o que é eterno.

E a trombeta, por fim, rompe o silêncio, ela é o chamado divino, o som que desperta, a voz que convoca.

Remete às trombetas do Apocalipse, que anunciam transformação e juízo, mas também recorda a trombeta de Jericó, que derrubou muralhas.

A trombeta é a recordação de que a voz de Deus sempre chama, sempre desperta, sempre derruba as fortalezas da soberba para edificar no lugar delas a cidade da paz.

Assim, cada emblema sobre as mesas não é ornamento decorativo, mas lição viva.

O iniciado, ao percorrer a Capela, não caminha entre objetos, mas entre parábolas.

Cada símbolo lhe fala, cada detalhe lhe ensina, cada figura lhe sussurra um segredo antigo.

A cerimônia não é mero cenário, mas um teatro sagrado em que a vida interior é encenada.

O cavaleiro, ao sair, descobre que não somente participou de um ritual, mas que atravessou uma verdadeira escola da alma, onde a cruz, a espada, o barco, a serpente, o crânio, a escada e a trombeta são professores silenciosos da verdade.

Essas duas salas, tão distintas e ao mesmo tempo tão ligadas, formam um único percurso.

A Guarda é a noite, a Capela é o amanhecer.

A primeira ensina que é preciso vigiar-se, a segunda ensina que é preciso entregar-se.

A primeira exige disciplina, a segunda oferece graça.

No fundo, ambas são faces de uma única lição: o homem não entra no sagrado sem antes deixar-se esvaziar, e não permanece no sagrado sem antes aprender a servir.

O que começa como passagem física entre duas portas transforma-se em uma travessia espiritual.

Quando o Cavaleiro retorna dessas salas, já não é o mesmo, ao atravessar mares invisíveis, tocou o altar do mistério e descobriu que a verdadeira Malta não é uma ilha no Mediterrâneo, mas um estado da alma em que fé e serviço se encontram.



AS VESTES

As vestes cerimoniais da Ordem de Malta são mais do que indumentária ritual; são linguagem silenciosa, lição viva e espelho da alma.

Cada cor e cada forma nelas presente revelam uma verdade interior, pois o cavaleiro não se cobre de tecidos, mas de símbolos.

O vermelho, que se oculta sob o manto, representa o fogo do Espírito e o sangue do sacrifício. É a lembrança da coragem que se entrega, da fé que arde e da caridade que consome o ego para iluminar o próximo.

É o mesmo vermelho que tingiu o caminho dos apóstolos e mártires, e que hoje veste o maçom cavaleiro, recordando-lhe que a senda espiritual não é fria teoria, mas caminho de entrega e ação.

Por isso, a túnica vermelha é o coração da veste. Ela pulsa sob o negro manto como a chama sob a noite.

Sobre esse vermelho repousa o manto preto, símbolo da sobriedade e do recolhimento.

O preto, longe de significar ausência, é o ventre do Mistério, o espaço fértil do silêncio onde germina a luz.

Vestir o preto é reconhecer a própria sombra, é aprender a calar o orgulho para que a voz da alma possa ser ouvida.

É também o sinal de luto, não por um morto, mas por tudo o que precisa morrer dentro de nós: a vaidade, a cólera, a ignorância e o medo.

Somente quando o homem aceita esse luto sagrado é que o novo ser, renascido em espírito, pode emergir.

A cruz branca, bordada no manto e na túnica, é a síntese da lição; brilha como estrela sobre o negro da matéria e como pureza sobre o vermelho da vida.

Cada uma de suas oito pontas lembra as bem-aventuranças do Evangelho, que são degraus para a perfeição moral e espiritual: pureza, humildade, mansidão, justiça, misericórdia, paz, fidelidade e esperança.

O cavaleiro, ao vesti-la, não somente ostenta um símbolo, mas assume um juramento silencioso, o de ser fiel a essas virtudes, ainda que o mundo caminhe em direção contrária.

O barrete vermelho, coroado pela cruz dourada, é a coroa da consciência desperta.

Ele representa o discernimento espiritual, o pensamento purificado pela fé e iluminado pela sabedoria.

O ouro que o adorna lembra que, depois da escuridão e da prova, vem a claridade da realização interior.

O cavaleiro que o leva sobre a cabeça reconhece que a mente, outrora dispersa, foi consagrada à Verdade.

Assim, o conjunto das vestes torna-se uma parábola viva. O vermelho é o amor que move; o preto é o silêncio que prepara; o branco é a luz que guia; e o dourado é a sabedoria que coroa.

Cada dobra de tecido é uma lição, cada cor é uma lembrança, cada cruz é uma promessa.

A veste externa somente reflete a veste interior, aquela que se tece no coração com fios de fé, esperança e caridade.

“O homem se torna aquilo que veste, pois, a veste é o espelho do espírito.” Santo Ambrósio de Milão

OS OFICIAIS



PRIOR



MARECHAL



ALMIRANTE



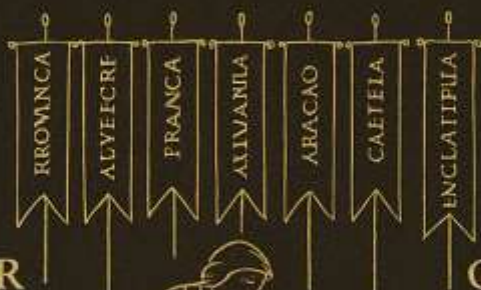
CAPELÃO



CAPITÃO
DOS BALUARTES



CURADOR



TESOUREIRO



CHANCELER

OS OFICIAIS

Na Ordem de Malta, tanto na tradição histórica quanto no rito, os títulos e funções vão além de simples cargos administrativos.

Cada oficial é um arquétipo, uma virtude encarnada, um espelho no qual o iniciado deve reconhecer um aspecto da sua própria jornada espiritual.

O Prior é o guardião maior, não somente da assembleia, mas da orientação interior.

Ele conduz pela fé, recordando que a espada só tem sentido se guiada pela luz do Espírito.

O Bailio representa a ordem e a estabilidade.

Era o responsável por uma região ou por uma casa, zelando pela organização material e pela coesão espiritual dos cavaleiros.

Seu nome é sinônimo de estrutura firme, que sustenta a comunidade.

O Marechal traz a disciplina, e no passado, organizava fileiras e impunha ordem ao corpo militar, mas no plano simbólico recorda que a verdadeira vitória depende de dominar paixões e organizar pensamentos; sua lição é a de que não há triunfo sem ordem interior.

O Capelão veste-se de branco e traz o sopro da fé viva; é o farol da oração no Priorado, lembrando que nenhuma cavalaria é completa sem o alimento espiritual.

O Capitão dos Baluartes simboliza a defesa dos valores eternos; sua função é levantar muralhas invisíveis em torno da consciência, preservando-a contra o erro e a mentira.

O Turcópolo, figura vinda do Oriente, era o cavaleiro ligeiro, o arqueiro ágil, aliado indispensável nas campanhas.

No Rito, ele é o símbolo da abertura e da diversidade, lembrando que até o diferente pode ser um aliado no caminho da verdade.

O Almirante, senhor de navios e estrelas, conduzia frotas pelo Mediterrâneo entre ventos e tempestades.

Hoje é visto como guia espiritual, aquele que sabe ler os sinais do céu e atravessar os mares revoltos da vida com coragem e confiança.

O Curador representa a compaixão.

Era o encarregado de cuidar dos enfermos e feridos, revelando que a verdadeira grandeza não está em conquistar territórios, mas em sarar feridas e estender a mão aos que sofrem.

O Chanceler guarda a palavra escrita, documentos e registros da Ordem.

Ele recorda que o falar e o escrever são compromissos sagrados, tão sérios quanto um juramento feito sobre a espada.

O Tesoureiro cuida dos bens materiais, mas ensina que ouro e riquezas passam, enquanto a retidão permanece.

Sua função lembra que administrar recursos é menos importante que cultivar virtudes.

Ao lado desses cargos, a tradição recorda também as Langues, que reuniam cavaleiros da Provença, de Auvergne, da França, da Itália, da Alemanha, de Aragão, de Castela e da Inglaterra.

Não eram somente divisões administrativas, mas o sinal da universalidade da Ordem.

Sob o mesmo manto, Irmãos de línguas e terras distintas partilhavam o mesmo voto, mostrando que a fé e a fraternidade não se limitam por fronteiras ou bandeiras.

Assim, cada oficial e cada língua são degraus de uma escada espiritual.

O Prior é liderança, o Bailio é ordem, o Marechal é disciplina, o Capelão é fé, o Capitão dos Baluartes é defesa, o Turcópolo é abertura, o Almirante é condução, o Curador é compaixão, o Chanceler é memória e o Tesoureiro é retidão. As Langues recordam que todos, unidos, formam uma só família, Irmãos universais.

O iniciado que contempla esse quadro não vê somente uma organização, mas um retrato da humanidade e cada cargo é virtude, cada língua é diversidade, e todas juntas formam a unidade que conduz da poeira das batalhas à claridade da fé.





OS NOMES DA ORDEM

Ao longo dos séculos, a Ordem que nasceu em Jerusalém recebeu diferentes nomes, como se cada etapa de sua jornada fosse gravada na memória por um título.

O primeiro deles, Ordem de São João de Jerusalém, não se refere a um santo distinto, mas ao próprio São João Batista, o Precursor.

Ele, que preparou o caminho para o Cristo e apontou para o Cordeiro de Deus, tornou-se padroeiro e arquétipo da fraternidade.

Assim como João não buscava glória para si, mas indicava a Verdade, também os Hospitalários serviram em humildade, apontando para Cristo por meio da caridade e da hospitalidade.

Quando a Terra Santa foi perdida, a Ordem encontrou novo lar em Rodes e passou a ser chamada de Ordem de São João de Rodes.

Nesse título se reflete a imagem da fortaleza, da resistência, da muralha que se ergue contra as tempestades da história.

Mais tarde, em 1530, Carlos V concedeu aos Irmãos a ilha de Malta.

Foi então que passaram a ser conhecidos como Ordem de Malta, nome que permanece até hoje como expressão de sua plenitude.

Em Malta, a fraternidade atingiu o auge de sua força militar e espiritual, resistindo a cercos e tornando-se guardiã não somente de uma ilha, mas de todo o Mediterrâneo cristão.

O título oficial ainda recorda toda essa trajetória: Soberana Ordem Militar e Hospitalária de São João de Jerusalém, de Rodes e de Malta.

Em cada palavra, um marco de identidade.

Em Jerusalém, o nascimento; em Rodes, a fortaleza; em Malta, a plenitude.

Em todos os nomes, a presença luminosa de João Batista, lembrando que o verdadeiro cavaleiro não se exalta a si, mas serve em fidelidade à fé e à caridade.





O MANTO E A CRUZ

O olhar se detém no manto negro e na cruz branca que resplandece sobre ele como estrela na noite.

É a primeira visão do iniciado quando a Ordem de Malta se abre diante dele, após ter percorrido as lições da Ordem da Cruz Vermelha.

Não se trata de repetição simbólica, mas de continuidade — de ponte que liga dois momentos da cavalaria maçônica.

A cruz branca, assentada sobre o fundo escuro do manto, é o sinal visível de que toda jornada espiritual exige a pureza do coração diante das sombras do mundo.

O preto recorda a humildade, o recolhimento e o silêncio interior.

É a noite da alma, tempo de introspecção e disciplina. Não representa ausência de luz, mas o solo fecundo onde ela germina.

É o luto pelo velho homem que precisa morrer para que o novo possa nascer.

Sobre esse campo de humildade resplandece a cruz branca, símbolo da fé e da vitória do espírito sobre a matéria.

Ela é o escudo e a lâmpada, lembrando que a verdadeira pureza não é isenção de erro, mas o constante esforço de servir com retidão.

Sob o manto, a túnica vermelha vibra como o coração do cavaleiro.

O vermelho é a cor da caridade e do sacrifício; representa o amor que move, o fogo que purifica, o sangue da dedicação.

É a recordação de Cristo, que não venceu com a espada, mas com a entrega.

Cada cruz branca sobre o vermelho é uma síntese da fé viva e do serviço ativo.

Essa harmonia de cores traduz o próprio caminho do iniciado: o negro da introspecção, o vermelho da ação e o branco da verdade.

Juntas, essas três dimensões expressam a missão do cavaleiro de Malta, pensar com prudência, agir com amor e servir com pureza.

A cruz de oito pontas, bordada no manto, não é mero adorno.

Cada ponta é uma virtude que deve ser vivida: espiritualidade, humildade, misericórdia, arrependimento, justiça, sinceridade, paciência e fé.

Ela é, ao mesmo tempo, mapa e espelho. Em seu traçado, o cavaleiro descobre o itinerário da própria alma, e em seu brilho reconhece a meta que o chama.

Assim, o manto e a cruz não são tecidos, mas linguagem sagrada.

São símbolos do combate interior e da paz conquistada.

O cavaleiro, ao revestir-se deles, proclama silenciosamente o seu voto: servir, proteger e permanecer fiel, mesmo quando as trevas se adensam e o mar se agita.

“Felizes os que lavaram suas vestes e as alvejaram no sangue do Cordeiro.” (Apocalipse 7,14)



O PASSE MEDITERRÂNEO

Na tradição da Ordem de Malta, o Mediterrâneo é mais que cenário, é o espelho da própria Ordem.

O chamado Passe Mediterrâneo recorda que toda jornada espiritual se faz atravessando águas incertas.

Não há cavaleiro que chegue à outra margem sem primeiro enfrentar o mar.

E esse mar é tanto exterior quanto interior, e exterior, porque a Ordem de São João, desde Jerusalém até Malta, literalmente navegou suas ilhas e fortalezas, enfrentou piratas, tempestades e impérios.

Interior, porque cada iniciado deve cruzar o mar de sua própria alma, com seus abismos, suas serpentes, suas tempestades.

Os ecos bíblicos tornam essa travessia ainda mais rica, ao lembrarmos de Moisés conduzindo o povo através do Mar Vermelho, quando a fé transformou o impossível em caminho.

Lembramos de Jonas, que, ao fugir de sua vocação, foi tragado pelo ventre do grande peixe, descobrindo que não se pode escapar ao chamado divino.

Lembramos de Paulo, náufrago em Malta, que acendeu uma fogueira para aquecer os Irmãos e lançou ao fogo a serpente que lhe saltara na mão, mostrando que até o veneno pode ser vencido pela confiança em Deus.

Lembramos de Cristo, que dormia no barco em meio à tempestade, até ser despertado pelos discípulos para acalmar os ventos e o mar.

Em cada narrativa, o mar é provação, mas também revelação.

No contexto da Ordem, o Passe Mediterrâneo não é somente lembrança de fatos históricos, mas um rito pedagógico.

Ele ensina que a vida espiritual exige coragem para navegar.

Muitos preferem ficar na praia, onde tudo parece seguro, mas é no risco das ondas que o homem encontra o sentido de sua fé.

O Passe Mediterrâneo simboliza a travessia interior do cavaleiro, que não busca conquistar terras, mas a si.

Cada onda representa paixões vencidas, cada tempestade dúvidas superadas, e cada naufrágio fé fortalecida.

Os elementos do rito adquirem sentido profundo: o pão lembra Cristo como alimento da alma, a água aponta para a vida nova do Espírito, a espada se torna instrumento de partilha e a cruz ensina não haver vitória sem sacrifício.

Mais que um mar geográfico, o Mediterrâneo é condição espiritual.

Ele representa a fé navegada, a caridade exercida em meio às tormentas e a verdade defendida contra as ondas.

Quem o cruza renasce, torna-se guardião da esperança e grava no coração a certeza de que cada travessia é um recomeço.



ANTIGO NOME

A ilha que hoje chamamos de Malta já teve muitos rostos e muitos nomes, como se cada povo que por ali passasse quisesse deixar sua marca na pedra branca do Mediterrâneo.

O mais antigo e significativo desses nomes é Melita.

A palavra tem raízes fenícias, esses mestres do mar e do comércio, foram os primeiros a usar Malta como porto estratégico em suas rotas pelo Mediterrâneo central.

Em sua língua, *Maleth* significava “refúgio”, “porto seguro” ou “abrigo”.

Não poderia haver designação mais apropriada, Malta é uma rocha firme emergindo do mar, uma escala inevitável para quem navega entre o Oriente e o Ocidente.

Quando os gregos chegaram, adaptaram o nome fenício para Μελίτη – Melite, e assim a ilha entrou nas cartas de navegação helênicas, associada ao mel que produzia em abundância.

Com efeito, desde a Antiguidade, a ilha era célebre pela presença de abelhas e pela doçura do mel ali colhido.

Para os gregos, Melite evocava não somente porto seguro, mas também fertilidade e doçura, uma dádiva em meio ao rochedo árido.

Os romanos herdaram essa tradição e fixaram o nome Melita em seus registros.

Autores como Cícero e Plínio o Velho mencionam a ilha, descrevendo-a como pequena, mas de importância estratégica e riqueza cultural.

Durante o domínio romano, Melita prosperou como ponto de contato entre províncias e como espaço de intercâmbio comercial.

Mas foi no texto bíblico que Melita encontrou sua consagração eterna. O livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo 28, narra o naufrágio de São Paulo em suas águas.

Escapando da tempestade, Paulo e seus companheiros chegam à costa, e o texto diz: *“Tendo escapado, souberam então que a ilha se chamava Melita.”*

Ali, Paulo é acolhido pelos habitantes, realiza curas e prega a fé, de modo que a ilha se tornou, na tradição cristã, um lugar de hospitalidade e de milagre.

O antigo nome entrou, assim, no cânone das Escrituras, preservado como testemunho do encontro entre a fé nascente e a ilha mediterrânea.

Com a chegada dos árabes, no século IX, o nome sofreu nova transformação fonética e se aproximou da forma que conhecemos hoje, Malta.

Melita nunca se apagou da memória.

Cronistas e eruditos mantiveram vivo o antigo nome como expressão poética da ilha.

Malta é hoje um território moderno, mas ao evocar Melita, a ilha se cobre de mistério, como se suas pedras ainda guardassem as vozes de navegadores, poetas, apóstolos e cavaleiros.

O nome arcaico permanece como essência simbólica de um lugar destinado a representar algo maior que si.



OS CAVALEIROS DE SÃO PAULO

Entre as muitas tradições que se entrelaçam com a história de Malta, existe uma devoção particular que deu origem a uma confraria de caráter cavaleiresco, os chamados Cavaleiros de São Paulo.

Diferentes da grande Ordem de São João, eles não ergueram fortalezas, não acumularam navios nem administraram vastos territórios.

Sua força residia em outra dimensão, a da memória espiritual do apóstolo que marcou a ilha com sua presença.

O episódio que lhes dá origem está registrado nas Escrituras.

No ano 60, Paulo de Tarso, prisioneiro a caminho de Roma, sofreu naufrágio em Melita.

O relato dos Atos dos Apóstolos descreve como os habitantes da ilha os receberam com hospitalidade, como Paulo sobreviveu à mordida de uma serpente venenosa e como curou o pai do governador Públio, além de muitos outros enfermos.

A ilha jamais esqueceu esse acontecimento, e para os malteses, aquele naufrago não foi somente um homem de passagem, mas um enviado de Deus, cujo testemunho permaneceu como herança espiritual.

Com o tempo, essa lembrança gerou uma devoção sólida.

Igrejas foram dedicadas a São Paulo em Malta, festas populares celebraram o seu naufrágio e, na espiritualidade cavaleiresca, surgiram os Cavaleiros de São Paulo.

Eles não eram uma ordem militar no sentido clássico, mas uma confraria que unia cavaleiros malteses e estrangeiros sob a inspiração do apóstolo.

Seu juramento era de fidelidade à fé e de defesa dos valores que Paulo representava: coragem diante da provação, hospitalidade, missão e resiliência.

O título de Cavaleiros de São Paulo carregava, assim, um duplo significado.

Por um lado, evocava a proteção do apóstolo sobre a ilha de Malta, reconhecido como seu patrono celeste.

Por outro lado, simbolizava a atitude espiritual de todo cristão que, como Paulo, enfrenta naufrágios e tempestades, mas não deixa que a fé se apague.

O verdadeiro cavaleiro paulino não empunha espada contra homens, mas contra as próprias trevas interiores, contra a desesperança, contra o veneno da serpente que é sempre tentação e engano.

No imaginário maltês, essa confraria era como uma ponte entre a grandeza da Ordem de São João e a intimidade da devoção popular.

Se os Hospitalários se distinguiam pela fortaleza e pelo hospital, os Cavaleiros de São Paulo lembravam que antes da pedra e do ferro existe o testemunho simples de um homem que chegou náufrago, sem armas, sem muralhas, mas cheio de fé.

Do ponto de vista simbólico, Paulo em Melita representa a essência do que significa ser cavaleiro, sobreviver às ondas, resistir ao veneno, acender o fogo em meio à noite e curar o próximo.



O CICLO DA VIDA

A existência humana pode ser contemplada como um grande círculo sagrado, no qual cada etapa não é fim absoluto, mas passagem.

A gênese é o instante em que a chama é acesa, quando o espírito se reveste de carne e dá seus primeiros passos no mundo.

É a manhã da alma, fresca e promissora, como a aurora que anuncia o dia.

A jornada é o tempo em que o homem percorre estradas, experimenta dores e alegrias, aprende com quedas e se levanta com vitórias.

É o meio-dia da vida, quando o sol está alto e os caminhos se cruzam.

Cada passo dado nessa jornada é aprendizado, cada gesto é semeadura que um dia dará frutos.

O crepúsculo não é aniquilação, mas recolhimento.

Assim como o sol não desaparece quando se põe, mas se oculta para renascer em outro horizonte, também a partida do homem não é silêncio definitivo, mas pausa necessária.

É o cair da tarde que prepara a noite estrelada, onde os mistérios brilham em silêncio.

A renovação é o segredo guardado pelos mistérios da fé e pelos ciclos da natureza.

A semente que morre no solo germina em vida nova; o inverno rigoroso prepara a primavera.

Assim também o ser humano é chamado a renovar-se além das fronteiras da carne, a reencontrar-se em outra forma, mais plena, mais sutil, mais verdadeira.

A elevação é a consumação dessa trajetória; não é fuga do mundo, mas encontro com o alto.

“A morte é somente o intervalo entre dois acordes da mesma melodia divina.” Hermes Trismegisto

É quando o homem se liberta do peso da matéria e caminha em direção à luz, como chama que sobe ao céu.

Elevação é plenitude, é comunhão, é a realização daquilo que já se insinuava em cada etapa anterior.

Assim, o ciclo se cumpre: gênese, jornada, crepúsculo, renovação e elevação.

O homem descobre que sua vida não é linha reta, mas círculo que retorna sempre ao princípio, cada vez em plano mais elevado.

Quem compreende esse mistério entende não haver fim, mas somente passagem; não há perda, mas transformação.

E nesse movimento eterno, encontra-se o verdadeiro sentido de existir.

“O que para nós é pôr do sol, para outros é aurora.”
Santo Agostinho



O SOFRIMENTO DE CRISTO

Ele foi arrastado pelas ruas estreitas de Jerusalém como se fosse o último dos criminosos.

Sua pele, já marcada pelo açoite, ardia em sangue aberto.

Cada golpe dos flagelos, trançados com ossos e metais, rasgava a carne em sulcos que se enchiam de sangue quente, escorrendo pelas costas, pelo peito, pelas pernas.

Não havia parte de seu corpo que não fosse dor.

Os soldados riam, cuspendo-lhe no rosto, coroando-o com espinhos que penetravam fundo na fronte.

O sangue escorria em filetes pelos olhos, misturado ao suor e à poeira.

Deram-lhe uma cruz áspera, pesada como um muro, e o forçaram a carregá-la pelas vielas da cidade.

Seus ombros, já feridos pela madeira, batiam contra as pedras, e cada queda arrancava da multidão uma mistura de escárnio e compaixão.

Uns o insultavam, outros choravam, mas Ele caminhava em silêncio, tropeçando sob o peso que esmagava não só seu corpo, mas também sua alma.

No Gólgota, a execução foi preparada como espetáculo.

Deitaram-no sobre a madeira, esticaram seus braços com brutalidade.

O prego frio encontrou a carne macia do pulso e, ao ser martelado, o ferro atravessou nervos, ossos e tendões.

A dor explodiu como fogo, irradiando até o cérebro.

O segundo prego repetiu o suplício, e então vieram os pés, pregados como se fossem simples tábuas.

A cruz foi erguida, e o corpo suspenso, pendendo em seu próprio peso. A cada respiração, os pulmões buscavam ar, mas o peso do corpo comprimido contra os braços pregados tornava cada sopro um tormento.

Para respirar, precisava erguer-se nos pés cravados, e isso era dor sobre dor.

O sol queimava, o sangue escorria, as moscas pousavam nas feridas abertas, o corpo estremecia em febre e sede.

Clamou por água e recebeu vinagre.

Ao redor, zombarias: *“Salvou os outros, mas não pôde salvar-se.”* Sua mãe o contemplava, e esse olhar perfurava mais fundo do que os pregos.

Ali estava Ele, não em majestade, mas em humilhação; o corpo lacerado, o rosto inchado e coberto de sangue, o peito arfando em esforço desesperado.

O Filho do Homem reduzido à condição mais brutal da carne, sozinho entre céu e terra, suspenso na madeira que se tornara sua cama de agonia.

Cada minuto pendurado era eternidade, cada segundo, uma onda de dor que se repetia sem cessar, o sofrimento de Cristo foi humano, terrivelmente humano.

Foi sangue, suor, lágrimas, músculos dilacerados, nervos em brasa. **Foi abandono, escárnio, solidão, foi o limite do que um corpo pode suportar, a dor transformada em oferta.**

Quem contempla essa cena não pode permanecer indiferente, ou desviar os olhos para não ver, nosso coração é rasgado, a lança é alívio, e também sentença!



ESTÁS DISPOSTO?

Irmão Cavaleiro, contempla com os olhos da alma a cena do Gólgota.

O Homem das Dores, coroado de espinhos, sangrando em cada nervo e músculo, arrastado entre gritos e insultos, pregado como malfeitor, suspenso entre o céu e a terra.

Cada respiração era uma luta contra a morte, cada batida do coração era martelo sobre o prego. Cada olhar para os que amava era uma espada atravessando sua alma.

E eu te pergunto: estás disposto?

Estarias disposto a carregar a cruz que dilacera os ombros?

A deixar que zombem de ti, que cusпам em teu rosto, que te tratem como nada?

Estarias disposto a ser pregado vivo, a sentir o ferro atravessando tua carne, a lutar por ar quando o peito já não aguenta mais?

Aceitarias sofrer tudo isso, não por ti mesmo.

Por teus Irmãos?

Por tua família?

Por teus filhos?

Por esta Ordem que herdaste dos que vieram antes?

E pela humanidade que tantas vezes não compreende o sacrifício?

Diz-me, cavaleiro, se Cristo suportou até o fim, se Ele não recuou diante da dor mais atroz, tu estarias pronto a segui-lo até aí?

Estarias pronto a beber o cálice até a última gota, a entregar não só o suor, mas também o sangue?

Não é metáfora, não é poesia, não é teatro.

É carne que se rasga, é dor que enlouquece, é abandono que esmaga.

Tu aceitarias viver esse suplício em nome da verdade, da justiça e da fé?

Ou recuarias no primeiro açoite, no primeiro insulto, na primeira gota de sangue?

Este é o chamado que a cruz te lança.

Não basta vestir o manto.

Não basta empunhar a espada.

É preciso estar disposto a sofrer como Cristo sofreu, a dar a vida como Ele deu, a transformar o corpo em sacrifício e a alma em oferenda.

“Ninguém ascende ao Calvário com Cristo se primeiro não descer ao seu próprio coração e ali morrer para o mundo.” São João da Cruz

“O cavaleiro não teme a dor, pois sabe que ela é o batismo da alma; não busca a morte, mas aceita-a quando a Verdade o chama.” Louis Charbonneau-Lassay



O CREDO

O Credo Niceno-Constantinopolitano não é somente uma profissão de fé, é uma muralha espiritual erguida ao longo dos séculos.

Nascido nos concílios de Niceia e Constantinopla, ele não foi escrito como oração privada, mas como espada e escudo contra a dúvida.

Em Niceia, no ano 325, a Igreja afirmou solenemente que Cristo não era criatura, mas Filho eterno: *“Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro.”*

Em Constantinopla, no ano 381, o Espírito Santo foi proclamado *“Senhor que dá a vida”*, e a Igreja reconhecida como *“una, santa, católica e apostólica.”*

Essas palavras tornaram-se o alicerce da fé, transmitidas de geração em geração como fogo sagrado que jamais se apaga.

O Credo resistiu ao tempo. Foi recitado por monges no deserto, por mártires nas arenas e por cavaleiros antes das cruzadas.

Cada verso carrega o peso de milênios, condensando em poucas linhas toda a teologia e toda a esperança.

Para o Cavaleiro de Malta, o Credo é mais do que doutrina: é voto.

Quando o proclama, ele reafirma sua aliança com Cristo, com a Igreja e com a humanidade sofredora. Não é somente palavra, é ato. Não é repetição, é renovação.

“Creio em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador dos céus e da terra.” O cavaleiro serve com humildade, reconhecendo em cada rosto humano a imagem do Criador.

“E em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus.” Ele não segue ideologias, mas o exemplo vivo do Mestre que desceu dos céus e se fez servo.

“Deus de Deus, Luz da Luz.” A cruz vermelha em seu peito é reflexo dessa luz, que o guia nas sombras e o chama a iluminar o mundo com atos de compaixão.

“E por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus.” O cavaleiro recorda que o verdadeiro poder está em descer, aproximar-se do necessitado, tocar o ferido, consolar o esquecido.

“E se encarnou pelo poder do Espírito Santo.” Assim aprende que o divino se manifesta na matéria, que o serviço aos pobres é serviço ao próprio Deus.

No fim, o cavaleiro pronuncia o *Amém* como quem finca a espada no chão da fé.

Não é palavra de encerramento, mas de compromisso.

É promessa silenciosa:

“Assim creio, e por isso vivo, luto e sirvo.”

“O coração tem razões que a própria razão desconhece.”
Blaise Pascal

“Compreende para crer, mas crê para compreender ainda mais.” Santo Agostinho

“A fé não se impõe, mas se propõe com a força do exemplo e a doçura da verdade.” São João Paulo II



A CRUZ DE MALTA

A cruz de Malta é talvez o mais conhecido dos símbolos ligados à Ordem dos Cavaleiros de Malta.

Sua forma, composta por quatro braços iguais em ponta de flecha que convergem para o centro, remete imediatamente à ideia de equilíbrio, simetria e força.

Ela é também designada por cruz oitavada porque cada braço possui duas pontas, formando oito extremidades bem-marcadas.

Esses oito pontos sempre receberam diversas interpretações ao longo dos séculos.

Uma das mais difundidas é a que relaciona cada ponta a uma virtude do cavaleiro: lealdade, piedade, franqueza, coragem, glória e honra, desprezo pela morte, solidariedade para com os pobres e respeito pela Igreja.

Outras tradições ligam as oito pontas às bem-aventuranças do Sermão da Montanha, ensinando que o verdadeiro cavaleiro deve ser reflexo dessas promessas espirituais.

Além da simbologia moral e cristã, a cruz de Malta também tinha função prática.

Quando bordada em mantos e escudos, a cor branca ou vermelha sobre fundo preto servia de insígnia de identificação nos campos de batalha e hospitais medievais.

Era sinal de acolhimento e proteção, marcando os lugares onde os doentes e peregrinos poderiam encontrar abrigo seguro.

Com o tempo, essa cruz passou a representar não somente a Ordem de São João de Jerusalém (depois Ordem de Rodas e finalmente de Malta), mas também o ideal cavaleiresco de servir com disciplina e fé.

Ao ser adotada pelos Cavaleiros de Malta, tornou-se o emblema de um duplo chamado, militar e espiritual.

Militar porque lembrava o dever de defesa da fé e dos cristãos.

Espiritual porque apontava para a caridade e o cuidado aos necessitados, missão que os hospitalários sempre mantiveram viva.

Assim, a cruz de Malta é mais do que um ornamento heráldico.

É um compêndio visual de virtudes, uma síntese do dever cavaleiresco e uma bandeira de fidelidade que atravessou os séculos.

Até hoje, ela continua a ser exibida não como símbolo de poder, mas como sinal de serviço e testemunho de fé, lembrando que o verdadeiro cavaleiro não se mede pela espada que carrega, e sim pela cruz que escolhe sustentar.

“A cruz branca de oito pontas continua sendo o símbolo das atividades de saúde e de assistência social da Ordem de Malta.” Site oficial da Ordem de Malta

“Salve, Cruz branca, sinal supremo da piedade, inflamai os corações dos fiéis para que a ardente caridade dos teus vença todas as coisas.” Hino da Ordem Soberana de Malta



PALESTINA
1099



CHIPRE
1287



RHODES
1310



CANDIA
1523



MALTA



OS ESTANDARTES

Os estandartes da Ordem são como páginas de uma história sagrada, em que cada cor, cada data e cada lugar recordam uma etapa de provação e de conquista.

Palestina – 1099 (branco). O nascimento. Jerusalém foi o berço da Ordem, quando o hospital de São João acolhia peregrinos no coração da Terra Santa. Branco é a pureza da vocação, o início marcado pelo serviço humilde, hospedar, curar e proteger.

Jerusalém representou o ventre espiritual da Ordem e a lembrança de que servir é a mais alta forma de fidelidade.

Chipre – 1287 (vermelho). O exílio. Após a perda da Terra Santa, os cavaleiros refugiaram-se em Chipre. Foi tempo de transição e de provação, quando restava somente a fidelidade à missão.

O vermelho recorda o ardor e o sacrifício, o preço da perseverança em meio à perda. Chipre ensinou que a verdadeira força não está nos territórios, mas na união dos Irmãos sob a cruz.

Rodes – 1310 (preto). A fortaleza. Em Rodes, a Ordem tornou-se potência naval e baluarte contra o Oriente. Durante dois séculos, resistiu a cercos e batalhas, até a queda heroica diante de Solimão, o Magnífico.

O preto evoca a noite das provações e, ao mesmo tempo, a dignidade preservada mesmo na derrota. Rodes simboliza a muralha interior que nenhum inimigo pode derrubar.

Cândia – 1523 (púrpura). A errância. Após a perda de Rodes, os cavaleiros vagaram pelo Mediterrâneo e tiveram em Creta somente um porto de passagem.

O púrpura é a cor da dignidade, lembrando que mesmo sem território ou coroa, a Ordem permaneceu viva. Cândia representa o período em que restava somente a esperança e a memória, como um silêncio preparatório para nova missão.

Malta – 1530 (amarelo). A plenitude. Com a concessão da ilha por Carlos V, a Ordem encontrou sua pátria definitiva. Malta tornou-se fortaleza e hospital, espada e bálsamo, oração e combate.

O amarelo é a luz e o ouro, sinal de vitória e de identidade consolidada.

Ali, os cavaleiros uniram hospitalidade e cavalaria em forma indissolúvel, tornando-se guardiões da fé e da caridade.

A sequência cromática: branco, vermelho, preto, púrpura e amarelo, é uma pedagogia silenciosa.

Ensina que a vida espiritual passa pela inocência inicial, pelo sacrifício exigente, pela noite da provação, pela dignidade na espera e, por fim, pela luz da vitória.

Cada estandarte é uma estação dessa peregrinação, lembrando que o verdadeiro cavaleiro não vive instalado, mas sempre em caminho.

“Há em toda vida humana uma cruz. E cada alma deve escolher: ou se inclina sob ela e segue o Mestre, ou a arrasta até o cansaço e a queda. A cruz é levada com paciência quando se compreende que cada peso tem em si uma graça, e que nenhuma provação é inútil. Não busques o repouso nas coisas visíveis, pois onde quer que estejas, levarás contigo o fardo de ti mesmo. O homem que aprende a renunciar e a perseverar é maior do que aquele que conquista cidades. O caminho do céu é uma via estreita, mas toda dor que nele se sofre transforma-se em luz para quem sabe esperar.” Thomas à Kempis



8 IDIOMAS

Entre os muitos aspectos que tornam a Ordem de Malta singular, talvez nenhum seja tão revelador quanto a sua divisão em “línguas”.

Muito além de simples categorias administrativas, essas línguas representavam povos, culturas e tradições que, apesar de suas diferenças, encontraram unidade sob a mesma cruz.

Provença, Auvergne, França, Itália, Aragão, Alemanha, Castela e Anglo-Baviera formavam um mosaico de línguas e costumes que refletia a própria universalidade da Cristandade medieval.

Cada língua era como uma pedra viva, com forma e cor próprias, mas que se unia às demais para sustentar o mesmo edifício espiritual.

Ali conviviam o trovador provençal e o guerreiro castelhano, o marinheiro aragonês e o disciplinado bávaro, o diplomata francês e o jurista italiano, todos falando idiomas distintos, mas pronunciando em uníssono a mesma oração e empunhando a mesma espada.

Estudar essas línguas é compreender que a Ordem foi, desde cedo, uma prefiguração de um mundo universal, antecipando em séculos o que hoje chamamos de globalização.

Era uma fraternidade internacional, unida não pelo sangue, mas pela fé, pela disciplina e pelo serviço.

E assim como as colunas da Maçonaria sustentam o templo, as línguas sustentaram o edifício da Ordem, cada uma oferecendo sua força particular para o equilíbrio do todo.

A língua da Provença remetia ao sul da atual França, região que na Idade Média floresceu culturalmente através da poesia trovadoresca e do idioma occitano.

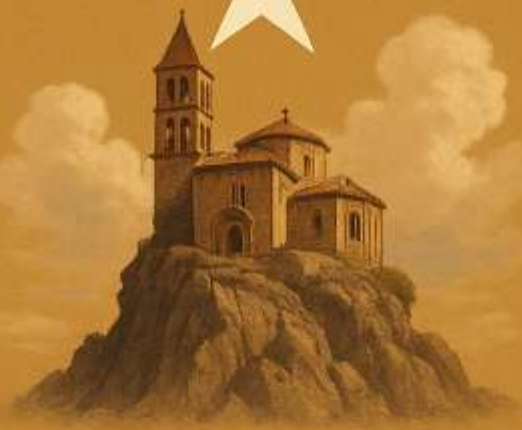
Era a língua da cortesia, da lírica amorosa, da sofisticação cultural que ecoava em canções e poemas.

Na Ordem, os cavaleiros provençais trouxeram esse espírito refinado, a mescla entre o ideal cavaleiresco e a delicadeza cultural.

Ainda que destinados ao rigor da disciplina militar, eram também homens moldados por uma tradição literária e espiritual que falava de honra e fidelidade.



PROVENCE



AUVERGNE



FRANCE



ITALY



ARAGÓN



ALEMANIA



CASTELA



ANGLO-
BAVIERA

A Auvergne, região montanhosa e central da França, tinha como língua predominante o dialeto auvernês, variante do occitano.

Era uma terra de gente rude e resiliente, habituada às montanhas e à dureza do clima.

Na Ordem, os cavaleiros de Auvergne representavam a força da perseverança, o espírito da rocha que não se dobra.

Linguisticamente, seu falar reforçava a ligação com o occitano, mas o temperamento diferia do provençal, menos lírico e mais áspero, refletindo a geografia dura de sua pátria.

A língua francesa, que já se consolidava como uma das grandes línguas da Europa, formava a base de outra das “línguas” da Ordem.

Esses cavaleiros eram oriundos do norte do reino da França, berço da cavalaria medieval e da tradição gótica.

O francês era a língua da diplomacia e da administração, mas também a língua dos ideais cavaleirescos cristalizados em canções de gesta, como as histórias de Rolando.

Na Ordem, os franceses foram importantes na organização militar e no peso político, pois o reino francês era um dos mais poderosos da cristandade.

A Itália, fragmentada em diversos reinos e cidades-estados, oferecia à Ordem não uma língua única, mas uma pluralidade de dialetos: toscano, lombardo, napolitano, vêneto, siciliano.

O latim ainda servia como língua culta e litúrgica, mas o falar cotidiano variava.

Os cavaleiros italianos trouxeram consigo a tradição do direito romano, da administração refinada e da ligação com Roma e o papado, fundamentais para a legitimidade da Ordem.

Foi também através dos italianos que o contato com as artes renascentistas impregnou a cultura da Ordem em seus últimos séculos.

Aragão representava não somente um reino da Península Ibérica, mas a projeção de uma potência mediterrânica.

Ali se falava o aragonês, uma língua românica, mas também havia forte presença do catalão e, em algumas regiões, do castelhano.

A coroa de Aragão foi uma grande potência naval, com presença em Sicília, Nápoles, Sardenha e até na Grécia.

Não surpreende, portanto, que os cavaleiros aragoneses tenham sido grandes navegadores e estrategistas, levando para a Ordem a vocação marítima e o espírito de expansão mediterrânea.

A língua da Alemanha abrangia os dialetos germânicos do Sacro Império Romano-Germânico, principalmente o alto-alemão.

Esses cavaleiros estavam ligados a uma tradição militar rígida e a uma disciplina férrea, herança da vida em terras de fronteira constantemente ameaçadas.

O alemão, com sua estrutura sólida e sonora, refletia também esse espírito.

Na Ordem, os cavaleiros germânicos contribuíram com organização, hierarquia e, sobretudo, a lembrança de que a fé cristã não era monopólio do Mediterrâneo, mas abrangia toda a Europa.

Castela era o coração da Reconquista espanhola, e sua língua, o castelhano, começava a expandir-se como idioma dominante da Península Ibérica.

A experiência dos cavaleiros castelhanos era marcada pela luta constante contra os mouros, o que os fazia Irmãos naturais dos hospitalários na defesa da fé.

A língua castelhana, direta e vigorosa, ecoava no ideal de honra e glória que movia os cavaleiros ibéricos.

Sua contribuição para a Ordem foi a experiência militar, forjada em séculos de batalhas pela reconquista da Península.

Anglo-Baviera, essa língua era uma união curiosa, pois reunia cavaleiros oriundos das Ilhas Britânicas e da Baviera, no coração do império germânico.

O inglês ainda estava em transformação, após a fusão do anglo-saxão com o normando, e começava a se distinguir como idioma próprio, enquanto a Baviera mantinha dialetos germânicos do alto-alemão.

Essa junção linguística incomum representava a universalidade da Ordem, dois povos distintos, mas que compartilhavam o mesmo ideal cavaleiresco.

Os ingleses traziam o espírito insular, a tradição marítima nascente e o senso de pragmatismo; os bávaros, a disciplina germânica e a religiosidade profunda do catolicismo do sul da Alemanha.

As oito línguas não eram somente divisões administrativas, mas sinais da universalidade cristã.

O occitano da Provença e da Auvergne trazia a poesia e a dureza; o francês, a diplomacia e a cavalaria; o italiano, a arte e o direito; o aragonês e o catalão, a vocação naval; o alemão, a disciplina e a hierarquia; o castelhano, a experiência da Reconquista; o inglês e o bávaro, o pragmatismo insular e a fé germânica.

Reunidos sob a cruz branca sobre fundo preto, esses homens mostravam que, muito antes da modernidade, a Ordem de Malta já era uma prefiguração da universalidade, um corpo internacional unido não por língua, mas por fé e disciplina.



O SÍMBOLO E A HISTÓRIA

Os Cavaleiros de Malta representam uma fidelidade que atravessou os séculos, uma lealdade que não se prende a um trono ou a uma instituição, mas ao serviço a Cristo por meio dos pobres, dos enfermos e dos peregrinos.

Seu exemplo de abnegação e coragem foi o alicerce sobre o qual se ergueram outras tradições espirituais, entre elas a Maçonaria, que herdou desse espírito a noção de servir sem esperar recompensas, construir sem buscar aplausos e amar a humanidade sem distinções.

No Rito de York, a Ordem de Malta é um caminho simbólico e espiritual.

Por meio de seus símbolos, o Maçom aprende que a fé é o alicerce do Templo invisível, a coragem é a espada que corta as ilusões e a caridade é o bálsamo que cura o mundo.

Essa trilha espiritual, revestida de antigos nomes e antigos rituais, aponta para uma verdade maior, toda Ordem é somente o reflexo de uma Ordem mais profunda, aquela que se forma dentro do homem quando ele decide servir à Luz.

A Ordem Maçônica é, assim, o resultado de séculos de busca pelo equilíbrio entre a fé e a razão, entre o serviço e o conhecimento.

A Ordem de Malta, no Rito de York, torna-se então o último degrau antes do Templo.

Ela ensina que o cavaleiro, antes de erguer a espada, deve curar as feridas, e ensina que antes de julgar o inimigo, deve vencer a si.

Antes de buscar a glória, deve compreender o valor do sacrifício. E é nessa consciência amadurecida que o Maçom encontra o verdadeiro sentido da cavalaria moderna: lutar contra a ignorância, socorrer os aflitos e guardar a verdade como um tesouro sagrado.

No final da jornada, quando o iniciado compreende o que os antigos chamavam de *serviço à Ordem*, ele descobre que o símbolo e a história não são coisas distintas.

O símbolo é o que sobrevive à história, e a Maçonaria, em seu mais alto propósito, é essa ponte entre o passado e o eterno presente, o lugar onde o cavaleiro e o construtor se tornam um só, e onde a fidelidade que outrora se expressava na espada agora se manifesta na palavra, no gesto e na luz interior que não se apaga.





SER UM CAVALEIRO

Antes de falar da Ordem do Templo, é justo recuar alguns passos e contemplar a figura do cavaleiro em seu surgimento.

O cavaleiro não nasceu como mito pronto, vestido de armadura e montado em cavalo branco.

Ele foi, antes de tudo, fruto de uma longa transformação histórica, social e espiritual que moldou a Idade Média.

No início, entre os séculos VIII e IX, a Europa era um mosaico de pequenos reinos instáveis, constantemente ameaçados por invasões normandas, sarracenas e magiares.

O cavalo, que já era símbolo de posição entre povos germânicos, tornou-se instrumento decisivo de guerra.

Os senhores locais começaram a treinar guerreiros montados, hábeis no uso da lança e da espada, e assim surgiram os primeiros cavaleiros, não ainda como ideal de honra, mas como uma elite militar que defendia terras em troca de proteção e sustento.

Gradualmente, o papel desses guerreiros foi se revestindo de significados espirituais e morais.

A Igreja, que inicialmente via com desconfiança a violência dos guerreiros feudais, procurou discipliná-los mediante códigos como a *Paz de Deus* e a *Trégua de Deus*.

O que antes era saque ou carnificina passou a ser regulado pela ideia de que o guerreiro devia proteger os fracos, os pobres, as viúvas e as crianças.

Desse esforço nasceu o ideal de cavalaria cristã: um guerreiro não somente armado, mas consagrado, cuja força devia estar a serviço da justiça e da fé.

Foi nesse contexto que surgiram as ordens de cavalaria.

Primeiro, como confrarias de guerreiros cristãos ligados a santuários ou missões específicas.

Depois, com a chegada das Cruzadas, no século XI, essa fusão entre guerra e religião se consolidou plenamente.

Cavaleiros que iam à Terra Santa não somente empunhavam a espada, mas faziam votos diante do altar.

O cavaleiro cruzado era, ao mesmo tempo, soldado e peregrino, combatente e penitente, e seus costumes iniciais refletiam tanto a vida militar quanto a devoção espiritual.

A iniciação cavaleiresca envolvia vigília em armas, noite em oração, jejum, banho purificador, missa e bênção da espada, e o cavaleiro jurava lealdade ao seu senhor, mas também a Cristo e à Igreja.

Carregava não só a espada para lutar, mas também o rosário para rezar, e vivia sob códigos de honra que valorizavam coragem, lealdade, fé, humildade e generosidade.

Assim, os cavaleiros que começaram como guerreiros feudais tornaram-se, com a influência da Igreja e da espiritualidade medieval, guardiões de um ideal mais alto.

Suas ordens representaram a tentativa de transformar a força em serviço, a guerra em sacrifício e a vida militar em vocação espiritual.



OS TEMPLÁRIOS

Falar dos Templários é revisitar uma das páginas mais complexas e luminosas da história do espírito humano.

No início, não eram santos nem anjos, eram homens do ferro e do pó, moldados em tempos de guerra e penitência.

A Idade Média, que tanto os idealizou, legou-nos mais mitos do que retratos fiéis.

Entre o brilho das armaduras e o eco dos sinos das cruzadas, havia fome, medo, fanatismo e fé entrelaçados como fios de um mesmo tecido.

Os primeiros cavaleiros eram guerreiros sem formação teológica, muitos recém-saídos da barbárie que devastava a Europa após a queda do Império Romano.

A Igreja, tentando disciplinar o instinto guerreiro, deu-lhes uma causa e um ideal.

Assim nasceram as ordens militares, e entre elas, a mais singular, a dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão.

“Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam”
Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao Teu nome dá glória.

Este era o lema Templário, e nele se encontra a essência do que aspiravam ser, instrumentos da vontade divina, não senhores da guerra.

Contudo, como todo homem em jornada, também caíram, erraram, excederam.

As Cruzadas deixaram marcas de sangue, e o fanatismo, que pretendia libertar a Terra Santa, muitas vezes escravizou corações.

Mas não é possível compreender a luz sem considerar as sombras que a cercam.

O iniciado verdadeiro não romantiza o passado nem o julga com vaidade.

Reconhece que, nas areias do deserto e nos salões das catedrais, o mesmo fogo que destrói também purifica.

A verdadeira iniciação consiste em olhar o erro como espelho e, através dele, descobrir o caminho da redenção.

A Maçonaria herdou dos Templários não a espada que corta, mas a espada que separa o erro da verdade.

O ferro se fez símbolo do discernimento, e o cavaleiro deixou de lutar contra o inimigo exterior para guerrear dentro de si.

O Rito de York, ao celebrar o grau de Cavaleiro Templário, não revive a história bélica das Cruzadas, mas resgata o **sentido espiritual da cavalaria**, a defesa da fé, a retidão moral e o sacrifício pela Verdade.

O templo já não é de pedra, nem se ergue sobre colinas, mas no interior de cada iniciado que busca servir ao Cristo com humildade e coragem.

“Não há maior conquista do que dominar a si”, ensina Bernardo de Claraval, o monge que foi mentor da Ordem.

Essa é a verdadeira cruzada que nos cabe travar.

O símbolo da Cruz Vermelha sobre o manto branco não recorda somente o sangue derramado, mas a união da pureza e do sacrifício.

Aquele que a veste, o faz não para empunhar armas, mas para recordar que toda fé sem caridade é estéril, e que toda coragem sem humildade se converte em tirania.

Hoje, quando evocamos os Templários, não buscamos mártires nem guerreiros, mas exemplos.

Homens que, entre a espada e o altar, tentaram unir céu e terra.

Homens que, embora falhos, ousaram sonhar com um mundo em que o poder servisse à fé, e a fé fosse mais forte que o medo.

No espírito do Rito de York, somos herdeiros desse ideal depurado pelo tempo.

Não herdamos o clangor das cruzadas, mas o eco da oração. Não erguemos fortalezas de pedra, mas templos de consciência.

E como eles, juramos fidelidade não a reis terrenos, mas ao Reino do Espírito, onde a verdadeira glória pertence somente a Deus.





O TESOURO TEMPLÁRIO

Dizem as crônicas mais antigas que os cavaleiros do Templo, logo após conquistarem Jerusalém, escavaram sob as ruínas do antigo Templo de Salomão.

Não buscavam somente pedras preciosas ou ouro, mas sabedoria esquecida.

Entre corredores subterrâneos e câmaras ocultas, encontraram pergaminhos que relatavam leis de uma antiga aliança.

Eram doze, gravadas em pedras guardadas dentro de uma caixa de acácia, a mesma madeira sagrada que os hebreus utilizaram para construir a Arca da Aliança.

Essas leis iam além dos 10 mandamentos, como se revelassem um pacto mais íntimo entre o homem e o Criador.

Uma delas dizia: **“Não erguereis templos de ouro ou de prata em meu nome. O verdadeiro templo está em vós. Guardai a Lei em segurança, mas não adoreis a Lei, e sim o Criador.”**

Foi assim que nasceu a lenda de que o maior tesouro Templário não era de ouro, mas de sabedoria.

Ainda assim, ao longo dos séculos, a Ordem acumulou riquezas imensas, vindas de doações de reis, dízimos de terras, créditos de banqueiros e conquistas militares.

Quando o rei Filipe, o Belo, depositou em Paris o tesouro da coroa da França sob custódia dos Templários, aquele ouro correspondia a menos de um décimo do montante guardado na capital da Ordem.

E mesmo o que ali se armazenava não passava de uma fração do que estava espalhado pelo mundo.

Cada comanderia possuía sua cripta e seu cofre.

Alguns estavam enterrados em cavernas, outros disfarçados em rochedos que pareciam naturais, selados de modo a resistir à eternidade.

Havia galeões carregados de barras de prata e ouro que foram afundados de propósito em profundidades impossíveis de alcançar, como se o mar fosse o melhor dos cofres, aguardando a chegada de tempos em que a tecnologia permitiria resgatá-los.

O segredo maior, porém, estava em Paris. Na noite em que Filipe o Belo tramava a prisão de todos os Templários, o grão-mestre Jacques de Molay já havia ordenado o impossível: a movimentação de todo o tesouro da Ordem, em manobras simultâneas e coordenadas.

Nenhum inimigo poderia estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

Durante um mês inteiro, todos os Templários do mundo entraram em alerta máximo.

Divisões foram formadas, destacamentos preparados. Para cada tesouro transportado, cem cavaleiros o acompanhavam.

Dividiam-se em dez grupos de dez, formando um círculo de ferro em torno das carroças, galeões ou animais de carga. Se algum inimigo ousasse se aproximar, encontrava resistência imediata.

Alguns ladrões comuns tentaram ser abatidos antes mesmo de compreenderem contra quem se haviam lançado.

Dessa forma, o ouro de Paris seguiu por caminhos secretos até chegar a Portugal, a Malta e à Escócia.

Outras caravanas rumaram para a Espanha, escondendo-se em fortalezas de Castela, em criptas de mosteiros e nas montanhas que vigiavam os caminhos de Santiago.

Havia ainda tesouros levados para o Oriente, para o norte da África e para portos do Mediterrâneo onde a presença Templária era menos visível, mas igualmente poderosa.

Cada cofre oculto era registrado em uma lista secreta.

Somente DeMolay tinha acesso a ela. Lida uma vez, queimou-a diante dos olhos de poucos fiéis, levando para o túmulo o mapa completo do tesouro Templário, ou não!

Com o passar dos séculos, rumores se espalharam.

Alguns falavam de navios que cruzaram o Atlântico, levando consigo baús cheios de ouro e pergaminhos que revelavam mistérios.

Outros acreditavam que parte desse tesouro repousava em cavernas seladas por símbolos cabalísticos, impossíveis de abrir sem o conhecimento da Ordem.



O que importa não é somente a quantidade de ouro, mas a ideia de que todo esse tesouro era uma garantia para o futuro.

A Ordem não acumulava somente para si, mas para um tempo vindouro em que a Verdade necessitasse ser sustentada por símbolos tangíveis.

Assim, o Tesouro do Templo não se reduzia a riquezas materiais.

Era um patrimônio espiritual, que reunia leis esquecidas, segredos guardados, símbolos inscritos em pedra e sangue de cavaleiros que deram a vida para protegê-lo.

Até hoje, ninguém sabe ao certo onde repousa sua totalidade.

Talvez esteja ainda em silêncio nas profundezas do mar, ou nos subterrâneos de antigos castelos europeus.

Talvez tenha sido levado ao Novo Mundo, escondido sob montanhas e vales que ainda não revelaram seus segredos.

O certo é que a lenda continua viva. O tesouro Templário não é somente ouro ou prata.

É também a recordação de que uma fraternidade jurou proteger algo maior do que si.

O ouro pode ter se dispersado, mas a verdadeira riqueza permanece: o testemunho de uma Ordem que, mesmo perseguida e traída, preparou o futuro com inteligência, coragem e fé inabalável.

E quem sabe, em algum tempo que ainda há de vir, os cofres silenciosos se abrirão, não somente para revelar pedras e metais, mas para restaurar ao mundo uma sabedoria que esteve oculta desde os dias em que os cavaleiros do Templo cavaram sob as ruínas de Jerusalém.



OS SÍMBOLOS DA ORDEM

Ao ingressar no caminho da Ordem dos Cavaleiros Templários, o primeiro passo é recolher a mente e silenciar o mundo.

Imaginemos uma descida interior: uma caverna escavada na rocha, úmida e silenciosa.

No centro, uma pedra em forma de banco nos convida ao repouso.

Perto dela, uma fonte jorra água límpida.

Dela bebemos e lavamos as mãos, purificando corpo e pensamento.

À luz de uma vela, deixamos o tempo escorrer como areia fina, e no espelho da água contemplamos nosso rosto.

Perguntamos quem somos, e o que temos erguido com a vida que recebemos.

Esse é o verdadeiro início da jornada do cavaleiro.

Talvez essa caverna exista em algum lugar do mundo.
Talvez exista somente dentro de nós.

Como respondeu Dumbledore a Harry Potter: *“Está acontecendo em sua mente, é claro. Mas por que razão isso significaria que não é real?”*

A purificação pela água é um gesto universal.

Para o hebreu, o *netilat yadayim* purifica antes da oração.

Para o muçulmano, o *wudu* prepara o corpo para o encontro com Deus.

No cristianismo, a água é batismo e também negação, quando Pilatos lava as mãos.

Santo Agostinho recordava que a verdadeira limpeza é da alma, não das mãos. Lavar-se é, antes de tudo, tornar o coração um altar.

A ampulheta, companheira dos navegadores e dos monges, mede não somente as horas, mas a consciência do tempo.

Cada grão que cai é um convite à sabedoria: *“Ensina-nos a contar nossos dias, para que alcancemos corações sábios.”*

Para o alquimista, é o símbolo do equilíbrio entre céu e terra.

No lar judaico, evoca a presença da *Shekinah*. No altar cristão, simboliza o Cristo, luz que supera as trevas.

A vela ensina que a vida só se justifica quando ilumina.

Kierkegaard escreveu que prometer é “colocar um fragmento da eternidade no tempo”. Por isso, jurar é comprometer o próprio ser com a verdade.

A caveira, por fim, fala do que todos evitam lembrar. Símbolo de morte, mas também de vida, pois só quem aceita a finitude aprende a viver plenamente. Para Santo Inácio, contemplar a morte era exercício de humildade; para Heidegger, é o “ser-para-a-morte”, a consciência de que a existência só ganha sentido diante do limite.

A água purifica, a ampulheta desperta, a vela ilumina, o juramento consagra e a caveira recorda.

Juntos, ensinam que a vida é breve, mas a alma é eterna; que a pureza, a verdade e o sacrifício são degraus do mesmo caminho; e que cada cavaleiro, ao compreender esses sinais, acende em si o fogo sagrado da Ordem.



SER CRISTÃO

Quando falamos em ser cristão, não falamos de seguir uma instituição, mas de seguir um homem que foi Mestre, Profeta, Rei de Israel segundo a linhagem de Davi, e que se tornou símbolo universal de amor e entrega.

A Igreja Católica, enquanto organização, só nasceu séculos depois, consolidando dogmas no Concílio de Niceia (325 d.C.), onde se definiu, por exemplo, a consubstancialidade do Filho com o Pai, algo que os apóstolos não discutiram em vida de Cristo.

O próprio Jesus jamais fundou uma igreja institucional. Ele chamou discípulos, anunciou as Bem-Aventuranças e disse: *“Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros”* (João 13,35).

Ser cristão, portanto, é seguir esse caminho de amor incondicional e serviço.

Um judeu pode ser cristão sem deixar de ser judeu, pois Jesus foi um judeu fiel à Torá e a tradição islâmica vê Isã (Jesus) como profeta de grande importância, reconhecido no Alcorão como “Espírito de Deus” (*Ruh Allah*), e venerado por sua pureza e exemplo.



Até mesmo o hinduísmo, em sua sabedoria universal, reconhece em Jesus um “sadhu”, um mestre iluminado.

Ser cristão não exige adesão a dogmas, mas adesão a valores, amar o próximo, perdoar os inimigos, consolar os aflitos, erguer os caídos.

É nesse sentido que o Grau de Cavaleiro Templário não viola a liberdade religiosa da Maçonaria, porque não exige submissão a uma instituição, mas reconhecimento de um caminho ético e espiritual.

Anderson, em suas *Constituições* de 1723, já afirmava que o maçom deve ser *“da religião em que todos os homens concordam, deixando a cada um a sua opinião particular”*.

Esse princípio garante liberdade, mas também reconhece haver valores universais que transcendem dogmas.

Albert Mackey, em sua *Enciclopédia de Maçonaria*, ao falar dos Templários, recorda que o ideal Templário não era de exclusão, mas de serviço, disciplina e fé.

Ele lembra que o símbolo da cruz não é somente de um credo, mas de sacrifício e altruísmo.

Albert Pike, em *Morals and Dogma*, é ainda mais direto: *“Cristo foi a personificação da Verdade. Não é o Cristo dogmático dos concílios, mas o Cristo vivo, que pregava no monte, que lavava os pés dos discípulos, que erguia os pequenos e os humildes.”*

Para Pike, o verdadeiro seguimento de Cristo está na prática da virtude, e não na adesão cega a credos estabelecidos.

O Cristo que inspira os Cavaleiros Templários não é o Cristo de Roma, nem o Cristo de Bizâncio, mas o Cristo do Evangelho.

Humilde, sem vaidades, sem palácios, que entrou em Jerusalém montado num jumento.

Ele que dizia: *“O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça”* (Mateus 8,20).

Esse Cristo pode ser seguido por quaisquer homens de boa vontade, seja ele judeu, muçulmano, espírita ou mesmo de tradição oriental.

O *Cristianismo* aqui não é religião, é filosofia de vida, é ética universal, é a busca da Verdade no Amor.

Santo Agostinho dizia que *“amar é a plenitude da lei”*.

Kierkegaard escreveu que ser cristão não era frequentar templos, mas arriscar-se a viver como Cristo viveu, com coragem e fé.

Rilke, em suas *Cartas a um jovem poeta*, ecoa a ideia de que a vida só se justifica quando se entrega ao outro.

Heidegger diria que o “ser-para-a-morte” é o que confere autenticidade à existência.

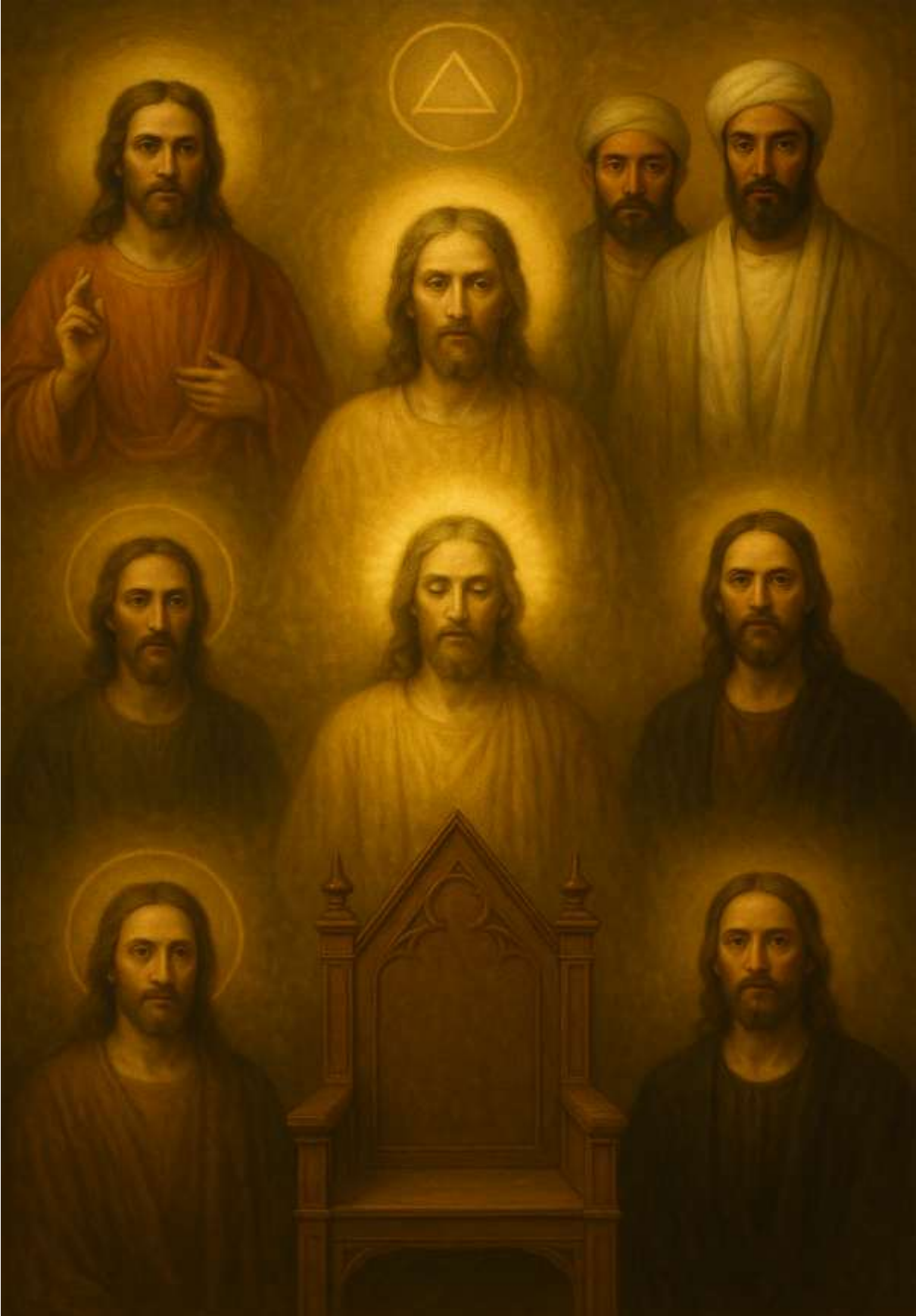
Cristo assumiu esse ser-para-a-morte na cruz, transformando o maior limite humano em ato supremo de amor.

Assim, o que o Grau de Cavaleiro Templário pede não é que sejamos católicos, mas que reconheçamos em Cristo um modelo de cavalaria espiritual.

Ser cristão não é aderir a dogmas, mas viver virtudes.

O Cristo da Maçonaria é o Mestre da Verdade, o Iniciado por excelência, o Cavaleiro do Amor.

A liberdade religiosa não é violada, mas reafirmada.



Cada homem, em sua própria fé, pode encontrar no Cristo histórico e simbólico um exemplo a seguir, sem deixar de ser o que é.

Para o **católico**, Cristo é o Filho de Deus, a segunda pessoa da Santíssima Trindade, sentado à direita do Pai, Redentor e Senhor da história. E isso está correto para a Maçonaria e para a Cavalaria Templária.

Para o **ortodoxo** oriental, Ele é o Logos eterno como carne, que comunica aos homens a vida divina e conduz à deificação. E isso está correto para a Maçonaria e para a Cavalaria Templária.

Para o **protestante**, Jesus é o único mediador entre Deus e os homens, aquele em quem a fé salva e justifica. E isso está correto para a Maçonaria e para a Cavalaria Templária.

Para o **islâmico**, Isa é profeta puro, Palavra e Espírito vindo de Deus, sinal de misericórdia e do Juízo Final. E isso está correto para a Maçonaria e para a Cavalaria Templária.

Para o **judeu**, Jesus foi um rabino, mestre da Lei, não reconhecido como Messias, mas lembrado como justo por muitos. E isso está correto para a Maçonaria e para a Cavalaria Templária.

Para o **hindu**, Ele pode ser visto como um avatar divino, manifestação do princípio eterno que restaura o equilíbrio do mundo. E isso está correto para a Maçonaria e para a Cavalaria Templária

Para o **budista**, é comparável a um bodhisattva, iluminado compassivo que ensina desapego e paz interior. E isso está correto para a Maçonaria e para a Cavalaria Templária.

Para o **espírita**, é o guia e modelo da humanidade, o espírito mais perfeito que já passou pela Terra, mestre da lei do amor. E isso está correto para a Maçonaria e para a Cavalaria Templária.

Para o **esotérico**, é o Verbo universal, a Luz que conduz o iniciado ao Absoluto, o Mestre dos Mestres. E isso está correto para a Maçonaria e para a Cavalaria Templária.

Para a **Rosacruz**, Ele é o Cristo Cósmico, princípio solar que inspira a evolução da humanidade e desperta a centelha divina em cada ser. E isso está correto para a Maçonaria e para a Cavalaria Templária.

Para o **gnóstico**, Cristo é o emissário da Luz que desceu ao mundo para despertar a centelha divina adormecida no homem. E isso está correto para a Maçonaria e para a Cavalaria Templária.

Para o **filósofo** Nietzsche, Cristo é o oposto de Paulo: o homem da paixão autêntica, aquele que viveu e pereceu pela verdade do amor. E isso está correto para a Maçonaria e para a Cavalaria Templária.

Para **Dostoiévski**, Cristo é a figura que ilumina as trevas da alma humana, centro moral da consciência. E isso está correto para a Maçonaria e para a Cavalaria Templária.

Para **Albert Einstein**, Jesus é a figura central da religião do amor, cuja presença viva é tão forte que ninguém pode ignorá-lo. E isso está correto para a Maçonaria e para a Cavalaria Templária.

Para **Carl Jung**, Cristo é o arquétipo do Self, a imagem viva da totalidade humana e divina. E isso está correto para a Maçonaria e para a Cavalaria Templária.

Não importa se você acredita que Ele é um humano que se fez divino ou um divino que se fez humano, o que importa é seu exemplo e as palavras que ainda ecoam em nossas mentes e corações!

Knight Templar Grand Jewels



JOIAS – KT

Assim como os oficiais sustentam a Ordem, as joias peitorais que distinguem cada cargo são reflexos visíveis de sua função simbólica; fixadas acima do coração, não são ornamentos de vaidade, mas sinais exteriores de dever, disciplina e espiritualidade.

A joia do Eminente Comandante é dourada, uma Cruz da Paixão irradiando raios de luz, que representam a humildade e a benevolência expandindo-se como a fé em Cristo.

A joia do Generalíssimo traz um esquadro coroado por um Cordeiro Pascal, recordando moralidade, retidão e a marcha da fé sob a bandeira do Cordeiro.

A joia do Capitão Geral é um nível coroado por um galo, símbolo da igualdade, vigilância e da vitória da luz sobre as trevas.

A joia do Primeiro Vigia apresenta um braço armado empunhando a espada da justiça dentro de um quadrado, imagem da defesa da Lei e da presença da justiça divina no mundo.

A joia do Segundo Vigia é uma águia com uma espada flamejante, unindo poder espiritual, visão elevada e a proteção do caminho da árvore da vida.

A joia do Prelado reúne três triângulos com cruzes, representando a Trindade e os frutos espirituais, recordando que a fé une todos os Cavaleiros.

A joia do Tesoureiro são duas chaves cruzadas, símbolo do poder de guardar e abrir, lembrando-nos de sermos guardiões da pureza e dos recursos consagrados.

A joia do Secretário são duas penas cruzadas, perpetuando a memória e a imparcialidade do registro.

A joia do Porta-Estandarte é um prumo erguendo o Beauceant, lembrando a retidão e a luta entre luz e trevas.

A joia do Porta-Espada é um triângulo com espadas cruzadas, sinal do combate espiritual em defesa da fé.

A joia do Sentinela Interior traz espadas cruzadas e uma trombeta, sinal da voz de Deus e da esperança do Reino eterno.

A joia do Guarda mostra uma acha de guerra, símbolo de autoridade e vigilância pela fé.

Por fim, a joia do Sentinela Exterior é um quadrado com uma espada, lembrando a honra, a liberdade e a justiça que nos conduzem ao templo eterno.

Assim, oficiais e joias formam um só corpo de significados.

De um lado, os homens que sustentam a Ordem como pedras vivas; de outro, os símbolos que os identificam e recordam seus deveres.

Juntos, constroem a Jerusalém espiritual, onde fé, disciplina e Verdade se unem em harmonia eterna.



CANDIDATO À ORDEM

Ser admitido na Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão não era simples.

A Regra, inspirada em São Bento e adaptada por Bernardo de Claraval, estabelecia que o candidato devia provar sinceridade de alma, disposição para renúncia e fidelidade absoluta.

O primeiro passo era entregar seus bens.

O Templário devia abdicar de riquezas pessoais, pois a Ordem vivia em pobreza coletiva, sustentada por doações e pela própria administração de terras.

Assim como nos votos monásticos, não havia espaço para a propriedade privada. Tudo passava a pertencer ao Templo.

O segundo passo era a renúncia ao nome.

Muitos cavaleiros deixavam de lado os títulos de nobreza, chamados somente de “Irmãos”.

O ego desaparecia diante da fraternidade, e o brasão pessoal dava lugar à cruz vermelha no manto branco.

O terceiro passo eram os votos, pobreza, castidade e obediência.

Esses votos lembravam os de monges cistercienses, mas com uma diferença fundamental, o Templário não vivia somente no claustro, mas também no campo de batalha. Ele era monge e soldado.

Há uma ideia difundida de que o noviço deveria passar sete anos de peregrinação antes de se tornar Templário.

Historicamente, não há registros oficiais que imponham esse tempo exato como regra obrigatória, mas há evidências de que muitos cavaleiros faziam longas peregrinações à Terra Santa como prova de fé e de resistência.

Alguns cronistas, como Guilherme de Tiro, descrevem que o tempo de noviciado podia variar. Em certos casos, bastava um ano de serviço e provação; em outros, o período era estendido.

Esse número “sete”, tão simbólico na tradição bíblica, provavelmente surgiu depois para dar sentido espiritual ao processo, já que o sete representa plenitude e consagração.

Durante a iniciação, o candidato era questionado com severidade: estava disposto a ser servo, a obedecer sem contestar, a não fugir do campo de batalha, a abandonar a vida anterior? Essas perguntas ecoavam como ecos de uma decisão irreversível.

Uma vez aceito, o novo Templário devia viver sob disciplina rígida.

Dormia vestido, pronto para a batalha; rezava diversas vezes ao dia; alimentava-se com simplicidade; proibição de caçar, jogar ou buscar glórias pessoais; ele era cavaleiro não para si, mas para o Cristo que servia e para os Irmãos que defendia.

Mais do que a peregrinação de anos, o verdadeiro caminho Templário era interior.

O cavaleiro devia peregrinar para dentro de si, derrubando os ídolos da vaidade, do orgulho e da ambição.

Entrar no Templo era renunciar à vida comum, viver sob disciplina absoluta, de espada na mão e oração nos lábios.

Mais do que sete anos de caminho exterior, era uma vida inteira de renúncia interior.



PÃO E ÁGUA

Desde os primórdios, o pão foi a resposta do homem ao grão que brota da terra.

Triturar, amassar, assar, em cada cultura, o pão se tornou alimento básico.

O Egito antigo já o produzia, e a própria civilização hebraica recebeu no deserto o maná, alimento misterioso que caía do céu como pão.

Roma fez do pão parte de sua política, oferecendo *panem et circenses* para manter o povo.

Na Idade Média, o pão era medido como riqueza, e faltar pão era sinal de fome coletiva.

Na tradição judaica, o pão sem fermento da Páscoa (*matzá*) lembra a pressa da libertação.

A água, por sua vez, sempre foi a dádiva da vida, e as civilizações nasceram às margens de rios: Nilo, Tigre, Eufrates, Jordão. Sem água, não há vida, não há colheita, não há peregrinação.

A água é sempre mais que líquido, é fonte, batismo, passagem.

A água é símbolo de purificação: antes da oração, o judeu lava as mãos; no Êxodo, Moisés golpeia a rocha e dela brota água para o povo.

No cristianismo, pão e água assumem dimensões ainda maiores.

O pão é o corpo oferecido de Cristo, alimento espiritual que se tornou sacramento. A água é batismo, nascimento em nova vida.

Cristo mesmo disse: *“Eu sou o pão da vida”* (João 6,35) e também *“quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede”* (João 4,14).

No Islã, o pão é bênção cotidiana, sempre partilhado, e a água é pureza antes da oração.

Na filosofia oriental, a água é símbolo do Tao, da suavidade que vence o duro, como ensinava Laozi: *“Nada é mais maleável e fraco que a água, e nada pode superá-la.”*

Para o peregrino, tudo se reduz ao essencial: **Pão e Água.**

O corpo precisa ser sustentado, mas não com excesso, somente com o necessário para seguir o caminho. O resto é ilusão.

O tempo da jornada é tempo de oração e reflexão, alimento para a alma.

O pão na mochila do peregrino é também símbolo de partilha.

Um pedaço de pão dividido com outro viajante se transforma em sacramento de fraternidade.

A água, quando encontrada numa fonte, é sempre recebida como bênção.

Cada gole é lembrança da vida que continua.

Santo Agostinho dizia que:” *o pão e a água representam o corpo e o espírito, o corpo se alimenta de matéria, a alma se alimenta de fé e esperança.*”



O ASILO

Na Idade Média, a palavra asilo vinha do latim *asylum*, que por sua vez deriva do grego *ásylon* (a- = sem, *sylon* = saque, violação).

Significa, portanto, lugar inviolável, espaço de refúgio e proteção.

Desde a Antiguidade, templos, bosques sagrados e altares eram considerados *asyla*, onde o homem, perseguido ou exilado, encontrava abrigo sob a sombra do divino.

Os Templários, como ordem religiosa e militar, herdaram muito da tradição monástica e também do costume cristão de conceder direito de refúgio aos que buscavam proteção contra perseguições.

Assim como os mosteiros abriam suas portas a viajantes, pobres e peregrinos, os Templários chamavam suas casas, igrejas e capelas de asilos, pois eram lugares onde ninguém poderia ser perseguido.

Um refúgio sagrado, tanto físico quanto espiritual.

No espírito das Cruzadas, o asilo não era somente hospitalidade, mas também fortaleza espiritual contra os inimigos da fé.

Era espaço de reunião, mas igualmente de guarda da palavra, da honra e dos votos assumidos.

Ali se resguardava a memória da Ordem e se cultivava a disciplina da vida comum, pois cada pedra erguida simbolizava a proteção da Lei de Deus contra a violência do mundo.

Na Ordem, o asilo era o local das assembleias Templárias, protegido contra os olhares profanos. Não se tratava de um salão qualquer, mas de um espaço de inviolabilidade.

Nele se tomavam decisões, se recebiam novos Irmãos, se rezava e se celebrava a Eucaristia. As paredes do asilo eram testemunhas silenciosas de juramentos de fidelidade, de conselhos de guerra e de votos de fraternidade.

Podemos dizer que o asilo funcionava como uma espécie de santuário cavaleiresco.

Lugar onde o mundo exterior, com suas guerras, riquezas e vaidades, não entrava. Ali dentro, todos eram iguais, unidos pelo manto branco e pela cruz vermelha.

O cavaleiro encontrava não somente descanso físico, mas também recolhimento interior.

Chamar o lugar de asilo não era somente uma nomenclatura prática, mas também uma metáfora espiritual, tal como a Igreja via o altar como inviolável, a Ordem via o asilo como espaço onde a alma podia se fortalecer.

O asilo Templário era, portanto, um refúgio físico contra os inimigos de fora, mas sobretudo um refúgio espiritual contra vícios e tentações.

Tornava-se também um refúgio fraternal, onde a igualdade e a solidariedade entre Irmãos se realizavam plenamente.

Em sua essência, era um espaço inviolável de proteção, descanso e renovação da fé.

O cavaleiro que atravessava suas portas sabia que deixava atrás de si a sombra do mundo e adentrava o território da luz, onde a fraternidade se tornava muralha e a espiritualidade, escudo.



A ESPADA E O ESCUDO

A espada é tão antiga quanto a metalurgia. Surgiu como evolução das lâminas de bronze e ferro, tornando-se a extensão do braço humano.

No Egito, no Crescente Fértil, na Grécia, na Roma antiga, a espada representava poder e disciplina.

Cada povo deu-lhe uma forma e um espírito, o *gladius* romano, o sabre árabe, a katana japonesa.

O escudo, por sua vez, nasceu do instinto de proteção, primeiro de madeira e couro, após metal, sempre teve a função de guardar a vida diante da ameaça.

Para os gregos, o escudo era mais importante que a espada, porque perder a espada era perdoável, mas perder o escudo era abandonar a comunidade, o escudo protegia não somente a si, mas também ao companheiro na formação da falange.

Espada e escudo são armas, mas também símbolos de ordem.

A espada corta, separa, define; o escudo guarda, defende, protege. Juntos, eles representam a dualidade da vida humana: agir e resistir, avançar e manter-se firme.

Na guerra, eram instrumentos de sobrevivência.

Na paz, tornavam-se emblemas de honra.

O cavaleiro, ao pendurar sua espada, não a perdia, transformava-a em símbolo de fidelidade.

O escudo, com brasões e insígnias, deixava de ser somente defesa e era marca de identidade.

A espada simboliza a palavra que corta, a verdade que fere, mas liberta.

É a justiça que separa o justo do injusto.

O apóstolo Paulo chamava a palavra de Deus de *“espada do Espírito”* (Efésios 6,17).

O escudo simboliza a fé, a proteção invisível contra os dardos da vida. Também Paulo falava: *“Tomai o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno”* (Efésios 6,16).

Na tradição oriental, a espada simboliza o discernimento que corta ilusões, enquanto o escudo pode ser visto como a suavidade que protege sem atacar.

Para o Templário, espada e escudo não eram somente armas, mas sinais de disciplina, oração e obediência. A espada podia ferir, mas também defender; o escudo podia resguardar somente um, mas junto aos Irmãos se tornava muralha.

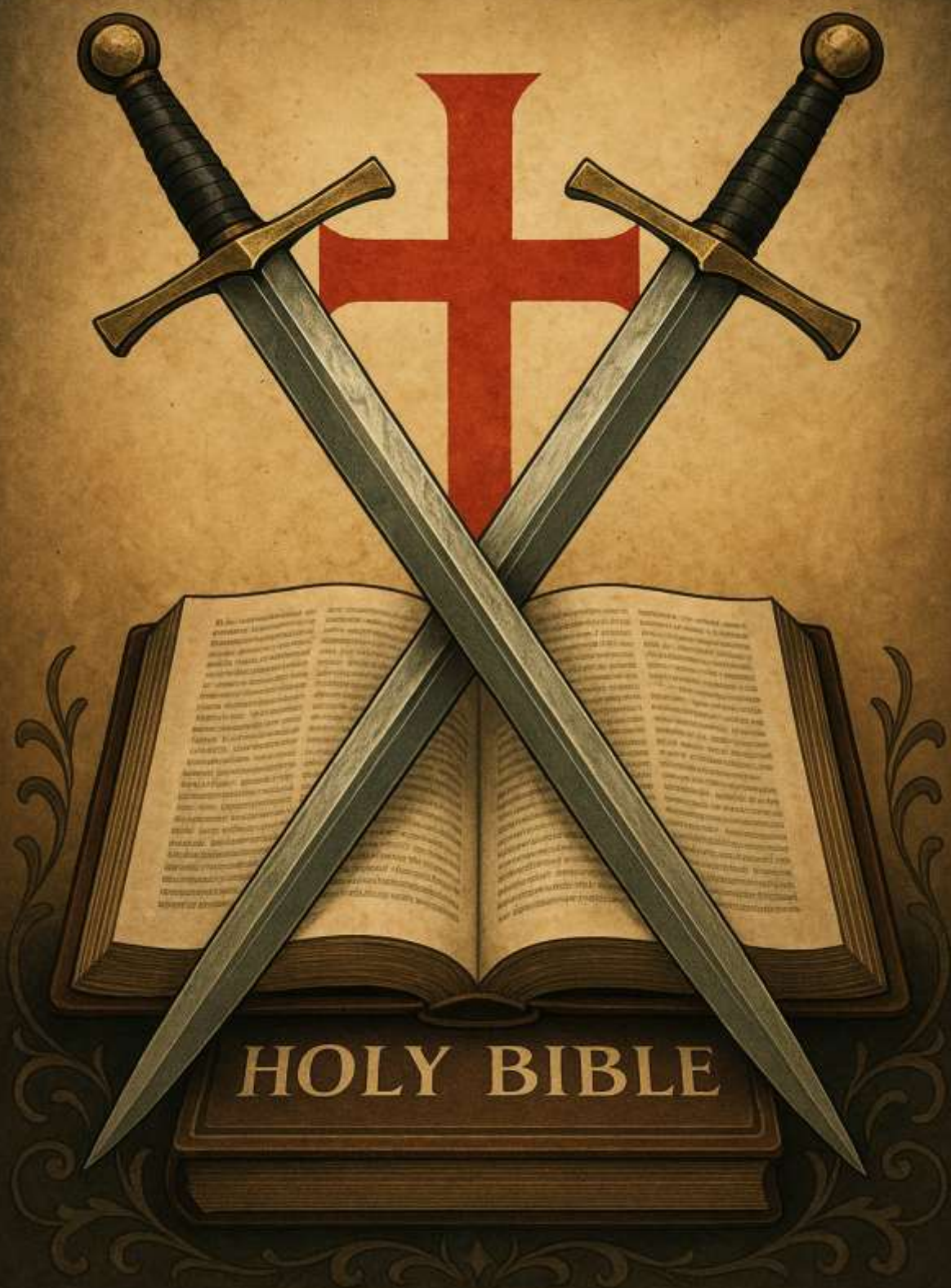
Também devemos portar esses símbolos.

A espada é a razão, a palavra verdadeira e a coragem de agir.

O escudo é a fé, a esperança e a fraternidade que nos guardam.

Somente com ambos se encontra o equilíbrio: fortes para avançar e firmes para resistir.

Se os Templários defendiam peregrinos e lugares sagrados, nossa missão é proteger a verdade, amparar quem caminha ao nosso lado e manter viva a chama da fraternidade, treinando não no campo de batalha, mas no campo da alma.



HOLY BIBLE

AS ESPADAS CRUZADAS

A primeira leitura é simples e profunda, as espadas cruzadas guardam a Palavra, e estão postas em atitude de vigília para dizer que a força só tem sentido quando se submete à Verdade.

O templo interior se edifica com razão e fé e, quando a lâmina toca o Livro, aprendemos que a defesa do Evangelho é sobretudo moral.

A Escritura chama a Palavra de espada de dois gumes, capaz de discernir intenções.

Na tradição cristã medieval, a passagem de Lucas 22, 38 gerou a imagem do poder espiritual e do poder temporal, ambos sob Cristo.

Quando as colocamos cruzadas sobre o altar, não celebramos domínio, e sim a harmonia das responsabilidades na cidade dos homens e no santuário da consciência.

A doutrina das duas espadas aparece com destaque nos debates canônicos e no documento Unam Sanctam.

A iconografia da nossa cavalaria insiste que a lâmina só vale quando guiada pela verdade.

A jornada da Cruz Vermelha já ensina que Zorobabel vence pelo verbo e não pelo ferro.

A espada está ali, porém é a palavra reta que abre as portas e reconstrói o Templo.

No caminho que leva à Ordem do Templo, recebemos instrução sobre os grandes emblemas.

O estandarte em preto e branco ensina rigor e pureza, firmeza e caridade.

Se o Beaucéant já é um equilíbrio entre combate justo e intenção limpa, as espadas cruzadas ecoam a mesma síntese, como se justiça e misericórdia se encontrassem diante da Bíblia para vigiar o coração do cavaleiro.

As espadas cruzadas são um selo de três pactos:

A Palavra que julga pensamentos e retas intenções. A disciplina, já que a espada no Templo não é capricho. A caridade, pois a lâmina cruzada diante do Livro se torna guarda do fraco e abrigo do peregrino.

Há também um reflexo íntimo, o Baldríc que sustenta a espada cruza o peito como lembrança de que a lâmina deve estar cingida ao coração.

A faixa não é adorno. É promessa de serviço e renúncia.

Ao cruzar espada e palavra no altar, a Ordem cruza também força e consciência no peito do iniciado.

“No demais, Irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes estar firmes contra as astutas ciladas do diabo. Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que resistais no dia mal e, havendo feito tudo, ficai firmes. Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça; e calçados os pés na preparação do evangelho da paz; tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação, e a espada do Espírito, a palavra de Deus.”
Efésios 6:10-17



O JURAMENTO

Caminhar quarenta milhas descalço sobre o gelo é mais do que um ato de resistência física, é a metáfora de uma alma que, para alcançar a verdade, aceita atravessar desertos gelados da dúvida e do sofrimento.

O frio que corta os pés lembra que a iniciação não se dá sem dor, e que a senda do homem espiritual não é um passeio de comodidade, mas a superação consciente de cada obstáculo.

O gelo, ao mesmo tempo que congela, purifica, como se o espírito se tornasse límpido a cada passo dado na imensidão branca da provação.

Neste caminho árduo, o peregrino descobre que não basta possuir conhecimento, mas é preciso uni-lo à caridade e sustentá-lo no combate.

O conhecimento isolado infla e envaidece, mas quando temperado pela caridade, torna-se luz que aquece e guia.

O combate, por sua vez, não é somente contra inimigos externos, mas contra as trevas interiores, contra a preguiça da mente e a dureza do coração.

Conhecimento, Caridade e Combate formam uma tríade que se ergue como coluna sustentando o templo íntimo do iniciado.

É justamente quando a mente se separa do coração que o gelo volta a se formar no homem.

A razão, desligada do afeto, torna-se fria e calculista, a fé, separada do pensamento, torna-se cega e frágil e assim também ocorre quando o homem se imagina separado de Deus, nasce o abismo da solidão, a angústia da existência que já não reconhece o sopro divino que lhe anima.

O mistério da vida é reencontrar essa unidade perdida, soldar mente e coração, humano e divino, em um único centro.

A doação tem valor tão elevado, dar dinheiro é aliviar a necessidade imediata, dar alimento é prolongar a vida do próximo, dar vestes é devolver dignidade e calor, dar uma oportunidade é reconhecer o outro como nosso Irmão.

Cada gesto de doação é uma forma de reunir o que estava separado, de aproximar o homem de Deus e de reconciliar mente e coração.

Quando se doa, o eu se desfaz um pouco, e nesse esvaziamento o Espírito se preenche.

O caminho gelado já não pesa tanto, porque cada passo deixa de ser somente sofrimento, e é também semente de compaixão.

Assim, o iniciado que atravessa as milhas sobre o gelo descobre que o verdadeiro calor não vem do sol exterior, mas do fogo interior aceso pelo conhecimento temperado pela caridade e sustentado no combate.

Descobre que mente e coração são asas de um mesmo pássaro, e doar é devolver à vida aquilo que a vida já nos deu em abundância.

No fim da jornada, compreende que a separação era somente ilusão, e que a união com o Divino é a meta secreta de todo caminhar.



O GUERREIRO PEREGRINO

O profeta recebeu do alto a ordem de escrever depressa sobre uma ardósia.

Essa imagem, antiga e simples, revela um segredo profundo: tudo o que não é registrado na consciência se apaga como pó ao vento, e tudo o que se escreve com cinzel firme na pedra do coração permanece.

O cavaleiro Templário também recebe a sua ardósia interior.

É nela que deve traçar cada manhã o mapa do dia, não para acumular troféus passageiros, mas para separar o que é urgente do que é importante, e o que é importante do que é eterno.

O mundo grita pressa e despojo, mas o iniciado aprende a silenciar o clamor exterior e a correr não para vencer os outros, e sim para não ser vencido pela distração.

Há duas corridas, a correria dos homens, que se esgota na busca de vantagens e espólios, e a corrida do peregrino, que se disciplina para alcançar o invisível.

A primeira coleciona prêmios que amanhã já não valem nada. A segunda cultiva virtudes que permanecem quando tudo mais cai em ruína.

Por isso, o Templo nos ensina a começar cada jornada ajoelhados diante do altar.

A verdadeira se dobra antes de se erguer.

A espada só tem sentido quando cingida pelo Baldric do serviço, e a espada só vale quando desperta prontidão para o bem.

O Beaucéant, estandarte em preto e branco, recorda a cada passo que firmeza e pureza precisam caminhar juntas, como lâminas cruzadas guardando a Palavra.

O guerreiro peregrino não mede sua vida pelos espólios conquistados, mas pelas obras discretas de misericórdia.

Uma palavra de reconciliação vale mais que um troféu dourado.

Um gesto de compaixão pesa mais que uma vitória terrestre.

No treino do Cavaleiro Templário, cada virtude é um marco de marcha: pobreza de espírito para caminhar leve, mansidão para governar a força, fome de justiça para não vender a alma, pureza de coração para manter o olhar sem sombra, pacificação para romper ciclos de violência, perseverança para não negociar a fé.

Na ardósia interior, escrevemos sentenças simples que orientam a marcha.

Quem escreve grava no peito, porém quem apaga e recomeça aprende humildade, e assim, o cavaleiro se torna aprendiz do tempo e cada erro pode ser corrigido, e cada dia pode ser reescrito.

O combate do peregrino não é somente contra inimigos exteriores, mas contra vozes interiores que sussurram pressa, vaidade, comparação e medo.

E quando o mundo insiste em gritar apressa-te ao despojo, o cavaleiro responde com outra sentença, gravada na ardósia da alma. Busco o que é eterno e não pode ser roubado.



A COLINA SAGRADA

Antes que Jerusalém se tornasse o palco dos acontecimentos que mudariam o rumo da história, a Colina da Caveira já se erguia silenciosa fora das muralhas.

Chamavam-na *Gulgólet*, em hebraico, e *Gólgota*, em aramaico.

Era um antigo lugar de execuções, onde as pedras marcadas pelo sangue serviam de aviso aos viajantes: a lei era implacável, e a vida, breve.

Foi nesse cenário de dor e ignomínia que Cristo foi crucificado; e o Evangelho de João relata: *“E levando Ele às costas a sua cruz, saiu para o lugar chamado Caveira (em hebraico Gólgota).”*

Mas o que parecia um teatro de morte se revelou o altar do universo.

A tradição cristã viu ali não o fim, mas o ponto em que o sacrifício se converteu em vitória.

Na simbologia bíblica e cabalística, a caveira guarda dois sentidos: o **limite da carne e o berço do espírito**.

O *Zohar* fala da “*Cabeça Branca*”, imagem da sabedoria que sustenta a criação.

Assim, o crânio humano torna-se o receptáculo do pensamento divino, o vaso da eternidade escondido sob o véu da morte.

Os antigos Padres, como Jerônimo e Orígenes, afirmavam que Adão fora sepultado sob aquele monte.

O primeiro homem, cuja desobediência trouxe a morte, repousaria sob os pés do segundo Adão, cuja obediência trouxe a vida.

Por isso, a arte medieval mostra o crânio de Adão aos pés da cruz: o encontro entre a queda e a redenção.

Para os Templários, o Gólgota era mais do que lembrança litúrgica, era geografia espiritual.

Instalados junto ao antigo Templo de Salomão, os monges-guerreiros peregrinavam ao Santo Sepulcro, diante da colina e do túmulo vazio.

Ali compreendiam que a espada devia aprender a se curvar ao Espírito.

Autores cruzados, como Guilherme de Tiro, descrevem o impacto que a Colina da Caveira causava nos peregrinos, diante do túmulo aberto, a fé se tornava chama e a luta por Jerusalém assumia o sentido de buscar o próprio eixo do mundo.

Na tradição Templária e maçônica, o Gólgota é também o lugar do Trono Vazio.

O Cristo crucificado é o Mestre ausente, e, justamente por isso, eternamente presente.

Sua ausência convoca os Irmãos à ação justa, à caridade e à verdade.

A caveira sob a cruz, tão cara à iconografia Templária, não é um emblema da morte, mas um lembrete: *memento mori*, “**lembra-te de que hás de morrer**”.

Para o iniciado, essa lembrança é o limiar da sabedoria.

O Gólgota é o *axis mundi*, o ponto onde céu e terra se tocam.

A cruz erguida sobre a colina é como a Árvore da Vida replantada, toca a terra no túmulo de Adão e aponta ao céu na vitória do Cristo.

Os Templários viam nela uma escada espiritual, e a colina tornava-se o monte cósmico que une a Jerusalém terrestre à Jerusalém celeste, imagem revelada a João no Apocalipse.

Mesmo após a queda do Reino Latino, o eco do Gólgota permaneceu vivo.

Cavaleiros retornaram à Europa levando relíquias, memórias e o símbolo da caveira sob a cruz, marca da morte iniciática que abre as portas da verdadeira vida.

A Colina da Caveira é mais que um lugar, é o coração da espiritualidade Templária, onde o sofrimento se transmuta em coragem, e o sacrifício em fidelidade.

Como os antigos cavaleiros marcharam até Jerusalém, também o iniciado deve erguer sua cruz interior sobre o Gólgota da alma.

Na colina, os olhos veem pedra e silêncio; o coração, porém, reconhece o trono invisível de onde emana a verdadeira luz.

“A alma não deve fugir do mundo visível, mas aprender a ver nele os vestígios do invisível.” Plotino





O NÚMERO 12

Abro a porta do Asilo e imagino uma mesa de pedra onde doze lugares ao redor e um centro de luz que mantém tudo unido.

Vejo rostos cansados e decididos, alguns impetuosos, outros silenciosos, mas todos com o mesmo propósito.

É assim que começo a pensar nos apóstolos e no número doze, não como contagem, mas como uma arquitetura viva que respira.

O doze cria círculo, fecha o arco e faz a casa pulsar.

Ele é calendário, muralha com doze portas, relógio que percorre o tempo inteiro e devolve o homem ao começo, só que mais consciente.

Os apóstolos são mais que personagens, são colunas de uma nave invisível, símbolos que se erguem entre o céu e a terra.

Cada discípulo é uma vibração antiga, uma mistura de história e mistério.

Pedro abre caminhos com a chave da coragem.

André traz pessoas pela mão, com a paciência dos que sabem escutar.

Tiago Maior atravessa estradas e aceita poeira no manto.

João encosta a cabeça no peito do Mestre e guarda o segredo do amor maduro.

Filipe pergunta e nos lembra que quem questiona caminha pela fé.

Bartolomeu mantém a pele limpa por dentro e por fora.

Tomé toca as feridas e nos protege da crença fácil.

Mateus deixa a mesa dos cálculos para aprender a soma da misericórdia.

Tiago Menor serve quando ninguém percebe. Judas

Tadeu reza pelas causas perdidas e reacende a esperança quando tudo parece tarde demais.

Simão, o Zelote, transforma o fogo da paixão em caridade.

E quando a cadeira de **Judas** Iscariotes fica vazia, **Matias** chega e recompõe o círculo, porque a missão sempre vale mais do que o nome de quem a cumpre.

O doze é uma assinatura de plenitude.

Está nas doze tribos de Israel que desenham o mapa do povo em marcha, nas doze portas e nos doze fundamentos da Cidade Santa que formam o horizonte que esperamos.

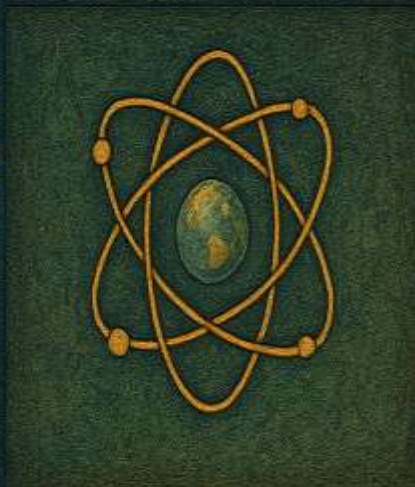
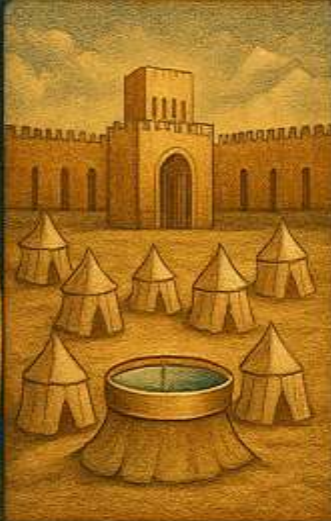
Está nos doze pães da proposição, que mantêm a mesa posta mesmo quando a fome é maior que a fé.

No templo antigo, doze bois sustentavam o mar de bronze que purificava os sacerdotes.

E no Apocalipse, os anjos guardam os doze portões, enquanto a Árvore da Vida dá fruto doze vezes por ano, como se a graça obedecesse a um ritmo perfeito e fiel.

Ao olhar o céu, o doze volta a falar.

O zodíaco abre doze janelas e o ano se divide em doze meses que guardam chuvas e colheitas.



Até o carbono, base de toda forma de vida, traz em si o número doze gravado. Sua forma mais comum na natureza é o carbono-12, composto por seis prótons e seis nêutrons, que juntos formam as doze partículas do seu núcleo.

Nas catedrais góticas, rosáceas de doze raios acendem o vidro e transformam a manhã em teologia.

As colunas circulares tornam a pedra corpo obediente e música.

Em muitas igrejas, doze velas cercam o altar e lembram que a luz prefere comunhão à solidão.

O doze atravessa civilizações sem perder a alma.

No Egito, a barca de Rá cruza as doze horas da noite até encontrar a aurora.

Na Grécia, doze deuses governam o Olimpo e refletem nossas virtudes e fraquezas.

Na Índia, o Sol é adorado em doze formas que marcam o ciclo dos meses.



No Tibete, doze elos descrevem a corrente do renascimento e ensinam responsabilidade por cada ato.

Na China, doze animais regem o tempo e educam a paciência.

No xiismo, doze imãs guardam a linha do coração.

Na Cabala, o Nome Sagrado tem doze permutações que ligam letras, meses e caminhos.

E entre os Rosacruz, doze guardiões velam o círculo fraternal enquanto o peregrino aprende que o centro não é trono, é serviço.

O ciclo cavaleiresco também fala o idioma do doze.

Reis lendários sentam-se à mesa com doze companheiros e aprendem que bravura sem lealdade é só ruído.

Os Templários organizaram seus capítulos e Comanderias nesse mesmo ritmo para lembrar a ordem apostólica.

Na abóbada do templo, o zodíaco ronda como um relógio do céu, dizendo que o trabalho humano deve caber dentro do tempo sem se perder dele.

No pavimento, quadrados alternam luz e sombra, e o doze passa ali como passo medido, sem pressa e sem preguiça.

Por trás de tudo existe uma gramática simples.

Um fala de origem. Dois fala de relação. Três fala de síntese.

O mundo nasce do um, aprende a amar no dois e encontra sentido no três.

O doze é o casamento do três com o quatro.

O três dá forma e o quatro dá chão. Céu e terra se encontram nesse número que fecha o anel e abre a estrada. Por isso o doze sempre retorna. Ele reconcilia altura e largura, fé e ofício, espada e joelho.

Quando volto aos apóstolos, o doze deixa de ser número e se torna disciplina. Pedro ensina firmeza sem arrogância.

João oferece ternura sem fraqueza. Tomé nos dá exame sem cinismo. Mateus ensina renúncia sem ostentação. Judas Tadeu intercede sem ruído. Simão acende fogo que aprendeu a obedecer. Matias recorda substituição sem rancor.

E o nome de Judas Iscariotes, que nunca adoço, permanece como aviso gravado no chão, a cadeira pode ficar vazia se a bolsa pesar mais que o altar, e a missão continua, mas o coração que trai precisa aprender de novo a amar.

No beaucéant, o preto não sufoca o branco e o branco não apaga o preto.

Quando o relógio da torre bate doze vezes, ninguém se assusta, é o som da casa em ordem, é o eco de um acordo entre corpo e propósito.

O cavaleiro que escuta ajeita o Baldric no peito, recolhe a pressa e levanta a cabeça; sabe que a força deve obedecer à verdade e que a verdade precisa ser levada com caridade.

O doze não é superstição; é método de vida; é círculo que protege e disciplina que liberta; é o número que recorda que a mesa só permanece inteira quando cada lugar é ocupado com humildade e que o centro só brilha quando a Palavra governa.

Assim o ano interior avança, completo e sereno, e a obra que nos foi confiada **encontra mãos dispostas a levá-la até o fim.**



DUALIDADE

Irmão, tomo o nome de Judas como quem entra no asilo em hora de vigília e o coloco diante do altar.

Que a luz julgue as sombras e as sombras instruem a luz.

Falo do Iscariotes, sem confundir com o Tadeu, pois no grau de Cavaleiro Templário este nome nos serve como espelho duplo no Beaucéant.

No pano bicolor aparece o primeiro lado, o do traidor terrível, a bolsa que pesa mais que a promessa, o beijo que fere, a pressa que negocia a alma.

Esse lado existe em mim, é a espada erguida para o ganho próprio, é a pressa que toma atalhos e depois tenta remendar com palavras.

Quando governa, negocio o sagrado, a noite cresce por dentro, a consciência se cala e o mundo grita.

O mesmo pano revela outro lado, guardado em silêncio por algumas tradições. Judas, como aquele que acompanha o Mestre até o limite do sacrifício.

O que suporta ser odiado para que a história se cumpra.

O que entrega e se entrega. Essa visão não absolve a culpa, mas abre o mistério.

Às vezes, a obediência exige passos incompreendidos, às vezes amar é beber um cálice amargo sem aplauso nem nome limpo.

Quem contempla esse lado aprende a não julgar depressa e a solicitar pureza de motivo antes de qualquer ato.

Entre esses dois lados está o lugar do Cavaleiro.

O Beaucéant não é ornamento, é exame diário. Firmeza e pureza precisam caminhar juntas. Sem firmeza, a pureza se torna omissão, sem pureza, a firmeza vira dureza.

Judas me obriga a escolher cada manhã: vender por conveniência ou oferecer-se por amor. A diferença não está no gesto, mas no coração que o move. Por isso ajoelho, visto o Baldric e deixo que a Palavra me atravessasse como espada de dois gumes.

O nome de Judas educa para dois perigos: a pressa e o segredo mal vivido.



A pressa transforma coragem em violência, o segredo mal guardado transforma obediência em manipulação.

Vigiar é o verbo do Templário. Vigiar a intenção antes do movimento, a palavra antes do beijo, o preço antes do sim.

Quando a intenção se limpa, a noite já não devora, torna-se campo de guarda.

No círculo dos doze, o lugar vazio do traidor se converte em assento de novo eleito.

A lição é clara, ninguém é insubstituível quando abandona a verdade, e todos são reerguidos quando a casa precisa de serviço.

O Cavaleiro aprende a amar a missão mais que o posto, a perder a cadeira para salvar a mesa. É assim que a Comanderia respira e o estandarte segue avançando.

Se vejo somente o lado negro de Judas, viro juiz dos Irmãos. Se vejo somente o branco, romantizo a traição.

O Templário não se permite extremos. Sob o estandarte, solicita a graça de transformar sombra em fidelidade.

Quem conhece o veneno do próprio coração aprende a guardar melhor o cálice do altar. Quem reconhece o fascínio da carne e o brilho da moeda aprende a proteger melhor a promessa.

Há dias em que o Iscariotes em mim sussurra com voz doce, oferecendo prazer rápido, mesa farta, cama quente e aplauso fácil.

São dias perigosos, quando o corpo se impõe à alma e a espada quer servir ao desejo em vez da verdade.

Nesses dias, respiro fundo e abraço a cruz silenciosa. Recordo que a honra não é o brilho do ouro, mas a firmeza do aço que não se dobra.

Coloco a mão sobre a espada e pergunto se ela servirá a alguém além de mim, reviso a bolsa e vejo se ela pesa mais que a palavra, observo o pão e o vinho e me pergunto se ainda os tomo por fé ou por costume.

Ser cavaleiro é travar batalhas invisíveis.

É resistir quando a carne grita, quando o banquete seduz, quando as moedas tilintam a um palmo do alcance.



Entendo que a vitória não está em cair menos, mas em levantar com o mesmo ardor, com o coração limpo e o propósito intacto; há noites em que o cavaleiro é chamado a ser ponte entre o céu e a terra, e o preço disso é o silêncio, o anonimato e a solidão.

Nessas horas, ele busca discernimento para distinguir o perfume da vaidade do aroma puro do sacrifício; se a causa é verdadeira, aceita a dor, mas guarda a serenidade, porque sabe que a espada não se sustenta sem alma, e que a alma não resiste sem fé.

Por isso, consagra tempo ao invisível, revisa as próprias intenções e pratica a misericórdia que não precisa de testemunhas; cada gesto silencioso é um nó firme no Baldric que sustenta sua espada e seu espírito.

E quando ergue os olhos ao estandarte, não pede glória, somente força para resistir; que o desejo não o cegue, que o orgulho não o desvie, que aprenda a calar quando o silêncio protege e a falar quando a palavra cura.

E se um dia tombar no campo da própria consciência, que o encontrem assim: **com a armadura gasta, a espada limpa e a alma ainda em pé.**



O CASTELO MENTAL

Desde cedo olhamos o mundo pelas janelas dos castelos de nossos pais.

É com esses vitrais que aprendemos as primeiras cores, os primeiros medos e as primeiras esperanças.

Com o tempo, erguemos nossa própria fortaleza.

Os alicerces são os primeiros estudos, encontros, palavras. Levantamos muros, abrimos salões, decoramos paredes. O conhecimento e a experiência nos dão a impressão de que a casa interior resiste a qualquer vento.

Mas as tempestades chegam. A fortaleza treme.

A tristeza bate à porta e às vezes entra com depressão, perdas e vícios que tentamos trancar nas masmorras. Nem sempre conseguimos, e há dias em que todo o castelo parece ruir por dentro.

A mente é vasta e misteriosa. Mesmo os que a estudam a vida inteira não alcançam sua extensão.

Ali dentro vivem sonhos, fantasias, alegrias e dores, passado, presente e futuro.

Um dia, a morte chama e o castelo que cuidamos durante anos se desfaz como areia.

Fama, respeito e temor viram silêncio, e seguimos pela estrada sobre as ruínas de quem veio antes, lembrando que fomos pó de estrelas e voltaremos a brilhar segundo a promessa que sustenta o coração.

Nada do que é somente humano dura para sempre. Por isso buscamos sentido, procuramos o divino e acreditamos haver lógica no universo.

A graça conserva a casa quando o vento é forte. Essa confiança dá sanidade e impede que a mente seja levada pela rebeldia ou pelo desespero. A fé não é ópio, é remédio, disciplina e caminho.

Para o Cavaleiro Templário, a morada da sabedoria não é somente a mente.

É também um altar no coração da fortaleza, onde a Bíblia se abre, a espada repousa e o Beaucéant recorda que luz e sombra solicitam equilíbrio, e força e pureza devem marchar unidas.

A arquitetura interior exige regras. Os muros são virtudes que protegem. A torre é a consciência que vigia.

As masmorras guardam vícios acorrentados, mas ali também entra a misericórdia, para que a justiça não se torne crueldade, assim como a justiça visita os salões, para que a misericórdia não se converta em fraqueza.

O castelo cresce quando servimos, não quando exibimos. Cresce quando a despensa se abre para matar a fome de alguém, quando restauramos pontes com palavras verdadeiras e quando a espada serve à vida.

Os verdadeiros invasores são a vaidade, a pressa e o medo. A vigília que os repele é feita de oração, estudo, silêncio e trabalho honesto.

Chegará o dia em que a ponte se abaixa para a última travessia e a armadura repousa. Só o que cultivamos por dentro atravessa o rio. Amor, serviço e verdade caminharão conosco; o resto ficará como poeira de estrada. Por isso, a grande obra é interior antes de ser exterior.

E quando as tormentas voltarem, como voltarão muitas vezes, lembra, és mais que o teu castelo, e a luz alcança a torre mesmo em noites pesadas, e a marcha continua por caminhos que ruína nenhuma destrói.



RESSURREIÇÃO

Antes mesmo de sabermos escrever, já sepultávamos os mortos com cuidado, como quem confia que a jornada não termina.

Em Skhul e Qafzeh, no Levante, foram encontrados esqueletos tingidos de ocre, acompanhados de oferendas.

Em Shanidar, no Iraque, neandertais repousam em covas que revelam ritual e lembrança.

Desde os primeiros tempos, o ser humano pressente que a morte não encerra a pessoa, somente a desloca para outra margem.

No Egito, essa margem ganhou mapas e senhas. Primeiro as Inscrições das Pirâmides, depois os Textos dos Sarcófagos e, por fim, o Livro dos Mortos, também chamado Livro para Sair ao Dia.

Ali se lê a confissão negativa, a pesagem do coração diante de Maat, com Anúbis e a balança, enquanto Ammit aguarda.

O objetivo era alcançar os Campos de Juncos, e por isso, escaravelhos do coração, vasos canópicos, ushabtis e paredes pintadas eram parte de um roteiro para que o ka e o ba alcançassem a condição de akh e seguissem em paz.

Havia ainda os livros noturnos, Amduat, Livro das Portas, Livro das Cavernas, que descreviam a travessia do sol por horas e portais até renascer.

As tumbas tornaram-se casas de eternidade, onde magia e justiça se encontravam.

Na Mesopotâmia, a visão era mais sombria. O Kur ou Irkalla, reino de Ereshkigal, recebia a todos, reis e camponeses.

Os mortos viviam como sombras de poeira, como narram Gilgamesh e as tradições sumérias e acádias.

O cuidado com libações de água e pão não era luxo, mas dever, para aliviar o destino dos que partiram.

Na Anatólia, entre os hititas, os funerais reais eram longos e densos.

Havia cremações, purificações e a possibilidade de divinização do rei morto.

A senhora do subterrâneo, Lelwani, e a Deusa Sol da Terra desenhavam o mapa sagrado do depois, lembrando que soberania e morte sempre dialogam.

Em Israel antigo, a palavra usada foi Sheol, lugar de silêncio e sombra.

Só mais tarde, no período do Segundo Templo, surge a esperança explícita da ressurreição, como em Daniel. Fariseus afirmavam, saduceus negavam.

O debate sobre corpo, alma e justiça futura já agitava a vida religiosa antes da era cristã.

Na Pérsia, Zaratustra ofereceu um quadro moral do cosmos.

O julgamento se dava na Ponte de Chinvat. Aos justos, o céu como casa do canto; aos maus, o inferno como casa da mentira. No horizonte, a promessa final do frashokereti, a restauração do mundo e a ressurreição dos mortos.

Essa visão influenciou vizinhos e atravessou séculos.

Na Grécia, o além variava entre Hades e seus campos de sombras e as promessas dos mistérios.





Em Eleusis, ritos ligados a Deméter e Perséfone garantiam aos iniciados um penhor para o pós vida.

Mais tarde, mistérios de Ísis e Serápis espalharam pelo Império Romano a convicção de uma salvação pessoal, alimentada por ritos de passagem.

No mesmo Império floresceu o culto de Mitra, celebrado em grutas, os mithraea.

Havia sete graus de iniciação e a cena do touro vencido como imagem central.

Foi popular entre soldados, do primeiro ao quarto século, e costuma ser comparado ao cristianismo, mas a pesquisa séria recomenda cautela, coincidências de símbolos e datas muitas vezes refletem um mesmo clima religioso, não mera cópia.

Na China, o vínculo com os ancestrais é um fio que não se rompe. Falava-se das almas *Hun e Po*, que precisavam de ordem e culto.

O budismo trouxe a roda dos renascimentos e a doutrina dos doze elos da originação, explicando a corrente do sofrimento.

O imaginário popular descreveu tribunais em Diyu, presididos pelo rei Yama. O taoísmo sonhava com imortalidade em montanhas e elixires.

No Japão, o xintoísmo lembrava Yomi como país sombrio, enquanto o budismo oferecia a Terra Pura como porto de compaixão.

Nas Américas pré-colombianas, os *mexicas* falavam de *Mictlan*, com nove níveis e uma travessia de quatro anos, auxiliada por um cão *xoloitzcuintli*.

Havia também destinos luminosos para guerreiros e para os que morriam pela água de *Tláloc*. Entre os incas, a vida se dividia em três *pachas*, e os ancestrais permaneciam ativos. Reis mumificados participavam de ritos e conselhos.

A morte era vizinha, não exílio.

No norte europeu, os nórdicos narravam múltiplos destinos, *Valhalla* com Odin, *Fólkvangr* com *Freyja*, ou *Hel*, um reino frio, sem chamas, mas cheio de seriedade. A sorte do pós-vida refletia coragem, destino e honra.

No primeiro século, a mensagem cristã ergueu-se sobre um anúncio simples: Cristo ressuscitou, e o mundo mudou.

Paulo, em sua carta aos coríntios, chamou a ressurreição de coluna da esperança.

A fé cristã passou a se organizar em torno do céu, julgamento e nova criação, herdeira das esperanças de Israel e em diálogo com os mistérios do Mediterrâneo.

Hoje, o mapa de crenças é variado. Muitos acreditam em vida após a morte, em reencarnação, céu ou inferno.

Pesquisas evidenciam que a crença no além é maioria em várias regiões, embora cresçam também identidades espirituais não afiliadas.

Há os que veem a morte como fim. O quadro é plural, moldado por geração, educação e cultura.

Mas a pergunta essencial não é somente o que as culturas disseram. É o que fazemos disso ao acordar. Alguns organizam toda a vida à luz de uma ressurreição esperada.

Outros seguem a ética da reencarnação, como escola aonde cada gesto retorna.

Há quem pratique o bem somente pela convicção da consciência, sem prometer nada depois.

Uns frequentam templos por hábito; outros, por transformação.

A linha comum é a recusa em aceitar que a beleza humana termine em silêncio sem sentido.

Por isso cuidamos dos mortos, escrevemos livros dos mortos, acendemos velas, jejuamos, cantamos.

Solicitamos que a justiça não seja varrida para debaixo do mundo.

E se existe morada depois da morte, talvez ela comece quando damos morada uns aos outros aqui.

Quando tratamos o finito com reverência de infinito.



DOIS DEUSES

No século II, um mestre chamado Marcião afirmou com força que o Deus criador e legislador do Antigo Testamento não era o mesmo que o Deus bom e salvador anunciado por Jesus.

Para sustentar sua visão, rejeitou todo o Antigo Testamento, editou uma versão abreviada do evangelho de Lucas, selecionou dez cartas de Paulo e reuniu uma obra chamada *Antíteses*.

Nesse livro, colocava lado a lado leis antigas e palavras de Cristo, para expor choques morais e teológicos.

Seus leitores viam nisso a prova de que existiam dois princípios divinos em disputa, um justo e severo, outro bom e estranho ao mundo material.

Foi a formulação clássica de quem quis separar ambas as alianças.

Ireneu de Lião e depois Tertuliano reagiram com veemência.

Para Ireneu, Jesus não destruiu a Lei, mas a cumpriu e libertou inclusive Abraão.

Havia uma única linha de promessa, correndo de Gênesis até o Evangelho.

Ele escreveu capítulos inteiros contra Marcião para afirmar essa continuidade.

Tertuliano dedicou cinco livros inteiros, *Adversus Marcionem*, defendendo que o Deus criador é também o Pai de Jesus, e que a leitura cristã das Escrituras de Israel é a chave que une ambas as pontas.

Essas obras se tornaram a defesa clássica da unidade divina na tradição cristã.

A ponte mais usada era textual. Quando os judeus traduziram a Bíblia hebraica para o grego, o Nome divino YHWH apareceu como *Kyrios*, Senhor.

O Novo Testamento cita essas passagens e aplica *Kyrios* tanto ao Deus de Israel quanto a Jesus.

Esse mecanismo permitiu ver a mesma identidade divina manifestada em duas pessoas, o que muitos chamam de “*monoteísmo cristológico*”.

Larry Hurtado e outros estudiosos mostram que, já nas práticas litúrgicas mais antigas, Jesus era tratado na devoção ao único Deus de Israel.

Dois exemplos marcam bem essa ponte.

Em 1 Coríntios 8.6, Paulo reformula o Shemá de Deuteronômio: *“um só Deus, o Pai, e um só Senhor, Jesus Cristo”*.

Muitos estudiosos entendem que Paulo incluiu Jesus na identidade do Deus único de Israel; outros discordam, vendo somente títulos funcionais.

De todo modo, o texto se tornou elo entre as alianças. Outro caso está em Hebreus 1, onde palavras do Salmo 102, atribuídas a YHWH criador, são aplicadas ao Filho.

Há debates sobre a forma exata dessa aplicação, mas a intenção de identificar o Cristo com o Deus de Israel é evidente.

Alan Segal estudou o tema das *“duas potências no céu”*, lembrado por relatos rabínicos.

No período do Segundo Templo, circulavam leituras onde a própria Escritura sugeria mais de uma figura divina atuando, o Anjo de YHWH em Êxodo, o Ancião de Dias e o Filho do Homem em Daniel.

No século II, a tradição rabínica passou a condenar essas leituras como heresia, mas o simples fato de terem existido ajuda a explicar como judeus monoteístas puderam reconhecer em Jesus uma presença inserida na identidade divina, sem supor dois deuses rivais.

Provas objetivas, no sentido matemático, não existem. O que há são textos e critérios de leitura.

Quem quer separar invoca as passagens de guerra e juízo do Antigo Testamento contra os mandamentos de amor do Evangelho, destaca tensões éticas e conclui por dois agentes divinos distintos.

Essa linha existiu, mas foi rejeitada cedo pela Igreja e também pelo judaísmo.

Quem quer ligar responde com três chaves:

Primeiro, a continuidade narrativa de promessa e cumprimento, como defendem Ireneu e Tertuliano.

Segundo a ponte linguística do *Kyrios* da Septuaginta aplicada a Jesus e ao Pai no Novo Testamento.

Terceiro, textos que colocam Cristo na identidade de YHWH, como 1 Coríntios 8.6 e Hebreus 1.

Essa leitura preserva o monoteísmo e explica as diferenças de tom entre as Escrituras como resultado de gêneros literários, etapas de aliança e progresso da revelação.

Na leitura judaica, Deus permanece um e indivisível, fiel à aliança.

O mesmo que falou a Moisés sustenta Israel até hoje.

Na leitura cristã clássica, esse mesmo Deus se revelou plenamente em Jesus, o Filho é a face visível do Deus único a quem Moisés adorou.

É por isso que os primeiros cristãos aplicaram a Jesus textos de YHWH e rezavam ao Pai em nome do Filho, no Espírito.



AO LONGO DO TEMPO

Tell el Qadi, norte da Galileia, o sol nasce sobre a poeira que cheira a pedra antiga, os arqueólogos avançam em fila curta e um estudante bate a pá e encontra um pequeno disco de metal coberto de cal. Cabe na palma da mão.

Um traço vertical, outro cruzando-o em menor medida, e uma borda simples. Ninguém arrisca muito. Parece moeda, parece o sinal de peregrino.

O chefe solicita cuidado. Um fio de luz escapa da lona.

Alguém anota no caderno. A escavação continua e a história desperta como um rio que retoma o leito.

Acre, 1120. Um jovem sem brasão desce pelas ruas de pedra até a igreja junto ao porto.

O mar sopra sal, o couro dos estandartes range ao vento.

O templo está quase vazio. Um homem de capa branca fala baixo.

Não promete glória, fala de caminho, paciência e cura do orgulho.

O jovem guarda as palavras como passos, três anos para andar sem pressa, quatro para aguentar o peso do dia comum, um ano para dobrar o joelho sem murmúrio.

Não entende tudo, mas entende o essencial. Sairá dali com um sinal no peito.

Do lado de fora, o vento sopra, e dentro dele nasce um voto silencioso.

Tomar, 1314. Notícias escuras chegam com o som de ferragens. Portas se fecham cedo.

Um velho que já atravessou desertos enrola o mesmo disco em pano manchado de cera.

Encosta o ouvido na madeira, escuta a rua. Não há desespero, só tristeza contida. Em voz baixa, transmite ao mais novo a memória de um sermão que nunca citavam por inteiro. Uma sequência que começa na estrada e termina em paz. Quem a guardasse de pé seria guardado por ela.

O velho diz: ninguém leva paredes quando caem, só o que plantou por dentro. Esconde o pano no vão de uma laje.

O disco dorme com a cidade.

York, 1717. Uma sala com velas fracas. Homens fazem juramentos que não se vendem. Não usam elmos, usam palavras. Um viajante coloca o disco sobre a mesa e diz somente que veio de uma casa derrubada. Não explica muito.

Os presentes riem do destino e anotam em seus livros uma ideia sem pressa, o caminho cavaleiresco pode vestir outra roupa e atravessar séculos.

O disco volta para a mala, sai como entrou, em silêncio.

Boston, 1866. Um homem marcado pela guerra entra em uma capela discreta. Bate a poeira do casaco, as mãos tremem menos ao tocar a madeira.

Fecha os olhos e vê colinas, vê amigos que ficaram no campo.

Uma voz fala de peregrinos e de batalhas sem fim. Fala de penitência que cura sem humilhar.

Ele entende, a vida não melhora por decreto, melhora por disciplina. Sente o peso leve de um emblema contra o peito. Lembra que a bravura precisa obedecer à caridade.

Interior de São Paulo, 1932. Um mestre de obras levanta colunas de uma igreja pequena. Imagina vitrais com doze janelas para o céu. No bolso, o disco achado entre papéis de um imigrante português. Não sabe a idade, sabe o recado.

Pensa nos que entrarão cansados e no que precisam ouvir, algo simples, firme, caminho.

No dia da inauguração, fica ao fundo. A comunidade canta baixo, caminhões passam na rua. Ali dentro, alguns homens decidem que vale a pena recomeçar.

Hoje, o leitor abre este livro. Não contamos segredos, somente um fio que repete o mesmo desenho desde os portos do Levante até os salões de nossas cidades.

Um fio que une altar e estrada, palavra e espada, vigília e descanso.

Em algum ponto, alguém dirá que existe um sermão de caminho.

Não é só para decorar, mas para viver.

Ele fala da mesa que virou memória, da bênção que ergue mãos calejadas, da subida que ninguém compra, do consolo que chega quando as velas se apagam.

Para quem já atravessou o rito, ficam detalhes de ateliê, o silêncio entre frases, a luz que se move quando se fala de partida, o peso do metal contra a pele, a coreografia dos passos de ida e volta. Nada sobra, nada falta. É assim que o ofício educa a mão.

Quem passa por esse caminho aprende a medir o tempo de outro modo. O dia comum se torna oficina, manhã é vigília, tarde é combate, noite é exame e descanso. O sim precisa caber na promessa. A espada precisa caber na caridade. O estandarte precisa caber na consciência.

No fim da escavação na Galileia, o disco é lavado. Mostra riscos de uso e uma inscrição quase apagada na borda. Dois arqueólogos discutem: marca de viajante ou lembrança de devoção? Não chegam a acordo.

Se tivesse de entregar esse disco a você hoje, eu não faria discursos, diria somente que entre a primeira bênção e o último descanso existe um trecho onde a fé se torna ofício, a esperança aprende constância e a caridade escolhe servir antes de falar. É para lá que aponta o sermão do caminho.



O CÁLICE

Há um instante em que o caminho do peregrino muda de nome.

O ano de penitência termina no calendário, mas não termina na alma, e a voz firme recorda que a necessidade de penitenciar só cessa quando o corpo perecível alcançar a imortalidade.

Nesse momento aparece o cálice, simples e frio na mão, sem adornos que distraiam, contendo vinho puro e memória antiga.

Todos compreendem que não se trata de um brinde, mas de um espelho que devolve a verdade.

O vinho fala com a franqueza das coisas que não fingem.

Recorda que nascemos para perecer, mas que a fé nos aponta para outra vida, e quem conduz a marcha não promete fuga, solicita somente que a lembrança seja solene, porque cedo ou tarde todos haveremos de beber o amargo da morte e nem mesmo o mais santo foi poupado.

A sala inteira escuta em silêncio, e esse silêncio pesa mais que o metal do cálice.

Segue a exortação que todo homem conhece por dentro, não tragas sobre ti nem sobre a Ordem a mancha da desgraça, não desonres o nome de quem te chamou sob o estandarte, não jures o que não podes cumprir.

Uma promessa dita vale mais do que conforto, um segredo confiado pesa mais do que ouro, um compromisso assumido solicita a vida inteira e não metade do coração.

As espadas surgem sem barulho; não oprimem, instruem. Por um instante, apontam para o peito desprotegido, como testemunhas da consciência, mas logo se transformam em arco protetor e brilham sobre a cabeça como sinal de guarda e defesa.

Enquanto fores fiel, terás aço ao teu lado, mas se te desviares, o primeiro aço a te ferir será o da tua própria consciência.

Uma luz se apaga, e ninguém precisa perguntar o motivo, pois todos conhecem a história do assento vazio e do preço do campo escuro.

Logo em seguida, outra luz se acende e um novo nome recompõe a roda, porque a missão não aceita vazio.

Aqui não há lugar para vaidade. O emblema sobre o peito não é medalha, mas lembrete de serviço.

Cada vez que a mão toca o metal, a consciência pergunta se a palavra ainda está de pé; cada decisão da vida faz ecoar o vinho lembrado no paladar; cada atalho oferecido pela pressa convoca a memória do arco de aço, solicitando que o passo seja justo.

Quem já viveu esse momento reconhece o que as palavras não entregam, a luz refletida na borda do cálice, o tempo exato entre a frase e o gole, o peso pequeno que pesa muito ao pronunciar a palavra “alma”, o gesto que transforma ameaça em guarda, a mudança do ar quando a sala inteira responde amém sem dizer.

Para quem ainda caminha em direção a esse dia, basta saber que a narrativa fala da verdade que um homem pode carregar, de uma fidelidade que começa no altar e se prova na rua, de uma morte que ninguém compra e de uma esperança sem preço.

**A mente faz um voto sem plateia:
Manter a honra quando ninguém vê.**



A luz repousa na Escritura erguida, no beaucéant despertado e na Cruz da Paixão que guarda o centro.

Quando o relógio interior toca, sinto que chegou a hora imaculada, e que nada do que sou pode ficar do lado de fora do altar.

A água toca a fronte, o óleo visita as têmporas, e o coração entende, sem ruído, que nasceu de novo, rebatizado por dentro e ressanatificado para o serviço.

O nome antigo permanece como raiz amada, mas veste agora frutos novos, porque Emanuel caminha comigo e transforma crença em morada.

As bênçãos descem como neve que não queima. Os segredos não solicitam vaidade, os sinais não solicitam plateia.

Tudo converge para um único desenho onde a espada aprende a obedecer ao coração, o coração à Palavra, e a Palavra ao Amor.

O cálice se ergue com o peso de um mundo e a leveza de um perdão. O vinho puro recorda que o corpo é breve e a alma deseja eternidade. Bebo devagar para que a coragem não grite e a esperança fale baixo, e nesse gole decido que não viverei em vão.

Sobre o peito pousa o emblema que fala quando me calo; o Baldric aperta à vontade na direção do serviço; a espora desperta a prontidão que habita no calcanhar da alma; e o estandarte maior se abre como estrada, escrevendo no ar a sentença simples: *in hoc signo vinces*.

Três palavras se erguem como colunas firmes: justiça, coragem e misericórdia. Ao redor delas nascem o zelo incansável, a benevolência universal, a fidelidade que não negocia, a humildade que não se exhibe e a paciência que não desiste. Com essas pedras, a casa interior aprende a permanecer de pé.

As espadas dos Irmãos formam um arco que não ameaça, mas protege. A lâmina reluz como lembrança de que a promessa é mais dura que o aço, e a palavra vale mais que qualquer prêmio.

Então respondo do fundo do peito: *non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo ad gloriam*.

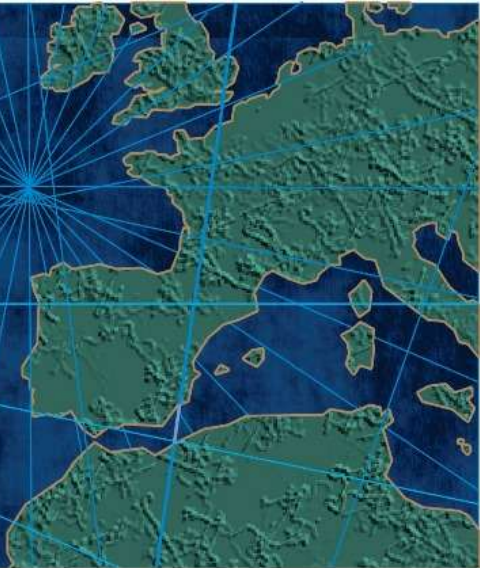
A Estrela Matutina acende-se no íntimo, e compreendo que ser Cavaleiro do Templo não é glória exterior, mas tarefa de fidelidade.

O segredo maior chama-se caridade, a senha mais alta é pureza de motivo, e se o metal brilhar mais do que Cristo, resta voltar ao altar e recomeçar.

A consagração não termina, cada manhã é liturgia, cada tarde é ofício, cada noite é exame.

Levo comigo a oração de vencer no sinal da Cruz, dizer *non nobis* nos ganhos e ser fiel nas perdas, porque Emanuel caminha comigo.

Saio como quem retorna à primeira casa, com o ar mais leve, a espada mais clara e a consciência mais firme, certo de que o segredo não é posse, mas missão, amar com justiça, corrigir com misericórdia e caminhar com coragem até a última vigília.



Ilustre Herança

O país que nasceu Templário

João Guilherme



SÁBIOS CAVALEIROS DE CRISTO

Há momentos na história da Maçonaria em que a devoção, a imaginação e a persistência de alguns Irmãos conseguem dar à tradição um novo sopro de vida.

Assim nasceu o Grau dos Sábios Cavaleiros de Cristo.

Antes de ser ritual, foi sonho — um desejo que circulava silencioso entre Irmãos atentos à herança templária e ao papel da Ordem de Cristo em Portugal após a dissolução dos Templários.

Sonho que encontrou forma na pena, no coração e na coragem de homens que entenderam que a memória não podia ficar aprisionada nos livros.

Era preciso que ganhasse carne, símbolo e vivência.

Deram-lhe carne e alma, ritualística e símbolo, drama e vida.

Assim, movido por esse espírito criador, o Irmão João Guilherme iniciou a tarefa que marcaria para sempre a história Templária no Brasil.

Foi nesse espírito que o Irmão João Guilherme ergueu o templo que abrigaria esse novo grau, animado pelo incentivo de tantos, especialmente do incansável Antônio Carlos Moreira, o Toninho, que primeiro vislumbrou um grau suplementar capaz de coroar o caminho do Cavaleiro Templário com uma nova luz.

Não se tratava de inventar, mas de revelar, e preencher a lacuna simbólica que se abria depois da consagração templária.

O martírio de Jacques de Molay parecia encerrar a história em tragédia, mas a verdade é que ela não terminou nas chamas de Paris e prosseguiu em Portugal, na Ordem de Cristo, e dali partiu para o mar, lançando ao mundo uma era de descobertas e fé.

Trazer essa continuidade para o interior da Maçonaria foi o propósito, transformando a história em vivência ritualística, para que cada Cavaleiro pudesse experimentá-la e não somente estudá-la.

Assim, o que começou como intuição tornou-se trabalho coletivo, culminando em 2024, no Rio de Janeiro, com a primeira concessão pública do Grau dos Sábios Cavaleiros de Cristo, durante a Trienal do Grande Capítulo.

Estive presente e posso testemunhar: foi o cumprimento de uma promessa silenciosa.

Um sonho que enfim se fez grau. Nenhum grau nasce do acaso, é fruto de estudo, de comunhão e de amor pela tradição.

O primeiro a sonhar foi Toninho, Irmão respeitado, apaixonado pelo Rito de York e pela Cavalaria.

Ele percebia que, ao final da jornada templária, restava nos corações a sensação de um intervalo não resolvido.

O Templo de Jerusalém desaparece, Jacques de Molay se consome nas chamas, e o ritual parecia não anunciar uma nova aurora.

Toninho lançou a ideia de um grau para Comandantes Templários.

João Guilherme, homem de letras e de fé, a assumiu como missão pessoal.

Dedicou-se com rigor a edificar um grau autêntico, belo e coerente.

Não bastava encenar: era preciso construir uma estrutura que dialogasse com a história templária, com a Ordem de Cristo portuguesa e com a Maçonaria contemporânea.

Outros Irmãos uniram-se a essa jornada, revisando textos, aperfeiçoando símbolos e organizando as primeiras apresentações.

Todos compreenderam que não se tratava de invenção, mas de revelação, de trazer à luz o que já estava guardado na própria tradição.

Antes mesmo de concluir o ritual, João Guilherme escreveu *Ilustre Herança*, obra que se tornou alicerce para o entendimento do novo grau.

Nesse livro, ele percorre as passagens da história templária, a transição para Portugal, a fundação da Ordem de Cristo, a Escola de Sagres e a expansão marítima.

O título é perfeito: o que herdamos dos Templários, por meio da Ordem de Cristo, não é somente a lembrança de mártires, mas uma herança viva, corrente de fé, ciência e coragem que moveu os navegadores e iluminou os séculos.

Ao chamá-la de “Ilustre”, João Guilherme restituiu-lhe a dignidade que merece. Ilustre porque é nobre, luminoso e fecundo.

*“Nada que nasce da chama da fé,
pode se extinguir sem deixar vestígios de luz.”*

O livro tornou-se mais que uma introdução histórica: é a chave de leitura do grau, o mapa simbólico da jornada.

Em um momento de verdadeira sabedoria, o Irmão Toninho compreendeu que o Grau dos Sábios Cavaleiros de Cristo havia se tornado maior do que sua ideia inicial.

Assim como os navegadores portugueses não se deixaram conter pelas distâncias nem pelas provações do mar, também os Cavaleiros Templários não poderiam ser privados dessa experiência.

Percebeu que o grau não deveria ser reservado somente aos Comandantes, mas vivido por todo Cavaleiro Templário que desejasse aprofundar-se na herança da Ordem.

O grau chamava por eles, e eles, mesmo sem saber, ansiavam por ele.

Foi então, movido por um sopro que parecia divino, que o Irmão Toninho decidiu abrir as portas para todos os Cavaleiros Templários presentes, permitindo que recebessem naquele instante o Grau dos Sábios Cavaleiros de Cristo.

Esse gesto inspirado fez ecoar no coração de muitos a alegria de vivenciar a história sendo escrita diante de seus olhos.

A história gloriosa da Ordem Templária não terminou na fogueira, mas renasceu como construtora do futuro da humanidade, realizando, enfim, os sonhos de Jacques de Molay e o ideal de um mundo erguido sob a bandeira templária.

E assim, entre emoção e reverência, muitos sentiram no íntimo o impulso de clamar como os Templários de outrora: **Beau Séant!**

O ano de 2024 será lembrado como o da aurora dessa nova etapa. O Rio de Janeiro, banhado pelo mesmo Atlântico que um dia acolheu as caravelas portuguesas, foi o cenário perfeito para esse renascimento templário.

Lá, os estandartes tremularam, as palavras ecoaram, os compromissos foram assumidos, e todos sentimos que não era somente um novo grau que nascia, mas um novo capítulo da Maçonaria brasileira.

Foi como se as caravelas partissem novamente, não em busca de terras, mas de horizontes espirituais.

Depois dessa experiência, escrevi *Um sonho que se tornou um grau*, registrando o que vivi. Nada do que aconteceu foi acaso.

Foi colheita de anos de estudo, de amor e de confiança. O sonho parecia distante, mas, como semente fiel à estação, floresceu.

O Grau dos Sábios Cavaleiros de Cristo não é mera cerimônia. É um drama simbólico e histórico, dividido em três atos que conduzem o iniciado por etapas fundamentais:

1. O reinado de D. Dinis, quando os Templários perseguidos encontram refúgio e renascem como Ordem de Cristo.
2. A Escola de Sagres, sob o Infante D. Henrique, onde ciência e fé se unem para lançar as naus portuguesas aos mares.

3. As viagens ultramarinas, quando a cruz da Ordem de Cristo tremula nas velas que singram em direção à Índia, à África e ao Brasil.

Cada cena é construída com zelo e o candidato não assiste: ele participa. Não lê: ele vive.

Ao ver a audiência de D. Dinis, ao ouvir as vozes da corte, ao contemplar os estandartes, revive a sobrevivência templária.

Em Sagres, sente que a luz da fé pode guiar não só templos, mas também oceanos.

O simbolismo é profundo. O martírio converte-se em renascimento.

O silêncio das criptas abre-se para o horizonte das caravelas.

O Cavaleiro, antes guardião da Terra Santa, torna-se explorador do mundo, levando a luz da cruz aos confins da Terra.

Esse grau cumpre, na Cavalaria, papel semelhante ao do Real Arco no Rito de York: continua a história, completa o ciclo, revela o sentido oculto.

Hoje o Grau dos Sábios Cavaleiros de Cristo é realidade viva, um convite a compreender que a Cavalaria não terminou em tragédia, mas se transfigurou em missão.

Os Sábios Cavaleiros de Cristo são mais que um grau, são a síntese de uma jornada milenar.

Do Templo de Jerusalém às fortalezas de Rodes, das fogueiras de Paris às caravelas de Lisboa, da Ordem de Cristo ao Brasil.

Esse legado é precioso porque prova que a Cavalaria nunca cessa.

Ela se move, renasce, adapta-se, tal como o fogo que, mesmo sob cinzas, guarda o poder de reacender.

O novo grau é fruto de uma corrente invisível que atravessa séculos e encontra sempre novos guardiões.

João Guilherme e Toninho foram os instrumentos.

Nós, testemunhas de sua primeira concessão, somos a continuidade dessa chama.

Escrever sobre os Sábios Cavaleiros de Cristo é escrever sobre a força do sonho, a fidelidade da memória e a coragem da criação.

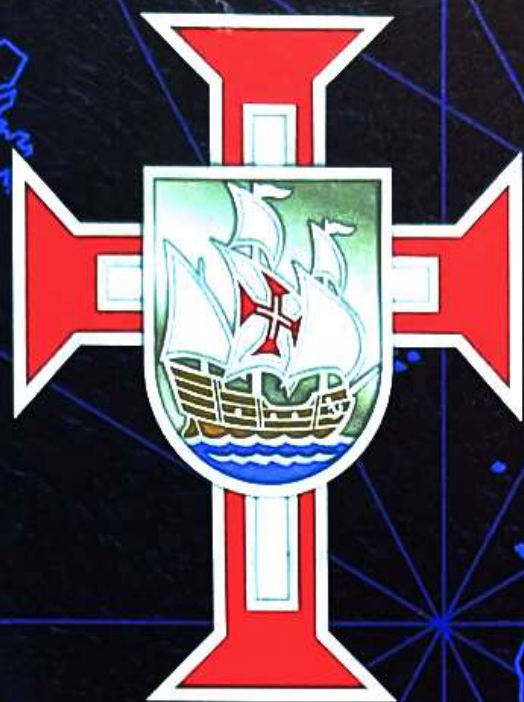
Este grau recorda que a Maçonaria é escola de vida: preserva o passado, mas o traduz em experiência viva.

Cada Cavaleiro que o recebe não revive somente episódios históricos, mas participa de uma linhagem espiritual que une os mártires do passado, os navegadores do presente e os construtores do futuro.

Assim, a obra de João Guilherme, a visão de Toninho e o esforço de tantos Irmãos se tornam um marco.

Um sonho que se tornou um grau, e um grau que se tornará herança para as futuras gerações.





Ordem dos
Sábios Cavaleiros
de Cristo

Ritual
2024





IN HOC SIGNO
VINCES

FIM?

Antes de encerrar, fica o convite à busca.

Não se trata de curiosidade, mas de aprender a ouvir pedras, mapas e memórias.

Visitar Tomar, Belém e seus símbolos é olhar além do turismo e perceber a união de fé e ciência que sustentou as grandes jornadas.

A pesquisa solicita silêncio, paciência e retorno às fontes. Cada cruz, cada estandarte e cada pedra recordam que a Cavalaria é movimento, não repouso.

A herança Templária em Portugal não é ruína, mas obra viva que ainda orienta.

Quem a segue carrega em si o lema:

In hoc signo vinces.



HOJE

A tradição Templária, desde a Regra de São Bernardo, sempre uniu o espírito guerreiro à compaixão pelos necessitados. Essa herança, que ontem protegia peregrinos nas estradas, hoje continua viva em obras de misericórdia e serviço.

Nos Estados Unidos, a Grand Encampment of Knights Templar mantém há décadas o Knights Templar Eye Foundation, que financia pesquisas médicas e oferece tratamento de visão para crianças.

Milhares já receberam cirurgias e cuidados que devolveram a luz aos olhos. Se no passado os Templários guardavam os viajantes das trevas do deserto, hoje guardam os pequenos das trevas da cegueira.

No Brasil, as Comanderias multiplicam ações caritativas que vão além de doações.

Cavaleiros visitam hospitais, apoiam orfanatos, socorrem famílias carentes e respondem a catástrofes locais.

Em cada gesto, mostram que a espada não é somente arma, mas instrumento de misericórdia.

Mas a missão Templária não se esgota na caridade visível.

O Cavaleiro de Cristo é chamado a ser farol e estrada para os que vêm atrás.

Trabalha lado a lado com os Irmãos nas Lojas Simbólicas, acompanha-os no Real Arco, nos Crípticos e na Cavalaria, e caminha com eles até que recebam a honra de serem armados Cavaleiros Templários.

Esta é a tarefa mais sagrada dos cavaleiros atuais, conduzir, instruir e servir como ponte entre os graus, para nenhum Irmão caminhar sozinho.

Sua espada não se levanta para ferir, mas para iluminar. Trabalha com a sabedoria que edifica, a força que sustenta e a vontade que soma pela Ordem.

O cavaleiro não é somente soldado da fé, mas também pedagogo silencioso, guia e companheiro de jornada.

Em um mundo marcado pelo materialismo e pela descrença, a presença de um Cavaleiro de Cristo com seu jaquetão preto e a cruz vermelha é mais do que ritual, é proclamação silenciosa de valores.

Nos Estados Unidos, líderes Templários participam de cerimônias cívicas, encontros ecumênicos e eventos públicos, irradiando sobriedade e fé. Essa visibilidade inspira não somente maçons, mas toda a sociedade.

No Brasil, a liderança moral dos Cavaleiros se mostra sobretudo no contato com a juventude.

Muitos apoiam a Ordem DeMolay e servem de mentores.

Outros dialogam sobre liberdade religiosa, ética e cidadania.

O Cavaleiro não convence com discursos inflamados, mas com coerência de vida, mostrando ser possível servir a Deus e ao próximo sem se curvar ao egoísmo ou à corrupção.

Se as fortalezas medievais abrigavam viajantes e protegiam rotas, as fortalezas de hoje são as comunidades em que vivemos.

Nos EUA, encontramos cavaleiros em campanhas de vacinação, projetos educativos em escolas e até na defesa civil.

Em crises e desastres, não oferecem somente recursos, mas tempo e trabalho.

No Brasil, Comanderias se unem em campanhas nacionais de alimentos e roupas, ou organizam palestras abertas sobre história, valores morais e espirituais, mobilizando maçons e não maçons em torno do bem comum.

Caridade, liderança moral e ação comunitária não são conceitos abstratos: são expressões vivas de um juramento que se renova a cada investidura.

O Cavaleiro Templário moderno, seja em uma metrópole americana ou em uma pequena cidade brasileira, continua a carregar a mesma cruz e a mesma missão.

Hoje, sua espada não brilha contra exércitos, mas contra a indiferença.

Sua capa não cobre muralhas, mas envolve corações.

Sua fortaleza não é feita de pedra, mas de laços de fraternidade.

E sua marcha não é isolada, mas feita de passos partilhados com os Irmãos, conduzindo-os de grau em grau até o altar Templário.

Assim, a Cavalaria mostra que não pertence somente à Idade Média, mas permanece como caminho eterno, onde fé e serviço se unem em benefício da humanidade e, sobretudo, da fraternidade.

E é com essa esperança que escrevo, e tenho a esperança de que este livro também seja serviço, que as horas trabalhadas, a renúncia e a dedicação se tornem farol para os que seguem, para encontrarem na estrada Templária não somente símbolos, mas exemplos vivos de constância e amor.

A JORNADA DO CAVALEIRO

VII
RITMO

II
VIBRAÇÃO

IV
HARMONIA

V
CAUSA E EFEITO

VI
EVOLUÇÃO CONTÍNUA

II
POLARIDADE

I
VIBRAÇÃO



A JORNADA DO CAVALEIRO

Toda vida é uma peregrinação, o homem nasce em um ponto e caminha até outro, mas esse percurso não se limita a esta terra, desde os primeiros respiros, ele já participa de uma marcha cósmica que começou muito antes de sua infância e que prosseguirá além da velhice ou da morte.

O Cavaleiro é o símbolo perfeito dessa marcha, sua vida, desde a inocência dos jogos até o combate final, espelha o percurso da alma humana.

Os antigos nos lembraram que o universo é governado por leis eternas; Pitágoras ensinou que tudo é número e vibração; Platão nos recordou que por trás do visível existe o mundo das ideias.

A tradição revela que existe o Éter, matriz invisível, e o Nous, a inteligência que o orienta. Sobre esse fundamento se erguem sete leis que sustentam todas as coisas, desde o nascimento de uma estrela até a vida mais humilde.

Assim como os Mestres que desvelaram os véus do Templo ou percorreram os nove arcos da Cripta, o Cavaleiro é chamado a trilhar um caminho de autoconhecimento.

Sua vida não é somente a de um guerreiro, mas a de um buscador, cuja espada e cujo escudo são também instrumentos filosóficos e espirituais.

O menino nasce em um lar simples, cercado de amigos com quem divide brincadeiras e sonhos, com pedaços de madeira improvisa espadas, e no pátio da aldeia transforma cada tarde em um torneio, as risadas soam como trombetas de uma inocência que nada conhece de guerra ou de morte, ali se revela a primeira lei, a Unidade.

Na inocência infantil, todas as diferenças se dissolvem, os amigos são Irmãos, os rivais nos jogos são companheiros, a vida é partilha.

O menino ainda não conhece fronteiras nem preconceitos, vê uma única abóbada no céu e na terra uma única morada, e o Éter o envolve como sopro invisível, e o Nous se manifesta como intuição pura.

Na memória da humanidade, a infância sempre foi vista como reflexo do paraíso.

Jesus disse ser preciso ser como criança para entrar no Reino dos Céus.

Os antigos Mistérios ensinavam que a pureza é a porta do Templo.

A unidade é percebida naturalmente, sem esforço, e por isso a infância é tão sagrada.

O Cavaleiro recordará para sempre essas tardes de jogos, pois nelas aprendeu a primeira lição: todos somos filhos da mesma luz.

O menino cresce sendo levado ao castelo de seu pai, onde aprende as artes da guerra e da administração.

Descobre que a vida já não é feita somente de brincadeiras e experimenta vitórias que lhe inflamam o coração e frustrações que lhe pesam como armaduras.

Percebe então a segunda lei, a da Polaridade, tudo tem dois polos, o fogo aquece, mas também queima, e o amor exalta, mas também fere.

A coragem conduz à honra, mas a temeridade leva à ruína, e no castelo ele compreende que luz e sombra caminham juntas.

As colunas do Templo são sempre duplas.

O dia se alterna com a noite, o verão com o inverno e o Cavaleiro aprende que sua alma não deve se perder nos extremos, mas encontrar equilíbrio.

A adolescência é tempo de descobertas, mas também de provas internas, o jovem compreende que, dentro de si, convivem anjos e demônios, e é nessa tensão que começa a forjar seu caráter.

O Nous lhe mostra que a polaridade não é maldição, mas caminho, e somente quem conhece a sombra pode valorizar a luz.

O Éter, invisível, sustenta tanto o calor do sol quanto o frio da lua, e o Cavaleiro guarda em seu coração essa lição, que será guia em batalhas futuras.

Chega o dia em que o jovem deixa o castelo, monta seu cavalo e parte em peregrinação, cruza vales e montanhas, atravessa rios e desertos, descobre que o mundo é vasto e cada região vibra distintamente.

Ali se revela a terceira lei, a da Vibração, nada é imóvel, as pedras têm sua frequência, os rios cantam sua melodia, o vento sussurra em tons que só a alma atenta percebe, o universo inteiro pulsa como um coração imenso.

Pitágoras dizia que as esferas celestes produzem uma música sublime, inaudível para os ouvidos comuns, mas perceptível para a alma desperta.

O Cavaleiro, ao longo do caminho, começa a sentir essa música, cada passo de seu cavalo ressoa em sintonia com o cosmos, ele percebe que seu próprio corpo é um instrumento, vibrando em harmonia com tudo o que existe.

O Éter é o meio dessa vibração, e o Nous é a inteligência que a organiza.

O peregrino aprende que, ao alinhar seus pensamentos e sentimentos, pode entrar em ressonância com a ordem universal, e a viagem não é somente geográfica, mas interior, onde cada nova paisagem descobre um tom da grande sinfonia cósmica.

O Cavaleiro enfrenta suas primeiras batalhas, não mais jogos infantis, mas combates reais, torneios onde a honra é disputada, campanhas onde o sangue é derramado e descobre que a vida é feita de avanços e recuos, vitórias e derrotas.

A quarta lei se manifesta, a do Ritmo, assim como as marés sobem e descem, a vida também se move em ciclos.



Ora se está no alto, ora se está no vale, e nenhum triunfo é eterno, nenhuma queda é definitiva.

O guerreiro percebe que não deve se embriagar com a glória, ao passar, nem se desesperar na derrota, pois ela também se vai, com isso, aprende a manter o coração firme, como a lua que cresce e decresce, mas sempre retorna à plenitude.

O **Nous** o ensina a ler o tempo certo de atacar e o tempo certo de recuar.

O **Éter** lhe mostra que a própria respiração segue esse ritmo, inspirando e expirando.

A vida é dança, e quem entende o ritmo pode lutar com sabedoria.

Em certa noite, após muitas provas, o jovem é convidado a ingressar em uma Ordem de Cavalaria.

A cerimônia acontece em uma capela silenciosa, iluminada por velas.

Os Irmãos entoam cânticos, e a espada é tocada em seu ombro.

Ali se manifesta a quinta lei, a da Harmonia, e ele descobre que não se luta somente com armas, mas também com a alma.

A disciplina, a música dos salmos, o silêncio da oração e o convívio fraterno ensinam que cada parte tem sentido somente quando ajustada ao conjunto.

A harmonia é mais do que equilíbrio, é integração, e o cavaleiro entende que sua vida só tem valor quando está em sintonia com algo maior.

A Ordem lhe dá um ideal, um propósito, um coro no qual sua voz se une a muitas outras.

O **Éter** vibra nas paredes da capela, no incenso que sobe, na luz das velas.

O **Nous** guia cada gesto, cada palavra, cada silêncio.

O Cavaleiro sabe que, a partir desse momento, sua luta é também espiritual.

Os anos passam, e o Cavaleiro se torna comandante, e suas decisões pesam sobre o destino de muitos, assim, cada ordem dada em campo de batalha traz consequências.

Cada gesto de justiça ou de injustiça retorna a ele com força inevitável.

A sexta lei se impõe, a de Causa e Efeito, ao nadar acontece por acaso, cada ação gera uma reação e cada palavra lançada é como uma flecha que não retrocede.

O Cavaleiro aprende a medir cada ato como sagrado.

Percebe que não basta vencer batalhas, é preciso vencer a si, a justiça se torna sua espada, a misericórdia seu escudo, a maturidade lhe mostra que ser cavaleiro não é somente combater, mas também semear.

O Nous lhe revela que cada escolha é gravada na trama cósmica.

O Éter guarda cada gesto, como o vento que leva a semente ao campo distante.

O guerreiro compreende que sua vida é um livro aberto diante do universo, e que cada página será lida no tribunal da eternidade.

Dois caminhos se abrem para o Cavaleiro.



Alguns envelhecem serenamente, recolhendo-se a um claustro, onde passam os dias em oração e estudo, e outros caem em combate, com a espada ainda quente na mão.

Em ambos os casos, a sétima lei se manifesta, a da Evolução Contínua, ao nadar, perece, tudo se transforma.

A morte não é fim, mas passagem, a alma renasce em planos mais elevados, prossegue sua jornada além das fronteiras da carne.

O velho cavaleiro, de cabelos brancos, contempla o pôr do sol e agradece. O jovem tombado em campo de batalha entrega sua vida em sacrifício e também agradece; ambos compreenderam que sua jornada não termina ali.

O Nous conduz a alma a novos horizontes.

O Éter a envolve e a sustenta.

A espada repousa, mas a luz segue seu curso.

O cavaleiro se torna parte da grande cavalaria celeste, onde todos os guerreiros do espírito se reúnem em eterna vigília.

A vida do Cavaleiro é a vida de cada ser humano, desde a infância inocente até a velhice ou a morte, todos percorremos as mesmas etapas.

A diferença é que poucos percebem o sentido oculto por trás delas.

As Sete Leis de Nous não são teorias abstratas, mas chaves para interpretar a própria existência.

A unidade revela a origem comum.

A polaridade ensina a lidar com contrastes.

A vibração mostra que tudo está em movimento.

O ritmo explica os ciclos.

A harmonia integra as partes.

A causa e efeito lembram a responsabilidade.

A Evolução Contínua garante que nada se perde.

O Éter é o campo invisível que envolve todas essas leis.

O Nous é a inteligência que as orienta.

Juntos são o alfa e o ômega da criação.

O Cavaleiro, ao fim de sua jornada, percebe que sempre esteve envolvido por eles, como peixe que nada no mar sem perceber a água.

Assim se fecha a caminhada, e o Cavaleiro repousa, mas sua história permanece como farol.

Para os que buscam a verdade, sua vida é ensinamento; para os que lutam por justiça, sua espada é exemplo; e para os que anseiam pela luz, sua jornada é inspiração.

**A maior vitória não é sobre inimigos externos,
mas sobre a ignorância e a ilusão.**

**A verdadeira cavalaria é interior,
e a coroa do Cavaleiro é a sabedoria conquistada
ao longo do caminho.**



AS ORDENS DE CAVALARIA

Deixei este tema para o final, pois ele não está diretamente ligado às nossas Ordens de Cavalaria maçônicas. No entanto, durante as pesquisas para este livro, deparei-me com outras ordens de cavalaria que despertaram meu interesse e que, acredito, também possam ser valiosas ao Irmão que desejar ampliar seus horizontes e compreender melhor o contexto histórico e espiritual em que as nossas se desenvolveram.

ORDENS DE INSPIRAÇÃO INICIÁTICA

Ordem do Templo (Templários)

Seu símbolo é a cruz vermelha de braços largos sobre o manto branco, emblema da pureza de alma e da coragem espiritual.

Fundada em Jerusalém no início do século XII, unia a vida monástica ao ideal guerreiro. Defendia os peregrinos e os lugares santos.

A cruz vermelha representava o sangue do sacrifício e a luz que derrota as trevas.

Da sua herança nasceram diversas ordens, entre elas a **Ordem de Cristo**, que em Portugal herdou seus bens e ideais, e também influenciou a tradição maçônica dos Cavaleiros do Templo.

Ordem de Malta (Hospitalários)

Seu símbolo é a cruz branca de oito pontas sobre fundo vermelho.

Cada ponta representa uma bem-aventurança e, juntas, as oito virtudes do cavaleiro: fé, caridade, justiça, verdade, humildade, paciência, sinceridade e misericórdia. Originou-se no Hospital de São João Batista, em Jerusalém, no século XI.

Servia aos doentes e peregrinos, mais tarde assumindo função militar.

É irmã espiritual dos Templários e, após a queda do Templo, herdou parte de sua missão caritativa e religiosa.

Ordem do Santo Sepulcro

Sua insígnia é a cruz de Jerusalém, formada por uma cruz central e quatro pequenas cruzes ao redor, representando as cinco chagas de Cristo.

Foi criada para guardar o túmulo sagrado e proteger os peregrinos.

Ligou-se espiritualmente aos Templários e Hospitalários, partilhando a defesa da Terra Santa e da fé.

Ordem dos Cavaleiros da Cruz Vermelha

Seu símbolo é uma cruz vermelha simples, lembrando o selo Templário.

Inspirada na narrativa de Zorobabel e Dario, representa a vitória da Verdade sobre o poder mundano. Na Maçonaria do Rito de York, é uma das mais simbólicas, pois liga o espírito dos antigos cavaleiros Templários à tradição judaico-persa de fidelidade e coragem moral.

Ordem de São Paulo

Seu emblema mostra a espada cruzando o livro sagrado, representando a união entre ação e palavra.

Evoca o apóstolo convertido, que trocou as armas do exército romano pelas armas da fé.

Seu ideal está em harmonia com o princípio Templário de combate interior e disciplina espiritual.

Ordem de Roma e Constantino

O símbolo é o lábaro imperial com o monograma de Cristo, o Chi-Rho.

Recorda a visão de Constantino antes da batalha da Ponte Mílvia, quando viu no céu o sinal da cruz e ouviu as palavras “In hoc signo vinces”.

É a ponte entre o império e a fé, e inspira a doutrina cavaleiresca posterior.

Sua mensagem ecoa na Maçonaria Templária e na **Ordem de Cristo** portuguesa, que manteve o mesmo ideal de luz sobre a espada.

Ordem de São João Evangelista

Seu símbolo é a águia de asas abertas sobre o livro. Representa a visão espiritual e a sabedoria revelada.

É a Ordem do verbo e da contemplação.

Entre as Ordens maçônicas, é a que guarda o sentido esotérico do conhecimento, e muitas vezes é associada à **Ordem de Malta** pela devoção ao mesmo santo padroeiro.

ORDENS MEDIEVAIS E SOBERANAS

Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém

O símbolo é o mesmo da cruz de Jerusalém, dourada e de cinco cruzes.

Criada para proteger o Santo Sepulcro, foi amparada pelos reis cruzados e pelo Patriarca de Jerusalém.

Mantém afinidade com os Templários e com os Hospitalários, pois juntos defenderam as rotas de peregrinação.

Ordem dos Cavaleiros Teutônicos

A cruz negra sobre fundo branco é seu emblema. Representava pureza de alma e força disciplinada. Surgiu na Terra Santa e depois se estabeleceu na Prússia e na Germânia.

Embora de origem própria, seguiu o modelo Templário de vida monástica e militar.

Ordem de Santiago da Espada

Tem por símbolo a cruz vermelha em forma de espada, cuja lâmina simboliza o martírio e os braços floridos significam a fé viva.

Defendia os territórios cristãos na Península Ibérica. Inspirou-se nos Templários e partilhou com eles o ideal da milícia santa.

Ordem de Calatrava

Usa uma cruz florenciada vermelha sobre fundo branco. Nasceu entre monges cistercienses que se tornaram cavaleiros.

Assim como os Templários, combinava oração e combate.

Influenciou a criação da **Ordem de Avis** em Portugal.

Ordem de Avis

A cruz verde é seu símbolo e remete à esperança e à vida eterna.

Foi a ordem militar da monarquia portuguesa e teve relação direta com a **Ordem de Calatrava**. Mais tarde, sua espiritualidade se uniu à da **Ordem de Cristo**, tornando-se parte da tradição cavaleiresca lusitana.

Ordem de Cristo (Portugal)

A cruz vermelha com braços largos é seu emblema. Foi criada por D. Dinis em 1319 para abrigar os Templários perseguidos.

É a continuidade direta da Ordem do Templo e herdeira de sua missão espiritual.

Sob o Infante D. Henrique, impulsionou as grandes navegações, levando a cruz Templária nas velas das caravelas.

Ordem do Tosão de Ouro

Seu símbolo é o carneiro dourado pendente de um colar. Fundada por Filipe o Bom, duque da Borgonha, no século XV, exaltava a fidelidade e a honra.

Não tem origem Templária, mas partilha o mesmo ideal de nobreza e pureza de coração.

Ordem de São Miguel

Tem por símbolo o arcanjo com espada desembainhada, triunfando sobre o dragão.

Foi criada na França e simboliza a luta do bem contra o mal.

Recorda o espírito guerreiro e vigilante dos Templários.

Ordem do Espírito Santo (França)

Seu emblema é a pomba dourada em meio a chamas. Instituída por Henrique III, reunia fé e lealdade. É uma ordem de inspiração cristã, ligada à presença divina e ao ideal de serviço.

Ordem da Jarreteira (Inglaterra)

Tem como símbolo uma jarreteira azul com o lema “Honni soit qui mal y pense”.

É a mais alta honraria da Inglaterra e representa a pureza da intenção e a fidelidade.

Sua ética é próxima do ideal Templário de honra e retidão.

Ordem do Dragão (Hungria)

Seu brasão mostra um dragão enrolado mordendo a própria cauda, símbolo do poder dominado pela fé. Foi criada para defender a cristandade contra os invasores otomanos.

Partilha o mesmo espírito de combate sagrado que animou os Templários e a **Ordem de Cristo**.

Ordem de São Jorge (Inglaterra e Rússia)

Traz o cavaleiro montado derrotando o dragão. É o símbolo da vitória do espírito sobre o mal. Tem relação simbólica com as cruzadas e com a tradição Templária de luta justa.

Ordem de São Lázaro

Seu emblema é a cruz verde.

Foi fundada por cavaleiros que cuidavam de leprosos em Jerusalém.

Ligou-se aos Hospitalários, e muitos de seus membros vieram da **Ordem de Malta**, herdando o mesmo espírito de serviço e caridade.

ORDENS ATIVAS

Soberana Ordem Militar de Malta (SMOM)

Conserva a cruz branca de oito pontas e mantém status de soberania internacional.

Administra hospitais, missões diplomáticas e obras de caridade em mais de cem países.

É a legítima herdeira dos antigos Hospitalários e irmã espiritual dos Templários e da **Ordem de Cristo**.

Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém

Continua a usar a cruz de Jerusalém em dourado. Tem sede no Vaticano e dedica-se à proteção dos lugares santos.

Herdeira direta da antiga milícia cruzada, compartilha origem com as tradições Templária e hospitalária.

Ordem de Cristo (Honorífica Portuguesa)

Preserva a cruz vermelha Templária e simboliza a continuidade espiritual da Ordem fundada por D. Dinis.

Hoje é uma condecoração honorífica, mas mantém viva a herança do cavaleirismo português.

Ordem da Jarreteira (Reino Unido)

Conserva a insígnia azul e a cruz de São Jorge. Representa a lealdade e a virtude.

É uma das últimas ordens que ainda mantém o cerimonial cavaleiresco medieval.

Ordem de São Miguel e São Jorge

Seu símbolo é a cruz azul e branca, acompanhada das figuras dos dois arcanjos. Foi criada para premiar serviços diplomáticos e humanitários.

Mantém a simbologia da espada e da proteção divina, essência das antigas ordens guerreiras.



GLOSSÁRIO SIMBÓLICO

Abraão – Símbolo da fé que obedece.

Abnegação – Entrega da própria vontade em favor do bem comum.

Acre – Última fortaleza Templária no Oriente, lembrança de resistência.

Alegria no Serviço – Virtude que evita que o dever se torne peso.

Alferes – Oficial que carrega o estandarte, símbolo de fidelidade.

Almirante – Responsável pelas embarcações, lembrando o rumo da fé.

Altar – Lugar do encontro entre o homem e Deus, ponto central da promessa.

Amém – Palavra que sela o voto, compromisso de fidelidade.

Amor Fraternal – Força que une cavaleiros em missão comum.

André de Montbard – Um dos fundadores da Ordem, símbolo da lealdade.

Anel – Símbolo de aliança e compromisso eterno.

Arca – Símbolo da presença e da aliança.

Arca da Aliança – Presença de Deus no meio do povo.

Arco-íris – Sinal da aliança divina.

Arauto – Mensageiro, voz da Ordem no mundo.

Aurora – símbolo da renovação e esperança.

Báculo – Símbolo da condução e cuidado pastoral.

Bailio – Guardião da ordem e da coesão.

Bainha – Lembrança de que até a espada deve repousar sob disciplina.

Baldric – Faixa que cruza o peito, lembrando que a espada deve servir à fé.

Barco – Vida em travessia, guiada pela fé.

Beaucéant – Estandarte bicolor Templário, metade branco e metade preto.

Bernardo de Claraval – Inspirador espiritual da Regra.

Bondade – Força que suaviza o trato com os Irmãos.

Cálice – Lembra a mortalidade do corpo e a imortalidade da alma.

Candelabro – símbolo da luz que ilumina a consciência.

Capela – Espaço de recolhimento e oração.

Capelão – O sacerdote da Ordem, lembrando a primazia da fé.

Capelo – Cobertura da cabeça, sinal de humildade e recolhimento.

Capitão dos Baluartes – Representa a firmeza da defesa.

Caridade – A virtude maior, que guia todas as outras.

Castelão – Guardião da fortaleza, imagem da vigilância interior.

Castelo – Fortaleza simbólica da mente e da alma.

Céu estrelado – Lembrança da vigilância.

Cemitério – Lembrança da mortalidade.

Cenáculo – Lugar da ceia e do encontro fraterno.

Cetro – Autoridade que orienta, não domina.

Chave – Símbolo de acesso ao mistério.

Chave do Sepulcro – A guarda da promessa da ressurreição.

Chipre – Refúgio da Ordem após a queda de Jerusalém.

Coluna – Sustentação da comunidade e da fé.

Coluna de Fogo – Guia divina no deserto.

Coluna de Nuvem – Proteção e direção divina.

Comendador – Responsável pela casa e pelos Irmãos.

Comendador Geral – Coordenação de várias casas, lembrando unidade.

Confiança – Apoiar-se na fidelidade divina.

Confissão – Exame da consciência diante de Deus.

Constância – Perseverança em meio às dificuldades.

Consagração – Entregar-se plenamente à missão.

Cônego – Símbolo da ligação com a Igreja.

Cordeiro – Cristo como sacrifício e vitória.

Coragem – Ousadia para defender a fé e o próximo.

Coro – Harmonia espiritual que se ergue em oração.

Coroa – Lembra que a glória verdadeira é a fidelidade.

Coroa de Espinhos – Sacrifício que precede a vitória.

Couraça – Símbolo da fé que protege.

Cruz de Malta – Expressão da universalidade da caridade.

Cruz Patriarcal – Símbolo de autoridade espiritual.

Cruz Vermelha – Símbolo central da Cavalaria, vitória pela fé.

Cruzadas – Caminhos de sangue e fé que moldaram a Cavalaria.

Cripta – Espaço oculto que guarda mistérios.

Davi – O rei guerreiro-poeta.

DeMolay – Mártir que inspira a juventude Templária.

Decoro – Viver com dignidade e honra.

Desprendimento – Saber abrir mão do que prende a alma.

Disciplina – Ordem que organiza a vontade.

Dízimo de Horas – Dedicção do tempo ao sagrado.

Daniel – Fidelidade em meio ao exílio.

Elmo – Proteção da mente contra tentações.

Esperança – Certeza de que a luz prevalece.

Esperteza Santa – Sabedoria prudente contra a malícia do mundo.

Escada – Caminho ascendente da alma.

Escada de Jacó – Ligação entre o céu e a terra.

Escudo – Defesa da fé e da consciência.

Escudeiro – Auxiliar e aprendiz, sinal da formação progressiva.

Esdras – Símbolo da restauração espiritual.

Estandarte Naval – Missão Templária também pelos mares.

Estela Matutina – Luz que desponta antes do sol, vigilância espiritual.

Estrela de Belém – Luz que guia ao Cristo.

Estrela e Cruz – União da luz e do sacrifício.

Estola – Sinal de ministério e serviço.

Exame de Consciência – Prática diária de vigilância.

Fé – Coluna central do cavaleiro.

Fidelidade – Permanência nos votos até o fim.

Fogo – Força purificadora da fé.

Fonte – Símbolo da graça abundante.

Fortaleza – Proteção interior feita de virtudes.

Fortaleza (virtude) – Virtude que dá firmeza ao coração.

Foz do Jordão – Lugar do batismo, símbolo da renovação.

Galileia – Região da missão simples e perseverante.

Generosidade – Capacidade de doar-se sem esperar retorno.

Godofredo de Bulhão – Primeiro protetor de Jerusalém.

Gólgota – Lugar do sacrifício supremo.

Grande Comendador – Símbolo da liderança nacional da Ordem.

Grão-Mestre – Autoridade maior, representação da unidade.

Honestidade – Transparência diante de Deus e dos homens.

Hospitaleiro – Símbolo do cuidado com os doentes e pobres.

Hospitaleiro (ofício) – Função ligada ao cuidado, símbolo da misericórdia prática.

Hugo de Payns – Fundador da Ordem do Templo.

Humildade – Reconhecer-se servo da missão.

Incenso – Oração que sobe ao céu.

Incensário – Símbolo da oração que sobe.

Jacques de Molay – Último Grão-Mestre, mártir da Ordem.

Jaquetão Preto – Veste que simboliza sobriedade e disciplina.

Jerusalém – Meta espiritual da peregrinação.

Jesus Cristo – Modelo supremo do cavaleiro.

João Batista – Profeta da vigilância e da preparação.

Josué – Liderança firme que atravessa obstáculos.

Juramento – Palavra empenhada diante do altar.

Justiça – Dar a cada um o que lhe é devido.

Labirinto – Caminho interior que exige vigilância.

Lança – Símbolo da firmeza e decisão.

Lealdade – Fidelidade entre Irmãos e à Ordem.

Leão – Símbolo de coragem e vigilância.

Livro Sagrado – Palavra que guia a consciência.

Luz Interior – Clareza da consciência.

Magnanimidade – Grandeza de alma que vê além dos próprios interesses.

Maná – Pão do céu, provisão divina.

Manto Branco – Pureza de intenção e fé viva.

Mar – Vida em movimento e prova constante.

Mariscal – Oficial de disciplina e ordem.

Martelo – Símbolo da firmeza construtiva.

Marechal – Oficial da ordem militar, símbolo da disciplina.

Masmorra – Símbolo do domínio sobre os vícios.

Medalha – Emblema que lembra a honra recebida como serviço.

Menorá – Candelabro judaico, luz da Lei.

Misericórdia – Justiça temperada pela compaixão.

Montante – Espada longa, símbolo da luta espiritual.

Monte das Oliveiras – Símbolo da oração e vigilância.

Monte Sião – Símbolo da esperança escatológica.

Montanha – Lugar da revelação e proximidade com Deus.

Montfort – Fortaleza Templária na Terra Santa.

Neemias – Reconstrutor da cidade sagrada.

Noite – Tempo de vigilância e de prova.

Non Nobis – Não a nós, Senhor, mas ao Teu nome a glória.

Obediência – Submissão consciente à Palavra.

Oblação – Oferta da própria vida como sacrifício.

Obsequiosidade – Atenção prática ao Irmão.

Octógono – Símbolo da eternidade e da ressurreição.

Olho – Símbolo da vigilância divina.

Oração – Respiração espiritual do cavaleiro.

Paris – Lugar do martírio de Jacques de Molay.

Paciência – Força silenciosa que não desiste.

Paulo – Soldado do Evangelho, armado com a palavra.

Pavês – Grande escudo, defesa coletiva.

Pedro – Pedra que sustenta a Igreja.

Pedra Angular – Cristo como fundamento.

Pedra Bruta – Homem em formação.

Pedra Polida – Homem transformado pela disciplina.

Penitência – Disciplina que purifica a alma.

Peixe – Símbolo cristão primitivo.

Peregrino – Símbolo do cavaleiro em jornada.

Pergaminho – Símbolo da memória escrita e da tradição preservada.

Perseverança – Caminhar sem desistir, mesmo na noite longa.

Pomba – Espírito Santo, pureza e paz.

Ponte – União entre mundos e Irmãos.

Porteiro – Guarda da entrada, símbolo do discernimento.

Porta – Símbolo da passagem para a verdade.

Prior – Representa a fé como guia da comunidade.

Promessa – Palavra dada com valor maior que ouro.

Prudência – Virtude que mede os atos e evita a precipitação.

Pureza de Motivo – Agir sem vaidade nem interesse.

Raio – Símbolo da súbita revelação.

Redenção – Meta final da missão Templária.

Renúncia – Ato de abrir mão do ego pelo bem da Ordem.

Respeito – Reconhecimento da dignidade do outro.

Retidão – Conduta justa que não se corrompe.

Rio – Símbolo do tempo e da vida em fluxo.

Robert the Bruce – Rei escocês ligado à tradição Templária.

Roberto de Craon – Segundo Grão-Mestre, organizador da Regra.

Rocha – Símbolo da firmeza da fé.

Roseta – Pequeno emblema que sinaliza pertença e fidelidade.

Sabedoria – Virtude que ilumina todas as demais.

Sacristão – Responsável pelos objetos sagrados, guardião

da liturgia.

Saladino – Oponente respeitado, símbolo de honra no inimigo.

Salomão – Sabedoria na construção do templo.

São Luís IX – Rei cruzado, símbolo de devoção e justiça.

Santo Sepulcro – Coração da fé Templária.

Selo – Garantia da promessa e autenticidade da palavra.

Senescal – Símbolo da prudência administrativa.

Serpente de Bronze – Cura e salvação no deserto.

Serviço – Honra maior do cavaleiro.

Seta – Símbolo da direção e da meta.

Sigilo – Respeito aos segredos, símbolo de reverência.

Simplicidade – Grandeza em viver sem ostentação.

Símbolos Cruzados – Lembram a fusão de fé e missão.

Sobriedade – Moderação que protege do excesso.

Sol – Símbolo da vitória da luz.

Temperança – Equilíbrio no uso das forças.

Templo – Lugar da presença de Deus.

Tesoureiro – Responsável pelos bens, lembrando a retidão na administração.

Tomar – Sede Templária em Portugal, símbolo da continuidade.

Tomás de Aquino – Teólogo da cavalaria, que une fé e razão.

Tormenta – Prova que fortalece a fé.

Torres – Símbolos de vigilância e oração.

Trono – Símbolo da autoridade que deve ser justa.

Turcópolis – Oficial que representa a diversidade e o apoio local.

Turcoplier – Comandante dos turcópolis, símbolo da integração cultural.

Urbano II – Papa que convocou a primeira Cruzada.

Vela – Luz da alma diante da noite do mundo.

Verdade – Virtude maior, que dá sentido a todas.

Vento – Sopro do Espírito que guia.

Vigilância – Estado de alerta do coração.

Vigília Noturna – Disciplina de oração e guarda da fé.

Voto de Fidelidade – Centro da identidade do cavaleiro.

Zelo – Ardor constante pela causa do Evangelho.

Zorobabel – Símbolo da fidelidade à reconstrução.

BIBLIOGRAFIA

A BÍBLIA. Traduções diversas.

AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1999.

ANDERSON, James. *The Constitutions of the Free Masons*, 1723. Facsimile. s.l.: s.n., s.d.

ASBRIDGE, Thomas. *The Crusades: The Authoritative History of the War for the Holy Land*. New York: HarperCollins, 2010.

ASSMANN, Jan. *A Religião do Egito Antigo*. São Paulo: Unesp, 2001.

BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard; LINCOLN, Henry. *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

BAIN, Joseph. *Calendar of Documents Relating to Scotland*. Edinburgh: H. M. General Register House, 1881.

BARBER, Malcolm. *The New Knighthood: A History of the Order of the Temple*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

BARBER, Malcolm. *The Trial of the Templars*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

BERMAN, Ric. *Inventing the Future: 1723 Constitutions*. s.l.: s.n., s.d.

BOAS, Adrian J. *Jerusalem in the Time of the Crusades: Society, Landscape and Art in the Holy City under Frankish Rule*. London: Routledge, 2001.

BRIFFA, Charles. *Knights of Malta*. Malta: Midsea Books, 2001.

BRUSH, Stephen. *A History of the Order of Malta*. London: Methuen, 1967.

BROWN, Raymond E. *A Morte do Messias*. São Paulo: Paulinas, 2004.

BURMAN, Edward. *The Templars: Knights of God*. London: Crucible, 1986.

BURNETT, George. *The Knights Templar and Scotland*. Edinburgh: Scottish Academic Press, 1995.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix, 2007.

DAEHNHARDT, Rainer. A missão Templária nos descobrimentos. *National Geographic*, v.118, n.5, 1960.

DELLAZZANA, Flávio. História da Maçonaria e Origem do Rito de York. 1 ed. s.l., Clube de Autores, 2024.

DELLAZZANA, Flávio. Os Véus da Sabedoria. Moral, Filosofia e Revelações do Real Arco. 1 ed. s.l., Clube de Autores, 2025.

DELLAZZANA, Flávio. Mestre de Marca. A Arte de Deixar Marcas. 1 ed. s.l., Clube de Autores, 2025.

DELLAZZANA, Flávio. Past Master. História e Tradição. 1 ed. s.l., Clube de Autores, 2025.

DELLAZZANA, Flávio. Mui Excelente Mestre. Quando a Última Pedra Une a Terra e o Céu. 1 ed. s.l., Clube de Autores, 2025.

DELLAZZANA, Flávio. Maçom do Real Arco. Sob os Arcos da Antiga Aliança em Jerusalém. 1 ed. s.l., Clube de Autores, 2025.

DELLAZZANA, Flávio. Os Graus Crípticos. O Arco Secreto e a Câmara do Silêncio. 1 ed. s.l., Clube de Autores, 2025.

DEMURGER, Alain. *Os Templários*. s.l.: s.n., s.d.

DEMURGER, Alain. *Os Templários: A Extraordinária História dos Cavaleiros do Templo de Jerusalém*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

DERMOTT, Laurence. *Ahiman Rezon: A constituição dos maçons antigos*. Trad. e comentários de Kennyo Ismail. Londrina: Editora Maçônica A Trolha, s.d.

EHRMAN, Bart. *O Cristianismo Primitivo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FLOYRAC, Esquivel. *Os Templários*. Lisboa: Europa-América, 1998.

FOLLETT, Ken. *A armadura da luz*. s.l.: s.n., s.d.

FOREY, Alan. *The Military Orders*. s.l.: s.n., s.d.

FRANCO JR., Hilário. *Os Templários: Mitos e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

FLUSSER, David. *Jesus*. Jerusalém: Magnes Press, 1997.

GOULD, Robert F. *As quatro Lojas antigas: As fundadoras da maçonaria moderna e suas descendentes*. São Paulo: Arcanum, s.d.

GRAND ENCAMPMENT KNIGHTS TEMPLAR USA. *Education Portal*. Série de estudos: *The Baldrick in Templary; The Lesson of the Beauseant; Knights Templar Today; Guard the Sepulcher; Chronological View of the Crusades; Early Templar Regalia; Masonic Templary; Commandery Jewels; Cryptic Masonry in Europe*, entre outros. s.l.: s.n., s.d.

GRAND ENCAMPMENT KNIGHTS TEMPLAR USA. *Knight Templar Magazine*. Vários números. s.l.: s.n., s.d.

GUÉNON, René. *O Símbolo da Cruz*. São Paulo: Pensamento, 2002.

GUILHERME DA CRUZ RIBEIRO, João. *Fios da Meada 2*. s.l.: Infinity, s.d.

GUILHERME DA CRUZ RIBEIRO, João. *Ilustre herança: o país que nasceu Templário*. s.l.: s.n., s.d.

GUILHERME DA CRUZ RIBEIRO, João. *Minha casa tem muitas portas*. s.l.: s.n., s.d.

GUILHERME DA CRUZ RIBEIRO, João (trad.). GRANDE COMANDERIA DE CAVALEIROS TEMPLÁRIOS DO BRASIL. *Ritual da Ordem da Cruz Vermelha*. s.l.: s.n., s.d.

GUILHERME DA CRUZ RIBEIRO, João (trad.). GRANDE COMANDERIA DE CAVALEIROS TEMPLÁRIOS DO BRASIL. *Ritual da Ordem de Malta*. s.l.: s.n., s.d.

GUILHERME DA CRUZ RIBEIRO, João (trad.). GRANDE COMANDERIA DE CAVALEIROS TEMPLÁRIOS DO BRASIL. *Ritual do Grau de Cavaleiro Templário*. s.l.: s.n., s.d.

GUILHERME DA CRUZ RIBEIRO, João (trad.). ORDEM DOS SÁBIOS CAVALEIROS DE CRISTO. *Ritual 2024*. s.l.: s.n., 2024.

HINZ, Walther. *Saladino*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HOFFMAN, Nicholas. *The Templars: The History and the Myth*. London: Orion, 1998.

HOPKINS, Andrea. *Knights: The Complete Story of the Age of Chivalry, from Historical Fact to Tales of Romance and Legend*. London: Quarto, 1990.

HORNUNG, Erik. *O Uno e o Múltiplo: O Conceito de Deus no Egito Antigo*. Petrópolis: Vozes, 2001.

HOUSLEY, Norman. *The Later Crusades, 1274–1580: From Lyons to Alcazar*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

HOWARD, Michael. *The Occult Conspiracy: Secret Societies — Their Influence and Power in World History*. Rochester: Destiny Books, 2002.

JACQ, Christian. *Ramsés: O templo de milhões de anos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, s.d.

KNIGHT, Christopher; LOMAS, Robert. *The Hiram Key: Pharaohs, Freemasons, and the Discovery of the Secret Scrolls of Jesus*. London: Arrow, 1997.

LECLERCQ, Jean. *O Amor às Letras e o Desejo de Deus: Introdução aos autores monásticos da Idade Média*. Petrópolis: Vozes, 200

LEGOFF, Jacques. *Saint Louis*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

LEVI, Eliphas. *História da Magia*. São Paulo: Pensamento, 1993.

MACHADO JUNIOR, Izautonio da Silva. *Introdução ao Rito de York: As Blue Lodges*. s.l.: s.n., s.d.

MICHELET, Jules. *Histoire de France*. Paris: Hachette, 1833.

MORGAN, Michael. *The Fall of the Templars*. London: Abacus, 2009.

MUSQUERA, Xavier. *As chaves e a simbologia na maçonaria: Ocultismo medieval*. São Paulo: Madras, s.d.

NICHOLSON, Helen J. *The Knights Templar: A New History*. s.l.: s.n., s.d.

NICOLLE, David. *Knight Templar, 1120–1312*. Oxford: Osprey, 2008.

NORMAN, Cohn. *The Pursuit of the Millennium: Revolutionary Millenarians and Mystical Anarchists of the Middle Ages*. Oxford: Oxford University Press, 1970.

O TALMUDE. São Paulo: Sefer, várias edições.

O ZOHAR. *O Livro do Esplendor*. São Paulo: Pensamento, 2002.

O TORÁ. São Paulo: Sêfer, 2001.

ORR, David. *Robert the Bruce: King of Scots*. Edinburgh: Canongate, 2002.

PERNOUD, Régine. *Os Templários*. Lisboa: Europa-América, 1995.

PIKE, Albert. *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry*. Charleston: Supreme Council, 1871.

PRESTON, William. *Esclarecimentos sobre maçonaria*. Edição em português baseada no original de 1772. s.l.: s.n., s.d.

READ, Piers Paul. *The Templars*. New York: St. Martin's Press, 1999.

REGINE, Pernoud. *Os Templários*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1995.

RILEY-SMITH, Jonathan. *The Crusades: A History*. London: Continuum, 2005.

RILEY-SMITH, Jonathan. *The Knights Hospitaller in the Levant, c.1070–1309*. London: Palgrave Macmillan, 2012.

ROBINSON, John J. *Born in Blood: The Lost Secrets of Freemasonry*. New York: M. Evans, 1989.

RODRIX, Zé. *Trilogia do Templo: O Anel do Cavaleiro, A Pedra da Gávea, O Cavaleiro da Estrela Guia*. São Paulo: Record, 2004–2006.

RUNCIMAN, Steven. *A History of the Crusades*. 3 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1951–1954.

SCHEEL, Charles Cláudio; DELLAZZANA, Flávio. *O caminho do Aprendiz no Rito de York*. s.l.: s.n., s.d.

SCHEEL, Charles Cláudio; DELLAZZANA, Flávio. *O caminho do Companheiros no Rito de York*. s.l.: s.n., s.d.

SCHEEL, Charles Cláudio; DELLAZZANA, Flávio. *O caminho do Mestre maçom no Rito de York*. s.l.: s.n., s.d.

SCHOLEM, Gershom. *A Cabala e o seu Simbolismo*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

SCOTT, Walter. *Ivanhoé*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

SEWARD, Desmond. *The Monks of War: The Military Religious Orders*. London: Penguin, 1995.

SIRE, H. J. A. *The Knights of Malta*. New Haven: Yale University Press, 1994.

THOMAS DE AQUINO, Santo. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2001.

TYERMAN, Christopher. *God's War: A New History of the Crusades*. Cambridge: Harvard University Press, 2006.

UHLICH, Helmut. *Os Cavaleiros Templários*. Lisboa: Verbo, 2001.

UPTON-WARD, J. M. *A Regra dos Templários*. s.l.: s.n., s.d.

WAITE, Arthur Edward. *The Secret Tradition in Freemasonry*. London: Rebman, 1911.

WEBB, Thomas Smith. *O monitor dos franco-maçons: Ilustrações da maçonaria*. Trad. e notas de Edgard da Costa Freitas Neto. s.l.: s.n., s.d.

WINCHESTER, Simon. *Atlântico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

O AUTOR



Flávio Dellazzana — iniciado em 15/04/2002,
ARBLs Pedra Cintilante nº 60, Itapema — SC.
Atualmente é obreiro da ARLS Santo Graal nº 167.

Tendo sido eleito para o cargo de **Venerável Mestre em 2007**. Atuou como membro da Comissão de Administração do Grande Oriente de Santa Catarina - GOSC.

Destacou-se como colaborador na reestruturação dos **manuals de instrução do Rito Adonhiramita**, além de contribuir na reedição do IV Volume do Manual Adonhiramita (2015).

Exerceu ainda o cargo de **Secretário Adjunto do Grão-Mestre para o Rito Adonhiramita** entre 2008 e 2009.

Na vertente filosófica do Rito Adonhiramita, galgou o **Grau 13 — Cavaleiro Noaquita**, sendo **Sapientíssimo da Loja de Perfeição Adonhiram**, ao Vale de Itajaí, em 2010, e **Poderoso Mestre do Capítulo Ayres Gevaerd**, em 2011.

Foi também um dos responsáveis pela **construção do Templo Filosófico da Loja de Perfeição Adonhiram** e **fundador da Loja de Perfeição Arno Gebler**, ao Vale de Joinville.

Em 2011, junto ao Irmão Toni Haag, fundou a **ARLS Monteiro Lobato n.º 132**, dedicada ao Rito de York, onde exerceu o cargo de **Venerável Mestre** na gestão 2012/2013. Desde então, passou a dedicar-se ao Rito de York, tanto na sua vertente simbólica quanto filosófica.

Entre suas contribuições, destacam-se: **A fundação e instalação de diversas Lojas do Rito de York**: Harmonia e Perseverança n.º 108, Thomas Smith Webb n.º 158 (Florianópolis), Natureza e Harmonia n.º 160 (Urubici), Pérola do Vale n.º 162 (Timbó); Sua loja atual, a Santo Graal n.º 167 (Porto Belo), Acácia Negra n.º 173 (Blumenau), Cavaleiros de Aço n.º 164 (Loja itinerante) e Labor e Concórdia n.º 146 (Lages).

Foi responsável pela tradução, adaptação e edição de importantes manuais ritualísticos: **Manual de Instalação e Posse, Manual de Instalação de Loja, Manual de Loja de Mesa, Manual de Pompa Fúnebre e Manual de Sessão Pública**, todos voltados ao Rito de York.

A produção, em conjunto com a Secretaria de Formação Maçônica, dos **Cadernos de Estudo (NAEM) para Aprendizes e Companheiros**, além dos temas instrucionais para todos os Graus simbólicos.

Contribuiu com o Irmão Charles Claudio Scheel para a criação dos **Compêndios de Instrução do Rito de York** para AM, CM e MM — 2025.

Atuou como **Revisor e Editor dos Rituais de AM, CM e MM** nas edições de 2020, 2022, e atual no 2026 em desenvolvimento.

Representou o Grande Oriente de Santa Catarina na International **Grand Lectures Convention em Nova York** em 2020 e 2023.

Exerceu os cargos de Secretário Adjunto de Liturgia e Ritualística (2017–2020) e **Secretário de Ritualística e Liturgia para o Rito de York** (2020–2023).

No campo dos Altos Graus do Rito de York, é **fundador do Capítulo Santo Graal n.º 22** de Maçons do Real Arco, em Itajaí, fundado em 2004, onde permanece ativo.

Foi **Sumo Sacerdote do Capítulo** em 2013, sendo investido na **Ordem dos Sumo Sacerdotes Ungidos**.

Recebeu os Graus de Mestre Real, Mestre Escolhido e Super Excelente Mestre no Conselho Críptico Santo Graal n.º 14, onde também exerceu o ofício de **Ilustre Mestre**, tendo recebido a **Ordem da Trolha de Prata**.

Recebeu os Graus da Ordem da Cruz Vermelha, Cavaleiro de Malta e Cavaleiro Templário, bem como a **Ordem dos Sábios Cavaleiros de Cristo**.

Foi **fundador e primeiro Comandante da Comanderia Santo Graal n.º 37** dos Cavaleiros Templários em Itajaí - SC.

É também membro dos Graus filosóficos do Rito Escocês Antigo e Aceito, tendo alcançado o **Grau 32 no Consistório “Sol Nascente” dos Príncipes do Real Segredo** do Supremo Conselho do Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil.

Foi eleito **2º Vigilante do Sublime Capítulo Rosa Cruz “Monte Sinai”** do Supremo Conselho do Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil para o ano de 2026.

É **Mestre Escocês de Santo André**, vinculado à Prefeitura de Santa Catarina e ao Grande Priorado do Brasil da Ordem dos Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa.

Dedicou-se à juventude por meio do **Movimento Escoteiro**, no qual atuou por 15 anos, desde Lobinho até Chefe.

Embora não tenha sido DeMolay, se dedicou à Ordem, onde foi **Presidente do Conselho Consultivo do Capítulo Harmonia Itajaiense** n.º 231 (2011–2014), tendo recebido a Cruz de Honra DeMolay.

Especialista em Maçonologia — História e Filosofia, com pós-graduação lato sensu pela UNINTER.

Coordenou o II Congresso Estadual do Rito de York – Grande Oriente de Santa Catarina, 13-14/09/2025.

Evento com palestras de *Samuel Lloyd Kinsey da Grande Loja de NY, Rubens Ricardo Franz e Gilberto Rau.*

Participou do Curso “Maçonaria e Universidade” – Prof. Júlio Gralha (UFF), 30h, setembro/2025, promovido pelo NEHMAAT-UFF, LHER-UFF e Canal *Antiguidade e Paradigmas* com apoio do PKB.

Nomeado como **Membro da Grande Comissão de Ritualística**, pelo Grande Sumo Sacerdote Antonio Carlos Moreira, em 07/10/2025, **através do Ato 027/2025 – Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil**. Função: elaborar, revisar e preservar a ritualística do Real Arco no Brasil.

É coautor dos livros:

O Caminho do Aprendiz no Rito de York, feito juntamente com o Irmão Charles Cláudio Scheel.

O Caminho do Companheiro no Rito de York, feito juntamente com o Irmão Charles Cláudio Scheel.

O Caminho do Mestre Maçom no Rito de York, feito juntamente com o Irmão Charles Cláudio Scheel.

Autor dos livros:

História da Maçonaria e Origem do Rito de York. Clube de Autores (2024).

Os Véus da Sabedoria — Moral, Filosofia e Revelações do Real Arco. Clube de Autores (2025).

Mestre de Marca — A Arte de Deixar Marcas. Clube de Autores (2025).

Past Master—História e Tradição. Clube de Autores (2025).

Mui Excelente Mestre — Quando a última Pedra une a Terra e o Céu. Clube de Autores (2025).

Maçom do Real Arco — Sob os Arcos da Antiga Aliança em Jerusalém. Clube de Autores (2025).

Os Graus Crípticos — O Arco Secreto e a Câmara do Silêncio. Clube de Autores (2025).

isbn  978-65-01-75511-3



ENCERRAMENTO

Uma estrela se acende por dentro,
e a madrugada chega antes do sol.
Entendo minha missão de farol
e estrada para os que vêm atrás.